



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL – PPGMS

FERNANDA ALMEIDA RIBEIRO

EDITORA UFRJ: MEMÓRIA INSTITUCIONAL EM CONSTRUÇÃO

Rio de Janeiro
2023

FERNANDA ALMEIDA RIBEIRO

EDITORA UFRJ: MEMÓRIA INSTITUCIONAL EM CONSTRUÇÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Memória Social.

Área de concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social. Linha de Pesquisa: Memória e Patrimônio

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Amália Silva Alves de Oliveira

Rio de Janeiro
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Catologação informatizada pela autora

Almeida Ribeiro, Fernanda
EDITORA UFRJ: MEMÓRIA INSTITUCIONAL EM CONSTRUÇÃO
/ Fernanda Almeida Ribeiro. -- Rio de Janeiro, 2023.
306

Orientador: Maria Amália Silva Alves de Oliveira.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, 2023.

1. Memória institucional. 2. Editora UFRJ. 3. Editoras
Universitárias. 4. Políticas Públicas. I. Silva Alves de
Oliveira, Maria Amália, orient. II. Título.

FERNANDA ALMEIDA RIBEIRO

EDITORA UFRJ: MEMÓRIA INSTITUCIONAL EM CONSTRUÇÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Memória Social.

Área de concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social. Linha de Pesquisa: Memória e Patrimônio.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Amália Silva Alves de Oliveira

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Maria Amália Silva Alves de Oliveira (Orientadora)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof.^a Dr.^a Daniele Achilles Dutra da Rosa
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dr. Antônio José Barbosa de Oliveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Rio de Janeiro
2023

“É que a liberdade, meus senhores, é uma conquista que está sempre por fazer. Desejamo-la para nós, mas nem sempre a queremos para os outros. Há na liberdade, qualquer coisa de indeterminado e de imprevisível, o que faz com que só a possam amar os que tiverem provado até o fundo, a insignificância da vida humana, sem o acre sabor desse perigo. Por isso é que a universidade é e deve ser a mansão da liberdade. Os homens que a servem e os que, aprendendo, se candidatam a servi-la, devem constituir esse fino escol da espécie para quem a vida só vale pelos ideais que a alimentam. Essa bravura é que os torna invencíveis. Não morreram em vão os que morreram por esse ideal de um “pensamento livre como o ar” ...

Anísio Teixeira

AGRADECIMENTOS

Não cheguei até aqui sozinha, e não poderia deixar de agradecer a tantas pessoas que foram afeto e apoio nessa jornada.

Agradeço a confiança e o apoio sempre atento e sereno da minha orientadora Prof.^a Dr.^a Maria Amália Silva Alves de Oliveira, pela orientação dialógica, por acreditar no meu potencial e por me introduzir com competência no mundo da pesquisa.

Aos professores da banca examinadora, Prof.^a Dr.^a Daniele Achilles Dutra da Rosa e Prof. Dr. Antônio José Barbosa de Oliveira, pela disposição para a leitura e avaliação desta dissertação e pelas preciosas observações feitas no Exame de Qualificação, meu carinho e admiração.

A todos os professores do PPGMS, foi uma honra e privilégio aprender com essas pessoas.

Ao querido Lucas, da secretaria de Pós-Graduação, por sua dedicação e afeto ao PPGMS e a todos nós dessa “turma da pandemia”.

Ao meu amor, meu marido e companheiro Júlio Dias, pelo incentivo constante, pelo ombro amigo nos momentos difíceis, pelos ouvidos atentos e pela compreensão por todo o tempo que deixou de me ter em seus braços, devido à dedicação ao trabalho, à leitura e escrita.

À minha irmã, Ana Maria Ribeiro, por todo amor, pela cumplicidade, pela generosidade com que lê meus textos, pelo apoio, força e incentivo de toda uma vida. Sem ela, eu não teria chegado até aqui.

À Leonardo Ribeiro, meu filho, meu amor e amigo por me dar tantas alegrias e carinho. Meu amor incondicional.

Aos meus enteados Lucas e Mariana, que estão sempre presentes em meus pensamentos e no meu coração.

A todos os colegas de turma, por nossos encontros, mesmo que virtuais, pois tornaram a vida acadêmica mais leve e prazerosa, durante um tempo muito difícil para todo o mundo.

À amiga Julia Alexim, pela generosidade e afetuosidade, que nos tornaram próximas, apesar da distância. É inacreditável que nunca nos vimos pessoalmente e tenhamos tanta afinidade.

Aos meus colegas da Editora UFRJ, pelo tempo que caminhamos e aprendemos juntos, que nomeio com muito carinho e agradecimento: Ana Cristina Carreiro de Oliveira, Antônio Carlos de Souza Costa, Antônio Holzmeister Oswaldo Cruz, Cecília Maria Costa Moreira, Daniel Vasilenskas Gil, Elizângela dos Santos Conceição, Eustáquio Amazonas de Cerqueira,

Júlio Cesar de Souza Dias, Leonardo Arroniz Piqueira e Silva, Louise Xavier Dantas, Maíra de Oliveira Alves, Maria do Socorro Moura Soares, Marília de Oliveira Nóbrega, Marisa Pereira Góes de Araújo, Patrícia Vieira da Silva, Paula Crespo Halfeld, Renato dos Santos Chaves, Sonja Cavalcanti Gomes Sampaio, Thereza Christina Vicente Vianna, Thiago de Moraes Lins, Valéria Soares Baptista, Vanesa Lemos de Mattos, Vânia Garcia de Freitas e Wellington Rodrigues de Lima.

À gestão Horácio Macedo que “tirou do papel” a Editora UFRJ.

À Ligia Maria Pondé Vassallo e Paulo Alcântara Gomes, que me apresentaram o começo da Editora UFRJ...

À Heloisa Buarque de Hollanda que me convidou para integrar a equipe da Editora UFRJ, e sempre confiou e acreditou em mim.

À Yvonne Maggie, que embarcou no nosso sonho, acreditou e abriu a primeira Livraria Editora UFRJ.

À Carlos Nelson Coutinho, todo meu amor onde estiver pela confiança e por me fazer voltar a acreditar que a Editora UFRJ podia ser diferente...

À Michel Misse, pelo apoio e solidariedade, pela generosidade, pela dedicação à Editora UFRJ, pela abertura da nova Livraria, pela inauguração do Laboratório Editorial e parcerias com as unidades acadêmicas da UFRJ, o meu reconhecido e carinhoso muito obrigado!

À Marcelo Jacques de Moraes, super dedicado à Editora, pela confiança e pela compreensão durante todo o percurso dessa pesquisa, e pelos “Outros Passos” e “Saberes do Presente” que levarão a Editora UFRJ a belos “Cenários Futuros”.

E à UFRJ, pois sem ela nada disso seria possível.

RIBEIRO, Fernanda Almeida. Editora UFRJ: Memória Institucional em Construção. 2023. 306 p. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar a trajetória da Editora UFRJ, desde sua criação até o ano de 2019, suas coleções e publicações avulsas como “lugares de memória”, contribuindo dessa forma para a construção de sua memória institucional, destacando os aspectos institucionais, normativos, editoriais, cooperando, desta forma, com o trabalho desenvolvido pela Divisão de Memória Institucional da UFRJ. Para isso foi necessário contextualizar a formação das editoras universitárias; apresentar os elementos que apontam a inserção da Editora UFRJ no mundo literário nacional e internacional para contribuir com a construção da memória da Editora UFRJ e apresentar sua criação e a materialização, seu papel social, além de analisar as suas publicações e coleções. O estudo se justifica, pela ausência de documentação organizada relativa à trajetória desse órgão, de importância na difusão do conhecimento no país, e pela inserção da autora, como quadro técnico-administrativo, desde 1995 e parte constitutiva desse percurso. O universo desta pesquisa se constitui de material de pesquisa bibliográfica e documental. Esta dissertação apresenta a reflexão sobre o processo de criação e institucionalização da Editora UFRJ, como parte integrante de uma instituição centenária – a Universidade Federal do Rio de Janeiro (1920-2020), utilizando referenciais teóricos das áreas de História da Educação, das Ciências Sociais e da Memória Social e Institucional. Neste trabalho apresentamos os resultados do estudo que contextualizam a diferença entre história e memória, nomeando história à cronologia dos fatos ligados à Editora UFRJ e a memória construída a partir da pesquisa documental, recuperando e analisando documentos oficiais que regulamentam as atividades do setor. Identificamos, aqui a Editora UFRJ e suas publicações como “lugares de memória”, tendo em vista que armazena documentos institucionais das vivências de suas gestões técnicas e administrativas, seus livros e coleções, e todo conhecimento que carregam, que permitem que seus leitores vivam a memória do tempo, do lugar, da cultura e da política editorial que serviram de fundamento para o presente.

Palavras-chaves: Memória institucional. Editora UFRJ. Editora Universitária. Políticas Públicas.

RIBEIRO, Fernanda Almeida. Editora UFRJ: Institutional Memory in Construction. 2023. 306 p. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023

ABSTRACT

This research aims to present the trajectory of Editora UFRJ, from its creation until the year 2019, its collections and individual publications as "places of memory", thus contributing to the construction of its institutional memory, highlighting the institutional, normative aspects, editorials, thus cooperating with the work developed by the UFRJ Institutional Memory Division. For this, it was necessary to contextualize the training of university presses; present the elements that point to the insertion of Editora UFRJ in the national and international literary world to contribute to the construction of the memory of Editora UFRJ and present its creation and materialization, its social role, in addition to analyzing its publications and collections. The study is justified by the absence of organized documentation regarding the trajectory of this body, which is important in the dissemination of knowledge in the country, and by the insertion of the author, as a technical-administrative staff, since 1995 and a constitutive part of this trajectory. The universe of this research consists of bibliographical and documental research material. This dissertation presents a reflection on the process of creation and institutionalization of Editora UFRJ, as an integral part of a century-old institution - the Federal University of Rio de Janeiro (1920-2020), using theoretical references from the areas of History of Education, Social Sciences and Social and Institutional Memory. In this work we present the results of the study that contextualize the difference between history and memory, naming history to the chronology of facts linked to Editora UFRJ and the memory built from documentary research, recovering, and analyzing official documents that regulate the activities of the sector. Here, we identify Editora UFRJ and its publications as "places of memory", considering that it stores institutional documents of the experiences of its technical and administrative management, its books and collections, and all the knowledge they carry, which allow its readers to live the memory of the time, place, culture and editorial policy that served as the foundation for the present.

Keywords: Institutional memory. UFRJ Publisher. University Publisher. Public policy.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização das Instituições Sociais

Tabela 2 – Dissertações de mestrado encontradas que tratam das editoras universitárias

Tabela 3 – Publicação dos Livros Didáticos

Tabela 4 – Relação de obras com direitos autorais adquiridos pela Editora UFRJ

Tabela 5 – Obras publicadas em parcerias em 2014 e 2015

Tabela 6 – Livros divulgados na Feira de Frankfurt

Tabela 7 – Livros da Editora UFRJ premiados

Tabela 8 – Coleções Editora UFRJ

Tabela 9 – Arquitetura religiosa colonial do Rio de Janeiro

Tabela 10– Coleção Anísio Teixeira: comparativo original e reedição

LISTA DE SIGLAS

ABC – Academia Brasileira de Ciências
ABE – Associação Brasileira de Educação
ABEU – Associação Brasileira de Editoras Universitárias
ABRACOR – Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais
ABSC – Associação Brasileira de Servidores Civis
ANPED – Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação de Educação
ANPOCS – Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação de Ciências Sociais
ANPOF – Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação de Filosofia
ANPUH – Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação de História
BANESPA - Banco do Estado de São Paulo
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEG – Conselho de Ensino e Graduação
CEPG – Conselho de Ensino Para Graduados da UFRJ
CFE – Conselho Federal de Educação
CF88 – Constituição Federal Brasileira de 1988
CNAE - Classificação Nacional de Atividades Econômicas
CNE – Conselho Nacional de Educação
CNPc – Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNRS – Centro Nacional de Pesquisa Científica
CODESA – Coordenação de Desenvolvimento e Suporte Acadêmico
COPEA – Coordenação de Programas de Estudos Avançados
COPPE – Coordenação de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia
CONSUNI – Conselho Universitário da UFRJ
COVID-19 – Corona Vírus Disease – 2019
CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
DAC – Departamento de Antropologia Cultural da UFRJ
DCE – Diretório Central dos Estudantes
DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda
DMI – Divisão de Memória Institucional
EBA – Escola de Belas Artes da UFRJ

ECO – Escola de Comunicação da UFRJ
EEFD – Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ
EPSJV – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
ESS – Escola de Serviço Social da UFRJ
EUA – Estados Unidos da América
FACHA – Faculdades Integradas Hélio Alonso
FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ
FCC – Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ
FGV – Fundação Getúlio Vargas
FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos
FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz
FUJB – Fundação Universitária José Bonifácio
FURG – Universidade Federal do Rio Grande
HU's – Hospitais Universitários
IAB – Instituto dos Arquitetos do Brasil
IBCCF – Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da UFRJ
IDEA – Programa de Estudos Avançados (Escola de Comunicação da UFRJ)
IE – Inscrição Estadual
IES – Instituições de Ensino Superior
IESC – Instituto de Estudos de Saúde Coletiva
IFCS – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ
InEAC – Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos
INL – Instituto Nacional do Livro
IP – Instituto de Psiquiatria
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPPUR – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional
IQ – Instituto de Química
IUPERJ – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional
LEMA – Laboratório de Estudos Marxistas da UFRJ
LEPS – Laboratório de Economia Política da Saúde
MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário
MEC – Ministério da Educação
MinC – Ministério da Cultura

MN – Museu Nacional da UFRJ

NECVU – Núcleo de Estudos em Cidadania, Conflito e Violência Urbana da UFRJ

PAJ Publications – Performing Arts Journal Publications

PAP-CDA – Programa de Apoio à Publicação Carlos Drummond de Andrade

PIDL – Programa Interuniversitário para a Distribuição do Livro

PCU – Plano de Cargo Único

PPGMS – Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO

PPGSA – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ

PR-1 – Pró-Reitoria de Graduação da UFRJ

PR-2 – Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UFRJ

PR-3 – Pró-Reitoria de Planejamento, Desenvolvimento e Finanças da UFRJ

PR-4 – Pró-Reitoria de Pessoal da UFRJ

PR-7 – Pró-Reitoria de Políticas Estudantis da UFRJ

Proed – Programa de Estímulo à Editoração do Trabalho Intelectual nas Instituições de Ensino Superior

PRODICC – Programa de Divulgação Científica e Cultural, do Fórum de Ciência e Cultura/UFRJ

PSD – Partido Social Democrático

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

SEFAZ – Secretaria de Fazenda do Estado do Rio de Janeiro

SIAFI – Sistema de Administração Financeira

SiBI – Sistema de Bibliotecas da UFRJ

SNELL – Sindicato Nacional dos Editores de Livros

SNEU – Seminário Nacional de Editoras Universitárias

SOLTEC – Núcleo de Solidariedade Técnica

SR-1 – Sub-Reitoria de Graduação e ensino discente

SR-2 – Sub-Reitoria de Ensino para Graduados e Pesquisa

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

UB – Universidade do Brasil

UCB – Universidade Católica de Brasília

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFC – Universidade Federal do Ceará
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
UnB – Universidade de Brasília
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UNESP – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos
URJ – Universidade do Rio de Janeiro
USC – Universidade Sagrado Coração
USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Livros Universidade do Brasil
- Figura 2** – Decreto 13 de maio de 1808
- Figura 3** – 1ª Diretoria da ABEU
- Figura 4** – ABEU: 30 anos
- Figura 5** – Mudança da logomarca da Editora UFRJ
- Figura 6** – Café Literário Poesia em Pânico
- Figura 7** – Autógrafo Zero na VI Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro
- Figura 8** – Lançamento do livro Educação não é privilégio (Coleção Anísio Teixeira)
- Figura 9** – Participação da Editora UFRJ na VII Bienal Int. do Livro do RJ
- Figura 10** – Polícia desocupa Reitoria da UFRJ
- Figura 11** – Espaço da ABEU – visão Editora UFRJ Bienal Int. do Livro de SP 2000
- Figura 12** – Prêmio Jabuti 2000 - Estatuetas e livros – Editora UFRJ
- Figura 13** – Diretoria da ABEU 2001-2003
- Figura 14** – Livraria Editora UFRJ – Palácio Universitário
- Figura 15** – Marx (sem) ismos e Democracia ou Bonapartismo
- Figura 16** – Livro mais vendido da Editora UFRJ
- Figura 17** – Coleção Didáticos 2006
- Figura 18** – Coleção Didáticos 2008 e 2010
- Figura 19** – Coleção Didáticos 2012
- Figura 20** – Fluxograma Editora UFRJ
- Figura 21** – Livraria Editora UFRJ – Rua Lauro Muller 1A
- Figura 22** – LOA – créditos e orçamentos efetivamente liberados (milhões de reais)
- Figura 23** – Programa Outra Opinião
- Figura 24** – Evolução da Logomarca da Editora UFRJ
- Figura 25** – Manifestação no Colégio Militar, 2019
- Figura 26** – Campanha “Imprimindo Conhecimento, Divulgando Ideias”
- Figura 27** – Lygia Clark e Hélio Oiticica – Cartas 1964-74
- Figura 28** – Capas “Os Latino-americanos”
- Figura 29** – Biblioteca Pedro Calmon/ Capa do livro *Palácio da Praia Vermelha*
- Figura 30** – Capas Coleção Risco Original
- Figura 31** – Capas Coleção Anísio Teixeira
- Figura 32** – Coleção Anísio Teixeira ofertada na internet

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
PERCURSO METODOLÓGICO	22
CAPÍTULO I - AMPLIANDO CONCEITOS	26
1.1 Memória	26
1.2 Memória social e coletiva, e memória institucional.....	27
1.3 Lugares de memória.....	31
1.4 A força da escrita na construção da memória	33
1.5 O arquivo, os documentos e as fontes de informação.....	37
1.6 O acesso à informação no Brasil e na UFRJ	41
1.7 Os livros e as coleções como “lugares de memória”	43
CAPÍTULO II – UM PANORAMA DA FORMAÇÃO DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS NO BRASIL	51
2.1 A Educação Superior e sua institucionalização	53
2.2 O Instituto Nacional do Livro e a criação da CAPES e do CNPq.....	56
2.3 As décadas turbulentas e inovadoras de 1950 e 1960	59
2.4 As Editoras Universitárias e sua importância no cenário nacional	61
2.4.1 O modelo EDUSP	64
2.4.2 Editoras Universitárias não são editoras comerciais	65
2.5 ABEU: a organização das Editoras Universitárias	67
2.6 A Memória das Editoras Universitárias.....	72
CAPÍTULO III - CRIAÇÃO E MATERIALIZAÇÃO DA EDITORA UFRJ	75
3.1 Como tudo começou	75
3.2 Tempos de mudanças	83
3.3 Imprimindo conhecimento.....	91
CAPÍTULO IV - EDITORA UFRJ: DA DIVULGAÇÃO AO PAPEL SOCIAL	97
4.1 Para fora dos muros	97
4.2 Tempos de pensamento crítico	110
4.3 Momento de descontinuidade	118
4.4 Um novo olhar para dentro da UFRJ e do Rio de Janeiro.....	119
4.4.1 A viabilidade e autossustentação da Editora UFRJ	129

4.5 Um educador como Reitor e um golpe no Brasil, novos tempos	130
4.5.1 A crise se instala e se reflete na Editora UFRJ.....	131
4.5.2 A mudança de marca e a busca pela imagem institucional.....	134
CAPÍTULO V - DAS PUBLICAÇÕES DA EDITORA UFRJ	140
5.1 Obras avulsas	140
5.2 Coleções	148
5.3 Coleção Risco Original.....	160
5.4 Coleção Anísio Teixeira	165
5.5 Coleção Pensamento Crítico	167
5.6 Coleção Sociologia e Antropologia.....	173
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	176
REFERÊNCIAS	182
APÊNDICE A - O Tempo – 1986-2019 “Quem era quem”	204
APÊNDICE B - Diretores e Conselhos Editoriais da Editora UFRJ	205
APÊNDICE C - Documentos Analisados	224
APÊNDICE D - Relação de títulos publicados pela Editora UFRJ	229
APÊNDICE E – Linha do Tempo – UFRJ e a Editora UFRJ	256
ANEXO I - Regimento da Editora UFRJ.....	257
ANEXO II – Memória da Reunião de 01 de setembro de 1994	263
ANEXO III – Decreto-Lei nº 233 de 28 de fevereiro de 1967.....	264
ANEXO IV – Comprovante de Inscrição e Situação Cadastral	265
ANEXO V – Carta para um autor	266
ANEXO VI – Programação Cultural nas Feiras do Livro	267
ANEXO VII – Jornal da UFRJ, outubro de 2005	268
ANEXO VIII – Carta de Lévi Straus	269
ANEXO IX – Menção honrosa da Assembleia Legislativa do Estado do RJ	270
MEMÓRIAS EM IMAGENS	271

INTRODUÇÃO

Com mais de 100 anos de existência, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é uma instituição empenhada na construção de sua memória e aberta às mudanças na sociedade para executar, com excelência e relevância social, sua função pedagógica, científica e cultural (UFRJ, 2020). Reconhecida como a melhor instituição de ensino superior do país, permanece fiel ao compromisso social de conjugar a continuidade do trabalho desenvolvido com a exigência de acolher e motivar as transformações sempre necessárias à geração e disseminação do conhecimento (FRANÇA, 2021).

Para cumprir esse compromisso, a UFRJ se organiza através de suas unidades acadêmicas e administrativas e órgãos suplementares, cada qual em sua área específica de conhecimento e atribuição, com órgãos colegiados deliberativos e estruturas executivas de gestão, como determina seu Estatuto (UFRJ, 2021), em conformidade com a Constituição Federal (BRASIL, 1988) e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996).

A Editora UFRJ tem sido fundamental na garantia do compromisso social da UFRJ, no apoio ao ensino, a pesquisa e a extensão, que de forma indissociável, foi consagrado, no artigo 207 da Constituição brasileira, “As universidades gozam, na forma da lei, de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.” (BRASIL, 1988).

Na divulgação do trabalho realizado na universidade, a Editora UFRJ tem desempenhado importante papel, difundindo o conhecimento produzido pelo corpo social - professores, técnico-administrativos em educação e alunos, bem como da comunidade acadêmica do país e do exterior, possibilitando o acesso a importantes obras estrangeiras através de aquisição de direitos autorais para publicá-las em língua portuguesa. Assim como, no cumprimento dos desígnios da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (LDB), que ao tratar da finalidade da educação superior, afirma claramente que a educação superior deve “promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação” (BRASIL, 1996).

Como uma unidade, a Editora é vinculada ao Fórum de Ciência e Cultura (FCC), que em consonância com o artigo 12 do Regimento Geral da UFRJ, tem entre seus objetivos, “promover o diálogo, a articulação e projetos de pesquisa, ensino e extensão envolvendo diferentes campos de conhecimentos, buscando propiciar em particular a interlocução entre

ciências, humanidades e artes;” (UFRJ, 2021). Assim, o livro universitário deve representar, antes de tudo, a imagem institucional, o trabalho de seus pesquisadores. Sem o investimento na editoração universitária, dificilmente o volume, a diversidade e a qualidade do conhecimento produzido teriam condições de cumprir este importante papel da Instituição: contribuir para a produção de conhecimento e sua divulgação para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral.

A criação da Editora UFRJ, a partir de 1986, durante gestão do professor Horácio Macedo (1985-1989), primeiro reitor eleito democraticamente na UFRJ, reflete o momento político e social que o Brasil atravessava, interligando democracia com disseminação do conhecimento.

Durante mais de vinte anos, de envolvimento individual desta autora no projeto coletivo de fazer da editora universitária uma realidade, foi possível analisar o seu desenvolvimento diante das precariedades e escassez de recursos materiais, humanos e políticos. Entretanto, é no processo de organização do centenário da UFRJ (1920-2020), iniciado com a comemoração dos 80 anos, em 2000, que percebemos a ausência de registro institucional da Editora e, portanto, da invisibilidade dela no projeto de celebração.

De forma precária, mas comprometida, iniciamos um processo de organização das informações sobre a Editora UFRJ. Com um olhar administrativo e organizacional, pelas funções exercidas, no âmbito da Editora, acompanhando todas as etapas de produção do livro, e pela atuação no âmbito da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), onde assumimos a direção de eventos por duas gestões, foi possível recuperar um pouco dessa história. Entretanto, percebemos que era necessário o aporte teórico e acadêmico para que o desejo de registro da história e da memória da Editora UFRJ fosse concretizado. O primeiro passo foi a realização do Curso de Especialização em Políticas Públicas e Instituições Federais de Ensino Superior, oferecido pela UFRJ, através da Escola de Serviço Social, em 2016, onde no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) apresentamos o tema “Editora UFRJ, como tudo começou” (RIBEIRO, 2018). O segundo passo foi a decisão de ingressar no mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS) da UNIRIO, possibilitando assim dar andamento e concretude ao projeto.

Nesse contexto, entendemos que a produção da história e da memória da Editora UFRJ se justificaria tanto pela ausência de documentação organizada relativa à trajetória dessa unidade de importância na difusão do conhecimento no país, como pelo nosso envolvimento pessoal, já que desde 1995 desenvolvemos atividades profissionais.

Desde que começamos a trabalhar na Editora UFRJ e conhecemos seus livros e autores publicados, percebemos a importância de reservar ao menos três exemplares de cada livro lançado, com a finalidade de registro e guarda da produção intelectual da universidade, e essa captação serviria também de subsídio à elaboração da bibliografia brasileira. Em suma, permitiria um efetivo controle bibliográfico da produção editorial da Editora UFRJ. Foi assim que se tornou possível observar que não havia uma lista precisa dos livros publicados e, muito menos, um exemplar de cada um deles desde 1986 até aquela data. Não identificamos também, nenhum registro histórico, sequencial ou organizado sobre o processo de criação e desenvolvimento da Editora UFRJ e sua inserção na vida acadêmica e editorial. A coleta e organização dos documentos e relatos sobre sua constituição, se tornou fundamental, no intuito de escrever essa história.

O arcabouço teórico que assimilamos nas disciplinas do PPGMS-UNIRIO foi de extrema importância para a consolidação dessa dissertação e de confirmação da atualidade e necessidade da temática desenvolvida.

Esta dissertação tem como objetivo geral apresentar a trajetória da Editora UFRJ desde sua criação até o ano de 2019, suas coleções e publicações avulsas como “lugares de memória”, contribuindo dessa forma para a construção de sua memória institucional, destacando os aspectos institucionais, normativos, editoriais, cooperando, desta forma, com o trabalho desenvolvido pela Divisão de Memória Institucional da UFRJ.

Para responder aos objetivos específicos, foi necessário contextualizar a formação das editoras universitárias; apresentar a criação e a materialização da Editora UFRJ, seu papel social e analisar as suas publicações e coleções. Identificamos documentos e fontes de informação, realizamos o mapeamento e sistematização das informações recuperadas, apontamento de outras fontes e das necessidades de informação na construção, manutenção e atualização da memória da Editora UFRJ; analisamos e criticamos os documentos que regulamentam a criação e desenvolvimento da Editora UFRJ e sua atividade editorial; e localizamos documentos e notícias que apresentam a inserção da Editora UFRJ no mundo literário nacional e internacional.

Com base nos objetivos apresentados, refletimos sobre o papel social da Editora UFRJ e sua inserção no mundo literário diante de seu compromisso acadêmico e as pressões do mercado editorial. E buscamos responder porque é importante para a UFRJ a construção da memória da Editora UFRJ e de sua atividade editorial.

A pesquisa está estruturada em cinco capítulos, em que desenvolvemos os referenciais teóricos e os elementos que sustentam a análise e a pesquisa, e ao final apresentamos as nossas considerações finais.

No primeiro capítulo, estabelecemos uma relação entre os campos e conceitos que são os eixos centrais desta pesquisa: a memória social e institucional, tendo o contexto histórico e os documentos como eixo estruturante. Seguindo uma perspectiva transdisciplinar entre os campos, apresentamos uma reflexão sobre a produção da memória social, a articulação entre ela e os registros que compõem a história das editoras universitárias, em particular da Editora UFRJ. Por intermédio de conceitos abordados por vários autores, Halbwachs (1990), Le Goff (1990), Chartier (1990;1996;1999), Nora (1993), Rousso (1986), Ricoeur (2007), Assmann (2011), Thiensen (2013) e Gondar (2005) consideramos a memória como uma estrutura agregadora, e elaboramos novos questionamentos aos documentos coletados, por entendermos que os registros não são ingênuos ou neutros. Pelo contrário, podem revelar formas de distinguir e organizar a realidade, através das memórias sociais produzidas a partir de lembranças e esquecimentos. Partimos, também, dos conceitos expressos por vários autores, para os quais, os arquivos são constituídos de lembranças, apagamentos e esquecimentos, que podem ser deliberados ou não, e se constituem em uma rede de relações de poderes em vários níveis que contribuem para a seleção daquilo que foi guardado. Quando esses arquivos são ligados a instituições passam a ser também um lugar social e sendo assim não se isentam das relações com essa instituição.

No segundo capítulo, oferecemos um panorama geral, para a melhor compreensão, da situação inicial em que as editoras universitárias surgiram no Brasil e como foi possível estabelecerem uma política editorial capaz de representar os princípios, as finalidades e a natureza da sua instituição, onde o ensino, a pesquisa e a extensão fossem incorporadas à prática editorial e aos princípios, a finalidade e a natureza da Universidade, necessárias a identificação do contexto político e social do país. Do Brasil Colônia ao Brasil do século XXI; da proibição de criação de universidades e impressão de livros no país à garantia da indissociabilidade entre ensino, a pesquisa e a extensão e sua incorporação à prática editorial; da fundação da Associação Brasileira de Editoras Universitárias e da construção da memória desse processo nacional, buscamos apresentar o cenário em que a Editora UFRJ e suas publicações surgiram. Para isso abordaremos autores como Bufrem (2001), Guedes e Pereira (2000), Marques Neto (2000), Martins Filho e Rollemberg (2001), Hallewell (2017) e Rosinha (1989) para descrever os movimentos editoriais acadêmicos no Brasil, a criação das editoras universitárias e a consolidação de suas estruturas e práticas, em um cenário de contradições presentes na conjuntura brasileira a partir do final da década de 1970 e dos anos 80.

No terceiro capítulo, descrevemos as particularidades que levaram à criação da Editora UFRJ, num contexto de reabertura política no Brasil, de transição para a democracia, em que

ocorre a primeira eleição do Reitor da UFRJ e no que diz respeito à sua implantação e às práticas adotadas em seus primeiros anos. Os passos iniciais da Editora na Cidade Universitária, com suas publicações exclusivamente voltadas aos docentes da UFRJ, até a sua ida para o campus da Praia Vermelha, e sua vinculação ao Fórum de Ciência e Cultura, tal como previsto no Estatuto da UFRJ, desde 1967, com uma nova direção, uma nova equipe, uma nova linha editorial e com publicações abertas à autores nacionais e internacionais. Na primeira parte desse capítulo a pesquisa documental foi feita com base no trabalho de pesquisa desenvolvido no curso de especialização dessa autora e nos livros recuperados. Na segunda parte deste capítulo, a pesquisa documental caracterizou-se pela busca de informações no relatório de gestão de 1990-1994, atas de reuniões do conselho editorial, fotografias e reportagens, documentos que não haviam recebido nenhum tratamento analítico.

Neste, e nos próximos, capítulos apresentamos citações em que, para algumas fontes, há registros em publicações oficiais, impressas ou disponíveis na rede mundial de computadores (*internet*), e outras são de fontes informais (informação pessoal), a partir de anotações e vivência dos fatos, fruto da participação direta da autora de 1995 até a finalização desta dissertação.

No quarto capítulo, o relato de uma nova mudança nos rumos da Editora UFRJ, quando a UFRJ viveu uma crise institucional (REITOR..., 1998) em função da nomeação como reitor, pelo então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, do terceiro colocado da lista tríplice em detrimento do professor mais votado pela comunidade universitária. Neste capítulo serão apresentados os impactos na atividade editorial, entre o período de tensão na UFRJ até a nomeação do novo reitor eleito em 2002, e o período que inaugura uma nova fase na Editora, mudando sua perspectiva editorial.

O quinto capítulo apresenta as publicações da Editora UFRJ, entre elas as suas coleções, e o caráter acadêmico e científico das obras que permitem denominá-las de “lugares de memória” (NORA, 1993). Livros, bens culturais, entranhados de memórias, que pertencem à sociedade, com destaque especial para a “Coleção Risco Original” (RIBEIRO; OLIVEIRA, 2021), a “Coleção Anísio Teixeira”; a “Coleção Pensamento Crítico” e a “Coleção Sociologia e Antropologia”. Algumas obras avulsas, que se destacam pela importância que ocupam na sociedade, também estão listadas nessa dissertação.

PERCURSO METODOLÓGICO

Com o intuito de apresentar como esta pesquisa foi conduzida, mostramos aqui o percurso metodológico percorrido na presente dissertação. Como já mencionado na Introdução, nosso envolvimento pessoal, desde 1995, com a Editora UFRJ, fez com que nós, mais do que ouvirmos e analisarmos os documentos, buscássemos “entender os contextos — social e simbólico — da sua produção” (CUNHA, 2004, p.293), evitando assim uma escrita distorcida ou deturpada.

Cunha (2004) afirma que os “papéis transformados em documentos mantidos em arquivos institucionais revelavam muito mais do que vicissitudes biográficas; revelavam vínculos profissionais, intelectuais e relações de poder de natureza diversa” (CUNHA, 2004, p. 296). Dessa forma, ativamos a memória por meio de documentos registrados em papel e proporcionamos, um lugar de encontro entre os saberes, os artefatos documentais e institucionais de um lado e de outro, a nossa atividade profissional, nessa dupla interação como pesquisadora e “nativa”¹, um desafio enfrentado para manter o distanciamento necessário.

Para Geertz (2005), a responsabilidade é a mesma para todos os tipos de pesquisadores, como afirmou em livro publicado pela Editora UFRJ.

Os etnógrafos precisam convencer-nos [...] não apenas que eles ‘estiveram lá’, mas ainda (como também fazem, se bem que de modo menos óbvio) de que, se houvéssemos estado lá, teríamos visto o que viram, sentindo o que sentiram e concluído o que concluíram (Geertz 2005: 29).

Assim, reconhecemos nossa condição na pesquisa e construímos as interações, a partir desse lugar e nos dedicamos, seriamente, a observar e construir nossas análises, sem nos esquivarmos dos obstáculos e dos desafios.

Para abordar o objetivo geral desta pesquisa buscamos na literatura disponível o aporte para compreender a organização das universidades públicas federais, as editoras universitárias, em especial a Editora UFRJ, e a memória social e institucional.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa descritiva, bibliográfica, documental e a análise documental. A pesquisa bibliográfica é “desenvolvida com base em material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2009,

¹ O termo “nativo” passou a ser utilizado na antropologia, inicialmente, para facilitar a diferenciação e classificação entre pesquisadores e pesquisados, por meio do apelo à origem naquele grupo ou espaço (a natividade) onde se desenvolvia a pesquisa.

p.44) e a pesquisa documental, que segundo Gil (2009) se parece muito com a pesquisa bibliográfica, sendo a diferença entre elas a natureza das fontes.

Para definição do nosso recorte temporal e dos campos constitutivos da história, fizemos uma representação visual de uma sequência cronológica do tempo percorrido por nossa pesquisa (APÊNDICE A) para compreendermos o que se passava no país e se refletia na Universidade, na indicação da direção da Editora UFRJ e na escolha dos conselheiros que iriam compor o Conselho Editorial (APÊNDICE B)

A pesquisa e análise documental foram realizadas através dos documentos institucionais, tais como resoluções, portarias, boletins, atas, relatórios, prêmios e certificados (APÊNDICE C). Os livros publicados pela Editora UFRJ também foram fontes de informação e algumas obras avulsas e Coleções analisadas no quinto capítulo (APÊNDICE D)

Como fonte de informação complementar, são apresentados artigos de jornais publicados pela mídia comercial e por jornais da UFRJ e material de promoção das atividades desenvolvidas pela Editora, confeccionados entre os anos de 1986 e 2019, pela própria equipe. As informações, encontradas em diversos suportes, foram reunidas e organizadas de modo a possibilitar a disponibilização para consulta futura, pois retratam as atividades da Editora, órgão público federal, no tempo e no espaço em que está inserida.

Parte expressiva, dos materiais pesquisados, foi localizada na sede da Editora e na Divisão de Gestão Documental e da Informação (DGDI) da UFRJ, arquivados em diversas pastas, reserva técnica e catálogos. Entretanto, percebemos ao pesquisar o arquivo da Editora UFRJ, que muitos documentos, que julgamos importantes, estavam ausentes, o que trouxe dificuldades ao desenvolvimento de nossa pesquisa.

A pesquisa bibliográfica teve início na busca de periódicos nacionais do campo da memória, da história do livro no Brasil e das editoras universitárias brasileiras, na ciência da informação e na busca no Portal de Periódicos da Capes, utilizando as seguintes palavras-chave: livro; livro universitário; editora universitária; informação. As publicações da Editora UFRJ também foram fonte de pesquisa.

Sá-Silva, Almeida, Guindani (2009, p. 4) afirmam que quando um pesquisador usa documentos com o objetivo de retirar informações, ele o faz apurando, explorando, se aprofundando, usando técnicas adequadas para seu uso e análise; segue mecanismos e procedimentos; organiza todas as informações que serão classificadas e em seguida analisadas; e finalmente, elabora resumos, ou seja, na realidade, o pesquisador que tem como objeto os documentos, estão repletas de aspectos metodológicos, técnicos e analíticos.

Seguindo as orientações de Cellard (2008, p. 299) fizemos uma avaliação crítica dos documentos coletados, que acredita ser necessário, avaliar sob cinco dimensões todos os documentos, como uma primeira etapa, para que fosse possível, segundo o autor, fazer uma boa análise documental. As dimensões para avaliação devem levar em conta:

- O contexto – nos preocupamos em apresentar o contexto histórico social, político e econômico, no qual foi produzido cada documento.
- O autor (ou os autores) – identificamos o autor ou autores dos documentos, seus interesses e motivações que os levaram a escrever e conservar tais documentos. Cellard (2008, p.300) afirma que é “bem difícil compreender os interesses (confessos, ou não!) de um texto, quando se ignora tudo sobre aquele ou aqueles que se manifestam, suas razões e as daqueles a quem eles se dirigem”. Nos questionamos, nessa busca pelos documentos da Editora UFRJ, principalmente das Atas de Reuniões dos Conselhos Editoriais, o porquê alguns documentos foram conservados e outros simplesmente não foram encontrados. E não conseguimos entender o porquê da maioria das Atas encontradas, só constarem os títulos dos livros aprovados e negados, e nenhuma informação sobre a gestão da Editora, identificando a seletividade a que se refere Thiesen (2013, p. 250).
- A autenticidade e a confiabilidade – verificamos a procedência dos documentos coletados (CELLARD 2008, p.301)
- A natureza do texto – levamos em consideração a natureza do texto e seu suporte (CELLARD 2008, p.302)
- Os conceitos-chave e a lógica interna do texto – delimitamos os conceitos e as palavras devidamente, para facilitar a compreensão e explicando as expressões mais ligadas ao meio editorial. (CELLARD 2008, p.303)

Após a seleção e a análise inicial dos documentos, então foi possível fazer a análise dos dados onde fizemos a apreciação, a interpretação e a condensação de todas as informações e a partir daí identificar e categorizar para uso ou não na pesquisa. Depois dessa etapa inicial partimos para a análise documental propriamente dita, “é o momento de reunir todas as partes – elementos da problemática ou do quadro teórico, contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto, conceitos-chave” (CELLARD 2008, p.303) Dessa forma pudemos apresentar nossa interpretação de todos os documentos de acordo com o questionamento inicial de nossa pesquisa.

Essa pesquisa envolveu a descrição da organização da UFRJ, como pessoa jurídica de direito público, estruturada na forma de autarquia de natureza especial, e da Editora como unidade. No recorte temporal pesquisado, evidenciamos sua atividade editorial, seguida da análise de dados qualitativos que está conduzida concomitante com a coleta de dados e a realização de interpretações e críticas dos referidos relatórios, dos quais organizamos o processamento desses dados, através da interpretação e da geração de tabelas. A definição do recorte temporal até 2019 deve-se ao final de uma gestão frente à Editora e o início de outra que, por ainda estar em curso, não será analisada.

Como destacado por Gondar (2005, p. 18) a memória é uma construção que se faz no presente, a partir do que é vivido e de experiências que ocorreram em um passado que se quer organizar, refletir e entender, uma vez que a memória “não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nós fazemos, que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados”. Segundo a autora, para essa construção, a memória está sujeita à seletividade, parcialidade e às relações de poder instituídas. Essas relações de poder, muitas vezes, definem o que será lembrado e o que deverá ser esquecido e, assim, se define o que ficará registrado se transformando na história oficial.

A pesquisa realizada através da consulta dos documentos oficiais impressos (Atas do Conselho Editorial da Editora UFRJ) de forma a verificar as decisões que definiriam os rumos da Editora UFRJ, foi possível verificar que após as inúmeras tentativas de localização dessas Atas, em várias instâncias, a conclusão é de que lamentavelmente parte considerável desta documentação se perdeu ou de fato não existiram. A consulta, portanto, ficou restrita às Atas do Conselho Editorial localizadas nos arquivos da Editora e aos Relatórios anuais de gestão.

Esta dissertação deseja deixar registrado, como parte da história da UFRJ, a Editora UFRJ e suas publicações.

CAPÍTULO I - AMPLIANDO CONCEITOS

1.1 Memória

Para Oliveira e Rodrigues (2009, p. 4), a “memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes registros [...]” graças a um conjunto de funções psíquicas. As autoras também destacam a Antiguidade, afirmando que nesse período a memória foi considerada como algo sublime, religioso, que elevava os mortais ao mundo das divindades. Oliveira e Rodrigues (2009, p. 4), salientam que a possibilidade de objetivar o discurso através da escrita acarretou modificações no que diz respeito ao papel da memória na transmissão do conhecimento.

Segundo a estudiosa Jaa Torrano, Hesíodo (2007) em seu poema sobre a origem dos deuses apresenta, que no princípio de tudo, Gaia (terra) gera Urano (céu) e juntos geraram a linhagem dos titãs, pais dos deuses olímpicos. Entre os titãs, nasce *Mnemósyne*, ou *Mnêmesis*, palavra grega que se liga ao verbo *mimnéskein*, que significa "lembrar-se de" que personifica a própria memória. A figura do titã Crono, filho mais novo de Urano e Gaia é a personificação grega do tempo. Crono incitado por Gaia castrou o pai, causando a separação entre o céu e a terra, subindo ao trono dos deuses. Crono desposou a irmã Reia, e com ela teve seis filhos. Em função de uma profecia que dizia que perderia seu trono para um de seus filhos, Crono resolve devorá-los no nascimento, mas Reia, consegue salvar seu último filho, Zeus. Já adulto, Zeus cumpre a profecia e expulsa o pai para Tártaro, onde fica preso, vencendo o tempo, garantindo a imortalidade para os deuses. Crono, representa o passado que, segundo Torrano, ontologicamente deixou de ser, sendo engolido pelo tempo e pelo esquecimento.

Torrano afirma que Hesíodo declara ainda que em oposição ao esquecimento, *Mnemósyne*, irmã de Crono, é a personificação da memória, portanto uma proteção contra o esquecimento. Segundo a autora, ela seria a catalisadora da razão, que é o que diferencia os seres humanos de outros animais. Assim, a memória está ligada ao poder da razão e, por isso, lhe coube nomear todos os objetos que existem, além de dar aos seres humanos o poder de reter conhecimento, lembrar e passá-lo adiante oralmente. Torrano afirma ainda que, segundo Hesíodo, Zeus, para não ser esquecido, deita-se com *Mnemósyne*, durante nove noites e dessa união, nascem nove filhas, conhecidas como musas, que representavam as diversas formas do pensamento.

A memória é assim considerada a mãe de todas as artes e da história e possui uma ligação direta com o sobrenatural, segundo Giron (2000). Clio, a história, uma das musas, filha

da memória, “tem seu berço no cume do poder terrestre e na representação do passado” (GIRON, 2000, p. 23). Segundo o autor, Clio (a história) tem, então, a função de articular o passado e o presente, e a memória se liga com a imaginação e assim, lembrar e imaginar tem uma conexão.

Segundo Halbwachs (1990), a memória, entendida como um fenômeno social ou coletivo, pode ser concebida como uma construção de grupos, coletividades, instituições e sociedade e por isso mesmo é socialmente guardada e sofre constantes transformações. Para o autor, apesar de ser o indivíduo que se lembra, pode-se admitir que o “como” ele se lembra e o “quê” ele se lembra é socialmente determinado e apresenta interferências e mudanças em função de sua interação social. Halbwachs (1990, p. 25) afirma que escrever sobre a memória significa ter consciência do tempo passado, além de reter e evocar fatos e vivências questionando sobre a origem de um indivíduo ou de seu coletivo. O autor (1990, p. 25), considera que através da memória, podemos adquirir, esquecer, comemorar ou deturpar lembranças, fatos e eventos. Lembrar, relembrar e escrever sobre o passado é uma tarefa complexa e subjetiva, pois tanto a história como a memória podem ser seletivas de forma consciente ou não. Para Halbwachs (1990, p. 71), a memória é uma construção realizada no presente, a partir de experiências e fatos ocorridos em um passado que se quer obter uma reflexão e compreensão. No processo de construção, a memória é sujeita ao subjetivo, à seletividade e, particularmente aos domínios de poderes.

1.2 Memória social e coletiva, e memória institucional

O conceito de memória social, segundo Gondar (2005, p.7), é complexo, inacabado, em permanente processo de construção e está inserido em um campo de lutas e relações de poder, configurando uma contínua disputa entre lembrar e esquecer. Essa dimensão processual da memória, para autora, é deflagrada por relações, compartilhamentos de desejos, crenças e afetos que se estabelecem nessas relações de poder. Para Gondar (2005, p.12), o conceito de memória social, “além de polissêmico, é transversal e transdisciplinar”, e por ser transversal, está sempre em questionamento. A autora, ao caracterizar a memória social como polissêmica, indica duas vertentes: uma que comporta diversas significações e outra que apresenta uma variedade de signos. O signo simbólico, palavras escritas, é o suporte para a construção da memória que abordamos nessa pesquisa, dentre as apresentadas por Gondar.

De um lado podemos admitir que a memória comporta diversas significações; de outro, que ela se abre a uma variedade de sistemas de signos. Tantos signos simbólicos (palavras orais e escritas) quanto os signos icônicos (imagens desenhadas ou esculpidas) ... podem servir de suporte para a construção de uma memória. (GONDAR, 2005, p. 12).

Dessa forma, é possível entender que diversos são os suportes que sustentam a memória dos indivíduos e grupos, e que a seleção, consciente ou não de determinada recordação e o seu suporte memorial podem induzir diretamente na significação dos acontecimentos vividos e na construção da memória.

A memória coletiva, segundo Rueda, Costa e Valls (2011, p. 79), é formada pela memória individual e uma indicação de fatos, que a sociedade selecionou como importantes, e que se converteram em memória social, quando os registros foram criados, transformados e disseminados como informação. As autoras (2011, p. 80), afirmam que as instituições têm um papel muito importante na construção da memória social, pois são parte dos meios sociais e políticos da sociedade e são fontes produtoras de informações. Rueda, Costa e Valls (2011, p. 83), destacam ainda que foram encontradas poucas definições para o termo memória institucional. O termo muitas vezes aparecia associado à memória organizacional, e por essa razão as autoras estudaram o conceito de “memória institucional” e sua importância a partir das definições das palavras “memória”, “instituição” e “organização”, assim como do entendimento, para as instituições, que a memória institucional é uma peça estratégica na administração e na sua comunicação com a sociedade. Para as autoras (2011, p. 82), o conceito de memória coletiva adquire, no âmbito das instituições, traços de memória institucional.

Pinto (2019, p.191) afirma que a transformação da informação em bem cultural alterou o caráter do ser que o produz, o recebe e o interpreta, além de influir na “constituição do sistema de relações entre os homens”. Para o autor (2019, p.191), a informação não é apenas um bem de consciência individual, mas um instrumento de mudança que o homem pode ter sobre o mundo e sobre outros homens.

A partir da diferença entre organização e instituição, Costa (1997) estabeleceu diferenças entre a memória institucional e organizacional. Para a autora (1997, p. 146), a instituição se renova no interior da organização, para exercer sua função de reprodução, e as ações praticadas pelas instituições obedecem a determinados padrões que criam rotinas, hábitos, produzem informações e geram documentos, que lhes conferem legitimidade junto à sociedade. Costa (1997, p.6) destaca a informação, pela sua importância na memória institucional, considerando-a como “matéria prima das sociedades pós-modernas ou pós-industriais” Para a autora (1997, p. 6), a informação científica e técnica, nesse cenário cibernético e informacional

em que vivemos, é considerada como um sinal de riqueza. No mundo capitalista, por natureza competitiva, e em busca dos lucros, a autora reforça a crescente competição “em função da quantidade de informação técnico-científica que suas universidades e centros de pesquisa forem capazes de produzir, estocar e fazer circular como mercadoria” (BARBOSA, W. do V. apud COSTA, 1997, p.6). Costa (1997, p.6) afirma que “o plano da instituição ultrapassa o conjunto dos meios que caracterizam as organizações”, identificando a memória organizacional como aquela que privilegia a eficácia, quando trata da informação-memória, enquanto a memória institucional abrange a memória organizacional, mas não se limita a ela. Para a autora, são as relações de força que definem o plano institucional e, que por sua vez, definem a organização, conferindo legitimidade à instituição.

Para Ricoeur (2007) na abordagem da grandeza da memória coletiva, “esquecimentos, lembranças encobridoras, atos falhos assumem proporções gigantescas, que apenas a história, e mais precisamente, a história da memória é capaz de trazer à luz” (2007 p. 455). O autor (2007, p. 455) também chama atenção para o perigo que pode representar a “história oficial”, por ser frequentemente depositária das narrativas ideológicas, ao afirmar que até mesmo alguns festejos e comemorações podem ser usados como formas de encobrir a verdadeira memória e, assim, induzir o povo ao esquecimento. Ricoeur destaca uma certa convivência entre o cidadão e os detentores das narrativas, e justifica que isso ocorre em função da passividade e da forma como as pessoas evitam, muitas vezes, saberem o que realmente aconteceu. Em resumo, pode ser mais cômodo, simplesmente, ouvir uma narrativa, do que analisar, criticar e se informar sobre a memória verdadeira, memória que, provavelmente, já pode ter sido esquecida, pois para o autor “[...] ver uma coisa é não ver outra. Narrar um drama é esquecer outro [...]” (RICOEUR, 2007 p. 459)

Thiesen (2013, p.30) afirma que para tentar evitar o esquecimento, os seres humanos registram suas memórias em variados suportes como a pedra, o papel e, recentemente, no espaço virtual, e considera que as instituições também são “formas de saber-poder, que emergem no seio das sociedades e possuem duas faces simétricas: lembrar e esquecer”. Dessa forma, para a autora, a conexão com a sociedade é o que define o entendimento da relação entre a memória e a instituição, pois “as relações entre indivíduos e instituições são de fundamental importância para o processo de formação da aprendizagem social e política que conduz as ações de cidadania” (THIESEN, 2013, p.78)

A autora (2013, p. 250) alerta que não se pode confundir “esquecimento” temporário com apagamento ou exclusão e afirma que, se há uma informação registrada, impressa, há uma

“lembrança recuperável, mesmo sob o manto do esquecimento temporário” (THIESEN, 2013, p. 251)

Thiesen (2013) destaca a importância de se levar em consideração, no estudo sobre a memória institucional, alguns contornos que caracterizam as instituições sociais que ela elenca e identifica, nesta ordem, como exterioridade, interioridade, objetividade, coercitividade, resistência à mudança, reprodutibilidade, legitimidade, seletividade, historicidade, temporalidade, conflitualidade e socialização, e que apresenta as suas respectivas definições (TABELA 1).

Tabela 1 – Caracterização das Instituições Sociais

Característica	Definição
exterioridade	as instituições têm uma realidade exterior, que se situam fora dos indivíduos.
interioridade	as instituições são incorporadas ao “eu social” presente em todos os indivíduos e onde a sua presença e seus padrões se impõem aos indivíduos.
objetividade	o objeto em questão é apropriado pela instituição, que é sua guardiã legítima.
coercitividade	a instituição detém poder de coerção e os indivíduos podem sofrer algum tipo de punição ao desobedecerem.
resistência à mudança	faz parte da natureza das instituições, que são vistas como formas de saber-poder, reproduzem seus hábitos para preservar seus saberes e se manterem, mas as mudanças acontecem e não são provocadas de forma isolada pelos indivíduos, e são inevitáveis.
reprodutibilidade	a instituição possui mecanismos de controle, que estabelecem regras e normas de conduta que garantam sua função reprodutora e seu funcionamento.
legitimidade	a instituição legitima-se quando impõe suas regras a todos aqueles que se relacionam com ela, desta forma a instituição se fortalece e toma sua forma.
seletividade	as instituições selecionam os saberes que serão reproduzidos e que escolhem o que será produzido, reproduzido, recuperado e preservado, e o que será esquecido, ou o que permanecerá em silêncio.
historicidade	as informações, os saberes e as memórias são concretizados nas instituições ao longo do tempo e com isso sua história é produzida, através dos indivíduos. Essas marcas se conservam através de documentos, hábitos, comportamentos, costumes que serão compartilhados com a sociedade e poderão fazer parte das instituições-memória como arquivos, bibliotecas e museus.
temporalidade	cada instituição produz uma forma de tempo, e ele é “circular, ritual e volta sempre à sua fonte”.
conflitualidade	é natural as instituições, em virtude das relações de poder, terem conflitos não somente entre seu corpo social, mas também com outras instituições.
socialização	é natural para a instituição refletir sobre os processos de socialização de seus membros, que lhe confere legitimidade.

Fonte: elaborada pela autora com base em Thiesen (2013)

Considerando todas essas características relacionadas por Thiesen (2013), a memória institucional de uma editora universitária poderá ser construída dentro desse contexto das relações sociais e suas interferências, dentro da universidade, com seu corpo técnico-administrativo (ou social), com o conjunto da comunidade universitária, e na sua relação com outras instituições e com a sociedade.

A partir da década de 1970, segundo Marques (2007), houve uma valorização da memória das instituições que, com as inovações tecnológicas, proporcionaram um maior acesso à informação, tanto de pesquisadores e estudantes, como do público em geral. As instituições, ao longo de sua existência, produzem muitos documentos e no caso de uma editora universitária produzem um acervo de livros que contam sua história editorial. Todo esse material, que pode ser encontrado em vários suportes, precisa estar reunido, organizado e acessível para que possa ser disponibilizado e compreendido, numa linha do tempo e espaço, já que a memória como construção humana, corresponde a um contexto social e histórico.

1.3 Lugares de memória

Nora (1993) destaca que a memória social ou coletiva não pode se confundir com a história. Para o autor, a história começaria onde a memória acaba e a memória acaba quando não há mais suporte em um determinado grupo, ou seja, a memória é sempre vivida, afetiva ou fisicamente.

[...] história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais e a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo[...] (Nora, 1993, p. 09).

Segundo Nora (1993, p. 15) nossa época produz muitos arquivos, como nenhuma outra época jamais produziu, mas para a história e para a memória não é o volume de arquivos, e nem as novas técnicas de reprodução e de conservação existentes que chamam a atenção do autor, mas sim de como o sagrado investiu-se no vestígio.

À medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história. O sagrado investiu-se no vestígio que é sua negação (NORA, 1993, p.15).

Segundo Nora, por não saber ou temer o que destruir, tudo que é produzido vem sendo transformado em arquivos, e existe um temor em se “perder do passado”, através do desaparecimento dos mecanismos tradicionais da memória, o que leva ao aumento da preservação da memória pela acumulação de registros, artefatos e documentos. (NORA, 1993, p.15).

Ao perceber a memória e a história desta forma, Nora (1993, p. 13) desenvolveu o conceito de “lugares de memória”, como uma vivência que vai além de um momento histórico e que coloca em discussão a questão da identidade, entendida como situação de existência coletiva que é evidenciada em diversos momentos da história e expressa pelo sentimento de identificação de grupo.

O autor (1993, p.13) destaca que o conceito de “lugares da memória” surgiu no contexto da sociedade francesa, mas foi exportado para outras nações e isso aconteceu por tratar-se de uma problemática que é transversal, que é na verdade a “desritualização de nosso mundo”. No caso particular da França, tratava-se da transformação da estrutura social, da diminuição expressiva do campesinato e do surgimento de uma sociedade cada vez mais industrializada e propensa a modificações muito intensas, rápidas e contínuas, o que levou a uma reconfiguração do papel da memória nessa sociedade. Nora descreve como a sociedade utiliza a memória, com origem na sociedade-memória, no Estado-nação e depois a substituição desta pelo Estado-sociedade.

Nora (1993, p. 8) afirma que a memória “integrada, ditatorial e inconsciente de si mesma” assume seu papel na “conservação e transmissão dos valores” na sociedade-memória, referindo-se também, à possibilidade de a memória não cumprir a função de transmissora de referências que permite ao indivíduo se integrar na sociedade. Para Nora, na sociedade-memória, os valores da família, escola, Igreja e Estado eram os que importavam para a memória, na manutenção dessa sociedade e, com o surgimento do Estado-nação, a memória passa a ser o próprio ideal de nação. Entretanto, segundo o autor, mesmo nesse quadro evolutivo de sociedade-memória para sociedade-nação, a memória não perde seu caráter sagrado, pelo fato de a memória não estar codificada e, por transportar com ela, uma dimensão inconsciente que a torna incapaz de se autoanalisar. Nos Estados-nação a memória passa a ser tutelada pelo Estado, segundo o autor, que recupera apenas o que estiver de acordo com o interesse do grupo no poder (NORA, 1993, p. 12).

Os movimentos acelerados da era contemporânea, segundo Nora, fizeram com que a nação deixasse de ser o “quadro unitário que encerrava a consciência da coletividade” levando o Estado-nação para o Estado-sociedade. A emergência da globalização, característica da

sociedade pós-moderna, promoveu o indivíduo e a dimensão local, além de promover trocas entre o local e o global através de uma negociação entre eles (NORA, 1993, p.12).

Nora conceitua os lugares de memória em três dimensões: material, funcional e simbólica. Dimensões essas que, para o autor, permitem “fixar um estado de coisas” que tem como objetivo principal “bloquear o trabalho de esquecimento”. Segundo Nora, a dimensão material é compreendida como uma seleção dos meios, em que o lugar de memória se materializa. Já a dimensão funcional, é o lugar de memória em que há a implementação de uma dinâmica de funcionamento no qual cumprirá seu propósito, e a dimensão simbólica, é a que assegura a manutenção desse lugar. Essas três dimensões coexistem, segundo o autor.

É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que se caracteriza por um acontecimento ou uma experiência, vividos por um pequeno número, uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p.22)

Nora (1993) nos leva à reflexão sobre os lugares de memória enquanto uma produção que está longe de ser um produto natural e espontâneo. Como um historiador francês identificado com a nova história, Nora rompe com a antiga historiografia na França, e adere a uma história de sua própria tradição e de sua memória. Para o autor, a memória é um processo vivido, em evolução permanente e assim, o “lugar de memória” surge como forma de se articular novas percepções de pertencimento em relação ao passado e que permite os indivíduos se reconhecerem como sujeitos.

Das origens mitológicas de Hesíodo, na análise de Torrano (2007); de Giron (2000); de Nora (1993), através dos conceitos sobre “lugares de memória”, em que podemos, a partir deles, encontrar a criação da memória coletiva; e de Halbwachs (1990), que afirma que devemos utilizar todos os recursos da memória coletiva, já que não é possível lembrarmos completamente dos fatos ocorridos, consideramos que a Universidade, uma instituição integrante da sociedade, tem um papel importante na construção da memória social, pois é fonte que produz informação e conhecimento.

1.4 A força da escrita na construção da memória

Segundo Assmann (2011, p.164), antes de se descobrir a escrita eletrônica, o ato de escrever consistia em apenas duas técnicas: o uso de pigmentos em uma superfície polida e o entalhe em um material selecionado e apropriado. O papel entrou em circulação, somente no século XIV, e pela escassez e alto custo do papiro e do pergaminho, as culturas mais antigas

utilizavam a argila, a pedra e a cera, chamada também de escrita de entalhe, a um passo do selo, metáfora utilizada por Aristóteles para nomear a memória. Aristóteles usaria dessa imagem para explicar “não só a funcionalidade da memória, mas também suas fronteiras e falhas” (ASSMANN, 2011, p.164).

Para a autora (2011, p. 194), o estudo das mídias da memória, deve ser feito a partir da escrita, de sua dimensão social e técnica e de seu desempenho memorativo, que é avaliado de formas diferentes dependendo da cultura e da época. A escrita é um dos recursos mais produtivos para prevenir o esquecimento, já que permanece imutável após a morte do autor, afirma Assman (2011).

Para Platão, segundo exemplifica a autora, a escrita poderia até superar a memória em relação ao armazenamento, se comparada à uma recordação (2011, p. 200). Já os renascentistas, destaca Assmann, acreditavam na força da memória, e defendiam que a escrita apontava para o futuro, onde “a verdade da ciência sucede ao engodo da religião; a magia das letras redime a dos rituais” (2011, p. 200), e ainda afirmavam que os livros eram contestadores do poder das instituições. A autora (2011, p. 211) destaca o discurso de John Milton, intelectual e funcionário público inglês, em 1644, no parlamento inglês, ao defender a liberdade de imprensa, e a força intrínseca dos livros, tanto para o “bem” como para o “mal”.

Pois os livros não são objetos complementares mortos, mas contém em si uma força vital e são tão eficazes e ativos quanto as almas que lhes dão origem. Ao contrário, preservam mesmo, como um recipiente, a mais pura energia e essência do espírito vivo que os produziu. (WALLACE, 1963, pp 279-80 apud ASSMANN, 2011, p. 211)

Segundo Assmann, alguns autores renascentistas acreditavam que com a invenção da imprensa e pela agilidade em publicar, os critérios de qualidade se extinguiriam, e que ficaria ao critério dos leitores a decisão do que seria esquecido ou do que permaneceria. A autora afirma que a pretensão e a promessa de eternidade da escrita amparavam-se em dois assentimentos básicos: “primeiro, que a subsistência material dos textos estivesse assegurada e segundo, sua legibilidade.” (ASSMANN, 2011, p.219).

No século XVII, a autora destaca a existência de alguma confiança de que os textos conservariam algo do “espírito imortal dos autores”, mesmo que pequena, mas decisiva. Confiança que se dissolve no século XVIII em que os textos deixam de ser a sustentação em direção ao passado, e passam a ser os “objetos remanescentes e vestígios” (ASSMANN 2011, p. 221). No século XIX, segundo a autora, perde-se a confiança irrestrita na sustentação e força

reprodutiva das letras. Os vestígios são como signos de duplo sentidos, segundo a autora, por relacionarem intrinsecamente a recordação ao esquecimento.

A autora relata ainda que, o que foi escrito no passado passou a ser questionado, se seria verdadeiro ou não, e assim a história não se mediria mais pelo que foi conservado e sim pelo que se perdeu. Se a memória, tradicionalmente, se baseava na inscrição e no armazenamento, no contexto da consciência histórica, a memória, então se basearia a partir do esquecimento. (ASSMANN, 2011, p. 225)

A “graça do desaparecimento da informação” (Harald Weinrich) é o que vem tornar possíveis a recordação e a historiografia. Com isso anuncia-se uma mudança estrutural profunda da memória cultural: se no terreno da tradição a memória se determinava com base na inscrição e armazenamento, no âmbito da consciência histórica a memória só se determina a partir do apagamento, da destruição, da lacuna, do esquecimento. Com isso firmam-se novas prioridades, vai-se “dos textos aos vestígios” como mídias da memória cultural. Ao passo que antes, quando se tratava apenas de letras e textos, o único ponto de partida era a plena possibilidade de reativar uma informação passada; com os vestígios só se pode restituir um fragmento do sentido antigo. (ASSMANN, 2011, p. 225).

Assmann (2011, p. 227-228) identifica na história da escrita quatro estágios indispensáveis e cumulativos, na seguinte ordem: a escrita iconográfica (pinturas, gravuras etc.), a escrita alfabética, a analógica do vestígio, e a escrita digital. A autora (2011, p. 228) considera que se a escrita alfabética era “translinguística”, a escrita digital é “transmedial”, ao possibilitar que com o mesmo código ela é capaz de escrever imagens, sons, língua e a escrita. Atualmente, segundo a autora, é fundamental conhecer o que deve ser selecionado, armazenado e o que deverá ser descartado. Para a autora na era digital, há uma linha tênue entre o que deverá ser lembrado e o que deverá ser esquecido (ASSMANN, 2011, p. 229).

Para Le Goff (1990), o tempo da memória é visível na fase de transição entre a oralidade e a escrita, e são divididos em cinco períodos: 1º) da memória das sociedades sem escrita; 2º) do desenvolvimento da oralidade à escrita (Pré-história à Antiguidade); 3º) da memória medieval; 4º) da memória escrita e seus progressos (séc. XVI aos dias atuais), e 5º) dos desenvolvimentos atuais da memória (LE GOFF, 1990, p. 427).

Com o desenvolvimento da memória escrita, os suportes da memória também se renovaram e, atualmente, são acessíveis por meios eletrônicos. De acordo com Oliveira e Rodrigues (2012), a limitação da memória dos homens os levou a procurar em recursos externos, memórias artificiais, para compensar o esquecimento.

A necessidade de possibilitar o acesso aos registros por ele produzidos ao decorrer do tempo levou à criação das chamadas instituições de memória que deveriam preservar os registros do conhecimento humano nas suas mais diversas formas de materialização [...] (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2012, p. 495).

Um dos pontos fundamentais, em tempos da era digital, segundo Oliveira e Rodrigues (2012) é conhecer o que será armazenado e o que será descartado da memória. Antes, tudo que se via e se produzia eram fontes de informações. Atualmente, há uma seleção do que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

Dodebei (2009) afirma que em função da grande disputa pelo domínio e uso da informação, os conceitos de memória e conhecimento, muitas vezes, foram os mesmos. Com a mudança dos meios de transmissão de conhecimento, da via oral para a escrita, as sociedades tomaram consciência das dimensões do tempo e do espaço que estavam envolvidas na transmissão da memória. (DODEBEI, 2009, p. 83)

Segundo a autora (2009, p. 84) a arte da memória, concebida pelos gregos, no passado, foi objeto de discussões e o renascentista Giordano Bruno destacou-se como um defensor da técnica de memorizar ou imprimir lugares e imagens na memória. De acordo com Dodebei (2009), o exercício de memória individual, durante a antiguidade, levou filósofos, clérigos e cientistas a disputas de poder que, muitas vezes, acabaram por levá-los à morte. A arte da memória equipara-se, segundo a autora, a um sistema de imagens que poderia levar a fixar na memória conceitos e palavras. O objetivo era memorizar o mundo e organizar o discurso, como demonstrado no exercício da retórica: “coisas verdadeiras; organização dessas coisas; atribuição de palavras às coisas; memorização das coisas e das palavras; comunicação das coisas por palavras.” (DODEBEI 2009, p. 85).

O poder da memória consistia no ato de selecionar o maior número de informações conhecidas, de forma organizada, para que fosse possível recuperar pela memória quando fosse necessário. Segundo a autora, os mapas visuais criados por Giordano Bruno tinham como objetivo organizar a memória do conhecimento humano e, durante a Idade Média, o exercício de memória individual, passava por compartilhar a criação de arquivos e bibliografias de organização dos meios escritos de memória coletiva (DODEBEI 2009, p. 85).

A oralidade e a escrita, segundo Dodebei (2009, p. 86) convivem nos dias de hoje, coexistem e concorrem com as mídias digitais.

A memória individual, que ao invés de acumular processa para produzir novas informações, e à memória auxiliar, criada pela sociedade da escrita representada principalmente por arquivos, bibliotecas e museus, se junta a memória eletrônica que transforma o visual e o oral em números. (DODEBEI, 2009, p. 86)

Assim, é possível compreender os dispositivos de proteção e de divulgação dos saberes na sociedade contemporânea.

1.5 O arquivo, os documentos e as fontes de informação

Derrida² (1995 apud ASSMANN, 2011, p. 367) ressalta a imprecisão da palavra *arché* (arquivo), quando aponta a convergência entre *commencement* (início) e *commandment* (ordem). Segundo o autor, em grego arquivo significa início, origem, autoridade e significa também repartição pública e escritório público.

Para Assmann (2011, p. 367), o arquivo está conectado, desde o seu início com “a escrita, a burocracia, a administração e os atos administrativos”. O que acarreta a criação de um arquivo são, segundo a autora (2011), os sistemas de registros que se comportam como “meios de armazenamento externo, e o mais importante deles é a técnica da escrita, que removeu a memória de dentro do ser humano e a tornou fixa e independente dos portadores vivos” (ASSMANN, 2011, p. 367).

Para Assmann (2011), antes de ser memória da história, o arquivo é memória da dominação, determinado por legados, documentos que são evidências dos direitos de poder, propriedade e de origem familiar, além de ser basicamente político.

A questão jamais pode ser posta como questão política entre outras questões. Ela define todo o campo e na realidade decide de A e Z a respeito da *res pública*. Não há poder político sem o controle sobre os arquivos, sem o controle sobre a memória. (DERRIDA, 1995 apud ASSMANN, 2011, p. 368)

Assmann afirma que ter o controle do arquivo é ter o controle da memória, e destaca que nos momentos de alteração do poder político, os arquivos acompanham as estruturas de legitimação, podendo transformar o que o era secreto, em acessível ao público, assim os que perdem seu valor legal, passam a ter um novo valor como provas históricas (ASSMANN, 2011, p. 368).

Com o desenvolvimento de novas tecnologias, a complexidade da burocracia, o aumento das demandas administrativas e a produção acelerada de documentos, segundo Carli e Fachin (2017, p. 52) tem sido, muito difícil, para as instituições, armazenar sua documentação e até mesmo eliminá-la, quando necessário, de forma segura e organizada. As autoras destacam que

² Jaques Derrida, *Archive Fever. A Freudian Impression*, *Diacritics*252, 1995, pp.9-63.

essa avaliação de documentos deve ser feita por um profissional arquivista acompanhado de uma comissão multidisciplinar, que poderá analisar os documentos e criar um prazo de permanência para cada documento até sua destinação final³.

Como um armazenador coletivo de conhecimento, segundo as autoras, o arquivo tem como atributos, a conservação, a seleção e acessibilidade, assim a escolha do que será arquivado tem grande importância ao determinar por onde termina a coleta necessária, delineando por onde se inicia o esquecimento.

Para Rousso (1996, p.2), o uso de um "arquivo" por pesquisadores, só pode estar em conformidade com a noção de "fonte". O autor nomeia "fontes" todos os vestígios do passado conservados pelo tempo e pelos homens, de forma voluntária ou não, "originais ou reconstituídos, minerais, escritos, sonoros, fotográficos, audiovisuais", ou até mesmo as fontes "virtuais" (que foram gravados em uma memória), e que o pesquisador, de forma consciente, determinada e comprovada, decide instituir em componentes irrefutáveis da informação para que seja possível restabelecer, um encadeamento de um passado em particular, de analisar ou de restituir para os tempos atuais, uma narrativa, ou seja, uma escrita que seja coerente e tenha clareza científica.

Se reconhecermos o significado do uso do termo "arquivo", inicialmente descrito como um documento conservado e, posteriormente, descoberto com a finalidade de comprovação, para determinar a concretude de um "fato histórico", ou de "uma ação", verificaremos que se trata de um componente de informação entre tantos outros (ROUSSO, 1996, p. 2). O problema identificado pelo autor está em diferenciar as fontes, os vestígios, uns dos outros, para definir quais fontes permitirão um questionamento racional do passado. Esta diferenciação, destacada por Rousso é que guiará os questionamentos dos pesquisadores para a seleção de fontes mais relevantes.

Os documentos e os monumentos são dois tipos de materiais, que segundo Le Goff (1990, p. 535) se relacionam à memória coletiva e a história. Para o autor (1990, p. 428), o termo "memória coletiva", deveria ser reservado aos povos que não conheciam a escrita, em que os conhecimentos eram transmitidos via a oralidade. Para Le Goff (1990, p. 536), com o surgimento da escrita houve um desdobramento da memória, através dos monumentos, como uma celebração dessa memória, e aplica o termo "memória social" às sociedades que já

³ A eliminação de documentos é regida pela Resolução CONARQ nº 40, de 9/12/2014, alterada pela Resolução nº 44, de 14/02/2020, que dispõe sobre os procedimentos para eliminação de documentos no âmbito dos órgãos e entidades integrantes do Sistema Nacional de Arquivos – SINAR (DOU nº 240, de 11/12/2014, p. 29-30).

conheciam a escrita. Assim, a capacidade de produzir uma história tornaria possível distinguir memória coletiva e social, tendo a memória social como testemunha os documentos escritos, o que não existiria entre os povos de cultura exclusivamente oral.

O documento escrito também é destacado por Cellard (2008, p. 295) ao identificar as limitações das capacidades da memória, que podem alterar lembranças, esquecimentos e deformação de fatos e acontecimentos. O autor afirma que o documento possibilita adicionar a dimensão tempo à compreensão do aspecto social e a representação da “quase” totalidade dos vestígios que a humanidade produziu ao longo de sua existência.

Por possibilitar realizar alguns tipos de reconstrução, o documento escrito constitui, portanto, uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008. p. 295).

Para Cellard (2008), graças ao documento e a análise documental se torna possível observar o processo evolutivo de “indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, etc., bem como o de sua gênese até os nossos dias”. (TREMBLAY, 1968 apud CELLARD, 2008, p. 295). Cellard (2008, p. 296), indica alguns pré-requisitos necessários ao pesquisador para realizar a análise documental e estar preparado para “superar vários obstáculos e desconfiar de inúmeras armadilhas”. O autor destaca a importância, primeiramente, em localizar os textos, fazer uma análise quanto à credibilidade e representatividade, questionar os documentos e agir com cautela para garantir a validade e a solidez de sua interpretação. Cellard (2008. p. 297) afirma que os documentos, no contexto de um procedimento de pesquisa, seriam todos os textos escritos, manuscritos ou impressos e registrados em papel, e que são considerados as fontes primárias ou secundárias, e como tais deverão ser “explorados e não criados”.

Existe uma quantidade enorme de documentos escritos, de diversos tipos e muitas formas de classificá-los, segundo Cellard (2008), que divide os documentos, de modo genérico, em dois grupos: os documentos “arquivados” e os “não arquivados”, sem dar importância se eles são de domínio público ou privado. Entre os documentos públicos arquivados, o autor (2008, p.297) afirma que são classificados de diferentes formas, às vezes podem não estar acessíveis e aponta os arquivos governamentais, como exemplo na época. Ampliando o conceito de documentos, Cellard (2008. p. 296-297) afirma que pode ser considerado documento ou “fonte”, “tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho”.

Desta forma o autor identifica os textos escritos, independente da natureza, assim como “qualquer outro tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos etc.” (CELLARD, 2008. p. 297)

Os documentos podem ser todos os materiais que possam ser utilizados como fonte de informação. As autoras, ao tratarem dos estudos de pesquisa qualitativa citam, como exemplo, “leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares.”, apresentando a enorme variedade de materiais que são documentos (LÜDKE, ANDRÉ, 2012; ALVES-MAZOTTI, 1998; OLIVEIRA, 2007 apud BONOTTO; KRIPKA; SCHELLER, 2015, p. 59)

Para a Memória Social, segundo Gondar (2005, p.17), a seleção de um documento para a pesquisa e análise não se apresenta como inocente ou pretenciosa, uma vez que a recordação e a recuperação desses fatos revelam nosso comprometimento ético e político com o que desejamos para o futuro. Segundo a autora, os documentos legais nem sempre expõem as ideologias, divergências e pensamentos contraditórios de determinados grupos no interior da instituição. A memória é uma construção que se faz no presente, a partir do que é vivido e de experiências que ocorreram em um passado que se quer organizar, refletir e entender, porque a memória “não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nós fazemos, que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados” (GONDAR, 2005, p. 18). Para essa construção, a memória está sujeita à seletividade, parcialidade e às relações de poder instituídas. Essas relações de poder, muitas vezes, definem o que será lembrado e o que deverá ser esquecido e assim se define o que ficará registrado se transformando na história oficial.

Encontramos em Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 2) a afirmação de que a utilização de documentos em uma pesquisa deve ser reconhecida, valorizada e respeitada. Segundo os autores, as valiosas informações que podem ser extraídas desses documentos, justificariam seu uso em várias áreas das Ciências Humanas, já que possibilitam a ampliação da compreensão de objetos de pesquisa que precisam de uma contextualização histórica e social. O documento escrito, para os autores (2009, p. 2), utilizado para a construção e reconstrução de uma memória, é uma fonte valiosa.

Bonotto, Kripka e Scheller (2015, p. 59) afirmam que a pesquisa documental não pode ser confundida com a pesquisa bibliográfica, embora as duas utilizem documentos como objeto de investigação. Para Bonotto, Kripka e Scheller (2015, p. 59), o que as diferenciam são as

fontes, sendo as *fontes primárias* relacionadas àqueles documentos que não receberam tratamento analítico, como “relatórios de pesquisas ou estudos, memorandos, atas, arquivos escolares, autobiografias, reportagens, cartas, diários pessoais, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação” e as *fontes secundárias* relacionadas à pesquisa bibliográfica que se relaciona com toda a bibliografia que se tornou pública e que tenha relação com o tema pesquisado. As autoras destacam que o pesquisador, quando escolher os documentos, deve pensar além do conteúdo, no contexto, no uso e função desses documentos para melhor compreensão do seu objeto de investigação (FLICK, 2009 apud BONOTTO; KRIPKA; SCHELLER, 2015, p. 61).

Nessa pesquisa, foram utilizados documentos institucionais, tais como resoluções, portarias, boletins, atas, relatórios, prêmios e certificados, e as publicações da Editora UFRJ, para evidenciar a produção editorial científica da Editora e a sua memória, no contexto da Universidade. A partir das indicações de Costa (1997, p.123), em que “categorizar, combinar e ordenar” são atividades que requerem seleção.

De toda forma, levamos em consideração também a afirmação de Rousso (1996, p.4) de que com a escrita, a impressão, temos a probabilidade de um documento resistir ao tempo e terminar na mesa de um pesquisador, mas, apesar disso, não concede a esse vestígio, em especial, uma verdade adicional perante todos os outros vestígios do passado. Segundo o autor “existem mentiras gravadas no mármore e verdades perdidas para sempre”.

1.6 O acesso à informação no Brasil e na UFRJ

Jardim (2012) afirma que a Constituição Federal Brasileira de 1988 (CF88) garantiu aos cidadãos o direito ao acesso à informação pública, o que representa não apenas um direito civil, mas também um direito político e social. Os incisos XIV e XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da CF88 (BRASIL, 1988) estabelecem claramente esse direito.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

XIV - é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional.

[...]

XXXIII - todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob

pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.

[...]

Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte: [...]

§ 3º A lei disciplinará as formas de participação do usuário na administração pública direta e indireta, regulando especialmente:

[...]

II - o acesso dos usuários a registros administrativos e a informações sobre atos de governo, observado o disposto no art. 5º, X e XXXIII.

[...]

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

[...]

§ 2º - cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem. [...] (BRASIL, 1988)

Entretanto, Jardim (2012, p. 2) afirma que foram necessários 23 anos para que houvesse uma regulamentação, o que só foi possível, com a promulgação da Lei de Acesso à Informação (LAI) - Lei nº. 12.527 (BRASIL, 2011), que foi implementada pelo poder executivo federal, a partir de 16 de maio de 2012.

Jardim (2012, p. 4) destaca as relações entre Estado e Sociedade e que a ascensão e crescimento das tecnologias da informação e comunicação, e as mudanças na organização e estrutura estatais, ganharam novos contornos e relevância. Assim, o autor apresenta o Estado como “categoria de análise”.

O Estado “concentra a informação, que analisa e redistribui. Realiza, sobretudo, uma unificação teórica. Situando-se do ponto de vista do Todo, da sociedade em seu conjunto...”. O Estado é “o responsável pelas operações de totalização (recenseamento, estatística, contabilidade nacional) objetivação (cartografia) por meio da escrita, “instrumento de acumulação do conhecimento (por exemplo, os arquivos) e de codificação como unificação cognitiva que implica a centralização e monopolização em proveito dos amanuenses e letrados” (BOURDIEU, 1996, p.105 apud JARDIM, 2012, p 4).

Desta forma, segundo o autor, o Estado se torna responsável pelo acúmulo do conhecimento produzido, sua distribuição, sua centralização e pelo monopólio desse conhecimento na esfera estatal.

Segundo Ribeiro (2017, p. 10), a implantação da LAI no Brasil, durante o governo da Presidenta Dilma Rousseff, incluiu todos os poderes da República e todos os três níveis de governo, e de forma inovadora utilizou ferramentas tecnológicas como o Sistema Eletrônico do

Serviço de Informação ao Cidadão (e-SIC), monitorado pela Controladoria Geral da União (CGU). A autora destaca a importância em diferenciar a política de informática, de informação e de comunicação nos órgãos públicos, em que a política de informação deve passar pelos servidores que produzem a informação que precisará estar disponível para o acesso e consulta da sociedade.

Infelizmente, é muito comum confundir política de informática com política de informação, e esta, com política de comunicação, que não são a mesma coisa. A tecnologia da informação (TI) é um suporte importante e fundamental, mas a política de informação tem de estar articulada com quem produz, com o usuário e com o gestor da informação. Deste modo, nos órgãos públicos, a informação não deve ser tomada como uma propriedade privada do servidor que a manuseia ou a produz no seu setor, mas sim como um ativo público que deve ser disponibilizado à sociedade. (RIBEIRO, 2017, p. 22)

Ribeiro (2017, p. 23) identifica que na UFRJ, no que diz respeito a transparência pública, a universidade “não está de acordo com o que deveria ser praticado, conforme previsto na legislação vigente”. A autora destaca que inúmeros órgãos da universidade – da reitoria às unidades acadêmicas, não disponibilizam as informações consideradas obrigatórias pela LAI e nem apresentam, com relevância, o canal do e-SIC⁴ para orientação e utilização, pelos cidadãos, de como solicitar as informações que não estão disponíveis de forma eletrônica.

Na busca aos dados primários para esta pesquisa, verificamos a não disponibilidade na internet de atas, documentos, e portarias relativas às instâncias colegiadas de deliberação nos temas relacionados à Editora UFRJ, no período do recorte temporal definido. Outro aspecto preocupante, principalmente quando se trata de informações veiculadas exclusivamente de modo eletrônico, através da página na internet da universidade, é que, a cada mudança na administração superior, a página sofre descontinuidade e as informações não ficam mais disponíveis para acesso público.

1.7 Os livros e as coleções como “lugares de memória”

Através dos conceitos apresentados, identificamos que as publicações da Editora UFRJ, com um catálogo de publicações com mais de 500 títulos, e a Editora UFRJ apresentam-se sob uma nova perspectiva, denominada, segundo Nora (1993, p. 7), “lugares de memória”.

⁴ A autora trata do sistema e-SIC, e atualmente este sistema está inserido no Fala.br, em conjunto com os canais de ouvidoria, de denúncias, elogios. Atualmente, na página da UFRJ na internet, consta na barra “menu”, o item “Acesso à Informação” listando os temas obrigatórios em lei, entretanto continua a não orientar como solicitar a informação não encontrada.

As instituições ao promoverem a memória institucional criam seus próprios “lugares de memória”. A partir das materialidades textuais e de imagens, como livros, atas, memorandos, ofícios, boletins, e-mails e fotografias, surgem novos questionamentos e análises, recuperando fatos e revelando assim, o seu comprometimento ético e político.

Uma editora universitária, como a Editora UFRJ, que é uma unidade que se estabeleceu há 35 anos, verificamos a existência de uma série de atividades que são inerentes a ela, como a publicação de livros e coleções, seu modo de realizar todas as etapas editoriais, sua repetição e transferência para as gerações seguintes, a legitimam frente à sociedade, que, por conseguinte a reconhece como uma instituição. Portanto, é necessário compreender o livro avulso e as coleções no contexto da memória social.

Segundo Chartier (1990, p. 124), o livro é um objeto cultural formado por dispositivos e suportes, que possibilitam a sua leitura. Para o autor, os livros em sua materialidade (papel, tinta, letras, cores, imagens, gráficos etc.) designam o seu uso, e para se analisar os impressos ou textos é necessário separar os tipos de dispositivos.

[...] não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. Daí a necessária separação de dois tipos de dispositivos que resultam da passagem a livro ou impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os pretendidos pelo autor. Esta distância, que constitui o espaço no qual se constrói o sentido, foi muitas vezes esquecida pelas abordagens clássicas que pensam a obra em si mesma, como um texto puro cujas formas tipográficas não têm importância, e também pela teoria da recepção que postula uma relação direta, imediata, entre o “texto” e o leitor, entre os “sinais textuais” manejados pelo autor e o “horizonte de expectativa” daqueles a quem dirige. (CHARTIER, 1990, p. 127).

Dessa forma, segundo o autor, os livros alcançam sentido quando manifestam as três dimensões de sua materialidade: “o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera” (CHARTIER, 1990, p. 127). Para descrever a produção, circulação e a utilização do livro, em suas representações culturais, há que se pensar, nos diversos dispositivos materiais ou textuais para alcançar o seu público em especial, como afirma o autor. Por isso, Chartier (1990, p. 127) afirma que os livros destinados à comunidade acadêmica, devem respeitar certas estratégias editoriais em relação aos dispositivos materiais e de uso. Para Chartier (1996, p.23) o livro, como objeto cultural, dependendo dos leitores a que se destinam, e em tempos e lugares distintos, ganham formas e sentidos diferentes.

Cavallo e Chartier (1998, p. 9) declaram que os autores não escrevem livros, eles “escrevem textos que se tornam objetos escritos – manuscritos, gravados, impressos–manuscritos, gravados [...]”. Para os autores (1998, p. 18), mediante a função inicial da escrita de preservar o texto, de marcá-lo em um suporte e levá-lo à memória, o livro atua na conservação das práticas de leitura e pode-se observar que as mudanças, nos suportes da escrita, provocam também mudanças nas práticas de leitura que serão realizadas sobre ele. Cavallo e Chartier (1998, p. 19) afirmam que “as transformações no livro e transformações das práticas de leitura somente podiam avançar juntas.” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 19).

Segundo Fabre (1996, p. 207-213), os livros, como objetos, podem refletir vários tipos de sentimentos: para uns são dispositivos para curar doenças, afastar demônios e pensamentos ruins, espalhar luz e sabedoria; e para outros, respondem à busca por conhecimento e aumento da capacidade intelectual, e até mesmo, podem ser objetos de pesquisa e informação.

Chartier (1999, p. 18) afirma que o livro universitário não pode ser analisado exclusivamente como um instrumento de divulgação da produção científica das universidades, uma vez que, como propagador de ideias, é um instrumento cultural que permite a democratização do conhecimento e, com isso, proporciona à sociedade uma reflexão crítica. O autor (1999, p. 18) identifica que essa reflexão crítica é possível graças à inovação tecnológica, ao permitir que suas produções sejam disponibilizadas e estejam ao alcance de todos no mundo.

Os procedimentos para a produção de livros, segundo Chartier (1996, p. 97) incluem os atos que são resultantes do ato de escrever, textual, de responsabilidade do autor, que demandam um protocolo de leitura, onde o autor desenvolve uma aproximação com o seu leitor, e outros procedimentos, que dizem respeito às formas tipográficas (ordem estrutural), que não pertencem à escrita, e nem são definidos pelo autor, mas pertencem à editoração e à impressão, e são definidos pelo editor e pela editora.

O autor, através do texto e da editora, e de seus procedimentos editoriais, (copidesque, revisão, notas, capa, imagens, cores, diagramação etc.), tem como objetivo, dentre outros, chegar até ao leitor garantindo a compreensão do texto. Nesse contexto, segundo Chartier (1990, p. 127), a editora decide a melhor estratégia editorial para organizar suas publicações, ou seja, se serão publicações avulsas ou inseridas em séries ou coleções. O autor afirma que essas decisões são institucionalizadoras de estratégias e de práticas (CHARTIER, 1990, p. 127).

Araújo (2014, p. 37) assegura que a questão semântica original, do latim *editor*, *editoris*, significa exatamente “aquele que gera, que produz, o que causa”; o “autor” em sintonia com o verbo *edere*, “parir, publicar (uma obra), produzir, expor”. Segundo o autor, o vocábulo é similar ao adjetivo grego *ékdotos*, “entregue, dado, revelado”, correlato ao substantivo *ekdosis*,

na percepção especializada “publicação, tratado ou edição da obra de um autor”, e com o verbo *ekdídomi*, no sentido de “publicar” livros. Na contemporaneidade, se incluiu o termo *ecdótica*, “i.e., crítica textual ou arte de editar textos criticamente”, que por sua vez admite a locução grega *ekditike tékhne*, “arte de produzir, de publicar” (ARAÚJO, 2014, p. 38).

O termo editor⁵ apresenta como definição a “pessoa responsável pelo conteúdo ou pela preparação da publicação de um documento para o qual pode ou não ter contribuído”. E para o termo editoração, o conceito mais frequente na atualidade, segundo Araújo (2014, p. 38) é o “conjunto de teorias, técnicas e aptidões artísticas e industriais destinadas ao planejamento, a feitura e distribuição de um produto editorial”. Para o autor, portanto, editoração se refere à coordenação e acompanhamento da produção de uma publicação, seja um livro, uma revista, um jornal, um boletim etc. (ARAÚJO, 2014, p. 38).

O trabalho do editor, segundo Castilho (2000, p. 171) se identifica com as atividades universitárias, uma vez que o editor é um trabalhador qualificado e um dos que mais atua junto ao autor em todo o processo editorial, “na defesa dos direitos autorais e da propriedade intelectual”, o que é muito importante para os professores e pesquisadores das universidades. Para Castilho, essa análise sucinta, nos indica que a universidade brasileira deve continuar nessa função, uma editora universitária pública, não tem fins lucrativos e dessa forma é possível para ela conceber projetos com rigor científicos e/ou culturais.

[...] disseminação de conhecimentos e novas tecnologias; formação de leitores integrais, possibilitando a cidadania; função central do editor na ordenação da comunicação escrita – sempre encontramos o ensino e a pesquisa universitária vinculados a um forte setor acadêmico de publicações interagindo e cooperando, em igualdade de condições, com editoras nacionais e internacionais. CASTILHO (2000, p. 172)

Para Castilho (2000, p. 172), a universidade não é uma empresa editorial, mas uma instituição em que a edição de livros é uma atividade relevante, dentre as muitas que desenvolve. O livro universitário, segundo o autor, deve representar, antes de tudo, a imagem institucional e o trabalho de seus professores e pesquisadores. Castilho (2000, p. 172) afirma que, sem o investimento na editoração universitária, dificilmente, as universidades teriam condições de cumprir o importante papel em contribuir para a produção de conhecimento, e de sua divulgação para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, pelo volume, pela diversidade e pela qualidade do conhecimento produzido. A decisão de publicar é, para o autor,

⁵ Definição dada por Gernot Wersig & Ulrich Neveling (comps.). Terminologie de la documentation. Paris, Unesco, 1976.

uma estratégia editorial, portanto organizar o catálogo em obras avulsas ou coleções é uma iniciativa da direção da Editora e do Conselho editorial.

Vários campos de conhecimento, como a museologia, a antropologia e a psicologia buscaram definir um conceito, que tivesse a capacidade de incluir a diversidade do ato de colecionar. Para Pomian (1984, p. 53), um conjunto de objetos poderia ser chamado de coleção se fossem mantidos fora do âmbito das atividades econômicas. O conceito de coleção apresentado por Pomian, exclui a comercialização, mantém os objetos protegidos em um lugar específico, e expõe os objetos ao olhar do público.

[...] uma coleção, isto é, qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público. (POMIAN, 1984. p. 53).

Pomian (1998) afirma que o livro quando está numa estante, tem razões que justificam sua presença e tem a ver com a função do livro. Por isso ele assinala: “Ser semióforo é uma função que o livro só conserva quando se adopta face a ele uma das atitudes programadas pela sua própria forma: quando o lermos, quando o colocamos nas prateleiras da nossa biblioteca, de uma livraria, de uma loja alfarrabista” (POMIAN, 1998, p.77)

Para Desvallées e Mairesse (2013, p. 34), Pomian define coleção por seu valor simbólico, na medida em que, o objeto perde seu uso, ou seu valor de troca, para se tornar “semióforo” ou portador de sentido. Pomian, por sua vez, afirma que “semióforos” como objetos que não tem utilidade, “mas que representam o invisível, são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura.” (POMIAN, 1984, p. 71).

Desvallées e Mairesse (2013, p. 32) apresentaram um novo conceito para o termo coleção, que trouxe uma inovação, quanto à imaterialidade dos objetos, à circulação econômica e quanto à ideia de que, para que um conjunto de objetos seja classificado como coleção, é necessário haver algo que os una, que se relacionem de acordo com um pensamento lógico específico.

[...] uma coleção pode ser definida como um conjunto de objetos materiais ou imateriais (obras, artefatos, mentefatos, espécimes, documentos arquivísticos, testemunhos etc.) que um indivíduo, ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 32)

Desvallées e Mairesse (2013, p. 32), ao apresentarem essa definição, destacam que nem sempre o objeto de uma coleção está desassociado da circulação econômica. Para os autores, é

possível afirmar que instituições que abrigam coleções, como museus, por exemplo, não tem fins lucrativos. O que também se aplica, no contexto das editoras universitárias públicas, que não têm fins lucrativos, e comercializam suas coleções de livros, para que seja possível publicar novos livros. Segundo os autores, (2013, p. 34) uma coleção é definida por sua capacidade de simbolizar algo e esse valor simbólico é o que transforma o objeto portador de significado.

No séc. XIX, a noção de “coleção de livros”, segundo Utsch (1975, p. 60) se relacionava com livros que tivessem uma identidade, uma aparente coerência textual, semelhanças nos formatos e nos elementos materiais, no qual um projeto editorial assume a função de ordenar e de classificar todos os textos e imagens que a cultura impressa coloca em circulação.

As coleções publicadas pela Editora UFRJ se constituem em um conjunto de obras independentes sobre áreas de conhecimento, que apresentavam uma afinidade temática, como definido por Fonseca (1975).

Entende-se tecnicamente como tal o conjunto de obras independentes, mas relacionadas a determinada matéria, numeradas sucessivamente e publicadas por um só editor, com apresentação uniforme e um título coletivo que aparece, de modo geral, ao alto das capas e folhas de rosto ou nas chamadas folhas de série. (FONSECA, 1975, p.18)

Em sintonia com a definição de Fonseca (1975), Utsch (2015) discorre sobre as coleções editoriais, em que destaca o objetivo de organizar e colocar à disposição um conjunto de obras.

[...] a noção de coleção assume plenamente a função de ordenar e classificar a totalidade de textos e imagens que a cultura impressa coloca em circulação. [...], a coleção se concretiza sob a forma de um único objeto — o livro — ou sob a forma de um conjunto de objetos — a biblioteca —, seja um projeto editorial ou um espaço físico de acúmulo e de saber. (UTSCH, 2015, p. 59).

No Brasil, a edição de coleções se inicia entre as décadas de 1930 e 1960. A Editora José Olympio iniciou, em 1940, a “Coleção Fogos Cruzados”, que reunia os principais romances do mundo, publicando o livro *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen e, com o passar dos anos, foi publicando famosas obras de ficção russa, do século XIX (HALLEWELL, 2017, p. 515). Em 1951, a editora publicou dezesseis volumes de toda a obra de José de Alencar, na coleção ilustrada “Clássicos da Literatura” (HALLEWELL, 2017, p. 514).

As editoras Civilização Brasileira e a Companhia Editora Nacional inauguraram coleções como a “Terramarear”, de aventuras, que incluía a série Tarzan, de Edgar Rice Burroughs; “Biblioteca das Moças”; “Para Todos”; e “Série Negra” (HALLEWELL, 2017, p. 398). A “Coleção Brasileira”, uma subsérie da “Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira”, foi

publicada pela Companhia Editora Nacional, e dirigida por Fernando de Azevedo, até 1946 (HALLEWELL, 2017, p. 420).

O conceito de memória coletiva de Halbwachs (1990), é utilizado com o processo de reconstituição das lembranças de alguns fatos ocorridos, e que não se encontravam registrados. Nessa perspectiva, a memória coletiva garante o poder de continuar transmitindo conhecimento entre as gerações, fazendo com que a memória pareça contínua e sempre viva (NORA, 1993).

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente: a história, uma representação do passado. (NORA, 1993, p. 9)

Para além da formação profissional oferecida pelos cursos de graduação, pós-graduação e extensão, a universidade pública tem uma imensa responsabilidade em relação ao conhecimento social. A UFRJ integrando ações de difusão científica e cultural, comemorou em 2020, 100 anos de existência (UFRJ, 2020), e ofereceu à sociedade, diversas atividades científicas, artísticas e culturais, além de um documentário “Centenária: a Universidade do Brasil entre duas pandemias” (UFRJ, 2020b), com as atividades e pesquisas na área de memória, desenvolvido pela Divisão de Memória Institucional da UFRJ (DMI), sob coordenação do Sistema de Bibliotecas (SiBI), órgão suplementar do Fórum de Ciência e Cultura (FCC) (UFRJ, 2021b). A DMI/SiBI/FCC tem um trabalho de escrita e preservação da história da universidade, apresentando aspectos da política institucional e acadêmica da UFRJ. No entanto, nessa narrativa historiográfica, a partir da pesquisa documental realizada nesta pesquisa, não encontramos referência à Editora UFRJ. Identificamos que mesmo com a publicação, pela Editora UFRJ, de dois livros sobre a história da Universidade do Brasil (FIGURA 1), no período da comemoração dos 80 anos da Universidade, no ano de 2000, e sua contribuição para a disseminação do conhecimento produzido na instituição, há um “esquecimento oficial” referente à existência da história da Editora UFRJ.

O que acontece na UFRJ pode ser denominado de um certo “abuso da memória”, e dessa forma trataremos esse esquecimento “como dimensão da condição histórica de humanos que somos”, até porque antes do abuso temos o uso e o caráter seletivo da memória (RICOEUR, 2003). Apesar de não ser possível lembrar e narrar sobre tudo que aconteceu nesses 35 anos da

Editora UFRJ, buscamos vestígios, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi... (NORA,1993).

Figura 1 – Livros Universidade do Brasil



Fonte: compilação da autora⁶

A memória social é um conceito ético e político e uma construção processual (GONDAR, 2005), e por isso nos propusemos a construir a memória da Editora UFRJ, e de suas publicações, tendo como ponto de partida alguns questionamentos e olhares sobre o passado, tendo em vista o futuro que a espera numa sociedade cada vez mais digital e imediatista, e não simplesmente de uma reconstituição do passado. Assim, identificamos que qualquer caminho percorrido, terá um comprometimento ético e político, uma vez que não há imparcialidade nessa trajetória.

[...] a memória não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nós fazemos, que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados. (GONDAR, 2005, p. 18)

No próximo capítulo, apresentamos a formação e a trajetória das editoras universitárias brasileiras, contexto no qual a Editora UFRJ foi criada. Dessa forma, temos o intuito de contribuir para minimizar o “abuso da memória” que nos referimos na página anterior e parafraseando Ricoeur, pretendemos dizer “você se lembrará”, o que também significará dizer “você não esquecerá (RICOEUR, 2007, p. 100)

⁶ Montagem a partir de imagens das capas dos livros da Editora UFRJ via fotos tiradas pelo celular da autora em .jpg. As capas dos livros são de autoria de Marisa Araújo.

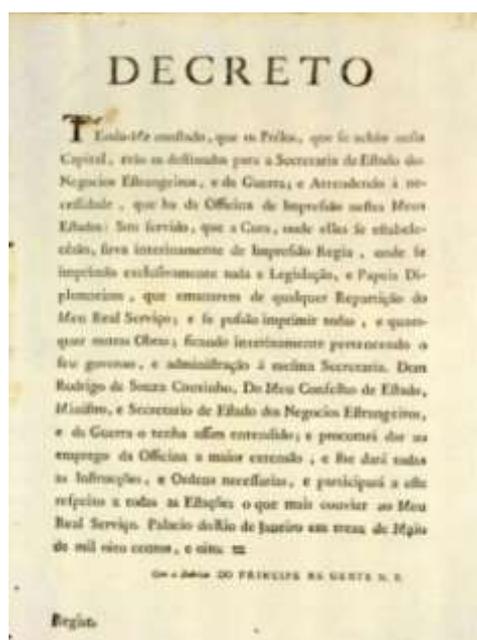
CAPÍTULO II – UM PANORAMA DA FORMAÇÃO DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS NO BRASIL

Para a compreensão de como as editoras universitárias surgiram no Brasil e como foi possível estabelecerem uma política editorial capaz de representar os princípios, a finalidade e a natureza da Universidade, é necessário identificar o contexto político e social do país.

Do Brasil Colônia ao Brasil do século XXI; da proibição de criação de universidades e impressão de livros no país à garantia da indissociabilidade entre ensino, a pesquisa e a extensão e sua incorporação à prática editorial; a fundação da Associação Brasileira de Editoras Universitárias e a construção da memória desse processo nacional, buscamos apresentar o cenário, em que a Editora UFRJ e suas publicações surgiram.

A publicação de livros no Brasil começou tardiamente, pois segundo Hallewell (2017, p. 92), era proibido imprimir livros no período colonial, pelo receio da propagação de ideias que se opusessem à monarquia, situação que só viria a sofrer alteração após a vinda da corte portuguesa para o país, em 1807. O início oficial da história da imprensa no país se dá com a criação da Imprensa Régia, que foi estabelecida pelo Decreto de 13 de maio de 1808 (FIGURA 2), para imprimir toda a legislação, sermões, papéis diplomáticos e outras publicações secundárias (HALLEWELL 2017, p. 113)

Figura 2 – Decreto de 13 de maio de 1808



Fonte: página da Imprensa Nacional

A Impressão Régia manteve o monopólio da impressão até 1822. Com a Declaração de Independência, naquele ano, as tipografias começaram a se desenvolver no país, embora em um ritmo considerado lento, de tal forma que os livros, de autores como Machado de Assis e José de Alencar, ainda eram impressos na França (HALLEWELL, 2017, p. 312-313).

A primeira grande editora do país, capaz de competir com as editoras francesas, foi a editora Francisco Alves, originalmente chamada de Livraria Clássica, fundada em 1854, pelo português Nicolao Antonio Alves, tio de Francisco Alves, e especializada em “livros, *colegiaes* e acadêmicos”, segundo Hallewell (2017, p. 312-313). O autor ressalta que a livraria foi assumida exclusivamente por Francisco Alves de Oliveira, em 1897, e manteve a linha de trabalho, ampliando-a com material para as escolas primárias e o desenvolvimento da parte editorial. Hallewell (2017) destaca que Francisco Alves acreditava que os livros didáticos eram uma linha de vendas mais segura, permanente, e que seria capaz de oferecer uma vantagem ao editor nacional frente aos estrangeiros, visto que seus produtos se adequariam melhor aos currículos locais. Apesar do livreiro francês Baptiste Louis Garnier, um dos principais editores do Brasil, ter iniciado a publicação de livros didáticos anteriormente, seria Francisco Alves o primeiro editor brasileiro que fez do livro didático a base de seu comércio, apesar do mercado escolar ser muito reduzido (HALLEWELL, 2017, p. 313).

Segundo o autor, a Constituição Imperial de 1824 (BRASIL, 1824), previa a educação primária pública e gratuita a todos os cidadãos, no seu artigo 179, mas não proveu os recursos financeiros e humanos suficientes para sua garantia. Hallewell (2017, p. 315-316) afirma que somente nos últimos vinte anos do Império, houve um aumento na quantidade de escolas no país. São Paulo, foi a única província que tornou o ensino primário obrigatório, em 02 de fevereiro de 1874, pela Lei Rodrigues Alves. Nenhuma outra província brasileira teve essa iniciativa e, o Projeto de Lei apresentado ao Congresso, em 1879, para que tornasse obrigatória a educação no país, não obteve aprovação (HALLEWELL, 2017, p. 314). A Proclamação da República, em 1889, segundo o autor, trouxe o crescimento do comércio cafeeiro e a tomada de consciência dos políticos, do atraso intelectual da nação.

Hallewell (2017, p. 315) destaca que a União, a partir de 1890, através do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, se responsabilizaria pela educação secundária e superior. O autor ressalta que, nessa época, a educação superior destinava-se a uma pequena elite, e era proporcionada por instituições privadas, ficando na esfera governamental apenas a supervisão geral do currículo.

Assim como a impressão de livros no Brasil iniciou-se tardiamente, de forma similar, os colonizadores impediram a criação das universidades brasileiras. Portugal não via

justificativa para a criação de universidades e considerava mais adequado, às elites da época, realizarem seus cursos superiores na Europa (MOACYR, 1937 apud FÁVERO, 2000, p. 17).

2.1 A Educação Superior e sua institucionalização

A educação, no Brasil-Colônia, esteve sob a responsabilidade dos jesuítas, com o objetivo de catequisar os indígenas, impor os costumes europeus, e a formar a elite brasileira (NETO; MACIEL, 2008, p 187).

Segundo Fávero (2000, p. 17;24), nem mesmo os jesuítas foram capazes de convencer a coroa portuguesa a criar uma universidade no país, apesar das muitas tentativas de vários setores, todas as propostas foram recusadas. A autora destaca que, mesmo após a Proclamação da República e a Constituição de 1891, no §3º do artigo 35, determinar que é responsabilidade (não exclusiva) do congresso “criar instituições de ensino superior e secundário nos Estados” (BRASIL, 1891), somente uma década depois, houve a criação de algumas instituições como as Faculdades de Direito, no Rio de Janeiro, na Bahia e em Minas Gerais; as Escolas de Engenharia em Recife e em São Paulo; as Escolas Politécnicas de São Paulo e da Bahia; e a Faculdade de Medicina de Porto Alegre (FÁVERO, 2000, p. 24).

Existiam poucas instituições de ensino superior criadas no Brasil colônia, e algumas, no Rio de Janeiro, foram precursoras da primeira universidade a ser criada no país pelo governo federal, segundo Fávero (2000, p. 25).

A primeira delas, a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, instituída em 1792, deu início ao ensino de disciplinas que seriam a base da Engenharia no Brasil. Em 1810, foi transformada em Academia Militar, e depois, em 1873, como instituição civil, denominada Escola Politécnica do Rio de Janeiro (UFRJ, 2021c). A segunda, é a Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia, criada em 1808, e instalada no Hospital Militar do Morro do Castelo. Em 1813, é fundada a Academia Médico-Cirúrgica no Rio de Janeiro, entretanto, a autorização de emissão de diplomas e certificados para os médicos, que faziam o curso no Brasil, só foi autorizada por D. Pedro I, em 1826. Em 1832, as Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e Salvador são transformadas em Escolas ou Faculdades de Medicina (UFRJ, 2021d). Por fim, a Faculdade Nacional de Direito que tem sua origem na fusão de duas faculdades de direito não estatais, a “Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociaes” e a “Faculdade Livre de Direito”, criadas em 1891 (UFRJ, 2021e). A Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, criada por D. João VI em 1816, começou de fato suas atividades em 1826, recebendo o

nome de Academia Imperial de Belas-Artes (AIBA) e, em 1908, após a Proclamação da República, passa a se chamar Escola Nacional de Belas-Artes, (UFRJ, 2021d).

De acordo com Fávero (2001, p.24), é com a Reforma Carlos Maximiliano (BRASIL, 1915), que se delibera sobre a instituição de uma universidade, e estabelece-se a agregação de algumas instituições de ensino superior já existentes.

Artigo 6º. O Governo Federal, quando achar oportuno, reunirá em universidade as Escolas Politécnica e de Medicina do Rio de Janeiro, incorporando a elas uma das Faculdades Livres de Direito, dispensando-a da taxa de fiscalização e dando-lhe gratuitamente um edifício para funcionar. (BRASIL, 1915)

Apesar do dispositivo legal existir desde 1915, é apenas em 07 de setembro de 1920, que o governo federal cria a Universidade do Rio de Janeiro - URJ (BRASIL, 1920), onde foram garantidos os princípios de “autonomia didática e administrativa, cabendo sua direção ao Presidente do Conselho Superior de Ensino, na qualidade de Reitor, e ao Conselho Universitário”, como afirma Fávero (2000, p.25). A URJ é criada pela reunião de três instituições existentes na época, a Escola Polytechica do Rio de Janeiro, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (BRASIL, 1920).

Mendonça (2000, p. 136), descreve que a década de 1920 foi marcada por momentos complexos da vida brasileira, com uma “crise do sistema de dominação oligárquico”, consequência da crise econômica, social, política, ideológica e cultural.

A Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, buscou uma ruptura com o formalismo acadêmico da época, na literatura, na música e nas artes plásticas, inserido na produção brasileira, desde meados do século XIX, na busca de uma identidade nacional (FÁVERO, 2001, p. 27).

Neste mesmo período surge o “movimento tenentista” (FGV, 1997a) que após exílio de vários tenentes, se dividiram, e parte deles constituíram as bases para a “Revolução de 1930”.

As propostas políticas dos tenentes de uma maneira geral se vinculavam ao clima do pós-Primeira Guerra Mundial, marcado pelo avanço do nacionalismo e da centralização política. Nesse ponto, eles assumiam bandeiras de luta próximas às das oligarquias regionais que se opunham ao predomínio de Minas Gerais e São Paulo. Entre outras reformas, defendiam o voto secreto, a independência do Poder Judiciário e um Estado mais forte. (FGV, 1997a)

As dependências da Escola Politécnica foram palco para a fundação da Academia Brasileira de Ciências – ABC, em 1916 (ABC, 2021) e da Associação Brasileira de

Educação – ABE, em 1924 (ABE, 2021), entidades que atuaram na defesa da modernização da educação brasileira, e segundo Fávero (2000, p. 27 e 34), discutiam as funções que deveriam caber às universidades brasileiras, a autonomia universitária e o modelo de universidade a ser adotado no Brasil.

Para Fávero, após a "Revolução" de 30, se instala uma crise de hegemonia⁷, em que nenhum dos grupos que constituem a classe dominante detém a exclusividade do poder político. A autora (2000, p. 39) destaca que com um aparelho de Estado cada vez mais centralizado, a dissolução do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas, a nomeação de interventor federal em cada estado, abriu-se um período importante na história da universidade brasileira. Em 1930, o Governo Provisório cria o Ministério da Educação e Saúde Pública, tendo como ministro Francisco de Campos, que constituiu reformas de ensino extremamente centralizadoras (FÁVERO, 2000, p. 40).

Segundo Mendonça (2000, p.137), em 1931, a primeira reforma educacional de caráter nacional é realizada, a Reforma Francisco de Campos, sob o governo autoritário de Getúlio Vargas, uma ditadura conhecida como “Estado Novo”. Para o ensino superior é decretado o chamado “Estatuto” das universidades brasileiras (BRASIL, 1931b), além de mais dois decretos publicados: o da criação do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 1931a) e o da Organização da Universidade do Rio de Janeiro (BRASIL, 1931c). Os três decretos assinados, numerados de forma sequencial, e publicados no mesmo dia, definiam o modelo de universidade que seria implantado no Brasil, e as divergências surgiram de todos os setores, destaca a autora.

O Estatuto desagradou a gregos e troianos. O grupo dos engenheiros da ABE criticava não só a excessiva ingerência oficial na universidade (esse grupo defendia fortemente a autonomia universitária, como condição para que se fizesse ciência desinteressada), bem como o caráter pragmático da Faculdade de Ciências, Educação e Letras. Os católicos acusavam o projeto de laicizante e, com base nesse argumento, criticavam tanto o seu caráter centralizador quanto a sua feição pragmática. De fato, a Reforma Campos não se tornou um elemento catalisador dos grupos envolvidos com a discussão sobre a questão da universidade. (MENDONÇA. 2000, p. 138)

⁷ A “Revolução de 1930” foi um movimento político-militar que determinou o fim da Primeira República (1889-1930), teve sua origem pela união entre os políticos e tenentes que foram derrotados nas eleições de 1930 e decidiram pôr fim ao sistema oligárquico através das armas. O movimento começou no mesmo período no Rio Grande do Sul e Minas Gerais, em menos de um mês a revolução já era vitoriosa em quase todo o país, restando apenas São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pará ainda sob controle do governo federal.

Segundo Mendonça (2000, p.138), as Universidades de São Paulo (USP) e do Distrito Federal (UDF)⁸, no Rio de Janeiro, criadas em 1934 e 1935, respectivamente, foram, resultado dos esforços de intelectuais e educadores, do movimento Escola Nova, surgido a partir do lançamento do Manifesto dos Pioneiros, em 1932, em defesa de princípios e bases para uma reforma do sistema educacional brasileiro - redigido por Fernando de Azevedo e assinado por Anísio Teixeira, M. B. Lourenço Filho, Heitor Lira, Carneiro Leão, Cecília Meireles e A. F. de Almeida Júnior, que vinham, desde o final da década de 1920, desenvolvendo diversos debates sobre a educação superior no Brasil.

2.2 O Instituto Nacional do Livro e a criação da CAPES e do CNPq

Hallewell (2017, p. 435) relata que, por ordem do Presidente Getúlio Vargas, coube ao poeta gaúcho Augusto Meyer criar o Instituto Nacional do Livro (INL). Inspirado em Mussolini, Presidente da Itália, e na sua enciclopédia italiana Treccani, Vargas, segundo o autor, queria uma enciclopédia e um dicionário também para o Brasil, o que não foi executado por falta de recursos apropriados para tal. O desenvolvimento de bibliotecas públicas e o cuidado dos interesses do livro no país, foram as principais funções atribuídas ao INL. O Instituto recebeu a incumbência de controle dos livros que poderiam ser publicados ou importados, entretanto, como não conseguiram exercer essa ação, a tarefa foi transferida ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão de censura criado especialmente para este fim (HALLEWELL, 2017, p. 436-438)

Para Bufrem (2000, p. 53), o INL foi um dos mais produtivos sistemas de coedição com editoras privadas que já houve no Brasil. Seus objetivos, segundo a autora, eram aumentar o número de bibliotecas e atualizar o seu acervo; reeditar obras raras e de fundamental importância para o ensino brasileiro; e financiar, através da aquisição, o lançamento de obras que fossem do interesse dos estudos brasileiros, mas que não interessavam às editoras privadas. A INL, até 1945, criou 252 bibliotecas no interior do país e distribuiu meio milhão de livros às bibliotecas de todo o Brasil (BUFREM, 2000, p. 48). A autora chama a atenção para a criação de órgãos vinculados à cultura e ao patrimônio, como o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1936), o Museu Nacional de Belas Artes (1937) e o Museu Imperial de Petrópolis (1943), sem descartar o caráter repressor e centralizador do governo.

⁸ A Universidade do Distrito Federal (UDF) foi criada em 1935, quando o Rio de Janeiro era a capital do país, idealizada por Anísio Teixeira, e em 1939 foi fechada e incorporada à Universidade do Brasil.

Mendonça (2000, p. 136-137) destaca que de meados da década de 1920 até 1945, a crise da oligarquia brasileira resultou na mudança de foco do poder do âmbito estadual para o nacional, e como resultado do processo de industrialização e urbanização do país, houve uma expansão das massas urbanas. Essa conjuntura acarretou tanto a instituição de um sistema de educação de massa, haja visto o crescimento da rede pública de ensino primário, desde então, quanto a manifestação de projetos de educação das elites que deveriam se responsabilizar pela transformação da sociedade brasileira, via a reestruturação da escola secundária e do ensino superior.

A deposição de Getúlio Vargas, em outubro de 1945, pelo Alto Comando do Exército, levou o Presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), José Linhares, a assumir a presidência do Brasil até a posse do General Eurico Dutra, em janeiro de 1946, eleito pelo Partido Social Democrático (PSD). Getúlio Vargas voltaria a Presidência da República, eleito pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), em janeiro de 1951 (FGV, 1997a).

Segundo Fávero (2000, p. 76), é nesse momento de transição, ainda durante o governo provisório de José Linhares, que a Universidade do Brasil “passa a gozar de autonomia administrativa, financeira, didática e disciplinar” e o Reitor volta a ser indicado através de uma lista tríplice, como estava estabelecido anteriormente. A autora afirma que na década de 1950, abre-se o debate no interior das principais universidades brasileiras, sobre a situação da pesquisa no país e o movimento para o seu desenvolvimento de forma institucionalizada em diferentes áreas do conhecimento, e não como um trabalho a ser realizado em torno de alguns catedráticos. A criação do Conselho Nacional de Pesquisa, para promover a pesquisa científica, tecnológica e nuclear, e da Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁹, em 1951, voltada ao investimento na formação do corpo docente, com concessão de bolsas no país e no exterior, desempenharam papel estratégico na expansão e consolidação da pós-graduação no Brasil (FÁVERO, 2000, p.68).

Em 1951, é criado o Conselho Nacional de Pesquisa, com o objetivo de “estimular a pesquisa científica no país”, oferecia bolsas para a formação de recursos humanos e auxiliava pesquisas em curso (BUFREM, 2001, p. 59). Denominado de Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a partir de 1974, e subordinado à Secretaria de Planejamento (Seplan), passa a ter entre as suas funções o planejamento de pesquisa científica e tecnológica no país. O órgão que até então, apoiava a publicação de

⁹ CAPES criada em 1951 é transformada, em 1964, na atual Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior, mantendo a sigla CAPES.

resultados de pesquisas de forma irregular, começou a se organizar a partir de 1982, quando foi criado um órgão consultivo, com uma coordenação e comitê editorial (BUFREM, 2001, p. 60)

Desde então, o CNPq vem dando apoio aos periódicos científicos das instituições de ensino e pesquisa, assegurando a continuidade dessas publicações baseando-se em critérios de qualidade, contando com apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), desde 1983 (BUFREM, 2001, p.60). O CNPq também participa da Coleção internacional “Archivos”¹⁰, sendo um de seus fundadores.

A Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), segundo Mendonça (2003, p. 3), foi inicialmente concebida por Romulo de Almeida, economista baiano, e tinha entre seus objetivos formar profissionais qualificados para o programa de desenvolvimento econômico do país, apresentada pelo então eleito, presidente Getúlio Vargas. Em 1951, Anísio Teixeira, assume o cargo de Secretário-Geral da Comissão que promoveria a Campanha, que somente depois de dez anos foi instalada, com algumas mudanças em seus objetivos (MENDONÇA, 2003, p. 4). A CAPES iniciou suas atividades oficialmente em 1952, avaliando pedidos de auxílio e bolsas. De 1961 até 1964, esteve subordinada diretamente à Presidência da República, quando retorna na condição de Coordenação ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), contabilizando 27 cursos de Mestrado e 11 cursos de Doutorado ativos no país (BRASIL, 2011).

A Capes é vista um como agente social no campo científico, que exerce função de agência avaliadora e determina regras que estabelecem os procedimentos de diferentes áreas do conhecimento. No final da década de 1990, uma das contribuições mais significativas para a avaliação da produção científica foi a criação de um sistema de classificação da produção intelectual denominado Qualis, como parte da avaliação de programas de pós-graduação. O conhecimento acadêmico nasce da universidade, dos livros e dos periódicos científicos e a relação do livro e da pós-graduação é muito estreita e reconhecidos nas avaliações mais recentes da CAPES e dessa forma percebe-se que há um reconhecimento formal do livro acadêmico e dos periódicos científicos. (OLIVEIRA et al, 2018)

¹⁰ A Coleção Archivos é um projeto editorial idealizado nos anos oitenta, dedicado à publicação de edições críticas de obras da literatura latino-americana contemporânea. Além do Brasil (CNPq) participaram Argentina, Colômbia, Espanha, França, Itália, México e Portugal. *Los clásicos de la literatura latinoamericana y del Caribe del Siglo XX (Colección Archivos de Ediciones Críticas)*.

2.3 As décadas turbulentas e inovadoras de 1950 e 1960

A partir do suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, configurou-se no Brasil, a divisão dos “getulistas” *versus* “antigetulistas”. Na realidade, a oposição estava pautada nas agendas conservadoras e de nação subserviente, em oposição a uma agenda desenvolvimentista e trabalhista. Neste cenário, a chapa Juscelino Kubitschek e João Goulart, presidente e vice-presidente respectivamente, foi eleita em outubro de 1955, mas apenas em janeiro de 1956, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), proclamou os resultados, possibilitando a posse no dia 31 daquele mês, depois de um período turbulento com tentativas de golpes, estado de sítio, para impedir a posse dos eleitos (FGV, 1997b).

Quatro anos depois, a chapa Jânio Quadros e João Goulart toma posse para o quadriênio 1961-1964. Apesar de Quadros apresentar uma política interna considerada conservadora e alinhada aos Estados Unidos da América (EUA), na política externa adotou uma ação independente, contrária as ações armadas contra Cuba pelos EUA, e de aproximação com a China. A renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961, abriu uma grave crise política, pela resistência dos setores conservadores em aceitar a posse de João Goulart, que se realizou em 7 de setembro do mesmo ano (PAULA, 1997).

Em 31 de março de 1964, os militares efetivaram um Golpe de Estado e depuseram o presidente João Goulart, dando início a ditadura militar que perdurou até 1985. É nesse cenário turbulento, mas também inovador, que as políticas educacionais mais importantes para o Brasil se desenvolveram, segundo Teixeira (1998), Mendonça (2000; 2003) e Bufrem (2001).

Nas décadas de 1950 e 1960, com o desenvolvimento das burocracias estatais e das empresas de grande porte, segundo Mendonça (2000, p. 142), abriu-se um novo mercado de trabalho, disputado pela classe média, e o diploma universitário passou a ser garantia de acesso a esse mercado. Para a autora (2000, p. 143), a coordenação de Anísio Teixeira foi fator preponderante para que a CAPES se tornasse um órgão que promovesse e expandisse a pós-graduação no Brasil, garantindo que a pesquisa científica se desenvolvesse na universidade. Nessa ocasião, estava em tramitação o projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aprovada em dezembro de 1961, em que o centro do debate girava em torno da questão escola pública *versus* escola privada (PRESTES; REULCINÉIA; VALE, 2006, p. 142-143).

A expansão do nível superior de 1960 a 1967, é imensa, segundo Teixeira, sendo criadas “13 universidades federais, 4 universidades privadas católicas, 3 universidades privadas leigas, 1 universidade estadual e 255 unidades docentes, compreendendo estabelecimentos isolados e

novas unidades congregadas” (TEIXEIRA, 1998, p. 131). Para o autor (1998, p.132), esse aumento se justifica pela LDB (BRASIL, 1961b) ter ressaltado a participação do setor privado no segmento da educação. Teixeira (1998, p. 78-80) destaca algumas críticas, presentes no final da década de 1950, sobre a organização e estrutura universitária: em relação à cátedra; à compartimentalização da universidade, onde professores e alunos ficavam isolados em cursos especializados; e o perfil elitista da Universidade, que atendia a uma parcela mínima da população.

O movimento pela modernização do ensino superior no Brasil, atinge seu ápice com a criação da Universidade de Brasília (UnB), em 1961, no Governo João Goulart, como a mais moderna universidade do país, por sua organização institucional, tendo como fonte de inspiração Anísio Teixeira, um de seus mentores (MENDONÇA, 2000, p.144).

Para Ribeiro (1978), essa organização buscava uma libertação da opressiva burocracia ministerial exercida até então, propiciando sua liberdade e autonomia.

A UnB foi organizada como uma Fundação, a fim de libertá-la da opressão que o burocratismo ministerial exerce sobre as universidades federais. Ela deveria reger a si própria, livre e responsabilmente, não como uma empresa, mas como um serviço público e autônomo. (RIBEIRO, 1978, n.p)

A organização pedagógica-administrativa da UnB, segundo Mendonça (2000, p.144), destacou-se como um diferencial das experiências de instituição das demais universidades brasileiras.

Os estudantes ocupam a cena política do país com um grande movimento por uma Reforma Universitária, que se articulou aos movimentos populares em torno das reformas de base, trazendo ao país a retomada do nacionalismo com a promoção de reformas sociais e políticas (MENDONÇA, 2000, p. 145)

Coincidindo com o momento de intenso debate sobre as universidades e um projeto de reforma universitária, entre as décadas de 1950 e 1960, é que surgiram as primeiras editoras universitárias no Brasil, segundo Bufrem (2001, p. 47).

Para Fávero (2000), o golpe militar de 31 de março de 1964, trouxe mudanças dramáticas para a universidade brasileira.

[...] o que aconteceu em relação à universidade não está expressa muitas vezes nos dispositivos legais, mas ocorre fora dessas normas: a universidade, como a sociedade foi submetida a um regime de silêncio e até mesmo de terror. (FÁVERO, 2000, p. 103)

Hallewell (2017, p. 607) destaca que, para os cientistas políticos, o golpe de 1964 não foi apenas um golpe militar, já que foi apoiado por empresários nacionais que se articularam aos militares contra o governo do presidente João Goulart, entre eles aparecem os proprietários das editoras Agir, Francisco Alves, Globo, Kosmos, LTB, Monterey, Nacional, José Olympio e Vecchi.

Por outro lado, segundo Bufrem (2001, p. 47), as universidades públicas, e as suas editoras, foram duramente afetadas pelo golpe militar de 1964. Bufrem afirma que as universidades federais “passaram a ser espionadas e se tornaram laboratórios do exercício repressor” o que refletiu na produção editorial. “Livros e revistas eram recolhidos de livrarias e bibliotecas e levados ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). É nesse cenário que surgem as primeiras Editoras Universitárias (BUFREM, 2001, p. 49).

2.4 As Editoras Universitárias e sua importância no cenário nacional

A editoração universitária brasileira teve início na década de 1960. Bufrem, (2001, p.33) afirma que em algumas universidades, a Imprensa Universitária e/ou os serviços gráficos transformaram-se em editoras, com o passar do tempo, e até hoje há certa confusão entre os serviços gráficos e os serviços editoriais, em virtude da falta de exatidão do termo e uso da língua inglesa *university press* que designa, no Brasil, uma editora universitária.

Uma editora universitária no Brasil deve ser compreendida como “órgão da instituição de ensino superior responsável pela publicação de textos diversos selecionados previamente por um conselho ou comissão editorial”, que também se torna responsável pela divulgação e distribuição. Por publicação, segundo a autora, deve-se entender também “a divulgação e a circulação dos materiais impressos, independentemente do suporte utilizado”. Para a autora, as editoras universitárias foram sendo criadas, como órgãos que “selecionam, produzem e divulgam”, e organizadas com seus conselhos editoriais, com seus regimentos e normas próprias, definindo suas linhas editoriais.” (BUFREM, 2001, p. 33).

Para Bufrem (2001, p. 34) a existência de registros de publicações de periódicos, datados de trinta anos antes do surgimento das primeiras editoras universitárias brasileiras, não coincide com a finalidade de uma editora universitária. Esses periódicos, destaca a autora, apesar de serem aprovados por comissões editoriais, não tinham a devida divulgação e distribuição, e não eram comercializados.

Hallewell (2017, p. 698) declara que há registros de atividade editorial nas Universidades brasileiras a partir de 1955, e que a primeira editora universitária é a editora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Entretanto, Bufrem (2001, p. 36) afirma que as primeiras editoras universitárias brasileiras foram as editoras da UnB (1961) e da USP (1962), pois foram as primeiras editoras a serem criadas com os seus respectivos conselhos editoriais. A autora leva em consideração as datas informadas pelas editoras que tinham conselho editorial próprio, e reafirma que algumas editoras, só depois de alguns anos de existência, é que “criaram seus conselhos editoriais e formalizaram suas atividades com regimentos próprios” (BUFREM, 2001, p. 20)

Não há consenso sobre quais editoras foram as primeiras editoras do país, segundo Rosinha (2002), que destaca, como Bufrem (2001), a confusão entre a atividade editorial e industrial, desenvolvida pelas gráficas.

[...] divergência de informação se deve ao fato de grande número de editoras terem surgido informalmente dentro das Instituições, a partir de pequenos núcleos de publicações ou dentro das gráficas universitárias, sendo, a atividade editorial confundida com a atividade industrial não havendo documentação comprobatória precisa sobre o início, de fato, das atividades editoriais propriamente ditas. (ROSINHA, 2002, p. 2)

Bufrem (2001, p. 36) afirma que, depois da criação das Editoras UnB e EDUSP, entre 1963 e 1971, não houve registro de um crescimento significativo de editoras universitárias e que, coincidindo com o período autoritário no país, só as imprensas e gráficas universitárias desenvolveram suas atividades, em sua maioria voltada a confecção de material administrativo. Na década de 1970, apenas uma editora foi criada: a Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em março de 1971 (UFRGS, 2021)

O surgimento da edição universitária, no Brasil, tem em seu contexto, tanto um movimento pré-reformas quanto as consequências do golpe militar e mais tarde da reforma, efetivada pelo Decreto-Lei nº 5540, de 1968 (BUFREM, 2001, p. 45)

As duas primeiras editoras universitárias, eram vinculadas às duas universidades mais perseguidas pela repressão implementada após o Golpe de 1964. O *campus* da UnB foi invadido por 400 soldados da polícia de Minas Gerais, em 1964, em que revistaram salas de aula, pessoas, interditaram bibliotecas e recolheram livros que consideravam “subversivos”. Na USP, o “terrorismo cultural” foi observado através da designação de “comissões secretas que denunciavam a simples existência de ideias” (BUFREM, 2001, p. 50)

Bufrem (2001, p. 50) destaca uma cisão entre a efervescência ideológica dos *campi* e a gestão tecnocrática entre as universidades e suas editoras. Segundo a autora, a Editora UnB, que foi criada com a universidade em 1961, iniciou suas atividades editoriais em 1962 e, em 1963, publicou dez títulos, mas nenhum deles foi publicado em 1964, e apenas cinco, em 1965, reflexos de uma brutal intervenção dos militares. A exemplo das Editoras Civilização Brasileira e a Companhia Editora Nacional, a Editora da Universidade de Brasília (UnB) iniciou, em 1963, a “Coleção Biblioteca Básica Brasileira”, dirigida por Darcy Ribeiro, publicando os primeiros dez volumes de uma coleção que deveria ter 50 títulos (BUFREM, 2001, p. 275). Estão entre os livros publicados, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda; *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre; *A formação econômica do Brasil*, de Celso Furtado; *Os sertões*, de Euclides da Cunha; e *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida (COLEÇÃO..., 2014). Em 1982, já em processo de redemocratização no país, a Editora UnB editou 124 títulos.

Em 2014, a Editora UnB, a Fundação Biblioteca Nacional e a Fundação Darcy Ribeiro, reeditaram a “Coleção Biblioteca Básica Brasileira”, a partir do projeto inicial, idealizado por Darcy Ribeiro, em 1961. Foram selecionadas, para este projeto 50 obras que estavam em domínio público, que foram editadas no Brasil a partir do século XVI, e que fossem essenciais para quisesse conhecer o Brasil (COLEÇÃO..., 2014)

Neste mesmo período de abertura política, registra-se um crescimento das editoras universitárias, pela equivalência de interesses, por um lado, dos diretores das gráficas de universidades federais que, desde 1976, se reuniam para discutir sobre a padronização dos impressos, dos custos, e de um melhor aproveitamento dos equipamentos; e, por outro, do Ministério de Educação (MEC), que cria o Programa de Estímulo à Editoração do Trabalho Intelectual nas Instituições de Ensino Superior (Proed), em 1981, para apoiar o avanço do desenvolvimento científico e tecnológico nacional (DA COSTA, 1992 apud GUEDES e PEREIRA, 2000, p. 78)

Segundo Marques Neto, as editoras universitárias brasileiras, públicas e comunitárias, foram criadas sem fins lucrativos e sem os indicadores comerciais do mercado editorial, pressupondo sua prioridade ao aspecto cultural. Para o autor é o fato de serem instituições públicas, que lhes garantem desenvolver projetos de interesse científico e cultural, e preservar a cultura e a produção acadêmica nacional e local (MARQUES NETO, 2000, p. 171)

2.4.1 O modelo EDUSP

A EDUSP, criada em 1962, publicou cem títulos nos dois primeiros anos de existência, e de 1964 até 1988 publicou cerca de dois mil títulos, exclusivamente em regime de coedição com editoras privadas (MARTINS FILHO E ROLLEMBERG 2001, p.22)

Martins Filho e Rollemberg (2001, p 30) declaram que a EDUSP ao aderir exclusivamente ao sistema de coedição com a iniciativa privada, funcionava como “órgão agenciador de financiamento a “fundo perdido”. Segundo Martins Filho e Rollemberg, para os autores que entregavam seus textos para publicação, o mais grave nessas “práticas clientelistas”, foi o fato do *copyright*¹¹ não pertencer à EDUSP, e sim à editora privada, no regime de coedição. A EDUSP não tinha nenhum tipo de contrato que lhe garantisse os direitos de coeditora, nenhum contrato de cessão de direitos com o autor, ou seja, se a EDUSP quisesse reeditar qualquer um dos títulos publicados naquela ocasião, não poderia, segundo os autores (2001, p. 30)

O sistema de coedição consistia em permitir que a editora privada que estivesse interessada em coeditar, enviasse o original para avaliação; a EDUSP abria um processo; o presidente da Editora enviava o texto a um parecerista, especialista na área, para emissão de um parecer. Após o recebimento do parecer o presidente encaminhava à uma comissão editorial que decidia pela aprovação ou não do original. Caso o texto fosse aprovado, a editora privada enviava um orçamento à EDUSP, e a editora privada oferecia descontos entre 30 e 40% sobre o preço de capa. Martins Filho e Rollemberg (2001, p. 34) destacam que a comissão decidia quantos exemplares a EDUSP deveria comprar apresentando-se como um modelo de negócios comprometedor.

É importante observar que este é o desconto normalmente dado às livrarias pelas editoras e não o desconto que se dá ao distribuidor, que varia entre 50 e 60%. A EDUSP, dessa forma, comprava a preço de livraria e não a preço de distribuidor e já saía perdendo logo no começo da negociação.

Como as aquisições feitas pela EDUSP eram quase de um terço da tiragem, o que ela pagava à editora privada cobria todos os custos gráficos e editoriais da obra e esta não corria nenhum risco comercial. Tratava-se de um serviço tranquilo, sem ônus, com certeza de sucesso e, ainda por cima, com a chancela da Universidade de São Paulo. Nada mau. (MARTINS FILHO E ROLLEMBERG, 2001, p. 34)

¹¹ *Copyright* é o direito autoral, propriedade literária, da obra.

Segundo os autores, a direção da EDUSP limitava-se, de forma exclusiva, a comercialização dos livros coeditados nas livrarias dos *campi* da USP, tanto na capital, como no interior de São Paulo, diretamente ao leitor. Dessa forma, segundo Martins Filho e Rollemberg, “fora dos muros da Universidade, a EDUSP era uma abstração”. Para os autores, as editoras privadas, tinham os direitos de edição, distribuíam a maioria da tiragem no mercado livreiro por todo o país e, portanto, divulgavam sua marca para o grande público, “e de pouco ou nada valia o brasão da editora estampada na capa do volume” (MARTINS FILHO E ROLLEMBERG, 2001, p.30)

Somente a partir de 1988, na gestão do professor João Alexandre Barbosa na presidência da EDUSP, é que foram identificados os vícios criados pelas coedições, onde evidenciou-se que o “modelo” promoveu privilégios para algumas poucas editoras que monopolizaram o seu catálogo de coedições (MARTINS FILHO; ROLLEMBERG, 2001, p 36).

Segundo os autores (2001, p. 36), o resultado dessa política de coedição foi a publicação de dois mil títulos em coedição e cerca de cem títulos próprios, dos quais metade desses não estão garantidos por contratos de cessão pela EDUSP.

Esse regime era um claro favorecimento à editora particular em detrimento da editora universitária pública – e um inegável contra-senso. Possibilitou a algumas editoras particulares a formação de um extenso acervo editorial, enquanto a EDUSP não possuía qualquer parcela dos direitos da publicação sobre um título sequer. Há casos que foram co-editados mais de duzentos títulos com uma única editora. Exemplos claros dessa formação de acervo editorial alheio, podem ser bem dimensionados quando observamos quantos títulos determinadas editoras publicaram em parceria com a EDUSP, ficando sempre com a fatia mais saborosa desse bolo editorial. A Itatiaia editou 244 títulos, enquanto a EPU publicou 242 e Edgar Blücher, 237. (MARTINS FILHO; ROLLEMBERG, 2001, p 36).

O ano de 1988 é considerado pela EDUSP, segundo Martins Filho e Rollemberg (2001, p. 36), como o ano de sua “refundação” e reestruturação, em que se inicia um projeto de se constituir, verdadeiramente, como uma editora universitária.

2.4.2 Editoras Universitárias não são editoras comerciais

A experiência da EDUSP trouxe ao ambiente das editoras universitárias um debate sobre a natureza das Editoras: elas são editoras comerciais? Qual deve ser sua relação com o mercado?

Bufrem (2001, p. 21) afirma que para a efetividade da divulgação de saberes desenvolvidos pelas universidades, a editoração sempre foi considerada fundamental. Desse

modo, a autora afirma que o papel de uma editora universitária é “assegurar o fluxo de informação entre a universidade e a sociedade”.

Meadows (1999, p. 58-59), afirma que as editoras universitárias foram concebidas como canais de divulgação e comunicação de pesquisas científicas, produção que sem as universidades, se tornaria inviável sua publicação.

A editoras universitárias se diferenciam das editoras comerciais, porque além de não visarem o lucro, tem objetivos diferentes. As editoras universitárias podem ser consideradas como projetos culturais, uma vez que o principal objetivo está na “a difusão do conhecimento e da cultura produzidos por sua comunidade acadêmica” (MARTINS FILHO; ROLLEMBERG, 2001, p. 49).

[...] desenvolve-se no contexto dos propósitos universitários e das funções que historicamente lhe são conferidas pela sociedade à qual serve, mesmo que, em princípio, esses propósitos sejam profundamente diferentes daqueles que animam a indústria editorial [...] (MARTINS FILHO e ROLLEMBERG, 2001, p. 47-48).

Bufrem (2001, p. 20) afirma que os projetos editoriais universitários “visam prioritariamente atender às funções básicas de ensino, pesquisa e extensão” corroborando com a definição da editora universitária como um projeto cultural.

Já para Marques Neto (2003, p. 9), uma editora universitária é uma empresa cultural, que media a relação entre o autor e o leitor. Para o autor, a atividade desenvolvida por uma editora universitária é “como uma atividade organizada, autossustentável, estruturada sobre planos estratégicos e que exerça as indispensáveis autonomias editorial, administrativa e financeira”.

A produção editorial de uma editora universitária se preocupa com a divulgação do conhecimento e da cultura, “sem que haja a preocupação excessiva, que em geral rege as editoras comuns, de ajustamento [...] às condições do mercado. Nessa medida, constitui patrimônio e obra coletiva por natureza e imagem de realização da própria universidade” (MARTINS FILHO; ROLLEMBERG, 2001, p. 49).

Para Bufrem (2001, p. 80) a missão das editoras universitárias foi sendo definida pela difusão do conhecimento e da cultura produzidos pela universidade para a sociedade, através da publicação de livros ou periódicos científicos. Missão que, segundo a autora, precisava de organização e de visibilidade.

2.5 ABEU: a organização das Editoras Universitárias

Para Bufrem (2001, p. 36) é a partir de 1980, que se percebe o crescimento do número de editoras universitárias no Brasil.

Segundo Ribeiro (2018, p. 21) a Editora UFRJ, que a partir de 1986 começou seu projeto editorial, está na lista das editoras que surgem nessa década.

As editoras universitárias, segundo Marques Neto (2003, p. 6), passaram, a partir de 1987, com a criação da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU), a se apresentar com um perfil mais profissional e com projetos inovadores em busca de seus leitores.

A década de 1980 propiciou diversas iniciativas políticas e eventos que marcaram a evolução das editoras universitárias. O I Encontro Nordestino de Editoras, organizado pela Universidade Federal do Ceará (UFC), segundo Ribeiro (2018, p. 15), realizado em 1982, marcou a forte presença das editoras universitárias do Nordeste, e foi de grande importância para a criação de uma sistemática de distribuição universitária do livro. No referido encontro, o Professor Ailton Sampaio, Diretor do Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia (UFBA)¹², apresentou uma proposta para a circulação da produção das editoras universitárias, de intercâmbio entre as editoras nordestinas, que teve seu início a partir daquele evento, que dinamizou as referidas publicações (ABEU, 2017).

O I Seminário Nacional das Editoras Universitárias (SNEU) foi realizado pela Editora da Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1984, e reuniu editores de todo o Brasil, para discutir a editoração universitária. O I SNEU avaliou a nova sistemática de distribuição dos livros, iniciada em 1982, durante o I Encontro Nordestino das Editoras, e o denominou de Programa Interuniversitário para a Distribuição do Livro (PIDL). A avaliação permitiu identificar os entraves existentes à participação de algumas editoras, e adotar medidas para tornar possível a ampliação do número de editoras participantes que, inicialmente, era de 12 editoras universitárias. Segundo Ribeiro (2018, p.15), as medidas envolveram maior divulgação e esclarecimento sobre o funcionamento do Programa, além de lutar pelo reconhecimento oficial por parte do Ministério da Educação.

O PIDL permaneceu ativo, e em 2010, na assembleia geral da ABEU, foi aprovada uma revisão do programa, realizada por um grupo de trabalho, do qual a autora desta pesquisa foi

¹² O Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia foi transformado pelo Conselho Universitário em Editora Universitária em 1991, EDUFBA, como é conhecida atualmente (UFBA,2021)

integrante, como representante da Editora UFRJ, e que contou com a contribuição de várias editoras universitárias (ABEU, 2010).

Bufrem (2001, p. 88) afirma que o PIDL teve como objetivo principal divulgar e distribuir os livros produzidos pelas editoras universitárias. Os Seminários, além de promoverem um maior intercâmbio entre as editoras universitárias, no âmbito da distribuição do livro, também estabeleciam um canal de cooperação e consultorias técnicas, na obtenção de pareceres (BUFREM, 2001, p. 86). Os SNEUs prosseguiram, realizando seus encontros nas universidades públicas sob a organização das editoras universitárias. Em 1985, na Universidade Federal da Bahia – UFBA (BUFREM, 2001, p. 88); em 1986, na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (BUFREM, 2001, p. 89); em 1987, na Universidade Federal de Goiás – UFG (BUFREM, 2001, p. 96)

O IV Seminário Nacional de Editoras Universitárias, realizado na UFG, em 2 de setembro de 1987, é considerado, segundo a autora, um marco para as editoras universitárias pela criação da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU), e ao definir seus objetivos e finalidades (BUFREM, 2001, p. 97)

[...] congregar editoras universitárias e pessoas físicas e jurídicas ligadas ao desenvolvimento, aprimoramento e distribuição da produção editorial universitária; organizar e promover coedições de obras de cunho cultural e incentivar a pesquisa e a formação na área de editoração universitária; fomentar o intercâmbio entre editoras universitárias e outras entidades congêneres do país e do exterior. (ABEU, 2017b)

Em levantamento realizado nos documentos publicados pela ABEU (2015-2021), verifica-se que, desde a sua fundação, a associação vem cumprindo seus objetivos na promoção da cultura e de socialização do conhecimento, através da difusão do livro universitário. Identificamos, a existência de 123 editoras universitárias associadas, o acesso aos catálogos das associadas ao público está disponível na sua *website*, dando visibilidade ao livro técnico-científico e pedagógico, com a difusão do conhecimento produzido nas Instituições de Ensino Superior, públicas e privadas.

A maioria das editoras universitárias organizou o seu catálogo com a publicação de livros avulsos, séries e coleções. A Editora UFRN, por exemplo, segundo Pereira (2012, p. 114), publicou 17 (dezesete) coleções, como um suporte de mediação, para que o conhecimento produzido na Universidade chegasse à sociedade. A primeira coleção foi a “Coleção Autores Potiguaras”, publicada em 1980 e fez parte do “Projeto Memória”, da UFRN.

A partir de 1999, as editoras universitárias da região Nordeste se uniram para publicar a “Coleção Nordestina”, que hoje conta com 108 livros. A “Coleção Nordestina” vem desde

então, publicando e reeditando obras que representam a produção intelectual do Nordeste brasileiro, preservando seu patrimônio cultural e construindo a memória da região. (ABEU, 1999)

A Editora UFRJ, a partir de 1992, lançou sua primeira coleção, a “Coleção Risco Original”, prestigiando a política de preservação do patrimônio e a memória nacional. Acreditamos que a Editora UFRJ, com seus livros e coleções publicadas, atua como protetora da memória, evitando o esquecimento e preservando vestígios de um passado editorial, não só da comunidade acadêmica nacional, como a de outros autores e autoras brasileiros(as) que sejam reconhecidamente importantes para o pensamento social brasileiro.

Segundo Bufrem (2001, p.86), os movimentos e as iniciativas do setor editorial universitário contribuíram para o desenvolvimento das editoras universitárias brasileiras, a ponto de definirem um campo de produção cultural autônomo que integra essas editoras. Esses eventos ajudaram, e ajudam, segundo a autora, a discutir e resolver os problemas enfrentados pelo setor editorial acadêmico, e permitem uma constante verificação qualitativa da atividade (BUFREM, 2001, p. 86).

O Proed, criado pelo MEC, inicialmente, restrito às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) apresentava entre seus objetivos, segundo Bufrem (2001, p. 91), o de estimular a publicação da produção científica e intelectual. A partir da apresentação do documento *Programa de Apoio à Educação Superior: Nova Universidade*, pelo governo federal, o Proed passou a ser acessível à todas as Instituições de Ensino Superior – IES, independentemente de seu vínculo administrativo, público ou privado (MEC, 1985). No Programa (MEC, 1985), os princípios básicos se destacam pela publicação de trabalhos preferencialmente de docentes; pela prioridade ao livro-texto para graduação nas áreas em que a bibliografia existente é precária; pela valorização dos assuntos relacionados com a região em que a editora universitária está inserida; pelo fortalecimento dos conselhos editoriais para seleção rigorosa dos textos; e pelo sistema de coedições com editoras privadas e outros órgãos.

A denominada “Lei Sarney” (BRASIL, 1986), sob gestão do Ministério da Cultura (MinC) e da Secretaria da Receita Federal do Ministério da Fazenda, foi, segundo Bufrem (2001, p. 58), a primeira norma legal de incentivo ao fomento à cultura envolvendo empresas, em que era possível o financiamento, por meio de renúncia fiscal, de ações realizadas por produtores artísticos, que tivessem registro no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural (CNPJ). Para a autora (2001, p. 59), a lei foi um dispositivo para estimular a iniciativa privada, uma espécie de estímulo público, para o mecenato privado. Bufrem (2001,

p. 59) destaca que os livros não eram muito atrativos, ficando prejudicados em relação às outras formas de impacto promocional, como os festivais de música e dança, feiras e exposições.

Este processo de incentivo à cultura, é registrado por Hallewell (2017, p. 699) ao identificar o ápice do desenvolvimento do setor editorial acadêmico brasileiro, ocorrido no final década de 1980, com a criação de mais 26 editoras universitárias.

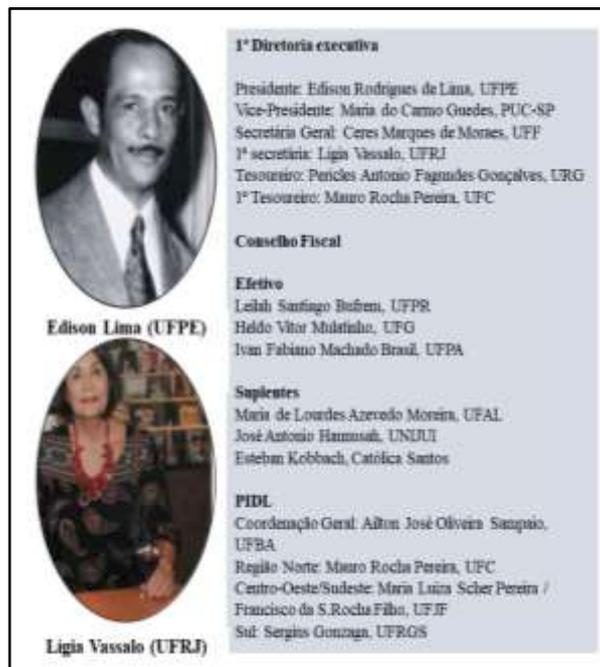
Segundo Bufrem (2001, p. 135), os projetos políticos das editoras universitárias passam a apresentar como atribuições a de contribuir para atingir as finalidades da instituição a que a editora pertence, e de inclusão do requisito da aprovação da política editorial, pelo Conselho Editorial. Para a autora (2001, p. 136) o conselho, por sua composição competente e respeitada academicamente, possibilita uma fundamentação científica à política editorial, para que haja confiabilidade dos autores, pois para eles é fundamental que haja qualidade e independência dos conselhos.

Conforme registros levantados na pesquisa (BUFREM, 2008, p.27), a comissão formada para desenvolver os primeiros estudos para a criação da Associação, foi formada pelos profissionais: Maria do Carmo Guedes, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Timothy Mulholland (UnB); Edson José dos Santos, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Luiz Oswaldo Leite (UFRGS); e Salim Miguel, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Editores, administradores e servidores públicos que, na década de 1980, fundaram a ABEU, e fazem parte da história da organização das Editoras Universitárias no Brasil. No âmbito dessa pesquisa, cujo foco é a Editora da UFRJ e suas publicações, consideramos necessário destacar a importância dessas pessoas, numa perspectiva de identificação do contexto em que foi criada.

A primeira diretoria executiva da ABEU teve como presidente o professor Edson Rodrigues de Lima, da UFPE, e a participação de representantes das Editoras da PUC-SP, da UFF, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), da UFC e da UFRJ, com a participação da Prof.^a Lígia Vassalo, como 1^a secretária. (FIGURA 3)

A ABEU, em 2017, completou 30 anos e continua a atuar de forma ativa junto as editoras universitárias. As diferentes formas de vinculação jurídica e institucional das editoras universitárias públicas e privadas que são filiadas à ABEU provocaram o questionamento do que essas editoras têm comum e do que é possível construir nesta direção. A união dessas editoras consiste em encontrar caminhos conjuntos para enfrentar os desafios que se apresentam, conforme registrado em seu website (ABEU, 2022), na galeria de fotos (FIGURA 4).

Figura 3 – 1ª Diretoria da ABEU



Fonte: compilação da autora¹³

Figura 4 – ABEU: 30 anos



Fonte: compilação da autora¹⁴

¹³ Montagem a partir de imagens presentes na Galeria de fotos da ABEU, Galeria de Diretores. Disponível em <https://www.abeu.org.br/timeline/>. Acesso em 16.set.2021

¹⁴ Montagem a partir de imagens presentes na Galeria de fotos da ABEU, disponível em <https://www.abeu.org.br/album-de-fotos/>; no Twitter do Arquivo Nacional, disponível em <https://twitter.com/arquivobrasil/status/1167519574843154432> e em pesquisa pública na plataforma google. Acesso em 16.set.2021

A Associação realizou em 2022 sua reunião anual, e reafirma seus princípios fundadores, como verificado na carta aprovada sob o título “Por uma política nacional do livro universitário: conhecimento e ciência a favor da democracia” (ABEU, 2022b).

2.6 A Memória das Editoras Universitárias

Para Bufrem (2008, p. 29), os jovens dirigentes das editoras universitárias souberam analisar o contexto político e social da época e as necessidades institucionais, e com isso contribuíram para a criação de regulamentos e princípios próprios, resultando na caracterização de um campo de produção simbólica autônomo. A autora (2008, p. 29), afirma que foi a motivação, a união e o esforço coletivo daqueles que ela considera os “jovens editores históricos”, alguns “que ainda estão vivos”, que são responsáveis por “promover a cultura e socializar o conhecimento através da produção e difusão do livro universitário”.

Importante destacar que muito da experiência brasileira de editoração universitária e sua evolução a partir dos serviços gráficos, das imprensas universitárias, foi escrito por dirigentes, ex-dirigentes, e por seus técnicos-administrativos e docentes, cada vez mais qualificados, como é o caso de alguns autores citados nessa pesquisa, como Leilah Bufrem (UFPR), Maria do Carmo Guedes (PUC-SP), José Castilho Neto, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Flávia Garcia Rosa (UFBA), João Canossa, da Editora da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e Plínio Martins Filho (USP).

Nas pesquisas que têm como foco as editoras universitárias e o livro universitário, nem sempre a temática sobre memória ganha destaque, além de tratarem de assuntos diferentes dos propostos nesta pesquisa. Mas se justificam, pela busca de referencial teórico, e por isso, o levantamento de pesquisas similares, que tivessem nas editoras universitárias um espaço de vivência e de memória.

Trabalhos que tratam da construção da memória de algumas editoras universitárias e estão recheadas de informações, de memórias, sugerem sua preservação como patrimônio público cultural, e foram realizadas por profissionais que trabalham nas editoras universitárias foram de interesse de nossa pesquisa e estão relacionados na Tabela 2.

Tabela 2: Dissertações de mestrado encontradas que tratam das editoras universitárias

Dissertação	Autor(a)/Ano	Instituição/Curso	Objetivo	Metodologia
Memória da produção editorial científica da EDUFRN: 1962 a 1980	PEREIRA, Francisca Sirleide 2012	Mestrado em ciência da informação) - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Apontar que a produção editorial científica da Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EDUFRN), entre os anos de 1962 e 1980, é compreendida como artefato de memória.	Pesquisa e análise documental História oral
Edição de livros digitais e uso da plataforma SciELO por editoras universitárias brasileiras	ALVES, Maíra de Oliveira 2016	Mestrado em Comunicação Social- Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	Investigar a edição de livros digitais e eletrônicos por editoras universitárias brasileiras, no portal SciELO Livros, especialmente por meio do acesso aberto.	Pesquisa e análise documental Entrevistas
Editora UFMG: Avaliação de sua trajetória	SOARES, Denise Ribeiro 2016	Programa de Pós-Graduação em Administração (Mestrado Profissional). Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo - MG	Avaliar a história da Editora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), desde sua fundação, em 1985 a 2015, onde concluiu que a Editora UFMG vem cumprindo, o seu papel transmissor do conhecimento produzido dentro e fora da UFMG.	Pesquisa e análise documental História oral
Comercialização nas editoras universitárias federais do Brasil: práticas de gestão	FIORI, Carla Rosani Silva 2018	Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária (Mestrado Profissional). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Apresentar a questão da comercialização das editoras universitárias, de comercialização das editoras universitárias federais brasileiras e, em particular, na Editora UFSC.	Pesquisa e análise documental

Fonte: Elaborado pela autora

Ausente da historiografia oficial da UFRJ, apresentaremos no próximo capítulo, o processo de criação e materialização da Editora UFRJ, quando começa a publicar o resultado das pesquisas em curso na Universidade (dissertações e teses) e ao mesmo tempo a resguardar o patrimônio cultural da Universidade, buscando contribuir para este arcabouço nacional, de construção da memória social.

CAPÍTULO III - CRIAÇÃO E MATERIALIZAÇÃO DA EDITORA UFRJ

Este capítulo tem por objetivo recuperar o processo de criação e de constituição da Editora UFRJ, no contexto dos anos 1980 e 1990, duas décadas de grande importância no processo de democratização da sociedade brasileira e, principalmente após a promulgação da Carta Magna (BRASIL, 1988).

Para esta etapa de nossa pesquisa, recuperamos parte do trabalho realizado no âmbito do Curso de Especialização em Políticas Públicas e Instituições Federais de Ensino Superior, com a publicação “Editora UFRJ, como tudo começou” (RIBEIRO, 2018), conforme mencionado na Introdução, pela originalidade em tratar o tema, possibilitando introduzir nosso olhar na memória institucional. Nessa ocasião, buscamos recuperar o período inicial da criação da Editora, e em consonância com Thiesen (2013, p.252), identificamos que quando existe o desejo de reconstruir o passado, somos levados a procurar as lembranças onde elas estiverem, no consciente, no inconsciente e principalmente nos materiais da memória, nos relatos de pessoas que compartilharam as mesmas experiências e no caso de uma editora, em seus livros.

A seguir, apresentaremos em três subtítulos, os momentos que marcaram o início da Editora e de suas publicações, no âmbito da centenária UFRJ.

3.1 Como tudo começou

Segundo Fávero (2001, p. 53), em 1937, a então URJ, passa a se chamar Universidade do Brasil (BRASIL, 1937), e no mesmo ano, o Conselho Universitário concede o título de Doutor *Honoris Causa* ao então Presidente da República, Getúlio Vargas, por unanimidade.

A então Universidade do Brasil (UB), passa a incorporar outras escolas e faculdades nacionais, como as de Belas Artes e Música (BRASIL, 1937), e em 1965, quando há modificação nas denominações das universidades localizadas nas cidades do Rio de Janeiro e de Niterói, recebe seu nome atual: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (BRASIL, 1965).

A primeira vez que a palavra “editora” surge na universidade, tratava-se de uma solicitação de “criação de uma editora universitária”, na então UB, e tem origem no Ofício nº 2/1946¹⁵ (RIBEIRO, 2018, ANEXO III), emitido pela Associação dos Antigos Alunos da Faculdade Nacional de Medicina, pelo Diretório Acadêmico da Faculdade Nacional de

¹⁵ Ofício nº 2/1946, está inserido no processo aberto no ministério com assunto: “sugestão s/a criação da “Editora da Universidade do Brasil” (BRASIL, 1946)

Medicina e pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE). O referido documento foi encaminhado ao reitor em exercício¹⁶, professor Carlos Américo Barbosa de Oliveira, solicitando que o ofício chegasse às mãos do Presidente da República, Sr. José Linhares, através do Ministro de Estado da Educação e Saúde, Sr. Raul Leitão da Cunha (ex-reitor da Universidade do Brasil).

[...] mui respeitosamente, solicitar a devida vênua para sugerir ao atual Governo, como medida de solução do secular e magno problema das publicações acessíveis as bolsas dos universitários e do povo brasileiro em geral, a criação da “Editora da Universidade do Brasil” com a transferência para o patrimônio da Universidade do Brasil de parte do maquinário das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional [...]. (BRASIL, 1946)

Segundo os documentos analisados, os alunos solicitavam a transferência das oficinas gráficas que pertenciam ao vespertino “A Noite”, e de outros jornais que pertenciam a empresas que haviam sido incorporadas ao patrimônio nacional, possibilitando assim, a criação de uma editora, e que essa passasse a imprimir livros didáticos, revistas, anuários etc. O reitor em exercício encaminhou um Ofício¹⁷ (RIBEIRO, 2018, ANEXO IV), no dia 10 de janeiro de 1946, ao Ministro da Educação e Saúde, Raul Leitão da Cunha, mas não há registro sobre uma resposta oficial. Não há documentação que confirme a criação de uma editora na universidade na década de 1940.

Bufrem (2001, p.33) afirma que havia uma confusão quanto as atribuições dos serviços gráficos e dos serviços editoriais, não só pela imprecisão dos termos e pelo uso em inglês do termo *university press*, mas também pela falta de uma definição do que seria uma editora universitária.

No Boletim de Psicologia (UFRJ, 1952)¹⁸, que passou a ser impresso pela UB a partir de 1952, e no Boletim do Museu Nacional nº 16 (UFRJ, 1954), impresso em 30 de outubro de 1954, encontramos referências a existência das “Oficinas Gráficas da Universidade do Brasil”. Esses registros mostram a existência de uma gráfica universitária nos anos 1950, entretanto, não há menção de existência de uma Editora nesse período.

Em 1965, segundo Fávero (2000, p. 105) com a mudança de denominação de UB para UFRJ, a universidade vive o processo de reforma universitária, que teve seu marco mais

¹⁶ Reitor da UFRJ em 1946 era o Prof. Ignácio Manuel Azevedo do Amaral

¹⁷ Ofício nº 93/46-S/85, de 10 de janeiro de 1946, está inserido no processo aberto no ministério com assunto: “sugestão s/a criação da “Editora da Universidade do Brasil” (BRASIL, 1946)

¹⁸ Na página da web do Instituto de Psicologia da UFRJ encontramos o texto sobre o histórico da unidade em que informa a publicação do Boletim de Psicologia em 1951, e que a partir de 1952 passou a ser impresso nas Oficinas Gráficas da Universidade.

significativo no Decreto-Lei nº 53 (BRASIL, 1966). A reforma fixa os princípios e normas de organização para as universidades federais e determina um Plano de Reestruturação para a UFRJ, através do Decreto nº. 60.455-A (BRASIL, 1967).

No referido plano (BRASIL, 1967) foi previsto a criação do Fórum de Ciência e Cultura, destinado ao “debate e síntese das pesquisas referentes ao progresso dos vários setores de conhecimentos, ao estudo de problemas brasileiros e à ação e difusão científica e cultural” e, como órgão integrante do FCC, a “Editôra Universitária” (BRASIL, 1967). Na pesquisa documental realizada, não foi identificada a instituição de uma estrutura física e de recursos humanos para implementação da Editora, prevista no Plano de Reestruturação. Somente a partir de 1985, é que surgem, nos documentos da UFRJ, o início do processo de criação de uma editora universitária.

Segundo Netto (2014, p. 17), de 1964 a 1985, o Brasil passou por uma ditadura civil-militar, que em 1985, “saiu pela porta dos fundos”, e que se deu, então, o início do período denominado de Nova República, com a eleição indireta de Tancredo Neves à presidência que, em função de seu falecimento, foi ocupada pelo Vice-presidente, José Sarney (NETTO, 2014, p. 249). É no processo, de transição da ditadura civil-militar à democracia, que ocorre a eleição do primeiro Reitor da UFRJ (1985) e o retorno da eleição do Presidente do Brasil (1989).

A comunidade universitária da UFRJ elegeu¹⁹ Horácio Cintra de Magalhães Macedo (*in memoriam*), professor do Instituto de Química, que teve um papel fundamental na luta pela autonomia universitária e na defesa da educação pública e gratuita, de qualidade, segundo Castro (2013, p. 33). O autor destaca que a gestão de Macedo (1985-1989) foi marcada por avanços na política de ensino, pesquisa e extensão e pela retomada de um processo de valorização das Ciências Humanas e das Artes, áreas duramente afetadas durante o regime militar.

Segundo Thiesen (2013, p. 163) uma instituição é uma prática coletiva, uma produção social e cultural, são negociações coletivas que se estabelecem no contexto das relações sociais. O momento vivido na UFRJ, durante a gestão de Macedo era o de redemocratização da universidade, que estava em sintonia com a luta pela redemocratização do Brasil, onde as características das instituições identificadas por Thiesen (2013), como exterioridade, interioridade, objetividade, coercitividade, resistência à mudança, reprodutibilidade, legitimidade, seletividade, historicidade, temporalidade, conflitualidade e socialização, no

¹⁹ O processo obedeceu a legislação então vigente, de organização da lista sêxtupla pelo Colégio Eleitoral, composto pelos colegiados superiores, e enviada ao presidente da República na época, mas foi a primeira universidade a proceder a uma consulta eleitoral à comunidade e o resultado respeitado (CASTRO, 2013).

contexto das relações sociais, se faziam presentes. O papel de integração desses relacionamentos difusos de poder coube à essa gestão.

E como destaca Halbwachs (1990, p. 60), “Não é uma história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória.” E dessa forma, a história vivida na UFRJ é fundamental para a construção de sua memória.

O plano de trabalho da Reitoria eleita apresentava a proposta de criação de uma Editora para a UFRJ, com o reconhecimento pela demanda reprimida por publicações na universidade e assumiu a necessidade de criação de uma editora (RIBEIRO, 2018 p. 74). Em setembro de 1985, coube à Sub-Reitoria de Ensino para Graduados e Pesquisa (SR-2)²⁰, através de seu Sub-reitor, Professor Paulo Alcântara Gomes, tomar a iniciativa de desenvolver o “Projeto Editorial SR-2” que depois passou a ser denominado “Programa de Ação Editorial SR-2” (RIBEIRO, 2018, p.21).

O “Programa de Ação Editorial SR-2” teve como objetivo a disseminação da produção científica, técnica, cultural e artística dos docentes da UFRJ envolvidos com atividades de pesquisa, e compreenderia as seguintes modalidades de publicação: dissertações de mestrado e teses de doutorado, memórias, relatórios técnicos, textos para discussão, artigos, com conteúdo dirigido para os cursos de graduação e pós-graduação, nos mais variados suportes: disquetes e livros. As primeiras publicações da Editora UFRJ integraram uma coletânea de textos de autoria dos professores do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS). O Programa Editorial passou a se constituir numa Divisão da SR-2, na qual foram tomadas todas as iniciativas, desde a sua concepção, até a sua implantação da editora, com o apoio do Conselho de Ensino Para Graduados e Pesquisa (CEPG). (RIBEIRO, 2018, p. 21).

A primeira Coordenadora Executiva do Programa de Ação Editorial da UFRJ, professora Ligia Maria Pondé Vassallo, da Faculdade de Letras, foi nomeada em 30 de abril de 1986, através da Portaria nº 477, publicada no Boletim UFRJ nº 19, de 8 de maio de 1986 (UFRJ, 1986). A coordenadora passou a participar, e representar, a UFRJ em todos os SNEUs. Em 1987, no seminário que aprovou a criação da ABEU, a Editora UFRJ foi uma das sócias-fundadoras, sob o número de filiação 11, e participando da 1ª diretoria executiva, na função de primeira-secretária da entidade. A Editora UFRJ esteve presente nas primeiras gestões da ABEU de 1987-1989 e de 1989-1991 (ABEU, 1987;1989).

De acordo com os documentos analisados, o anteprojeto de resolução da Editora UFRJ, foi submetido ao CEPG, pelo sub-reitor, em 27 de março de 1987, no qual solicita a autorização

²⁰ Em 2003, há alteração da nomenclatura para a atual Pró-Reitoria de Ensino para Graduados e Pesquisa (PR-2) e o CEPG passa ser denominado Conselho Para Graduados (UFRJ,2003).

para seu funcionamento e apresenta um regulamento provisório, que é utilizado para a concretização dos convênios e contratos com outras editoras universitárias. O Conselho Universitário da UFRJ, aprova, em 09 de julho de 1987, o anteprojeto de resolução (RIBEIRO, 2018, ANEXO XI), assim como o regimento provisório, com algumas alterações. Conforme consta do processo (RIBEIRO, 2018, ANEXO XII). Os conselheiros do Conselho Universitário (CONSUNI), Anna Maria de Castro, relatora na Comissão de Ensino e Títulos (CET) e Darcy Fontoura de Almeida, relator na Comissão de Legislação e Normas (CLN), emitiram pareceres favoráveis, em 11 de junho de 1987 e 8 de julho de 1987, respectivamente.

A criação da Editora UFRJ é destacada, no parecer da professora Anna Maria de Castro, como importante iniciativa da UFRJ no cenário educacional brasileiro.

[...] É sem dúvida, uma das mais auspiciosas propostas que este Colendo Conselho tem examinado nos últimos tempos. A possibilidade da divulgação apropriada da produção científica e cultural de nossa Universidade é fator preponderante para seu desenvolvimento e para difusão do saber. Manter a sociedade informada sobre o que vem sendo realizado dentro da Universidade até para salutar divergência, é dever que não devemos abdicar. [...]

[...] justo no momento em que por critérios duvidosos, procura-se “medir” o valor das Universidades Públicas a partir de uma pretensa “produtividade”. Tudo com vistas a mostrar que elas não estariam atendendo às necessidades e anseios da sociedade. [...] (RIBEIRO, 2018, ANEXO XII)

Quanto ao regimento provisório, a conselheira sugere, em seu parecer, que a proposta definitiva seja mais ousada e permita que a Editora venha a divulgar a ciência, a cultura e a arte também de fora da Universidade. Com relação ao regimento provisório, identificamos que não havia previsão de publicações de outros autores de fora da UFRJ e nem de traduções de textos em língua estrangeira (RIBEIRO, 2018, ANEXO XII).

Em julho de 1987, verifica-se a participação do Programa Editorial da UFRJ no catálogo de editoras universitárias que estiveram presentes na 39ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC), na Universidade de Brasília (RIBEIRO, 2018, ANEXO XIII).

A estrutura aprovada, pelo conselho superior da UFRJ, instituiu a função de Superintendente da Editora UFRJ e Pondé Vassallo é designada pelo Reitor ao cargo, através da Portaria nº 1264, de 25 de setembro de 1987, publicada no Boletim UFRJ nº 38, página 26, de 1º de agosto de 1987 (RIBEIRO, 2018, ANEXO XIV).

No Projeto de Resolução da criação da Editora UFRJ, e seu regulamento transitório, identificamos a existência de algumas alterações (RIBEIRO, 2018, ANEXO XV), em relação a composição de um Conselho de Administração Transitório, formado pelo Reitor, seu

Presidente, do Vice-Reitor, do Sub-Reitor de Graduação e Corpo Discente, do Sub-Reitor para Graduados e Pesquisa, do Sub-Reitor de Patrimônio e Finanças, do Sub-Reitor de Pessoal e Serviços Gerais, do Sub-Reitor de Desenvolvimento, de dois representantes do Conselho Universitário, do representante discente do Conselho Universitário, de um representante do Conselho de Curadores, do Superintendente da Editora e de um representante dos servidores escolhido dentre os funcionários das Bibliotecas da Universidade. A alteração identificada incluiu também o prazo máximo de 180 dias para o estatuto da Editora ser enviado para apreciação do Conselho Universitário e, a exigência para que o Regimento fixasse os mandatos dos membros do Conselho Editorial, a ser indicado.

Pelos documentos analisados, até o ano de 1990, período em que Pondé Vassallo esteve na gestão da Editora, o Conselho Universitário da UFRJ não teria apreciado a proposta de Regimento (RIBEIRO, 2018, ANEXO XVI), encaminhada pela então superintendente, e não há registros de criação do Conselho Editorial, nesse período.

Durante nossa pós-graduação *lato-sensu* realizamos algumas entrevistas (RIBEIRO, 2018, APÊNDICE A e B), como um instrumento, de busca de informações que não se encontravam registradas nos documentos oficiais disponíveis. O objetivo era recuperar o processo de criação e efetivação da Editora UFRJ, das quais destacamos algumas narrativas. Uma das principais entrevistas foi com o Prof. Paulo Alcântara Gomes que, como citado anteriormente, foi o SR-2 na gestão de Horácio Macedo (*in memoriam*) e Alexandre Cardoso (1985-1990), Vice-Reitor de 1990 a 1994 e, Reitor de 1994 a 1998, como destacado no decorrer do Capítulo III dessa pesquisa.

Como destacado por Ribeiro (2018, ANEXOS XVIII, XIX e XX), a Editora UFRJ encontrava-se em pleno funcionamento, desde sua aprovação em 1987, com a realização de lançamento de livros e ampla divulgação junto a imprensa, como noticiado pela coluna de Ancelmo Góis, no Jornal do Brasil, em 16 de julho de 1987.

Para o professor Paulo Gomes a oficialização da editora era uma forma de consolidar sua existência no ambiente das editoras universitárias.

Formalizar a editora, criando meios para que ela captasse recursos para novas publicações, se relacionasse com outras editoras universitárias e pudesse distribuir as obras editadas, eram condições para a sua consolidação. Em todas as linhas do projeto original já começavam a aparecer, com um grande número de publicações. (GOMES, 2018 apud RIBEIRO, 2018, APÊNDICE B).

A Editora UFRJ participou da realização do IV SNEU, na Universidade Federal de Goiás, em 1987, onde foi criada a ABEU (RIBEIRO, 2018, ANEXO XXI), como destacado

anteriormente, em que através de sua Superintendente, participou das duas primeiras gestões (1987-1989 e 1989-1991).

Ainda em 1987, de acordo com a documentação analisada, a Editora UFRJ sediou o II EDUNICENTRO - Encontro Nacional das Editoras Universitárias das Regiões Centro-Oeste e Sudeste (RIBEIRO, 2018, ANEXO XXIV) e, até 1990, participou de todos os encontros promovidos pelo EDUNICENTRO, bem como dos SNEU e das Feiras Nacionais da ABEU (RIBEIRO, 2018, ANEXOS VII, VIII, XXV a XXVIII).

Segundo Gomes, a operacionalização da Editora foi de início, através dos recursos orçamentários da UFRJ, uma vez que os recursos provenientes do Proed às universidades, oriundos do MEC/SESu eram reduzidos e as instruções contidas no Proed nortearam a linha editorial que foi adotada pela UFRJ. O então dirigente universitário, destaca que as mais significativas diretrizes foram: a realização de publicações de docentes, para atender e complementar a bibliografia básica para a graduação, e comercializar as obras de modo a gerar recursos para novas publicações. Para esse fim, particularmente, Gomes destaca que a SR-2 abriu a apostila nº 02/88, com a fundação de apoio da UFRJ, a Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB), a fim de gerenciar o resultado da comercialização de suas publicações. A Editora UFRJ, pouco se beneficiou dos recursos advindos desse Programa e, como afirma Gomes, sem o apoio da Reitoria, a Editora não teria sido viabilizada (RIBEIRO, 2018, APÊNDICE B).

Pela ausência de Conselho Editorial, como destacado anteriormente, as obras a serem publicadas eram previamente avaliadas por pareceristas *ad hoc*, escolhidos em listagem do (CEPG), constituído por pesquisadores altamente qualificados, segundo Gomes.

Pondé Vassallo afirma que esse sistema se revelou muito moroso, pelo fato de que eram pessoas muito ocupadas, o que tornava imprescindível a formação de um Conselho Editorial mais eficiente e ágil (RIBEIRO, 2018, APÊNDICE A).

Uma editora universitária deveria ser institucionalizada, segundo Pondé Vassallo, e capaz de garantir qualidade e ser acessível à comunidade acadêmica.

Uma Editora universitária deveria se preocupar em fazer obras que atendessem aos seguintes itens: normatização, forma econômica, boa apresentação gráfica e alta qualidade acadêmica, onde seu objetivo fundamental consistiria em fornecer bibliografia básica aos cursos de graduação, privilegiando a produção intelectual dos docentes, para divulgar a pesquisa. Consequentemente não cabia à editora universitária produzir obras em língua estrangeira, traduções e documentos administrativos. (PONDÉ VASSALLO, 2018 apud RIBEIRO, 2018, APÊNDICE A)

Com base nesses princípios que norteavam a linha editorial da Editora UFRJ, as publicações da Editora, segundo a coordenadora (RIBEIRO, 2018, APÊNDICE A), deveria ser composta de: livros propriamente ditos, com bom acabamento gráfico, clientela ampla e grande tiragem, atingindo o público leitor em geral e o circuito comercial; dissertações, teses, anais de congressos, de modo a divulgar esses trabalhos de âmbito relativamente restrito sob a forma econômica e com tiragem média; e textos para discussão (ou trabalhos ainda não concluídos de forma definitiva), apresentados em pequena tiragem, mas submetidos à normatização. Não eram estimuladas a produção de revistas e as publicações de periodicidade curta, visto que envolvem altos custos alocados à mesma equipe.

Do ponto de vista administrativo e operacional, a Editora UFRJ, entre 1986 e 1990, era constituída de uma equipe de treze servidores técnicos administrativos: uma secretária, um contínuo, uma datilógrafa, três revisores, três programadores visuais, um divulgador, um responsável pela comercialização, um estoquista e um responsável administrativo. Os servidores constam listados nominalmente²¹ da portaria de agradecimento à Superintendente, por sua atuação competente e dedicada, e aos servidores pela colaboração prestada (RIBEIRO, 2018, ANEXO XXIX).

Outra ação de grande importância, na documentação consultada, refere-se a parceria da Editora UFRJ com a Faculdade de Letras e com a Escola de Belas Artes da UFRJ, para receber alunos de graduação como bolsistas de iniciação científica.

De 1986 a 1990 a Editora UFRJ produziu cento e quarenta e três títulos: dezesseis em 1986; trinta e nove em 1987; trinta e quatro em 1988; trinta e quatro em 1989 e vinte em 1990 (APÊNDICE D). Segundo Pondé Vassallo, dentre os títulos publicados existiram algumas coedições, que tiveram problemas, e no seu entender foram ineficazes. A então gestora, destaca que normalmente o livro, nesse modelo, tinha seu custo mais elevado do que se fosse executado exclusivamente pela UFRJ, e justificou pela entrega dos livros coeditados à Editora UFRJ, ser realizada após a distribuição ao mercado editorial; de alguns distribuidores não trabalharem com coedições; em alguns casos a coeditora não se sentia compelida a colocar a obra no mercado, alegando estar ressarcida de seus custos, o que cerceava a divulgação do livro universitário (RIBEIRO, 2018, APÊNDICE A)

Por outro lado, Pondé Vassallo afirma que a Editora UFRJ recebeu várias doações, assim como, os patrocínios de entidades como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do

²¹ Portaria nº 2.887 de 18 de outubro de 1990, publicada no Boletim UFRJ número 39, de 1 de novembro de 1990.

Rio de Janeiro (FAPERJ) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

3.2 Tempos de mudanças

Santos (2005, p. 15) ao analisar a universidade, identifica a situação complexa em que ela se encontra, em função das exigências, cada vez mais constante, por parte da sociedade, e ao mesmo tempo das restrições crescentes nas políticas de financiamento. O autor ao destacar a política produtivista à que as universidades vêm sendo submetidas evidencia que de todas as crises, a crise institucional foi a que mais esteve presente durante a década de 1990 (SANTOS, 2005, p.15).

Em consonância com o destacado por Santos (2005), o cenário no Brasil e na UFRJ foi complexo e adverso. Na Presidência da República assume, em 1990, Fernando Collor de Mello com fortes ataques aos servidores públicos, identificados por ele como “marajás” (DI VAIA, 2016, p. 29). Segundo Ferreira, Romeu e Weber (2017, p. 26) as universidades foram alvos de ataques e cortes orçamentários profundos, e destacam que no Governo Collor houve uma séria restrição orçamentária nas Universidades. Os autores destacam que “o governo Collor se caracterizou pela restrição dos recursos para o ensino e a pesquisa, arrochando o orçamento das universidades públicas e ofertando novas vagas pela expansão das instituições privadas”. (FERREIRA, ROMEU E WEBER, 2017, p. 26).

Na UFRJ, segundo Maia (2020), com o término de mandato do Reitor Horácio Macedo (*in memoriam*) em 1989, o processo de transição de gestão não foi tranquilo. O autor destaca a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) ao considerar, por unanimidade, a inconstitucionalidade da Resolução UFRJ N° 02/88, aprovada pelo CONSUNI, na sessão de 1° de dezembro de 1988. A resolução intitulada “Proposta sobre a escolha e posse do reitor da UFRJ”, decidia que o Reitor e o Vice-Reitor da UFRJ seriam escolhidos em processo de eleição direta pelos docentes, servidores técnicos administrativos e estudantes; que o processo eleitoral que se encerraria no âmbito único da UFRJ; e que os candidatos a Reitor e Vice-Reitor, vencedores da eleição, seriam empossados pelo Conselho Universitário, com os Sub-Reitores e o Prefeito da chapa vencedora seriam nomeados pelo Reitor imediatamente após a sua posse. Para Maia (2020) “na sua essencialidade, a Resolução N° 02/88, espelhava o significado amplo da autonomia universitária propugnada na Constituição de 1988”. Sendo considerada inconstitucional a referida resolução, a eleição realizada pela comunidade universitária em 1989, foi anulada. A nova consulta foi realizada em 1990, e o professor Nelson Maculan Filho,

da Coordenação de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia (COPPE), foi eleito reitor para o quadriênio 1990-1994, tendo o Prof. Paulo Alcântara Gomes, o SR2 de Horácio Macedo (*in memoriam*), como Vice-Reitor.

Para Gondar (2005, p.17), como destacado no capítulo I, a memória social é sempre parcial e tem implicações éticas e políticas e, os documentos legais, nem sempre expõem as divergências de grupos no interior da instituição. Nesse sentido, a documentação existente não explicita as dualidades ocorridas entre o grupo ligado à gestão de Macedo e o grupo que apoiou Maculan. A anulação da eleição de 1989, por considerar que não poderia haver reeleição, cancelando a candidatura de Macedo a um novo mandato, ensejou a novos arranjos políticos internos na instituição, e alguns perduram até a atualidade.

Após a posse de Maculan, em julho de 1990, a Editora UFRJ foi realocada da SR-2, no *campus* da Cidade Universitária, para o Fórum de Ciência e Cultura (FCC), no *campus* da Praia Vermelha, pela Portaria DE/SR-2-01/90 (UFRJ, 1990). Esta alteração de vinculação passa a obedecer à estrutura presente no Decreto nº 60.455-A (BRASIL, 1967), que instituiu o Plano de Reestruturação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em que a “Editôra Universitária”, era órgão integrante do FCC - institucionalizado em 1972, destinado ao “debate e síntese das pesquisas referentes ao progresso dos vários setores de conhecimentos, ao estudo de problemas brasileiros e à ação e difusão científica e cultural” (BRASIL, 1967).

O Professor Luís Pinguelli Rosa, da COPPE, é designado, pelo reitor, para a função de Coordenador do FCC, e a professora Heloisa Buarque de Hollanda, da Escola de Comunicação (ECO), para a função de Diretora da Editora UFRJ. De acordo com a documentação consultada, a então diretora indicou as servidoras técnica-administrativas Lucia Canedo e Leila Name, para as funções de Diretora Adjunta editorial e Diretora Adjunta de Produção, respectivamente. De acordo com o relatório da gestão 1990-1994 (UFRJ, 1994a, p. 03) essa direção estabelece, como projeto e diretriz para a Editora, “a consolidação de um canal eficaz para a divulgação da produção científica e de atualização do potencial crítico da UFRJ”.

O relatório (1994a), destaca que o primeiro Conselho Editorial, buscou atender ao padrão de “alta qualidade e excelência” que a universidade exigia para implementação de um novo perfil editorial, modificando o formato anterior, de natureza representativa (formado por gestores e membros dos conselhos superiores), passando a adotar a composição de um colegiado formado por profissionais indicados em função da atuação relevante em diferentes áreas do saber. Outra decisão importante, destacada no relatório (UFRJ, 1994a, p. 4), foi a redução do número de membros deste conselho, se comparado ao Conselho de Administração Transitório, que era composto por 12 (doze) pessoas. O Conselho Editorial, passa a ser

composto por cinco professores da UFRJ e três de outras instituições, apesar do Regimento da Editora prever “4 (quatro) membros da UFRJ e 2 (dois) de outras universidades ou institutos de pesquisa” (UFRJ, 1994a, p. 2). Segundo seus gestores, essa composição seria a expressão do “o exercício de uma política editorial mais autônoma, com uma maior transparência no processo de avaliação e seleção dos textos a serem publicados”.

O Conselho Editorial, para atender essa política (UFRJ, 1994a, p. 05), foi composto pelos Professores da UFRJ, Darcy Fontoura de Almeida (Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho - IB), Gerd Bornheim (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS) , Gilberto Velho (Museu Nacional – MN), Giulio Massarani (Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia – COPPE) e Wanderley Guilherme dos Santos (IFCS) e José Murilo de Carvalho (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ), Margarida de Souza Neves (História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio) e Silvano Santiago (Letras, Universidade Federal Fluminense - UFF).

Além do Conselho Editorial, Buarque de Hollanda instituiu um Comitê Editorial, formado pelos Professores Ana Arruda Callado (Escola de Comunicação/UFRJ), Beatriz Resende (Faculdade de Letras/UFRJ), Ildeu de Castro Moreira (Instituto de Física/UFRJ) e Yvonne Maggie (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/UFRJ), além de uma assessoria com um quadro significativo de consultores *ad hoc* (UFRJ, 1994a, p. 06). Essa estrutura, de acordo com o relatório (UFRJ, 1994a, p. 06), refletiu a preocupação da gestão com a reformulação do perfil da Editora UFRJ, baseado na escolha “de títulos exclusivamente por mérito e qualidade científica das obras a serem publicadas”.

A Editora UFRJ passa a estabelecer, após instituição do Conselho e Comitê Editorial, os três critérios para seleção ou indicação para publicação: indicação do Conselho; apresentação ao balcão; e indução e encomenda. Conforme descrito no relatório (UFRJ, 1994a), a indicação, situação em que o Conselho Editorial tinha a prerrogativa de indicar títulos que julgavam pertinentes, e eram debatidos e avaliados por todos os membros. O critério do balcão, se reportava aos autores e organizadores que apresentavam seus originais, e passavam por um processo rigoroso de avaliação, que consistia em três fases: pré-análise (realizada pelo Comitê Editorial que julgava a qualidade técnica e editorial); avaliação realizada por pareceristas *ad hoc*, especialistas em áreas específicas de conhecimentos e indicados pelo Comitê Editorial; e apreciação dos pareceres pelo Conselho Editorial. O critério de indução e encomenda partia dos membros do Conselho Editorial e da direção da Editora ao estimularem a produção e a finalização de originais. Um exemplo deste último critério são livros de Flora Süssekind, *Papéis*

colados; de Alba Zaluar, *Condomínio do diabo*; de Sérgio Paulo Rouanet, *A razão nômade* e da maior parte dos livros da Série Manual (UFRJ, 1994a, p. 25).

Buarque de Hollanda justifica no relatório (UFRJ, 1994a, p. 04) “como inadiável a oportunidade de ampliar o público consumidor da produção acadêmica, provocar e absorver um *feed back* precioso entre a Universidade e a sociedade”. É nesta direção que a gestão procura estabelecer “uma linha editorial mais agressiva, ampliar o “balcão” da Editora para além das fronteiras da UFRJ, modernizar sua imagem gráfica e infraestrutura de produção e distribuição” (UFRJ, 1994a, p. 04).

A política de modernização da estrutura de produção, da Editora UFRJ apresentava-se com sua localização, dentro das dependências do Palácio Universitário (UFRJ, 2021), em prédio tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional. A nova sede da editora passa a ocupar o corredor lateral da escada de acesso à Capela do Palácio, no qual a nova equipe técnica e administrativa de servidores públicos da universidade, e pessoal contratado, assim como, a estrutura material (aquisição de móveis e equipamentos) são acomodados (UFRJ, 1994a, p. 76).

De acordo com o relatório (1994a, p. 77), o quadro funcional da Editora UFRJ foi composto por dez servidores técnicos administrativos, requisitados à então Sub-Reitoria de Pessoal e Serviços Gerais (SR4), distribuídos nos setores de editoração/produção, divulgação e secretaria, e doze bolsistas de iniciação científica.

Importante ressaltar que, na política de contratação de pessoal na UFRJ, efetivada até a promulgação da CF88, vigorou o duplo regime - estatutário e celetista, e foram realizadas contratações, através de processo seletivo, em que vários ex-alunos da UFRJ participaram, e tronaram-se servidores públicos com o advento do Regime Jurídico Único (BRASIL, 1990). A Editora UFRJ recebeu, principalmente na área de programação visual, vindos da Gráfica da UFRJ, servidores ex-alunos, com forte comprometimento em tornar realidade a produção de livros na universidade (informação pessoal)²².

Dentro da política de modernização da produção editorial, a Editora, segundo consta do relatório (UFRJ, 1994a, p. 15), contratou a empresa Demibold - edições e projetos gráficos, para a criação de uma nova logomarca, de um projeto de identidade visual e de um comportamento gráfico (FIGURA 5). Segundo afirma o relatório (UFRJ, 1994a, p.15), a definição de um novo padrão gráfico resultou na otimização da produção e redução de custos dos livros produzidos.

²² Informação fruto da observação e atuação da autora durante os vinte e sete anos em exercício efetivo na Editora UFRJ.

Como parte do projeto de criação de uma nova identidade visual, encontra-se registrado o desenvolvimento, por parte da referida empresa contratada, em colaboração com a nova equipe de programação visual da Editora, quatro séries de publicações com formatos distintos, com uma identidade e comportamentos gráficos evidenciados (UFRJ, 1994a, p. 15-25)

O novo projeto editorial, conforme registrado no relatório, passa a utilizar obrigatoriamente a tecnologia computacional (computadores individuais) e o uso de softwares.

Figura 5: Mudança da logomarca da Editora UFRJ



Fonte: compilação da autora sobre o acervo da Editora UFRJ

A Editora UFRJ passa a agrupar as publicações em quatro séries: *Universidade*; *Paradigma*, *Manual* e *Terceira Margem* (UFRJ, 1994a, p. 06). A série *Universidade*, era apresentada com o objetivo de “absorver e divulgar de forma ágil o resultado de trabalhos, seminários, congressos e pesquisas em curso na UFRJ”. A série *Paradigma* era apresentada com foco voltado a publicação de textos de apoio ao ensino graduado, pós-graduado e à prática experimental de laboratório. A série *Manual*, era descrita como um desdobramento da série *Paradigma*, definida em função das características de um produto cuja utilização, teria como base uma obra de referência e, portanto, de manuseio frequente, produzindo textos de apoio às práticas de laboratório, ou treinamentos, das diversas áreas de conhecimento. Por fim, a série *Terceira Margem* foi apresentada como investimento na publicação de trabalhos que refletiam “as fronteiras das tendências daquele momento, na reflexão e na pesquisa, na reedição de obras clássicas ou seminais da produção do conhecimento” (UFRJ, 1994a, p. 06 e 07). A publicação de obras conhecidas como literárias, ou seja, obras ficcionais ou de poesia, continuou ausente dos critérios de publicação da Editora UFRJ.

A inauguração de uma livraria comercial - *Livraria Riomarket*, nas dependências do Palácio Universitário, em 1992, a partir de contrato de cessão por quatro anos, permitiu o

começo de uma parceria com a Editora UFRJ, para divulgação e distribuição de suas novas publicações (UFRJ, 1994a, p.56).

De acordo com o relatório, o ano de 1992 permitiu uma movimentada agenda para a Editora UFRJ. Inicialmente, foi efetivada a contratação de serviços de assessoria de imprensa, com apoio de alunos da UFRJ como bolsistas de estágio, possibilitando a divulgação e visualização de suas ações. A organização de lançamentos de livros em encontros acadêmicos; a presença em eventos importantes na cidade do Rio de Janeiro, como por exemplo, a Rio 92; o Congresso Internacional de Psiquiatria e o Congresso Internacional América 92, na comemoração dos 500 anos de descobrimento da América, marcam essa visibilidade (UFRJ, 1994a, p. 59-61).

Em 30 de dezembro de 1992, o presidente Fernando Collor foi condenado pelo Senado Federal, em um processo de impeachment que marcou a história do Brasil. Segundo Santos e Silva; Silva (2019, p. 28), Collor foi levado ao impeachment, principalmente por fatores como “enriquecimento ilícito em razão de [...] ser cúmplice de seu sócio e tesoureiro de campanha eleitoral, Paulo César Farias, além de evasão de divisas e tráfico de influência”. A presidência do país é assumida pelo vice-presidente Itamar Franco.

Rodrigues e Jurgfeld (2021) afirmam que, através de estudos da política econômica adotada no governo Itamar, pela consolidação da renegociação da dívida externa, execução do Plano Real e das privatizações, foi possível compreender o quanto este governo esteve comprometido com o reforço do neoliberalismo no Brasil.

Segundo Padilha (2016, p.85), em um cenário nacional descrito como caótico “em termos socioeconômicos, descontrole das contas públicas, desemprego, e descumprimento dos direitos sociais”. O autor destaca a mudança que Itamar Franco significou para a área da educação, indicando para o Ministério da Educação o professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, Murílio Hingel que deu início a uma reforma administrativa no ministério, por força da Lei nº. 8.490, de 19 de novembro de 1992, que incorpora ao Ministério da Educação, a Secretaria dos Desportos e a Secretaria de Projetos Educacionais Especiais da Presidência da República. (BRASIL, 1992) O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) também passa por uma reestruturação, após quase ser extinto no Governo Collor, intensificando suas atividades de pesquisa.

O Brasil muda, e com isso a Editora amplia sua intervenção. O evento considerado de maior destaque, nessa nova fase da Editora, foi o “Projeto Café Literário Poesia em Pânico” (FIGURA 6), durante a VI Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, em agosto de 1993, ao ocupar um estande de 36m² para organizar, no âmbito da programação oficial da Bienal, a

montagem do “Café Literário Multimídia”, apoiado pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNELL). O estande, foi decorado com mobiliário e obras de arte do patrimônio do Palácio Universitário da UFRJ, e com a referência “Poesia em Pânico”, em homenagem a Murilo Mendes, realizou discussões, pequenas palestras, encontros e bate-papos com personalidades do mundo literário, como Rachel de Queiróz, Autran Dourado, João Ubaldo Ribeiro, Armando Freitas Filho, Antônio Torres e Afrânio Coutinho. Nessa Bienal, a Editora UFRJ esteve como visitante, e não comercializou seus livros, apenas realiza a divulgação (UFRJ, 1994a, p. 62-65).

Figura 6: Café Literário Poesia em Pânico



Fonte: Relatório de Gestão Editora UFRJ 1990-1994

A Editora UFRJ e o Fórum de Ciência e Cultura desenvolveram uma parceria com o movimento “Ação da cidadania contra a miséria e pela vida” (AÇÃO..., 2021), liderado por Herbert de Souza, o Betinho, e levaram para a Bienal o debate sobre a ética e a cidadania, que “teve grande repercussão entre o público visitante e a imprensa” (UFRJ, 1994a, p.64). O primeiro volume de cada lançamento da Editora UFRJ ocorrido na Bienal recebe o autógrafo do autor e de Betinho, como doação, em projeto denominado de “Autógrafo Zero” (FIGURA 7). Toda a renda arrecadada pelo leilão destas obras foi revertida para a campanha contra a fome (UFRJ, 1994a, p.64)

Figura 7: Autógrafo Zero na VI Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro



Fonte: Relatório de Gestão Editora UFRJ 1990-1994

O relatório de gestão informa que, com relação a sustentação financeira da Editora UFRJ, após aprovação pelo Conselho Editorial, da proposta orçamentária elaborada pela Direção da Editora, de 1990 até 1993, passou a receber o apoio da FUJB equivalente a 50% total dos recursos estimados. A receita proveniente do setor de comercialização dos livros e utilizada na produção de novos títulos era administrada pela FUJB. A Editora recebia, adicionalmente, financiamentos externos da Secretaria de Ensino Superior (SESu)/Ministério da Educação, Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), Billton Metais e apoios do Banco Safra e Banco do Estado de São Paulo (BANESPA). Segundo o relatório de gestão, a “captação de recursos foi realizada através do Sistema de Administração Financeira (SIAFI) e FUJB.” (UFRJ, 1994a, p.51)

Com relação às parcerias com editoras privadas, verificamos que Buarque de Hollanda estabeleceu algumas coedições, apesar de destacar a “sensível relação entre editoras universitárias e empresas editoriais privadas”, implementou um tipo de acordo mais conveniente de “divisão de serviços acompanhados de planilha de custos”. Constam como editoras privadas que realizaram coedições com a Editora UFRJ, entre 1990 e 1994, as Editoras Tempo Brasileiro; Relume Dumará; Cortez; Erca; Revan; Brasiliense; e Zahar.

Com relação às parcerias com editoras universitárias constam a Editora Unicamp, Edusp, Editora Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e Editora da UFMG (UFRJ, 1994a, p.48)

Outro movimento a ser destacado nesse período, foi o estudo sobre a carência de bibliografia científica disponível no mercado nacional. A Editora UFRJ implementou uma estratégia de distribuição com base nas regiões geográficas brasileiras, e começou a operar com livrarias e distribuidores nacionais nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Paraná, Rio Grande do Sul, e Sergipe. Para o restante da região nordeste, e no estado do Rio de Janeiro, definiu-se por repassar o serviço para um distribuidor (UFRJ, 1994a, p. 69)

De julho de 1990 a julho de 1994, identificamos a publicação de 48 (quarenta e oito) títulos, dentre eles, 51,7% constituídos por livros de autores pertencentes ao quadro de pessoal da UFRJ, os demais autores externos à UFRJ (UFRJ, 1994a, p. 29)

Conforme disposto no Processo nº 23079.010360/94-56, que trata do Regimento Interno da Editora UFRJ, verifica-se que foi autuado em 24 de fevereiro de 1994, pelo então coordenador do FCC, professor Luiz Pinguelli Rosa, que encaminha ao Magnífico Reitor Nelson Maculan Filho, que por sua vez, o direciona ao vice-reitor, Prof. Paulo Alcântara Gomes para opinar (RIBEIRO, 2018, ANEXO XVII). O vice-reitor, solicita parecer ao consultor jurídico da Universidade, Dr. Roberto de Bastos Lellis, encaminhado à Comissão de Legislação e Normas do Conselho Universitário, com relatoria do Professor Jorge Ferreira da Silva que inclui no artigo 22, que tratava das competências dos serviços de comercialização, o acréscimo da seguinte frase: “preferencialmente oferecidas a preço que remunere o investimento da edição”. Este episódio, na trajetória da Editora da UFRJ, aponta na direção de autossustentação financeira, ao relacionar o valor da produção do livro ao investimento pela sua produção.

O Regimento foi aprovado na sessão do Conselho Universitário, realizada no dia 28 de julho de 1994, já na gestão de 1994-1998 do Magnífico Reitor Paulo Alcântara Gomes (RIBEIRO, 2018, ANEXO XVII). Em termos de organização normativa, verificamos que o Regimento definitivo da Editora UFRJ, que assinala sua incorporação ao FCC, conforme previsto desde 1967, é concretizado, com a aprovação pelas instâncias superiores da UFRJ, em julho de 1994, e publicado no Boletim UFRJ nº. 37, de 15/09/1994 (ANEXO I)

3.3 Imprimindo conhecimento

Com o novo ciclo de gestão da UFRJ, de 1994 a 1998, assume a gestão do Prof. Paulo Alcântara Gomes, da COPPE, e como Vice-Reitor, o Prof. José Henrique Vilhena, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), mantendo a Profa. Heloisa Buarque de Hollanda, na gestão da Editora. Na Coordenação do FCC, entretanto, assume a Prof.^a Myriam Dauelsberg, professora da Escola de Música.

Em 1995, toma posse na Presidência da República do Brasil, Fernando Henrique Cardoso (FHC), e o economista Paulo Renato Souza, ex-reitor da UNICAMP, assume o Ministério da Educação, permanecendo no cargo de 1995 a 2002, durante os dois mandatos do presidente FHC (CUNHA, 2003).

Para Cunha (2003, p.58), o governo FHC, representou tempos de redução das verbas para as universidades federais, atingida diretamente pela compressão dos orçamentos e dos salários de docentes e técnicos administrativos em educação, assim como, pela não-reposição dos quadros de pessoal, afetados por políticas de demissão voluntária e de incentivos a aposentadorias. As IFES padeceram de recursos, e por outro lado as IES privadas receberam muitos benefícios. Cunha (2003, p. 58) afirma que o sucateamento do setor público do ensino superior correspondia a um intento deliberado, caracterizado como pensamento dominante durante todo os dois mandatos FHC.

As diretrizes da Editora UFRJ, para o período 1994 a 1998, foram definidas em reunião realizada em 01 de setembro de 1994 (ANEXO II), com a presença da reitoria e da direção da Editora UFRJ (UFRJ, 1994b). Dentre as diretrizes definidas, destacam-se a proposta da Editora UFRJ passar a estar vinculada à Reitoria e de viabilização de uma nova sede para a Editora, que não chegaram a ser concretizadas. A participação da Editora UFRJ na Feira Internacional do Livro de Frankfurt; a reestruturação da política editorial com o compromisso de publicação de livros didáticos voltados à sala de aula; e aprovação do nome do Prof. Carlos Lessa, do Instituto de Economia, para a renovação do Conselho Editorial, tornaram-se realidade (ANEXO II).

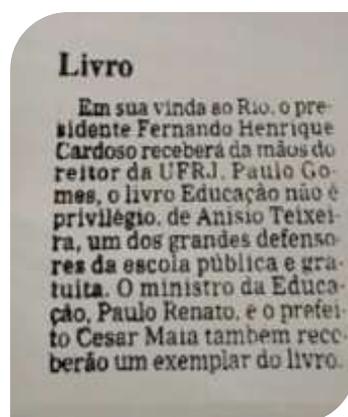
A primeira sessão de instalação do novo Conselho Editorial da Editora UFRJ, ocorreu em 9 novembro de 1994, e foi marcado pela presença dos Professores: Carlos Lessa (Instituto de Economia – UFRJ), Fernando Lobo Carneiro (COPPE – UFRJ), Gilberto Velho (Museu Nacional – UFRJ), Margarida de Souza Neves (História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio) e Flora Süssekind (Teatro – UNIRIO), além da presença do Reitor, do Vice-Reitor e da Coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura. De acordo com os registros levantados, a reunião, conduzida pela direção da Editora e pelo reitor, foi marcada pela apresentação da estrutura administrativa da editora, dos títulos publicados e a divulgação e a comercialização dos livros publicados. O reitor recomendou uma “agressividade maior na política de distribuição”. Alcântara Gomes lembrou a todos da comemoração em torno dos 75 anos da Universidade e pediu à Editora que apresentasse ideias para se integrar às comemorações, e sugeriu a publicação de autores renomados como Amoroso Costa. Os conselheiros sugeriram a participação da Editora em grandes eventos, como a SBPC e a

ANPOCS, locais com grande concentração de cientistas e professores, público-alvo da Editora (UFRJ, 1994c, p. 1-2)

As dificuldades orçamentárias marcam o cenário desse período. Alves (1995, p. 7) destaca que, no início dos anos 1990 a crise econômica e a falta de recursos, nas universidades, transformou formas eficazes de divulgação da produção científica, como congressos, seminários e palestras, abertos ao público em geral, em canais modestos e poucos abrangentes. Segundo o autor (1995, p. 7), as “universidades esbarram na ausência de um substantivo aparato público ou privado, voltado para o apoio da produção cultural de nível acadêmico”, constatando a necessidade de uma “política oficial agressiva” para a alteração dessa realidade. Para Alves (1995, p. 7), no campo da divulgação acadêmica, quanto mais as universidades ampliassem seus programas de Mestrado e Doutorado, com a produção de dissertações, teses e trabalhos científicos, considerados “indispensáveis ao processo de desenvolvimento brasileiro”, maiores as possibilidades de abertura dos canais de divulgação, para possibilitar o acesso a essa produção.

No final de 1994, a Editora UFRJ lança o livro *Educação não é privilégio*, de Anísio Teixeira. O ano de 1995 inicia-se com a exposição sobre o educador Anísio Teixeira, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro. O evento marca o ponto zero da Coleção Anísio Teixeira, voltado à reedição da obra completa do educador. A presença do Presidente da República, do Ministro da Educação, da família de Anísio Teixeira, das autoridades locais e da UFRJ marcaram a importância da obra e do projeto para a Editora da UFRJ e para a UFRJ, no cenário nacional (FIGURA 8)

Figura 8: Lançamento do livro “Educação não é privilégio”



Fonte: Jornal O Dia²³

²³ Jornal O DIA, seção Informe, publicado na edição de 17 de março de 1995, acervo da autora.

Em 1950, a área de 36 mil m² da UFRJ, entre a Avenida Venceslau Braz e a rua Lauro Müller, no limite entre os bairros de Botafogo, Urca e Copacabana, Rio de Janeiro, no *campus* da Praia Vermelha, foi cedida à Associação dos Servidores Civis do Brasil (ASCB), para desenvolvimentos de atividades educacionais, mas a Associação alugou o espaço para o funcionamento do Canecão²⁴ e da Churrascaria Brasileiro. Em 1967, por decreto da Presidência da República foi revogada a decisão anterior e o terreno onde funcionava o Canecão retornou à universidade, que passou a cobrar um aluguel diretamente ao locatário.

Em julho de 1995, após décadas de litígio judicial, a UFRJ comemorou a possibilidade de reconquista do espaço ocupado pela Churrascaria Brasileiro, alugado ilegalmente pela ASCB (AGÊNCIA ESTADO, 2008). Na ocasião, frente a pressão da sociedade sobre a futura utilização do espaço, a reitoria da UFRJ assumiu a destinação do espaço para a nova sede da Editora UFRJ. Entretanto, por um recurso judicial, a área retorna ao ASCB, que por sua vez aluga posteriormente para o funcionamento de um Bingo. Após a proibição da exploração de todas as modalidades de jogos de bingo no país, é que a ASCB alugou o espaço da UFRJ para a empresa Amoedo Materiais de Construção, que inaugurou um *show-room* no local, em agosto de 2008. Essa disputa só é completamente encerrada em 2010, com a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) em reconhecer a validade do Decreto-lei nº 233/1967 (ANEXO III), em que todo o terreno, inclusive o do Canecão, pertence a UFRJ (CONJUR, 2010) (PARREIRA, LACERDA, 2011, p. 21)

A Editora UFRJ, neste mesmo ano, participou da VII Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, realizada de 16 e 27 de agosto, no Riocentro, junto a comemoração de 75 anos da UFRJ. Em consonância com as diretrizes aprovadas pelo Conselho Editorial, de participação em eventos, a administração superior da UFRJ autoriza o pagamento de locação de estande na Bienal, o que possibilitou a comercialização de todo o seu catálogo. A Editora, ocupou, então, um espaço de 30m², e colocou em exposição uma peça rara do acervo do Museu Nacional da UFRJ: uma múmia pré-histórica²⁵, Chiu, além de alguns móveis patrimoniados do Gabinete do Reitor, como as Poltronas Barcelona²⁶. A peça em exposição, foi escolhida pelo Conselho

²⁴ Canecão foi uma tradicional casa de espetáculos localizada em Botafogo, no espaço que pertence à UFRJ.

²⁵ A Múmia Chiu Chiu cedida pelo Museu Nacional, de indivíduo do sexo masculino, era originária do deserto de Atacama, norte do Chile e está entre os bens patrimoniais perdidos com o incêndio ocorrido no Museu em 2018 (Fonte: Museu Nacional).

²⁶ A Poltrona Barcelona é uma poltrona originalmente desenhada pelo arquiteto Mies Van der Rohe e sua sócia Lilly Reich, para o Pavilhão Alemão da Exposição Internacional de Barcelona de 1929 com a intenção de acomodar o Rei Alfonso XIII e a sua esposa Edna. A partir de 1950 passou a ser produzida em escala (Fonte: Cadeiras Design)

deliberativo do Museu Nacional, e assegurada pelo Banco do Estado do Rio de Janeiro (BANERJ).

Na semana da Bienal, o Rio de Janeiro foi atingido por fortes chuvas que atingiram o Museu Nacional, exatamente no setor onde as múmias estavam expostas ao público. O fato de a Múmia Chiu (FIGURA 9) estar em exposição na Bienal do Livro, cedida a Editora UFRJ, e ter se salvado da enchente, foi amplamente noticiado pela imprensa nacional, resultando em uma maior visibilidade do estande da Editora UFRJ, e da UFRJ no cenário editorial, acadêmico e científico.

Figura 9: Participação da Editora UFRJ na VII Bienal do Livro RJ



Fonte: Compilação da autora

Durante a Bienal foram lançados os livros *A UNE em tempos de autoritarismo*, de Maria de Lourdes Fávero, e *O homem sem fundamentos*, de Márcio Tavares D'Amaral.

A Editora UFRJ passou a participar ativamente das Bienais do Livro do Rio de Janeiro e de São Paulo, com estande próprio e iniciou também uma participação contínua em eventos acadêmicos e científicos, com presença nos Encontros da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação de: Educação (ANPED), Ciências Sociais (ANPOCS), Filosofia (ANPOF), História (ANPUH), assim como, na reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

A participação da Editora UFRJ em eventos, e a distribuição dos livros para comercialização pelo país, principalmente pelo PIDL, possibilitou a presença em livrarias das demais editoras universitárias de todo Brasil. Esta movimentação introduziu várias dúvidas quanto a questões de ordem fazendária. A Secretaria de Fazenda do Estado do Rio de Janeiro, exigia a apresentação de nota fiscal para a remessa de livros, tanto pelo serviço dos Correios como por transportadoras, e os pesquisadores necessitavam de um documento fiscal para a comprovar a aquisição de livros junto aos órgãos de fomento às pesquisas. (BRASIL, 1970; 2001). De acordo com o art. 150 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), o livro é um produto imune à tributação, entretanto a legislação exige, para sua distribuição, a emissão de nota fiscal para o controle da circulação de mercadorias no território nacional, assim como para remessa internacional. É neste período que a Editora UFRJ inicia os procedimentos necessários para a regularização da distribuição junto à Secretaria de Fazenda.

Em março de 1998, Buarque de Hollanda se despede da direção da Editora UFRJ, antes do término do mandato do Reitor Paulo Alcântara Gomes, em julho daquele ano.

[...] Em 1992, 1993, e fiquei por duas gestões, a do reitor Nelson Maculan e Filho e a do Paulo Gomes. Saí por um motivo interessante. Comecei a pensar em publicar a correspondência entre Hélio Oiticica e Lygia Clark. Foi um empreendimento quase impossível. A família da Lygia Clark não deixava, a do Hélio também não. Foi um ano de idas e vindas. Mas a gente fez o livro, que também teve o projeto gráfico de Luciano Figueiredo, que na época era curador do acervo Hélio Oiticica. Foi uma publicação que nasceu clássica. Do meu ponto de vista, uma contribuição absurda para a cultura brasileira. Pois bem. O livro foi lançado, deu capa em todos os jornais, no país inteiro, e o que eu ouvi foi: “Uma editora de universidade não é para fazer esse tipo de livro. Editora de universidade é para publicar aqueles professores que não conseguem publicar”. Eu falei “eu acho que eu estou no lugar errado”, fui embora e criei a Aeroplano, minha editora, com Lucia Canedo, que era minha parceira na editora UFRJ, Elisa Ventura, Rui Campos (da Livraria da Travessa) e meu filho Lula [Buarque de Hollanda]. (BOTELHO; COSTA; COELHO; STROZENBERG, 2019, p. 41)

Os motivos de seu afastamento, registrados acima, ilustram o debate, que ainda permeia o universo editorial universitário, sobre qual o perfil e o viés editorial que as editoras universitárias deveriam assumir.

CAPÍTULO IV - EDITORA UFRJ: DA DIVULGAÇÃO AO PAPEL SOCIAL

Neste capítulo buscamos apresentar uma recuperação da memória institucional da Editora UFRJ através dos ciclos de gestão, próprio do regime democrático que prevê a alternância de poder. A cada novo reitor, cargos de direção como o de Coordenador do Fórum de Ciência e Cultura e de Diretor da Editora UFRJ, a ele vinculada, são alterados ou mantidos, refletindo em mudanças nas políticas editoriais e administrativas, que marcam sua memória.

A entrada no século XXI, ainda sob o signo da turbulência com a nomeação do reitor questionado pela comunidade universitária, reservará momentos de consolidação da Editora e de suas publicações, como apresentamos a seguir.

4.1 Para fora dos muros

Em março de 1998, a Professora Yvonne Maggie de Leers Costa Ribeiro, do Departamento de Antropologia do IFCS, é nomeada para a direção da Editora UFRJ. A docente, recém terminara o mandato de Diretora de sua unidade de origem (1993-1997), a mesma unidade do então Vice-Reitor, Prof José Henrique Vilhena.

O Conselho Editorial da Editora UFRJ, tem alguns de seus membros substituídos, passando a ser composto pelos Professores Afonso Carlos Marques do Santos (História/UFRJ), Silvano Santiago (Letras/UFF), Peter Fry (IFCS/UFRJ) e Ana Cristina Zahar (diretora editorial da Jorge Zahar Editor), permanecendo os Professores Carlos Lessa (IE/UFRJ), Fernando Lobo Carneiro (COPPE/UFRJ). Prof. Lobo Carneiro será substituído em dezembro de 2001, em virtude de seu falecimento no mesmo ano (LOBO..., 2001), pelo Prof. Nelson Maculan Filho (COPPE/UFRJ), ex-Reitor da UFRJ (1990-1994).

Do ponto de vista técnico e executivo, a nova gestão implementa algumas mudanças. Maria Tereza Kopschitz de Barros, profissional do mercado editorial, externo aos quadros da UFRJ, é convidada para a função de Editora Executiva, e a servidora da Editora, Cecília Moreira, para a função de Editora Assistente, conforme consta na ficha catalográfica dos livros publicados pela Editora UFRJ, a partir de 1998.

O Conselho Editorial reorganizado se reúne em 27 de abril de 1998, com a presença do Reitor Prof. Paulo Gomes e do Presidente da FUJB, Prof. Carlos Nilo Gondim Pamplona, momento em que foram aprovadas as seguintes diretrizes: “tornar a Editora mais ágil, publicar

livros que não existam no mercado, priorizar a reedição de clássicos e propor à Fundação Ford o financiamento dos títulos dos clássicos escolhidos pelo Conselho Editorial” (UFRJ, 1998a)²⁷.

A partir de julho de 1998, a UFRJ passa por momentos de grande tensão e instabilidade institucional. O Prof. José Henrique Vilhena, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), é nomeado, pelo Ministro da Educação (MEC), em 8 de julho de 1998, como novo reitor da UFRJ. A comunidade universitária reage à sua nomeação, impedindo seu ingresso nas dependências do Gabinete do Reitor. Centenas de estudantes, docentes e técnicos administrativos ocupam a reitoria em protesto pela não nomeação do candidato mais votado, e primeiro na lista tríplice, Prof. Aloísio Teixeira (GRILLO, 1998).

Segundo Thiensen (2013, p. 284) quando as instituições estão em crise, é fundamental que “suas portas estejam abertas à sociedade, em termos de transparência de seu funcionamento”. E foi em busca de manter as “portas abertas” que a comunidade universitária se mobilizou no final do século XX.

Os 44 (quarenta e quatro) dias de ocupação foram marcantes na luta educacional brasileira, seja pela cobertura midiática, presente diariamente no noticiário em rede nacional de televisão, como pela participação de muitos jovens no movimento, registrado na memória (NASCIMENTO, 2020) e nas cenas finais em que os ocupantes são conduzidos pela polícia para fora do prédio da reitoria (FIGURA 10), de mãos dadas e cantando o hino nacional (ESTUDANTES..., 2018)

Figura 10: Polícia desocupa Reitoria da UFRJ



Fonte: Jornal O GLOBO (ESTUDANTES..., 2018);
fotografia: Custódio Coimbra

²⁷ A Ata desta reunião foi repassada aos participantes por via fax, que foi fotocopiado, e está armazenado nos arquivos da Editora UFRJ, sendo utilizado como fonte de dados para esta pesquisa.

Vilhena, o último colocado, na lista tríplice enviada pelo Conselho Universitário da UFRJ (CONSUNI) ao MEC, obteve 11% dos votos em consulta feita à comunidade acadêmica, em que perdeu em todas as categorias (APOIADO..., 2001).

Durante os quatro anos de mandato (1998-2002), o Reitor Vilhena, sofreu uma dura oposição da maioria da comunidade universitária e dos dirigentes da instituição, e não conseguiu implementar nenhuma mudança estrutural na universidade (APOIADO..., 2001).

Aliado a essa crise interna, a universidade vivia um clima de enfrentamento com o governo federal por parte de sua comunidade universitária, em função da redução do orçamento das universidades e do congelamento dos salários dos servidores, que perdurou por sete anos, resultando em um período de várias e longas manifestações grevistas de docentes e técnicos administrativos, em defesa da autonomia universitária com democracia, por reposição salarial, por um Plano de Carreira e em defesa dos Hospitais Universitários (HU's) (JORNAL500, 2001, p. 5).

Os anos 90 foram desencadeados por uma enorme Batalha do Funcionalismo. Durante sete anos, sentimos o descaso de FHC com o serviço público. Mas, em 2000 e 2001 mostramos a força de tudo o que construímos. Fomos uma das principais categorias a pôr em xeque a legitimidade do governo FHC e a viabilidade do modelo econômico neoliberal.

A vitoriosa greve deste ano será inesquecível! Além de conquistas como a incorporação integral da GAE e fim da lei do emprego público, impusemos uma importante derrota, a este governo, que tinha como marca não aceitar negociar com servidores em greve. (JORNAL500, 2001, p.5)

Thiesen (2013, p. 281) afirma que não se pode esquecer que as instituições são como um corpo e como tal é “finito” é uma força que entra em contato com outras forças. Para a autora o corpo social de uma instituição é formado por “forças ativas e reativas”, hierárquicas e em permanente tensão, como tratado no Capítulo I (Tabela 1), quando apresentamos alguns contornos que caracterizam as instituições sociais.

Vilhena manteve Maggie na direção da Editora UFRJ, para a gestão 1998-2002. A crise institucional, vivenciada por toda a universidade, teve seus reflexos no âmbito da Editora UFRJ, com mudanças na linha editorial e de intensificação na participação da Editora em eventos literários nacionais (UFRJ, 1998b, p.1).

De acordo com o plano estratégico, aprovado em setembro de 1998, e o apoio de R\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil reais) da FUJB, a direção da Editora investiu em novos projetos. Com nova sala no Palácio Universitário, destinada ao setor de divulgação e comercialização; ocupação de um corredor interno no palácio, voltado para o estoque dos livros; e um espaço para comercialização dos livros, a Editora se expandiu.

Em 1998, a Editora UFRJ publica 12 novos títulos, dos 25 que estavam programados, considerado pelo Conselho Editorial como um “desempenho bom em face das dificuldades da mudança da direção”. Em virtude da grande participação em eventos, e apesar de poucos lançamentos, o resultado da comercialização foi considerado acima das expectativas pelo colegiado (UFRJ, 1998b, p.1).

Com relação às prestações de contas junto às esferas estadual e federal, principalmente após demanda da secretaria estadual de fazenda de apresentação de nota fiscal, a Editora UFRJ, após discussão no Conselho Editorial, que considerara “fundamental que a editora trabalhasse com nota fiscal de venda”, a situação foi regularizada em 1998 (UFRJ, 1998b, p.1.). No âmbito fiscal, a Editora UFRJ passa a existir, a partir de 11 de fevereiro de 1999, quando a Secretaria de Fazenda do Estado do Rio de Janeiro (SEFAZ) concede a Inscrição Estadual (IE) ao Fórum de Ciência e Cultura (razão social), Editora UFRJ (nome fantasia), tendo como atividade econômica principal 58.21-2/00 - edição integrada à impressão de livros, e atividades secundárias 47.61-0/01 - comércio varejista de livros (Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE)²⁸ (ANEXO IV). A emissão de nota fiscal pela Editora UFRJ reflete na exigência de escrituração contábil, que de acordo com os registros em ata, é inicialmente realizada pelo Contador Geral da UFRJ. O Conselho Editorial, informado em reunião com a presença do reitor, registra o reconhecimento de “uma grande conquista da Editora” (UFRJ, 1999a, p.1). A partir de então, a Editora UFRJ pôde também operar sua distribuição com cartão de crédito, o que fez até o ano de 2003, quando o uso do cartão foi suspenso.

O planejamento para publicação de livros para o ano de 1999, previa o lançamento de 32 livros, dos quais apenas 13 foram produzidos. A Editora participou de inúmeros eventos, ultrapassando todos os anos anteriores, desde sua existência (UFRJ, 1999b, p.1.). Dentre esses eventos constam a Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, a Primavera dos Livros, a Festa do Livro da USP, as feiras de livros organizadas pelos encontros anuais dos Programas de Pós-Graduação de diversas áreas de conhecimento, além de vários eventos organizados pela UFRJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Fundação Oswaldo (Cruz Fiocruz), UNIRIO, PUC, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA). O desempenho da Editora UFRJ é elogiado pelo Conselho Editorial, pelo aumento na comercialização dos livros em relação aos anos anteriores. (UFRJ, 1999b, p.1).

²⁸ Secretaria Estadual de Fazenda (SEFAZ-RJ) consulta via sistema SINCAD ao CNPJ 33.663.683/0062-38 (FCC/UFRJ) que emite o Comprovante de inscrição e de situação cadastral (CISC).

A participação da Editora UFRJ na ABEU se manteve ativa, todos os anos, desde a sua fundação. A Editora se fez representar em todas as reuniões anuais, através da Direção e de seus representantes, desde 1995.

Em abril de 1999, durante a Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, o estande de Portugal, foi organizado em forma de uma caravela, detalhe que chamou muito a atenção de todos. A ABEU estava representada pelo seu vice-presidente e diretor-presidente da Editora Unesp, José Castilho Marques Neto, e, na ocasião, chamamos a atenção para a originalidade de Portugal, ao reunir todas as editoras portuguesas em um mesmo local, possibilitando o acesso à todas as publicações portuguesas em um único espaço. O modelo adotado por Portugal, passa a ser considerado como um exemplo que permitiria às editoras universitárias se unirem, em um só estande, facilitando a divulgação das editoras, das universidades, de suas publicações e a articulação das instituições com a sociedade, que se localizavam em estandes espalhados pela Bienal. A proposta foi muito bem recebida por Castilho, que incluiu na pauta da reunião anual da ABEU, em julho do mesmo ano, na sede da Editora da UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul). A proposta de reunir, em um só estande todas as editoras universitárias na Bienal do Livro, é aprovada por unanimidade. Neste mesmo ano, Castilho é eleito presidente²⁹ da ABEU para o Biênio 1999-2001, e se responsabiliza pela organização do evento no ano seguinte.

Na 16ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, realizado entre os meses de abril e maio de 2000, no Expo Center Norte, 36 editoras universitárias brasileiras foram reunidas pela primeira vez num estande de 816 m², o segundo maior estande da Bienal (MACHADO, 2000). A proposta, baseada na observação da Editora UFRJ, e que buscava construir a unidade das editoras universitárias, foi exitoso não apenas para a Editora UFRJ, mas para todas as editoras universitárias.

Nunca as editoras universitárias foram tão poderosas quanto nesta Bienal. Acostumadas a espaços exíguos e pulverizados nas feiras anteriores, os braços editoriais das universidades agarraram este ano o bordão "união faz a força" (MACHADO, 2000)

Pela primeira vez na história da Bienal do Livro as editoras universitárias brasileiras estiveram reunidas no mesmo espaço. A Bienal de 2000 inaugura não apenas um novo século, mas uma nova página para as editoras universitárias no Brasil. (FIGURA 11)

²⁹ Professor José Castilho Marques Neto foi presidente da ABEU, nos Biênios 1999-2001, 2001-2003 e 2011-2013.

Figura 11: Espaço da ABEU, visão da Editora UFRJ - 2000



Fonte: acervo pessoal da autora

Nesta Bienal, a Editora UFRJ recebe dois Prêmios Jabuti³⁰ (Títulos..., 2000): na categoria de Ciências Exatas, Tecnologia e Informática, com o livro *Complexidade & Caos*, organizado por H. Moysés Nussenzveig, professor do Instituto de Física da UFRJ e na categoria Capa, com o livro *Pré-história da Terra Brasilis*, organizado pela Professora Maria Cristina Tenório, do Museu Nacional da UFRJ. O livro *Complexidade & Caos* reúne 18 cientistas brasileiros e estrangeiros, e trata dos complexos sistemas deterministas do universo. O livro *Pré-história da Terra Brasilis*, organizado pela Professora Maria Cristina Tenório, do Museu Nacional da UFRJ, com capa elaborada pela premiada capista Adriana Moreno, externa à equipe técnica da Editora, contratada pela direção da Editora para alguns trabalhos temporários (FIGURA 12).

³⁰ O Prêmio Jabuti foi criado em 1958 e é outorgado anualmente pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), sendo o mais tradicional e prestigiado prêmio do livro do País, conferindo aos vencedores o reconhecimento do leitor e da comunidade intelectual brasileira.

Figura 12: Prêmio Jabuti - Estatuetas e livros da Editora UFRJ



Fonte: acervo da Editora UFRJ

A Editora recebe ainda, nesse mesmo ano, o Prêmio Anual Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) para o livro *Arquitetura do espetáculo: teatros e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia*, de Evelyn Furquim Werneck Lima³¹, professora do curso de Artes Cênicas da UNIRIO.

O Conselho Editorial passa a adotar uma nova sistemática para aprovação dos livros publicados pela Editora, similar a utilizada pela Editora da UERJ. A Editora passa a enviar, à residência dos conselheiros, os originais já acompanhados da avaliação dos pareceristas, sob responsabilidade da direção da Editora que passam a ser avaliados e relatados diretamente nas reuniões presenciais do Conselho. O recebimento dos originais, em fluxo contínuo, é mantido, ou seja, em qualquer época do ano, os autores poderiam submeter seus originais para avaliação (UFRJ, 2000a, p.1).

O ano de 2000 é marcado ainda pela comemoração dos 80 anos da UFRJ, e a Editora UFRJ publica dois volumes do livro *Universidade do Brasil: volume I - das origens à construção e volume II - guia dos dispositivos legais*, de autoria e organização, de Maria de Lourdes Fávero. O Prof. José Leite Lopes é convidado pela autora para escrever o prefácio em que deixa registrado sua apreensão frente às incertezas e ameaças à universidade pública.

Atravessamos um período em que a universidade pública está ameaçada por tantas incertezas e dificuldades, que se faz necessário que seja repensada. Mas qualquer proposta não terá sentido se não houver respeito pelo pensamento, pelas atividades de

³¹ Arquiteta e historiadora brasileira, estudiosa da arquitetura teatral no Brasil e no mundo e da preservação do patrimônio cultural da cidade do Rio de Janeiro.

produção do conhecimento. Respeito mútuo, dentro da universidade, de cada um por um. (FÁVERO, 2000, p. 9)

A Editora UFRJ, até as comemorações dos 80 anos da UFRJ, contabilizava pelos menos dois livros sobre a história e a memória da Universidade. Entretanto, verificamos que a Editora, enquanto unidade de produção acadêmica-científica, não aparece em nenhum registro ou divulgação do evento de comemoração.

Segundo Ribeiro (2004, p.1), a lembrança e o esquecimento são partes integrantes da memória, um não subsiste sem o outro, no desenvolvimento de atualização do passado, quando memorado. Para o autor “a memória é que nos dá a sensação de pertencimento, por isso a importância dos lugares de memória para a sociedade.”

Em novembro de 2000, Hermano Vianna, antropólogo, autor dos livros publicados pela Editora UFRJ como *Mistério do samba* (1995) em coedição com a Jorge Zahar Editor e *Galerias cariocas* (1997), passa a integrar o Conselho Editorial (UFRJ, 2000b, p.1).

A Editora UFRJ publicou no ano de 2000, 10 (dez) títulos novos, uma queda na produção, comparada aos anos anteriores, refletindo a crise institucional interna e o movimento grevista dos servidores públicos de aproximadamente 4 meses, do qual a equipe da Editora UFRJ participou.

O século XXI se inicia com a participação da Editora UFRJ na X Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, realizado em maio de 2001. As editoras universitárias ocuparam o maior estande da Bienal, com 800 m², foram 54 (cinquenta e quatro) editoras presentes. O estande apresentou uma programação extensa, com discussões importantes e temas polêmicos, como por exemplo a cópia não-autorizada de obras que não estejam em domínio público. A inauguração do estande foi marcada pela palestra de Roger Chartier, intitulada “Linguagem e Leitura na Idade da Textualidade Eletrônica” (IMPRENSA..., 2001).

A Editora UFRJ realiza nesta Bienal o encontro “Cultura urbana, o *funk* em debate” em torno dos livros da Coleção Cultura Urbana: *O funk e o hip-hop invadem a cena*, de Micael Herschmann; *Escola, galerias e narcotráfico*, de Eloísa Guimarães; e *Galerias Cariocas*, de Hermano Vianna, no dia 25 de maio, no Auditório Murilo Mendes – Riocentro. O encontro, organizado pela Editora UFRJ, foi marcado pela presença dos autores e de convidados, como Fernando Luís Mattos da Matta, conhecido como DJ Marlboro, o cantor e compositor Ivo Meirelles, e o urbanista e produtor cultural Manoel Ribeiro.

A Editora, depois de 10 (dez) anos, volta a ter representação na diretoria da ABEU, ocupando a direção de eventos. A convite de José Castilho Marques Neto, a Editora UFRJ assume a referida diretoria para o Biênio 2001-2003 (FIGURA 13), com o objetivo de fortalecer

a política de união das editoras universitárias e a ampliar a participação da associação em eventos nacionais e internacionais. (Direção..., 2001-2003)

Figura 13: Diretoria da ABEU 2001-2003



Fonte: Acervo pessoal da autora³²

A Editora UFRJ participa de 38 eventos, ao longo desse ano, incluindo a XV Feira Internacional do Livro de Guadalajara e a Feira Internacional do Livro de Frankfurt (Direção..., 2001-2003).

As áreas de antropologia, filosofia e história têm presença marcante nas publicações da Editora UFRJ, de 1998 a 2001, conforme relação de publicações. As Coleções Cultura Urbana e Risco Original, já existentes sofreram descontinuidade. Entretanto, uma nova coleção intitulada “Clássicos do Pensamento Social Brasileiro” foi criada. A coleção classifica os livros de Guerreiro Ramos e Fernando de Azevedo. A publicação está inserida no âmbito do “Selo 500 anos”; assim como “Clássicos do Pensamento Universal” e “Propedêutica”, em convênio com a SR-1 (Sub-Reitoria de Graduação e ensino discente), que representam tentativas de criação de novas coleções.

Outro momento marcante para a Editora UFRJ, é a transformação em livraria do espaço já ocupado no Palácio Universitário para comercialização das produções. A livraria (FIGURA

³² Da esquerda para a direita: Vice-Presidente: Ir. Jacinta Turolo Garcia, USC; Vice-Presidente Norte: Lais Isabel Peres Zumero, UFPA; Diretor Financeiro: João Carlos Canossa Pereira Mendes, Fiocruz; Diretora de Eventos: Fernanda Almeida Ribeiro, UFRJ; Diretor de Relações Int.: Geraldo F. Huff, UFRGS; Presidente: José Castilho Marques Neto, UNESP; Vice-Presidente Centro-Oeste: Sylvia Helena Cyntrão, UCB; Vice-Presidente Nordeste: Flávia G. Mota Garcia Rosa, UFBA; Vice-Presidente Sul: Valter Kuchenbecker, ULBRA; Secretário: Luiz Carlos Ribeiro, UFPR.

14) tem em seu acervo os livros da Editora e de outras editoras universitárias e passa a participar totalmente do Programa Interuniversitário para a Distribuição do Livro (PIDL) da ABEU. A inauguração do espaço ocorre em 27 de junho de 2002, com o lançamento do livro *Anfíbios do município do Rio de Janeiro*, de Sérgio Potsch de Carvalho-e-Silva e Eugenio Izecksohn. O espaço de comercialização no Centro de CCMN, em funcionamento desde 1997, passou também a oferecer os livros dos professores daquele Centro, oriundos de outras editoras.

Figura 14: Livraria Editora UFRJ – Palácio Universitário



Fonte: acervo Editora UFRJ
Fotografias: Eustáquio Amazonas

Com o término do mandato do Reitor Vilhena, a direção de Maggie deixa 22 (vinte e dois) títulos em produção; 5 (cinco) reedições e 29 (vinte e nove) títulos aprovados, sem ter iniciado o processo de produção (UFRJ, 2002a, p.1-5).

Em julho de 2002, toma posse como Reitor da UFRJ, o Prof. Carlos Lessa (*in memoriam*) do Instituto de Economia, a partir da construção de uma chapa de unidade com a presença de vários Decanos de Centro da UFRJ, que alcança 85% de aprovação da comunidade universitária, (UFRJ..., 2020). Lessa, que foi do Conselho Editorial da Editora UFRJ em 1994, tem como Vice-Reitor, o Prof. Sérgio Fracalanza, do Instituto de Microbiologia, e, diferente do ocorrido em 1998, são nomeados pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, respeitando a escolha da comunidade universitária (TOMA...,2002).

Lessa foi um defensor do retorno da regularidade institucional e principalmente do respeito às decisões dos órgãos colegiados, e do papel da universidade como espaço crítico da memória nacional, como expressa no seu discurso de posse.

A UFRJ se emocionou com o requerimento de voto de aplauso assinado pelos três senadores do Rio de Janeiro – Roberto Saturnino Braga, Artur da Távola e Geraldo Cândido – bem como com a manifestação da maioria dos deputados federais da bancada fluminense, pela oportuna lembrança, ao Congresso Nacional, do que representa esta Universidade. Reiteraram ao Brasil que a UFRJ é essencial à coluna central da vida acadêmica; é espaço de preservação e reelaboração crítica da memória nacional; contribui para e acompanha o desenvolvimento científico, tecnológico e intelectual mundial; interage com os centros de saber das outras nações e, assim projeta a civilização brasileira para muito além de nossos limites. (ALVES, 2020)

Lessa nomeou o Prof. Godofredo *de Oliveira* Neto, da Faculdade de Letras, para a Coordenação do Fórum de Ciência e Cultura, que convida a Prof.^a Renata Bondim, da mesma unidade, para a função de Diretora da Editora. Este novo ciclo na gestão da Editora ocorre no curto período de 15 de julho de 2002 a 30 de julho de 2003. O reduzido tempo a frente da Editora, refletiu os fatos ocorridos em outubro de 2002, com a eleição para a Presidência da República de Luiz Inácio *Lula* da Silva (MEMÓRIA, 2021).

Lula, poucos meses depois de eleito convida Carlos Lessa para assumir a Presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Lessa, inicialmente se licencia do cargo de reitor, e o Vice-Reitor, Prof. Sérgio Fracalanza assumiu a direção da UFRJ, até que Lessa renúncia ao cargo, e novas eleições são realizadas para ocupar os cargos de Reitor e Vice-Reitor (AGENCIAESTADO, 2003).

Bondim, ao assumir em 2002, reuniu o Conselho Editorial, composto pelos Professores Afonso Carlos Marques do Santos (História/UFRJ), Nelson Maculan Filho (COPPE/UFRJ), Adalberto Ramon Vieyra (Instituto Biofísica Carlos Chagas Filho - IBCCF/UFRJ), Ana Cristina Costa de Figueiredo (Instituto de Psiquiatria – IP/UFRJ), Antônio Carlos Secchin (Letras/UFRJ), Carlos Alberto Lombardi Filgueiras (Instituto de Química-IQ/UFRJ), Otávio Velho (MN/UFRJ) e José Luís Fiori (IE/UFRJ), Ângela Maria Dias (Letras/UFF) e Silviano Santiago (Letras/UFF). Esse conselho realiza 4 (quatro) reuniões ao longo desse curto período. A primeira, com a presença do Reitor Lessa, identifica a necessidade de elaboração de um novo regimento, com modificação na composição do Conselho Editorial, que contemplasse as novas nomeações. O regimento vigente só permitia 6 (seis) membros, sendo 4 (quatro) da UFRJ e 2 (dois) externos, e a nova composição apresentava-se com 8 (oito) docentes da UFRJ (UFRJ, 2002 b, p.2).

Conforme comunicado ao Conselho Editorial, nessa mesma reunião, conforme registrado em Ata, que a Editora dispunha de um orçamento de R\$ 100.000,00 (cem mil reais) para a publicação dos títulos, que se encontravam em processo de produção, concedidos pela FUJB. A proposta de convênio com a Academia Brasileira de Letras (ABL) e de coedição com as Editoras Contraponto e Beca e de parceria com a empresa Booklink, uma editora virtual para

disponibilizar as teses defendidas pela UFRJ, foi apresentada pela nova direção ao conselho. Entretanto, identificou-se os primeiros conflitos quanto a política editorial da nova direção e o colegiado.

Frente ao quantitativo de livros em produção, acrescidos dos que já estavam aprovados, o Prof. Fiori, membro do Conselho editorial, considerou já ser suficiente para execução da nova gestão que assumia, considerando, inclusive, desnecessário o Conselho Editorial reunir-se nesse período. O posicionamento do conselheiro recebe apoio da maioria dos demais membros do Conselho editorial, que se manifestam favoráveis ao cancelamento dos contratos – com prévia consulta ao jurídico da Universidade. O Conselho Editorial decide, por unanimidade, suspender o recebimento de novos originais até a definição de uma nova política editorial. O conselheiro Silvano Santiago se manifesta contrário à parceria com a Booklink, ao afirmar que a Editora “já tinha muitos livros para publicar” e manifesta a preocupação quanto às propostas de coedição, que deveriam ser discussões acompanhadas, previamente, de um orçamento detalhado por parte da coeditora (UFRJ, 2002 b, p.3;4).

Lessa reconheceu a importância da Editora para a UFRJ e sinaliza ao Conselho Editorial a liberação de R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais), possibilitando a publicação de 40 títulos, em 2003, e 60 em 2004. O Reitor apresentou seus planos de revitalização da Gráfica da UFRJ, que possibilitaria atender a Editora (UFRJ, 2002c, p.1).

Quanto às linhas editoriais, os conselheiros apontaram a necessidade de definição desde o recebimento dos originais até a edição. As Coleções já existentes, permaneceriam e, estabeleceu-se que todos os livros da Editora UFRJ deveriam ser classificados com base em Coleções. Para adequar os livros já publicados, a alguma coleção, o Conselho Editorial criou as seguintes Coleções (UFRJ, 2002b, p.3):

- 1) Pensadores do Brasil;
- 2) Clássicos da Ciência;
- 3) Clássicos do Pensamento;
- 4) Crítica & Arte; Estudos;
- 5) Memória;
- 6) Etnologia;
- 7) História,
- 8) Cultura & Ideias;
- 9) Economia e Sociedade;
- 10) *Philosophia* Analítica; e

11) Terra Incógnita

O parecer da Procuradoria da UFRJ, sobre os contratos firmados de parceria e coedições, indicou a impossibilidade de sua suspensão, sendo necessário executá-los. O Conselho Editorial, em reunião de 06 de novembro de 2002, instituiu comissão formada pela Diretora da Editora, e os conselheiros Ângela Dias e Afonso Marques, com a finalidade de avaliar a lista de livros aprovados, e apresentar aos demais conselheiros uma proposta para início de produção (UFRJ, 2002c, p. 1).

Outro destaque, herdado da gestão anterior, referiu-se à quantidade de livros em tradução. A relação de obras incluía a tradução de Voltaire, *Essai sur le moeurs et l'esprit des nations et sur les principaux faits de l'histoire depuis Charlemagne jusq'a Louis XVIII*, cujos serviços de tradução, revisão técnica, copidesque e os serviços gráficos com a impressão, apresentavam um alto custo orçamentário, inviável de ser executado, segundo a Diretora da Editora, que foi suspenso pelo conselho, e não chegou a ser publicado (UFRJ, 2003 a, p. 1 - 2).

Dentre as decisões do colegiado, está a de não aceitar antologias e teses, e nem os livros em língua estrangeira. O Conselho Editorial definiu que apenas passariam por avaliação obras indicadas pelo colegiado “pelo reconhecido mérito do trabalho”. Projetos de publicação para avaliação, sem constituir-se em livro pronto, também passaram a ser negados, os originais deveriam estar passíveis de ser enviados aos pareceristas e avaliados pelo conselho (UFRJ, 2003, p. 3).

A notícia da reintegração de posse do imóvel onde funcionava o Bingo Botafogo, conforme relatado na página 94, no capítulo anterior, em janeiro de 2003, reacendeu os ânimos dos servidores da Editora UFRJ (IMÓVEL..., 2003). A antecipação de tutela, concedida pelo juiz Vanderlei Monteiro do Tribunal Regional da 2ª Região, determinava a reintegração de posse do mesmo imóvel que, em 1995, funcionava a Churrascaria Braseiro, mas que foi rapidamente recuperado pela Associação Brasileira de Servidores Civis do Rio de Janeiro (ABSC), que sublocavam o espaço que foi concedido pela UFRJ para fins de atividades educacionais e culturais.

A direção da Editora solicitou a imediata ocupação do imóvel, e dessa forma concretizou sua mudança, transferindo seu estoque de livros e mobiliário para o local. Menos de um mês depois, o mesmo juiz que havia expedido o mandado de reintegração de posse, voltou atrás de sua decisão, e devolveu o imóvel para a ABSC, atendendo ao recurso dos administradores do Bingo, com a alegação que a disputa era entre a UFRJ e a ASBC, e não poderia ser prejudicada por isso. (UFRJ..., 2003). Os livros, e demais pertences da Editora, retornaram ao Palácio

Universitário, com uma perda³³ de aproximadamente 1.500 (mil e quinhentos) exemplares de livros, em virtude dos estragos causados pelas chuvas que invadiram o local, que ainda não estava plenamente preparado, durante o mês que ficaram no local.

A gestão da Prof.^a Bondim, no exercício da função de Diretora por menos de um ano, deixou sem resolução cerca de 60 novos livros para publicação, os títulos já existentes da gestão da Prof.^a Maggie, somados aos títulos aprovados pelo Conselho no último ano, assim como, a classificação de todos os livros dentre as Coleções criadas.

Durante o período de julho de 2002 a julho de 2003, foram lançados 15 (quinze) novos títulos e 9 (nove) reedições. Dentre os lançamentos, destaca-se a “Coleção Terra Incógnita”, em parceria com a Casa da Ciência da UFRJ, que tinha como objetivo principal a popularização da ciência no Brasil e no exterior, além de facilitar o acesso ao conhecimento científico. A Coleção foi encerrada após a publicação de dois títulos: *Ciência e Público caminhos da divulgação científica no Brasil*, organizado por Luísa Massarani, Ildeu de Castro Moreira e Fatima Brito e *A divulgação da ciência como literatura* de autoria de Ana María Sánchez Mora.

4.2 Tempos de pensamento crítico

Uma nova eleição³⁴ para Reitor e Vice-Reitor da UFRJ é realizada em 2003, e o Professor Aloísio Teixeira (*in memoriam*), mais uma vez eleito pela comunidade universitária, dessa vez é nomeado pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva. O novo reitor nomeia para a função de Diretor da Editora UFRJ, o Prof. Titular Carlos Nelson Coutinho (*in memoriam*), da Escola de Serviço Social (ESS), um filósofo marxista, tendo como diretrizes o fortalecimento do pensamento crítico e da área das ciências sociais aplicadas, através da Portaria nº 1853, de 30 de julho de 2003, publicada no Boletim UFRJ número 16 - 12 de agosto de 2003.

O Prof. Titular Carlos Antônio Kalil Tannus (*in memoriam*), da Faculdade de Letras da UFRJ, foi nomeado para a Coordenação do Fórum de Ciência e Cultura.

Coutinho convidou para o Conselho Editorial os Professores Charles Pessanha (IFCS/UFRJ), Diana Maul de Carvalho (Instituto de Estudos de Saúde Coletiva – IESC/UFRJ), José Luís Fiori (IE/UFRJ), José Paulo Netto (ESS/UFRJ), Leandro Konder (História/UFF e Educação/PUC-Rio) e Virginia Fontes (História/UFF).

³³ Situação vivenciada pela autora.

³⁴ O Professor Calos Lessa renuncia em janeiro de 2003, ao aceitar o convite do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva para assumir a Presidência do BNDES, e nova eleição para Reitor e Vice-Reitor são realizadas na UFRJ.

Os documentos técnicos e administrativos, os relatórios de atividades e as atas de reuniões localizados na Editora UFRJ expõem, em sua maioria, informações sobre os originais aprovados que se transformaram em livros ou não. Os depoimentos, os rastros, segundo Ricouer (2007, p. 177) estão repletos de fatores afetivos tanto por sua qualidade de resguardo como de conservação mental. Para o autor o “arquivo não é apenas um lugar físico, espacial, é também um lugar social”. Afinal, os lugares de memória têm uma dimensão didática e diz muito sobre quem o produziu. Assim, tanto o discurso como a prática não se dissociam. Por isso, utilizamos algumas entrevistas publicadas, para destacar a opinião de Coutinho sobre as condições em que encontrou a Editora UFRJ, assim que assumiu, como passaremos a nos referir.

Em entrevista ao Jornal do Sindicato dos Trabalhadores em Educação da UFRJ (SINTUFRJ, 2003), Coutinho declarou que as publicações da Editora UFRJ não seguiam “uma linha muito clara” e não destacavam o livro didático que, em sua opinião, deveria ser o “centro do catálogo”. Coutinho afirma que tendo a Editora como diretora uma antropóloga, muitos livros foram publicados nessa área de conhecimento. (SINTUFRJ, 2003, p.12). Coutinho tinha como projeto inicial, voltar a publicar as obras de Anísio Teixeira e Guerreiro Ramos, e intensificar uma linha de livros didáticos de autoria de professores da UFRJ, voltados para os alunos de graduação.

A quantidade de títulos na área de antropologia, que seriam ainda publicados durante a gestão de Coutinho, fez com que ele afirmasse que não pretendia fazer o mesmo, ou seja, ele que trabalhava com a área de teoria política, não pretendia que a Editora se restringisse a publicar essa área de conhecimento. Coutinho, concluiu também, ao analisar as publicações da Editora, que o marxismo não tinha representação em seu catálogo e julgava que “o marxismo tem um peso importante no pensamento social contemporâneo, é justo que haja um número maior de livros dessa corrente filosófica no catálogo da editora” (COUTINHO, 2004). Segundo Coutinho (2004), seu principal objetivo era reforçar o pluralismo da produção da Editora, não só diversificar ainda mais os domínios do saber contemplados em seu catálogo, mas também ampliar o número de correntes de pensamento nele representadas.

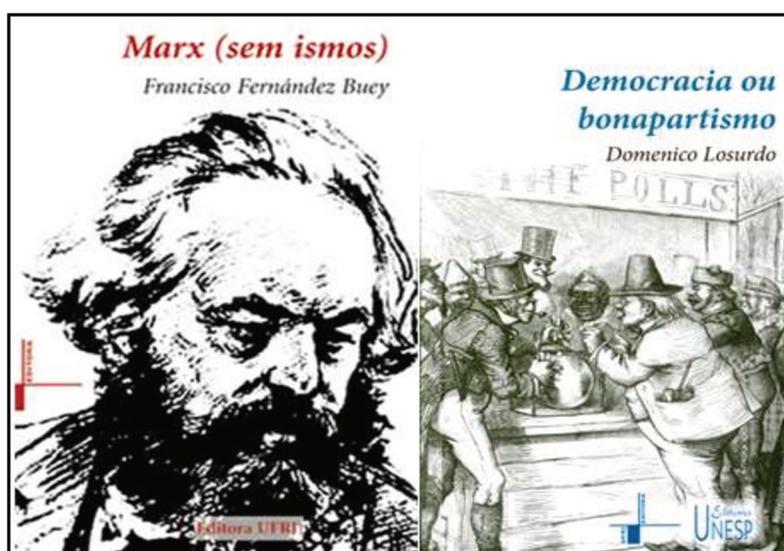
Coutinho assumiu a direção da Editora defendendo a editoração universitária e assim o fez em toda sua gestão, “As editoras universitárias têm uma função importantíssima a desempenhar, e é um equívoco imaginá-las como sucedâneo de editoras comerciais, que jamais publicarão um livro sem almejar lucro” (JORNAL588, 2003, p.12).

Ao se deparar com 60 contratos de edição para publicação, deixando pelas antigas gestões, o novo Diretor da Editora UFRJ resolveu recusar muitos títulos, que estavam em avaliação e que ainda não tinham contrato assinado, “apesar da relevância e da qualidade

acadêmica”, como justificou ao enviar correspondência aos autores que “dado o enorme volume de originais herdados de outras gestões, somos levados a priorizar outros títulos para nossa agenda de publicação.” (ANEXO V). No ano de 2003, a Editora publicou 10 (dez) novos livros e 4 (quatro) reedições, sendo 9 (nove) livros das gestões anteriores.

Em 2004, Coutinho, dá início a “Coleção Pensamento Crítico”, com títulos na área de teoria social, publicando *Marx (sem ismos)*, de Francisco Fernández Buey³⁵, filósofo comunista e ensaísta espanhol, e *Democracia ou bonapartismo: triunfo e decadência do sufrágio universal*, de Domenico Losurdo³⁶, filósofo e historiador marxista italiano, em coedição com a Editora UNESP (FIGURA 15).

Figura 15: *Marx (sem ismos)* e *Democracia ou bonapartismo*



Fonte: acervo Editora UFRJ, capas: Ana Carreiro

Para Coutinho, os livros didáticos eram de grande importância: “deve-se dar importância a livros que contribuam com o ensino universitário” e destacava o livro mais vendido da Editora, “nosso *best-seller*, por exemplo, é um livro de Cálculo Diferencial que já se encontra na 5ª edição” (COUTINHO, 2004). Coutinho referia-se ao livro *Cálculo diferencial e integral de várias variáveis* (FIGURA 16), de Diomara Pinto e Maria Cândida Ferreira Morgado, professoras do Instituto de Matemática da UFRJ, a primeira edição foi publicada em 1997 e vem sendo reimpressa até hoje.

³⁵ Professor dos Departamentos de Filosofia, Economia e Sociologia das universidades de Valladolid e de Pompeu Fabra, em Barcelona.

³⁶ Domenico Losurdo (Sannicandro di Bari, 1941 — Itália, 28 de junho de 2018) foi um filósofo e historiador marxista italiano. É conhecido pela sua crítica ao anticomunismo, ao colonialismo, ao imperialismo, ao liberalismo e ao conceito de totalitarismo.

Figura 16: Livro mais vendido da Editora UFRJ



Fonte: Acervo da Editora UFRJ

A Editora publicou, no ano de 2004, 22 (vinte e dois) livros, entre os quais 7 (sete) reedições. Dessa forma, Coutinho conseguiu retomar a produção atingida na década de 90, que havia diminuído consideravelmente nos últimos anos. A reitoria da UFRJ alocou um orçamento no valor no total de R\$ 150.585,00 (cento e cinquenta mil e quinhentos e oitenta e cinco reais), para as despesas referentes aos serviços gráficos, como estímulo à sua produção editorial, e da FUJB, o valor de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais), metade do apoio, concedido em 2003. O conselho editorial reuniu-se cinco³⁷ vezes em 2004. No relatório de atividades de 2004 registra-se a redução da contratação de serviços (edição de texto, revisão, editoração, desenho de capa), dos valores pagos para a contratação de terceiros (tradução e revisões técnicas), resultando na redução dos custos dos livros, permitindo sua comercialização a preços bem mais acessíveis. O grande problema identificado por Coutinho, era o fato que a Editora não dispunha de um orçamento anual previamente estabelecido, o que prejudicava a elaboração de um planejamento anual (UFRJ, 2004, p.4-6).

Coutinho e o Conselho Editorial estimulavam a presença da Editora UFRJ nos principais eventos relativos à divulgação e à promoção do livro, mesmo nas Bienais Internacionais do Livro do Rio de Janeiro e de São Paulo. Apesar do alto custo para a garantia da participação nesses eventos, o relatório expressa a importância para a divulgação da Editora e de seus livros, possibilitando que um público mais amplo conhecesse as atividades desenvolvidas pela Universidade (UFRJ, 2004, p.7).

³⁷ As atas dessas reuniões não foram localizadas nos arquivos da Editora UFRJ.

Uma nova Coleção para a Editora UFRJ foi planejada para ser publicada a partir de 2005, intitulada “Coleção Intérpretes do Brasil”. O projeto incluía publicações que abordariam monograficamente os principais autores que contribuíram para criar *uma teoria do Brasil*. A lista inicial, elaborada por Coutinho, incluía 12 (doze) pensadores que contribuíram para a compreensão dos problemas brasileiros: Alberto Torres; Caio Prado Júnior; Celso Furtado; Euclides da Cunha; Florestan Fernandes; Oliveira Viana; Gilberto Freyre; Joaquim Nabuco, José Bonifácio; Nelson Werneck Sodré; Sérgio Buarque de Hollanda, e Silvio Romero. A elaboração de cada volume da “Coleção Intérpretes do Brasil” seria confiada a um reconhecido especialista no conhecimento da obra do autor em referência (UFRJ, 2004, p.7). A “Coleção Intérpretes do Brasil” tinha como alvo o público universitário, prioritariamente da área das ciências humanas e sociais, o que contribuiria para um maior conhecimento da herança cultural brasileira. Essa Coleção apresentou um alto custo, tanto pelo pagamento dos especialistas, como para a impressão dos livros, e não foi publicada pelas limitações orçamentárias.

Em 2005, a Editora UFRJ apresenta, em seu balanço, a publicação de 21 (vinte e um) livros, sendo 11 (onze) títulos novos e 10 (dez) reedições. Dentre as novas publicações destaca-se a retomada da “Coleção Anísio Teixeira”, com 2 (dois) livros, e da nova “Coleção Pensamento Crítico”, também com 2 (dois) livros.

A Editora UFRJ, na gestão de Coutinho, introduziu uma nova linha editorial e propiciou um acesso maior aos livros publicados pela Editora, através de descontos progressivos, e na organização da “Feira de livros das editoras universitárias do Rio de Janeiro”. O projeto das Feiras foi desenvolvido pelo setor de Divulgação da Editora UFRJ, em consonância com a ABEU e inserido no programa “Viva Leitura”, com o compromisso de formar leitores e incentivar a leitura, e garantir que o estudante pudesse adquirir o livro da Editora UFRJ.

As Feiras se propunham a ser um evento cultural com a finalidade de divulgar o livro universitário e estimular a leitura, principalmente entre a comunidade universitária. Realizada nas dependências da UFRJ, UERJ, UFF, UFRRJ e FIOCRUZ, em datas alternadas e oportunas, de acordo com o interesse e calendário de cada instituição. Os livros de todas as áreas do conhecimento científico, filosófico e artístico eram comercializados com descontos promocionais de 50%, sendo a feira aberta ao público em geral. Durante a realização das Feiras, além dos descontos promocionais, também eram realizados debates, seminários, apresentações musicais e teatrais (ANEXO VI)

As Feiras ganharam relevância, com grande volume de público, o que exigia cada vez mais investimentos. A ausência de uma área coberta no campus da Praia Vermelha da UFRJ

inviabilizou a continuidade de novas edições, sendo a última, a XI Feira do Livro das Editoras Universitárias, ocorrida em 2015 (MEMÓRIA..., 2015).

A Editora UFRJ, o Conselho de Ensino de Graduação (CEG)/Pró-Reitoria de Graduação (PR-1) e a Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB) lançaram três editais, em 2006 (FIGURA 17) e 2008 e 2010 (FIGURA 18), durante a gestão de Coutinho, referentes ao “Programa de Apoio à Publicação de Livros Didáticos”. A iniciativa tinha como objetivo principal incentivar os professores a produzirem livros didáticos para o ensino de graduação. Os livros deveriam ser de autoria, coautoria ou organização de professores, exclusivamente, da UFRJ. A FUJB, alocou recursos orçamentários, se responsabilizando pelos custos de publicação correspondentes às obras aprovadas. As propostas foram examinadas por um comitê editorial formado por dois membros do conselho editorial da Editora UFRJ, dois representantes do conselho de administração da FUJB, um pesquisador CNPq e por um representante do CEG/PR-1 (ANEXO VII).

Tabela 2: Publicação dos livros da Coleção Didáticos

Título	Ano	Unidade
<i>Serviço social e políticas sociais,</i> Org. Ilma Rezende e Ludmila Fontenele Cavalcanti	2006	Escola de Serviço social
<i>Saúde, corpo e sociedade,</i> Org. Alicia Navarro de Souza e Jacqueline Pitanguy	2006	Faculdade de Medicina
<i>Teoria política moderna: uma introdução,</i> Isabel de Assis Ribeiro de Oliveira	2006	IFCS
<i>História da industrialização no século XIX,</i> Vania Maria Cury	2006	Instituto de Economia
<i>Dinâmica, controle e instrumentação de processos,</i> Belkis Valdman, Rossana Folly e Andréa Salgado	2008	Escola de Química
<i>Neurologia para o clínico,</i> Org. Marleide da Mota Gomes e José Luiz de Sá Cavalcanti	2008	Instituto de Neurologia
<i>História da arte no Brasil: textos de síntese,</i> Org. Angela Âncora da Luz, Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira e Sônia Gomes Pereira	2008	Escola de Belas Artes
<i>Violência de gênero e políticas públicas,</i> Suely Souza de Almeida	2008	Escola de Serviços Social
<i>A pluralidade do campo psicológico: principais abordagens e objetos de estudo,</i> Arthur Arruda Leal Ferreira	2010	Instituto de Psicologia

Fonte: compilação da autora

Figura 17: Coleção Didáticos 2006



Fonte: Compilação da autora

Figura 18: Coleção Didáticos 2008 e 2010



Fonte: Compilação da autora

Além de 4 (quatro) títulos da Série Didáticos, a Editora UFRJ publicou em 2006, mais 10 (dez) títulos novos e 8 (oito) reedições.

Um destaque entre as publicações de 2006 foi a primeira edição em livro, em versão fac-similar, dos artigos publicados, em 1896-97, na “Revista Brasileira”, por Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), da obra *O animismo fetichista dos negros baianos*. Segundo Schwarcz (2007), Nina Rodrigues era considerado, por diversos pesquisadores, o fundador da antropologia brasileira. O livro, organizado por Yvonne Maggie e Peter Fry, em coedição com a Biblioteca Nacional, foi distribuído para todas as bibliotecas do país, e não foi comercializado. Nina Rodrigues descreveu os candomblés da Bahia e estabeleceu maneiras de compreender essa manifestação de fé, que percorreu toda a escrita dos autores que o seguiram. Nina Rodrigues definiu os enunciados e as questões que encantam estudiosos até os dias de hoje.

Nina Rodrigues nos apresenta aos grandes terreiros de Salvador, entramos com ele no Gantois da virada do século XIX, compartilhamos do ritual, assim como reconhecemos a pureza das tradições africanas. Eis o paradoxo desse médico que ausculta o ruído e procura sanar o mal. O seu diagnóstico é interessante, mas o problema é o remédio que pretende prescrever. O Brasil seria marcado por uma série de culturas (para usarmos um termo mais recente que Nina não mencionaria), e sua complexidade e riqueza são dignas de elogio. Mas aí está, também, o homem de ciência que precisa diagnosticar. A histeria seria, portanto, uma forma de degeneração e a possessão sua manifestação mais usual? Parece que o cientista, nesse momento, perde suas certezas e passa a duvidar. O animismo fetichista dos negros baianos é um documento repleto de contradições: vivo na realidade que apresenta e que, desesperadamente, procura compreender. Nina Rodrigues, mesmo sem pretender, foi, sem dúvida, um grande leitor e intérprete de seu próprio tempo. (SCHWARCZ, 2007, p. 886).

O Reitor Aloísio Teixeira foi reeleito em 2007, para um mandato de mais quatro anos, até 2011 (Aloísio..., 2007), e manteve Coutinho no cargo de Diretor da Editora UFRJ, assim como o Conselho Editorial. Teixeira nomeou também a Prof.^a Beatriz Resende, para a Coordenação do Fórum de Ciência e Cultura.

Coutinho publicou, em 2007, 12 (doze) livros novos e 5 (cinco) reedições, dando continuidade em seu plano de recuperar os títulos, a muito tempo, esgotados. Até sua saída da Editora UFRJ.

O compromisso de facilitar o acesso aos livros publicados pela Editora UFRJ foi mantido nas duas gestões de Coutinho. Além das Feiras do Livro das Editoras Universitárias, a Editora manteve suas promoções de “Volta às Aulas”, que aconteciam sempre no início dos semestres letivos, conforme o calendário acadêmico e a “Promoção: Neste Natal dê um livro de sua Editora de presente”, que se realizavam entre os meses de novembro e dezembro, eventos que ofereciam à comunidade universitária, 50% de desconto em todo o catálogo da Editora.

Coutinho publicou mais 42 (quarenta e dois) títulos novos e 31 (trinta e uma) reedições, até o final de seu mandato.

Coutinho se despediu da Editora UFRJ, em julho de 2011. Em 29 de junho de 2012, um dia após o seu aniversário de 69 anos, recebeu o título de professor emérito³⁸ da UFRJ. Coutinho morreu em 20 de setembro, vítima de câncer de pulmão. A equipe da Editora UFRJ realiza, anualmente, o “Arraiá do Carlito”, uma festa junina, uma singela homenagem ao querido diretor.

³⁸ O título de Professor emérito é concedido pela UFRJ a seus professores aposentados, considerados de excepcional relevância para a Universidade no exercício de sua atividade acadêmica.

4.3 Momento de descontinuidade

Em mais um ciclo democrático na UFRJ, em 2011 ocorre o processo de consulta à comunidade universitária para a sucessão de Prof. Aloísio Teixeira, após seus dois mandatos seguidos, denominado, internamente, de período da “pacificação”. Os professores Carlos Levi (COPPE) e Antônio Ledo (Faculdade de Medicina) venceram a eleição para assumir os cargos de reitor e vice-reitor, respectivamente, para a gestão 2011-2015. O Brasil também iniciava um novo ciclo com a posse, naquele mesmo ano, da primeira mulher na Presidência da República: Dilma Roussef.

Levi nomeia para a Coordenação do Fórum de Ciência e Cultura, o Prof. Aloísio Teixeira (ex-Reitor), cargo que ocupa a partir de julho de 2011. O novo Reitor nomeia para o cargo de Diretor da Editora UFRJ, em setembro de 2011, por indicação de Teixeira, a Prof.^a Beatriz Resende, da Faculdade de Letras, através da Portaria nº 6107, 1º de setembro de 2011, publicada no Boletim UFRJ número 36, de 08 de setembro de 2011.

Resende convidou o Prof. Paulo Roberto Pires, da Escola de Comunicação da UFRJ, para compor sua equipe, como editor.

O Conselho Editorial é reformulado e passa, a partir de novembro de 2011 a ser composto pelos professores Eduardo Viveiros de Castro (MN/UFRJ), Heloisa Buarque de Holanda (Letras/UFRJ), Norma Côrtes Gouveia de Melo (História/UFRJ), Roberto Lent (ICB/UFRJ), Rachel Teixeira Valença (Museu da Imagem e do Som) e Renato de Andrade Lessa (Teoria Política/UFF).

Na primeira reunião do Conselho, realizada em dezembro de 2011, Resende e Pires apresentaram ao colegiado os objetivos estratégicos de sua gestão, que basicamente eram: ampliar a participação da Editora no mercado universitário; aumentar sua visibilidade fora da UFRJ e integrá-la às atividades de ensino, através de uma parceria com a Escola de Comunicação, onde seriam oferecidas oficinas de produção editorial e estágio para os cursos de produção editorial e jornalismo (UFRJ, 2011, p. 1). Resende propôs ao Conselho, fazer uma revisão e reavaliação do catálogo e treinamento da equipe para iniciar a edição digital. Resende e Pires pretendiam continuar publicando os “autores da casa”, como Beatriz Sarlo, Néstor Garcia Canclini e Frederic Jameson e ampliar a lista de títulos traduzidos; criar uma lista de ebooks e livros sob demanda, além de contratar uma assessoria de imprensa para atender a Editora. (UFRJ, 2011, p. 2)

Resende solicitou à Reitoria a movimentação de dois servidores técnicos administrativos lotados no FCC para a Editora, ocupantes dos cargos de revisor de textos e produtor cultural, este

com fluência em diversos idiomas, que se responsabilizaria pelo contato com editoras estrangeiras, com o objetivo de possibilitar a negociação para aquisição dos direitos de publicação em língua portuguesa. Das negociações iniciadas para adquirir os direitos de 10 (dez) títulos, apenas um contrato para a tradução e edição no Brasil foi firmado. A publicação de “*Siete Ensayos sobre Walter Benjamin*” de Beatriz Sarlo, com a Siglo XXI Editores (Argentina), lançado pela Editora UFRJ, em 2013, com o título *Sete Ensaios sobre Walter Benjamin e um Lampejo*. Beatriz Sarlo já havia lançado com a Editora UFRJ, em 1997, o livro *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na argentina*. (UFRJ, 2012, p. 1)

Em março de 2012, Resende pede exoneração do cargo, e em abril do mesmo ano, Teixeira também pede exoneração do cargo de Coordenador do FCC, e o um novo ciclo se inicia na Editora UFRJ. Levi nomeia para o cargo de Coordenador do FCC, o Prof. Carlos Bernardo Vainer, do *Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ)*. Vainer declarou, no momento de sua posse, que gostaria que o Fórum de Ciência e Cultura cumprisse "um papel de instituição voltada para propiciar as bases materiais e intelectuais de um movimento dialógico confrontacional no campo dos estudos avançados e transdisciplinares" (RIBEIRO, 2012). Para Vainer, a renovação do FCC incluiria parcerias com o Museu Nacional, a Casa da Ciência, o Sistema de Bibliotecas e Informação e a Editora UFRJ, órgãos vinculados ao Fórum que, para ele, atuavam de forma independente e previu mudanças significativas, e como “centralização da publicação de textos científicos na Editora ao invés da pulverização que existe atualmente” (RIBEIRO, 2012). O Prof. Titular Michel Misse, do Departamento de Sociologia do IFCS (UFRJ), fundador do Núcleo de Estudos em Cidadania, Conflito e Violência Urbana da UFRJ (NECVU), é nomeado para o cargo de Diretor da Editora, através da portaria nº 5707, de 16 de agosto de 2012, publicada no Boletim UFRJ Número 34, em 23 de agosto de 2012, pelo Reitor Levi, a convite do novo coordenador do FCC, Prof. Vainer.

4.4 Um novo olhar para dentro da UFRJ e do Rio de Janeiro

De março a agosto de 2012, a Editora UFRJ passa a ter uma coordenação das atividades³⁹ em comunicação permanente com toda equipe técnica. Esta atividade envolvia o acompanhamento junto à FUJB, da publicação o 3º edital do “Programa de Apoio à publicação de Livros Didáticos” (FIGURA 19), que tinha como objetivo o incentivo à editoração e

³⁹ Esta atividade, no período informado, foi assumida pela autora, portanto as informações são fruto de nossa observação e atuação na Editora UFRJ

publicação de livros para utilização em cursos de graduação de autoria, e/ou coautoria, de professores da UFRJ.

Os originais, encaminhados à publicação pela Editora UFRJ, eram pré-selecionados pelo Conselho de Ensino de Graduação (CEG) da UFRJ e, posteriormente encaminhados à FUJB. Para essa tarefa participaram os representantes do Conselho Editorial da Editora UFRJ e do Conselho de Administração da FUJB, que selecionaram, em julho daquele ano, 7 (sete) novos títulos para serem publicados em 2013.

Uma equipe voltada exclusivamente para a produção dos livros didáticos foi selecionada pela coordenadora, para que todos os prazos, previstos no Edital, fossem cumpridos, e o orçamento executado. Todas as etapas de produção dos livros foram realizadas com os recursos humanos da Editora, a exceção dos serviços de impressão e acabamento, através de contratação direta pela FUJB. Os projetos de capas, que nos editais anteriores foram terceirizados, dessa vez, seriam totalmente executados pela equipe da Editora, por isso os projetos gráficos de miolo e capa sofreram mudanças. Essa decisão permitiu a reedição de três títulos dos editais anteriores, além da produção dos títulos previstos no “Edital 2012”, (FUJB, 2012). Importante ressaltar que a partir desse momento todos os projetos gráficos passam a ser elaborados exclusivamente pela equipe técnica da Editora UFRJ.

Figura 19: Coleção Didáticos 2012



Fonte: Compilação da autora

A Editora UFRJ, no primeiro semestre de 2012, organizou eventos, como a Semana de Divulgação Institucional: “Promoção volta às aulas”, em diferentes espaços da universidade

(Reitoria, IFCS e CCS) e, na elaboração e apresentação de um projeto para o “Edital de Apoio à Eventos da Pró-Reitoria de Planejamento, Desenvolvimento e Finanças (PR3)”. Neste edital, a Editora recebeu apoio para a realização da “VIII Feira das Editoras Universitárias da UFRJ”, em que foram lançados os livros *Mulheres mães e o abuso sexual incestuoso*, de Rosana Morgado, e *Narrando Paulo Freire*, de Paolo Vitoria.

A Editora participou também do “I Seminário de Educação em Direitos Humanos da Região Sudeste”, da “VIII Feira das Editoras Universitárias da UFF”; do “Seminário: Educação Brasileira nos 80 anos da publicação do manifesto dos pioneiros da educação nova”; do “XVI Encontro Nacional de Economia Política”; da “XXII Bienal Internacional do Livro de São Paulo”; do “Seminário Franco Brasileiro; juventude, violência e controle socioespacial no Brasil e na França” e da “Primavera dos Livros” (UFRJ, 2019, p. 30)

Nesse período, com o apoio da administração central da UFRJ, a Editora adquiriu novo mobiliário com foco na otimização do espaço físico funcional, e com o objetivo de fornecer aos servidores melhorias no ambiente de trabalho. Novos equipamentos, com tecnologia atualizada, para todo o corpo técnicos administrativos, em especial para o setor de programação visual, impressoras e um novo servidor de rede, softwares adequados ao trabalho editorial, equipando a Editora para possibilitar a melhoria da qualidade dos serviços prestados à sociedade (UFRJ, 2019, p. 22).

O novo Diretor da Editora, Prof. Misse inicia sua gestão em agosto de 2012, junto com Fernanda Ribeiro, no cargo então criado de Diretora Adjunta⁴⁰, nomeados pelo Reitor Levi, através das Portarias 5707 e 5701, de 16 de agosto, respectivamente, publicadas no Boletim UFRJ nº 34, de 23 de agosto de 2012. Misse assumiu o cargo, com o compromisso de estabelecer uma linha editorial mais “agressiva”, ao defender a ampliação da produção para além das fronteiras da Universidade, modernizar sua imagem gráfica e investir na infraestrutura de produção e distribuição (UFRJ, 2019, p. 1).

O Regimento da Editora UFRJ (UFRJ, 1994a), quanto ao Conselho Editorial, determina um mandato similar aos dos cargos eletivos da UFRJ, de quatro anos. Entretanto, como destacado nos períodos anteriores, cada Diretor que assumia, independente do período da gestão do reitor em exercício, promovia mudanças na composição do Conselho. Misse manteve sua composição até 2016, apenas, por pedido de desligamento formalizado de Rachel Valença, em 2012, sendo substituída por Renato de Andrade Lessa (Teoria Política - UFF e Presidente da Fundação Biblioteca Nacional). No Conselho Editorial permaneceram os Professores Eduardo

⁴⁰ Função em que permaneço exercendo até a data de publicação desta dissertação.

Viveiros de Castro (Museu Nacional), Heloisa Buarque de Hollanda (Faculdade de Letras), Norma Côrtes Gouveia de Melo (Instituto de História), e Roberto Lent (Instituto de Ciências Biomédicas).

Os critérios de seleção, ou indicação, para publicação na Editora UFRJ, neste período, foram basicamente três: indicação, apresentação direta e indução. A indicação era caracterizada pela prerrogativa dos membros do Conselho Editorial de indicar títulos que julgassem pertinentes para a publicação. Neste caso, a indicação era debatida e avaliada pelos demais conselheiros que, em conjunto, promoveriam a aprovação definitiva do livro, se houvesse viabilidade financeira. A apresentação direta era caracterizada pela apresentação direta do autor à Editora, e os originais passavam por um processo rigoroso de avaliação. A indução era caracterizada pelo estímulo aos autores pelos membros do Conselho Editorial e da Direção da Editora, para a produção e finalização de originais. Um exemplo do uso desse critério foram as publicações dos livros de Wanderley Guilherme dos Santos, *A difusão parlamentar do sistema partidário - exposição do caso brasileiro*"; de Otávio Velho, *“Antinomias do real”*; e, de Luís Roberto Cardoso de Oliveira, *“Desvendando Evidências Simbólicas: Compreensão e o Conteúdo Emancipatório da Antropologia”* (UFRJ, 2019, p. 3).

Na busca por uma infraestrutura de produção autônoma, a nova direção tenta junto a Gráfica da UFRJ conhecer os motivos pelos quais não era possível a impressão dos livros da Editora, naquela unidade. A ausência de equipamentos era a justificativa para a incapacidade de imprimir os livros da Editora, e apesar das solicitações para aquisição de novos equipamentos terem sido incluídas no planejamento orçamentário da Gráfica UFRJ, elas não foram atendidas. Todos os anos, ao solicitar a contratação de empresa especializada em impressão e acabamento dos livros publicados pela Editora, é necessário inserir, junto ao processo, um documento emitido pela Gráfica da UFRJ expondo os motivos pelos quais é impossibilitada de atender a demanda da Editora, o Memorando N°: 49/18, de 01/08/2018.

Misse organizou diversas reuniões de equipe para compreender o funcionamento do trabalho da Editora e oferecer clareza à comunidade universitária sobre o processo de trabalho realizado pela Editora e todas as suas etapas. Um dos elementos identificados pelo Diretor, nesse processo de ausculta, foi o número insuficiente de servidores técnicos administrativos para garantir a execução dos projetos em andamento na Editora. A UFRJ vivia o momento de implantação do REUNI, e a Editora solicitou a contratação, por concurso público, para os cargos de revisor de textos, programador visual, secretária executiva, assistente administrativo e jornalista à Pró-Reitoria de Pessoal (PR4) (UFRJ, 2019, p. 24)

O quadro de pessoal da Editora, em 2012, era composto por 14 (quatorze) servidores técnicos administrativos, sendo 5 (cinco) no setor de revisão de textos, 4 (quatro) no setor de produção gráfica, 2 (dois) no setor de divulgação e 1 (um) no setor de distribuição. A Editora recebeu, durante a gestão de Misse, um total de 6 (seis) servidores, sendo 1 (uma) revisora de textos, 1 (uma) desenhista técnico especializado, 1 (um) editor de textos e 1 (um) auxiliar administrativo, ingressos por concurso público com vagas específicas para a Editora, e por solicitação de transferência interna na UFRJ, de 1 (uma) programadora visual e 1 (uma) técnica em assuntos educacionais.

Com aporte de pessoal, diante das novas tecnologias e da ampliação do livro digital no mercado editorial, a Editora UFRJ inicia a discussão sobre o tema. Até 2013, a Editora UFRJ só havia publicado em papel, e a direção identifica a necessidade de capacitar seu pessoal para a era digital. Cursos de “Treinamento eBooks com InDesign, iPad, Kindle, PDF e DRM”⁴¹ e de “Acrobat X Pré-Impressão”, com certificação da Adobe, empresa desenvolvedora de aplicativos na área de design e edição de textos foram oferecidos aos servidores da Editora neste período (UFRJ, 2019, p. 8)

Os dois primeiros e-books, em formato PDF estão disponíveis para download gratuito na internet. *Ortodontia preventiva e interceptativa na ação básica de saúde bucal: Manual de atendimento*, organizado por Ana Maria Bolognese, um manual que tem por objetivo capacitar o cirurgião-dentista generalista a tratar maloclusões incipientes ou potenciais maloclusões (BOLOGNESE, 2019) e *Educação de surdos no ensino superior*, de Jane de C. S. Capelli ... [et al.], este manual foi elaborado dentro do Projeto Surdos-UFRJ, coordenado pela Prof^a Vivian M. Rumjanek, e traz esclarecimentos sobre a surdez às pessoas do campo da educação no ensino superior. (CAPELLI, 2019)

Com foco na ampliação do catálogo da Editora UFRJ, foram realizadas negociações contratuais para reedição e tradução para a língua portuguesa, e publicação no Brasil, de autores representantes do pensamento contemporâneo, muitos deles traduzidos pela primeira vez no país. A partir de 2013, foram 14 (quatorze) títulos negociados para licenciamento de direitos de tradução (UFRJ, 2019, p. 11) (TABELA 3)

⁴¹ O curso aborda aspectos da produção do livro digital, tais como seu conceito, seus formatos, softwares necessários à sua produção e seus suportes de leitura (Ipad, Kindle e tablets em geral).

Tabela 3 – Relação de Obras com Direitos Autorais adquiridos pela Editora UFRJ (2013-2014)

Título da Obra	Autor(es) / Organizador(es) - Ano
<i>Stravinsky's Piano</i>	Graham Griffiths Cambridge University Press, 2013
<i>Making It Count: The Improvement of Social Research and Theory</i>	Stanley Lieberson University of California Press, 1987
<i>Illégalismes dans la mondialisation : migrations, travail et marchés - Colóquio Cerisy-La Salle</i>	Org. Angelina Peralva (Toulouse) e Vera da Silva Telles
<i>La Crise de la conscience européenne (1680-1715)</i>	Paul Hazard Éditions Fayard, 1989
<i>The Implosion of Contemporary Capitalism</i>	Samir Amin Monthly Review Press, 2013
<i>From ritual to theatre: the human seriousness of play</i>	Victor Turner. Performing Arts Journal Publications, 1982
<i>La légalisation des drogues... pour mieux en prévenir les abus</i>	Line Beauchesne Georg Editeurs, 1992
<i>De La Justification. Les Économies de la Grandeur</i>	Luc Boltanski e Laurent Thévenot Éditions Gallimard, 1991
<i>Disonancias. Críticas democráticas a la democracia</i>	Guillermo O'Donnell Prometeo Libros, 2007
<i>The Security Archipelago</i>	Paul Amar Duke University Press, 2013
<i>Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde</i>	Christian Bromberge Bayard Éditions 1998
<i>A Sociologia Urbana de Robert E. Park</i>	Org. por Lícia Valladares
<i>Les dérives de l'évaluation de la recherche : du bon usage de la bibliométrie</i>	Yves Gingra Raisons d'agir, Paris, 2014
<i>La Circulation du sang : entre Orient et Occident, l'histoire d'une découverte</i>	François Boustani. Philippe Rey, 2014

Fonte: compilado pela autora

Além dos novos títulos adquiridos, conforme demonstrado na Tabela 3, a Editora UFRJ renovou os direitos de reedição no Brasil das obras *O Desencantamento do Mundo*, Wolfgang Schluchter; *Gramsci e o materialismo histórico*, Stephen Gill; *Mundo dos Bens: Para uma antropologia do consumo*, Mary Douglas e Baron Isherwood; e, *O Poder das Bibliotecas, a memória dos livros no Ocidente*, Marc Baratin (UFRJ, 2019, p. 12).

Em função da inexistência de um orçamento previamente determinado para a Editora UFRJ, que permitisse à sua direção elaborar um planejamento anual e garantir a publicação de um maior número de livros, foi adotada a política de parcerias. Como disposto no relatório de gestão (UFRJ, 2019), a direção da Editora solicitou apoios institucionais e passou a participar de editais de apoio à tradução e publicação. Como resultado dessa política, a Editora UFRJ recebeu apoio da USP, para a tradução de *Illégalismes dans la mondialisation: migrations, travail et marchés* - Colóquio Cerisy-La Salle, org. por Angelina Peralva (Toulouse) e Vera da Silva Telles, e do Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (InEAC-

UFF), para a tradução de *La légalisation des drogues... pour mieux en prévenir les abus*, de Line Beauchesne (UFRJ, 2019, p. 11)

Outra iniciativa importante foi a inscrição da Editora no “Programa de Apoio à Publicação Carlos Drummond de Andrade” (PAP-CDA), do governo francês, apoiado pela Embaixada da França (Escritório do Livro), destinado a editores literários, com objetivo de oferecer suporte à tradução de obras francesas no Brasil. A Editora UFRJ recebeu apoio para a tradução do livro *De La Justification. Les Économies de la Grandeur*, de Luc Boltanski e Laurent Thévenot (UFRJ, 2019, p. 12). Como resultado das parcerias firmadas também foram publicados mais 3 (três) livros, conforme demonstrado na Tabela 4 (UFRJ, 2019, p. 10)

Tabela 4 – Obras publicadas em parcerias em 2014 e 2015

Título da Obra	Autor(es)	Parceria
<i>Mulheres e agroecologia</i>	Ema Siliprandi ⁴² acompanhado do documentário <i>As Sementes</i> , dirigido por Beto Novaes ⁴³ 2014	Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)
<i>Coleção Trilogia dos 10 anos do SOLTEC</i>	Org. pelos Professores Felipe Addor, Sidnei Lianza e Flávio Chedik 2015	SOLTEC (Núcleo de Solidariedade Técnica) do Centro de Tecnologia da UFRJ e FAPERJ
<i>O poder dos jogos e os jogos do poder</i>	Nelma Gusmão de Oliveira, professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Tese premiada na ANPUR 2014	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR).

Fonte: compilação da autora (UFRJ, 2019)

Em 2012, entra em vigor, no Brasil, a Lei de Acesso à Informação (BRASIL, 2011) regulamentando o direito constitucional de acesso às informações públicas. A cultura de transparência pública passa a ser disseminada nos órgãos públicos e a Editora UFRJ, com o objetivo de melhorar sua comunicação com a comunidade acadêmica e dar maior transparência aos seus procedimentos para aceitação dos originais, desenvolve o documento “Roteiro para autores⁴⁴” (UFRJ, 2022). O documento apresenta as normas e todos os trâmites para publicação,

⁴² Ema Siliprandi é coordenadora do Projeto GCP/RLA/193/BRA no Escritório Regional da Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO) - Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação em Santiago (Chile).

⁴³ Beto Novaes é José Roberto Novaes, Professor de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é pesquisador e faz documentários em vídeo, com temas relacionados ao mundo do trabalho e construção da memória das lutas dos trabalhadores rurais.

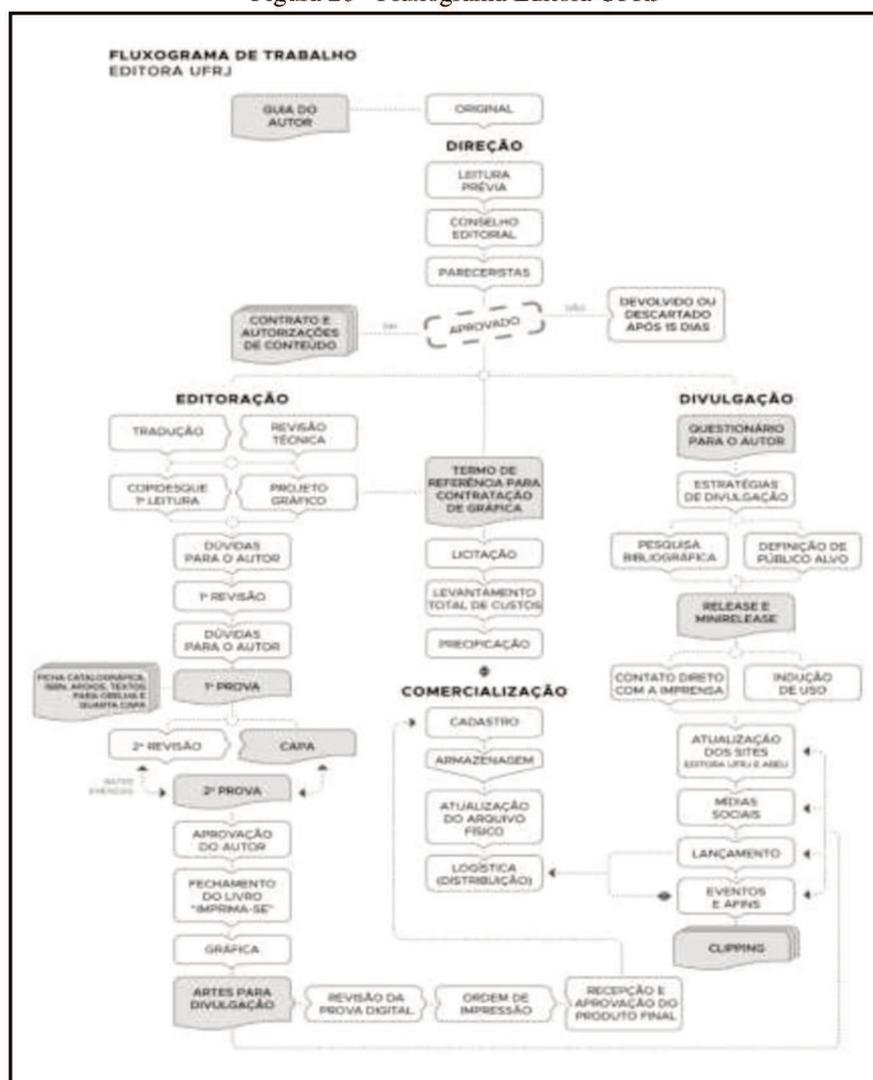
⁴⁴ Roteiro para autores: arquivo disponibilizado na internet tem sua origem em 2012 e vem sendo atualizado constantemente, apesar de que em 2022, a Editora UFRJ publicar através de Editais de publicação, as informações quanto ao texto e as imagens permanecem as mesmas.

uma orientação aos autores para a preparação do material a ser entregue à Editora, para avaliação.

No processo de modernização da gestão, a direção da Editora UFRJ, introduz os conceitos de gestão por processos, através da organização de fluxograma (CAMPOS, 1992 apud COSTA; MOREIRA, 2018, p.168; HARRINGTON, 1996) para melhor compreensão dos processos de trabalho, de forma a tornar mais acessível a identificação dos fluxos, das funções e das responsabilidades.

O fluxograma desenvolvido (FIGURA 20) possibilitou ao conjunto dos servidores terem uma visão mais ampla do processo editorial; acompanhar cada atividade; verificar a ordenação das atividades, de modo a buscar simplificar os processos, e verificar a compatibilidade dos responsáveis pela execução das atividades.

Figura 20 - Fluxograma Editora UFRJ



Fonte: Elaborado pela autora
Designer: Vanesa Mattos

O fluxograma apresenta a importância do processo de editoração e de divulgação das publicações, aspectos que são relevantes para agendamento e participação da Editora UFRJ nos eventos, tanto na região sudeste, como através da ABEU, em eventos nas mais diversas regiões do país, e inclusive internacionais, esteve integrada no fluxo dos processos na garantia de que o livro chegasse ao leitor (UFRJ, 2019, p. 29)

O Brasil foi o convidado de honra na Feira do Livro de Frankfurt, pela segunda vez, em 2013 (MUNIZ JR, SZPILBARG, 2016, p. 677) e a Editora UFRJ participou da Feira, no espaço de exposição do livro universitário da ABEU, em um estande de 100m². O estande esteve integrado ao estande geral do Brasil, e presente no "corredor universitário" com as editoras universitárias brasileiras, argentinas, colombianas e mexicanas, repetindo a experiência de 2012, evidenciando a integração latino-americana (ABEU, 2013). Misse representou a Editora UFRJ, em Frankfurt em que apresentou os dez livros escolhidos para divulgação (TABELA 5).

Tabela 5 – Livros divulgados na Feira de Frankfurt – 2013

Títulos dos Livros/Editora UFRJ	Autor(es) / Organizador(es)
<i>Práticas pedagógicas na pós-modernidade</i>	Nilma Lacerda, Vera Helena Ferraz de Siqueira, Regina Lúcia Faria de Miranda (Orgs.)
<i>E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico</i>	Marcelo Badaró Mattos
<i>Mulheres/Mães e o abuso sexual incestuoso</i>	Rosana Morgado
<i>A estética de György Lúkács</i>	Ranieri Carli
<i>Economia e filosofia: controvérsias e tendências recentes</i>	Ângela Ganem, Fábio Freitas e Maria Malta
<i>Narrando Paulo Freire – por uma pedagogia do diálogo</i>	Paolo Vittoria
<i>O samba e suas fronteiras: “pagode romântico” e “samba de raiz” nos anos 1990</i>	Felipe Trotta
<i>Conservação: conceitos e práticas</i>	Marylka Mendes, Luciana da Silveira, Fátima Bevilaqua Contursi e Antônio Carlos Nunes Baptista (org.)
<i>Secchin, uma vida em letras</i>	Godofredo de Oliveira Neto, Maria Lúcia Guimarães de Faria (Orgs.)
<i>Os Oito Batutas: uma orquestra melhor que a encomenda</i>	Luiza Mara Braga Martins

Fonte: compilação da autora

Inserido na política de investimento na infraestrutura, a direção da Editora UFRJ elabora e apresenta um projeto de desenvolvimento institucional “Projeto por dentro da universidade e pelo Rio de Janeiro, de desenvolvimento institucional da Editora UFRJ” (RIO..., 2013b), para submissão ao Edital FAPERJ N.º 12/2013, “Programa de Apoio a Editoras de Instituições Científicas e Tecnológicas Sediadas no Estado do Rio de Janeiro” (RIO..., 2013a). O edital

tinha o objetivo de apoiar a melhoria da infraestrutura das editoras de instituições científicas e tecnológicas, sediadas no Estado do Rio de Janeiro, de forma a contribuir para a “consolidação de sua estrutura e para um funcionamento mais ágil, produtivo, competitivo e em consonância com padrões de produção contemporâneos” (RIO..., 2013a). A Editora UFRJ recebeu por este edital, recursos financeiros no valor de R\$ 320.000,00 (trezentos e vinte e mil reais). O projeto apresentado pela Editora tinha como objetivo principal estreitar laços de cooperação e parceria com o curso de graduação Comunicação Social – Produção Editorial, da Escola de Comunicação da UFRJ, mediante a abertura de vagas para estágio⁴⁵, através do Programa de Divulgação Científica e Cultural (PRODICC) do Fórum de Ciência e Cultura, como contribuição para o desenvolvimento das atividades específicas e de suporte aos cursos de graduação. (UFRJ, 2013)

A montagem de um laboratório editorial, o apoio para a abertura de uma nova Livraria no espaço reincorporado pela UFRJ, e um novo site da Editora, também estavam listados para uso dos recursos conquistados no edital da FAPERJ (UFRJ, 2019, p. 20). O projeto buscava a consolidação da Editora UFRJ, como um espaço de prática e formação acadêmica. Importante destacar que todo o mobiliário e equipamentos foram incorporados ao patrimônio da UFRJ.

A execução dos recursos obtidos pelo Edital da FAPERJ concretizou-se com a abertura, em 2014, da nova Livraria da Editora UFRJ no local recuperado da ABSC e, foi comemorada pela Universidade e noticiada pelos meios de comunicação do estado.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro abriu, nesta terça-feira (16), a Editora UFRJ – Livros Universitários, ao lado Shopping Rio Sul, em Botafogo na Zona Sul do Rio. A livraria, construída no local onde funcionava um bingo, oferecerá aos leitores cerca de 6 mil títulos editados pela própria universidade e por outras editoras universitárias do país.

Segundo o reitor da UFRJ, Carlos Levi, a abertura da livraria é um presente para a universidade. “Ela representa o resgate de uma área que estava degradada, que vinha sendo vilipendiada por usos indevidos e inadequados. Será mais um espaço de cultura e lazer da cidade”, afirmou. (UFRJ..., 2014)

A Livraria da Editora UFRJ (FIGURA 21) foi inaugurada oferecendo todo o catálogo da Editora UFRJ e das editoras universitárias filiada à ABEU, que participam ativamente do PIDL.

⁴⁵ Como contrapartida da UFRJ.

Figura 21: Livraria Editora UFRJ Rua Lauro Muller 1A



Fonte: Acervo da Editora UFRJ
Fotografia: Bira Soares

Com a aquisição de equipamentos e mobiliários para o Laboratório editorial, pelos editais FAPERJ e PRODICC, foram realizados os convênios e parcerias com a Escola de Comunicação, a Faculdade de Letras e a Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, responsável pelo curso de graduação em *Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação* (CBG), unidades da UFRJ, para a oferta de bolsas de estágio aos seus alunos de graduação. Inicialmente, o convênio possibilitou, em 2014, a seleção de 9(nove) bolsistas, sendo: 6 (seis) da Escola de Comunicação, 2 (dois) da Faculdade de Letras e 1 (um) do curso de *Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação* (UFRJ, 2019, p. 23).

Os alunos do Laboratório editorial da Editora UFRJ participaram da produção do livro *Percussão e o ensino superior em música*, de Marcello Teixeira (Editora UFRJ, 2015), coordenado pelo Professor Mário Feijó, que na ocasião era Coordenador da habilitação - produção editorial da Escola de Comunicação e pela equipe técnica da Editora.

4.4.1 A viabilidade e autossustentação da Editora UFRJ

A Direção da Editora UFRJ realizou diversas reuniões com a administração central da UFRJ, a Procuradoria e a Agência Governo do Banco do Brasil, sobre a viabilidade legal e técnica para implantação da comercialização dos livros da Editora, através de meios eletrônicos, por meio de cartões de débito e crédito⁴⁶, visto que a UFRJ, desde 2003, a UFRJ teve suspenso o seu uso. A reitoria encaminhou ofício à Secretaria do Tesouro Nacional, com a solicitação,

⁴⁶ A Editora operou com cartões eletrônicos entre os anos de 1999 e 2003

que inicialmente respondeu que a solução para essa demanda estava sendo analisada, entretanto permanece, até o ano de 2022, sem resposta.

Fiori (2018 p. 29) afirma que mesmo com a ABEU, que é uma entidade de apoio às editoras universitárias, é imprescindível que tanto o governo federal, como os gestores das Universidades reconheçam a relevância de suas editoras universitárias. Segundo a autora (2018, p. 30), em função das dificuldades de comercialização, muitas editoras universitárias operacionalizavam suas atividades comerciais por intermédio de contratos firmados com Fundações de Apoio, com base no Decreto nº 7.423, de 2010 (BRASIL, 2010), no Decreto nº 8.241, de 2014 (BRASIL, 2014), que regulamenta a Lei nº 8.958, de 1994 (BRASIL, 1994), e nos termos do inciso XIII do art. 24 da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993 (BRASIL, 1993). Porém, Fiori afirma que as Fundações se responsabilizam pela gestão administrativa e financeira, mas não são capazes de atender à todas as necessidades das editoras universitárias.

A Editora UFRJ não possui contrato com a Fundação Universitária José Bonifácio para comercialização de seus livros. A Editora emite nota fiscal própria, utilizando a inscrição no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) do Fórum de Ciência e Cultura, e recolhe os pagamentos pela comercialização de seus livros através da Guia de Recolhimento da União (GRU) que é adicionado diretamente ao Tesouro Nacional, na conta única da UFRJ (UFRJ, 2019, p. 26).

4.5 Um educador como Reitor e um golpe no Brasil, novos tempos

Roberto Leher, professor titular da Faculdade de Educação da UFRJ, foi o mais votado pela comunidade universitária e nomeado o Reitor da UFRJ, para a gestão 2015-2019, pela Presidenta Dilma Rouseff. Na posse, Leher declarou que "a campanha foi marcada por um protagonismo estudantil jamais visto na história da UFRJ" (SOUZA, 2015), reafirmando seu maior compromisso com a assistência estudantil. O novo reitor manteve Vainer na Coordenação do FCC e Misse na Editora UFRJ, e o primeiro encontro do novo reitor com a direção da Editora UFRJ tratou da futura sede da Editora UFRJ.

O compromisso assumido por Levi de cessão à Editora UFRJ do espaço onde antes estava localizado o Bingo para instalação de sua sede foi rompido pela nova gestão. O prédio foi transformado no "Pavilhão de Salas de Aulas", com a justificativa de suprir a falta de manutenção das salas de aulas localizadas no Palácio Universitário (MONTEIRO, 2015). As obras contratadas, desde 2010, para restauração de telhados e fachadas do Palácio não foram concluídas e o incêndio da capela (ATIVIDADES..., 2011), continuava, em 2015, sem solução.

Com a deterioração de diversas salas da Faculdade de Educação, do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas e os Salões do Fórum de Ciência e Cultura surgiram problemas estruturais e, em maio de 2015, novo contrato foi executado para resolução. Neste cenário a pressão por salas de aula, para atender as unidades acadêmicas do campus da Praia Vermelha, foi determinante para a posição da reitoria (Estrutura..., 2015).

A Editora UFRJ, sua direção e corpo social, reconheceu a importância de atender a necessidade dos estudantes de graduação, e da decisão de permanecer no módulo habitacional, mesmo diante de um quadro de deterioração do espaço, por inexistência de manutenção, em que o temporário se delineava permanente.

4.5.1 A crise se instala e se reflete na Editora UFRJ

Segundo Vieira (2018, p. 4-8), em 2015, a crise internacional do capitalismo, iniciada em 2008, nos Estados Unidos, represada no Brasil pelo êxito econômico do governo Lula, chega ao nosso país no segundo mandato do governo Dilma. As restrições orçamentárias para a educação impactaram no funcionamento e manutenção nas instituições federais de ensino, inclusive na UFRJ.

O orçamento das instituições federais de ensino foi o foco da reunião realizada no dia 26 de agosto pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) com a participação do MEC. Os reitores expuseram sua preocupação e insatisfação com o contingenciamento de recursos e a liberação em módicas quantias – responsável pelo caos financeiro e administrativo a que foram mergulhadas. Eles querem um encontro com a presidente Dilma Rouseff. (SINTUFRJ, 2015, p.7)

Entre 2015 e 2018, a Editora UFRJ publicou 33(trinta e três) livros, uma produção considerada inferior ao planejado pela direção da Editora. As restrições orçamentárias na UFRJ levaram a situações como, a licitação concluída e contrato com uma gráfica para impressão dos livros, entretanto, não havia orçamento para execução do serviço, e garantia do pagamento.

Segundo Almeida; Raupp; Sacramento (2021, p. 10) em 2015, no segundo mandato da presidenta Dilma Rouseff, com continuidade, após o processo de impeachment⁴⁷, os cortes

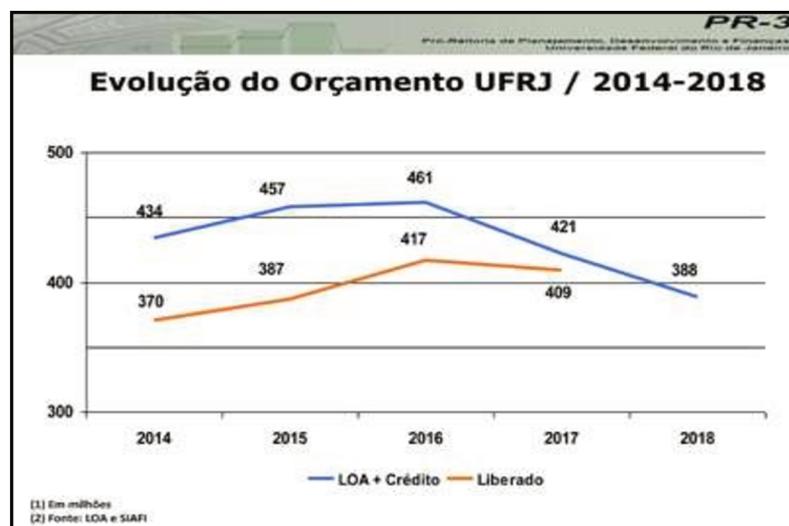
⁴⁷ O processo de impeachment de Dilma Rouseff teve início em 2 de dezembro de 2015, quando o então presidente da Câmara dos Deputados, Dep. Federal Eduardo Cunha (PMDB/RJ), deu prosseguimento ao pedido dos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal. Com uma duração de 273 dias, o caso se encerrou em 31 de agosto de 2016, tendo como resultado a cassação do mandato, mas sem a perda dos direitos políticos, da Presidenta Dilma, assumindo o Vice-Presidente Michel Temer. Fonte: Agência Senado

orçamentários ocorreram “em função da crescente escassez de recursos para suporte às políticas públicas em geral, não sendo a educação superior uma exceção”.

O impacto causado pelos cortes no orçamento das Universidades atingiu a UFRJ e, conseqüentemente, as atividades da Editora, exatamente em um momento em que os projetos de investimento se concretizaram: uma equipe qualificada, equipamentos adequados ao desenvolvimento das suas atividades, e uma lista de livros estava pronta para a etapa de impressão. (FIGURA 22)

Segundo Gambine (2018), apesar da UFRJ não se desassociar das demais universidades brasileiras, a situação da Universidade foi agravada por suas condições particulares, destacando o elevado consumo de energia elétrica, resultante do grande número de pesquisas desenvolvidas pelos laboratórios⁴⁸ distribuídos pelos centros e *campi* da UFRJ; a quantidade de prédios tombados pelo IPHAN e, que por decorrência de leis municipais, necessitam de obras e de restauração permanentes; a política de assistência estudantil, que demanda por moradia estudantil; e o Complexo Hospitalar da UFRJ que reúne 9 (nove) hospitais⁴⁹, em que várias unidades hospitalares se encontravam em desconformidade com as normas da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), precisando de obras urgentes.

Figura 22: LOA. Créditos e orçamento efetivamente liberados (milhões de reais)



Fonte: Equipe da Pró-Reitoria de Planejamento, Desenvolvimento e Finanças da UFRJ, com base nos dados do SIAFI

⁴⁸ A UFRJ dispõe de mais de uma centena de laboratórios distribuídos pelos seis Centros e FCC, localizados na cidade do Rio de Janeiro e nas unidades localizadas nas cidades de Macaé e Duque de Caxias. A relação completa pode ser acessada na página na *internet* da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UFRJ.

⁴⁹ Complexo Hospitalar da UFRJ: Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF); Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis (HESFA); Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG); Maternidade Escola (ME); Instituto de Ginecologia (IG); Instituto de Neurologia Deolindo Couto (INDC); Instituto de Psiquiatria (IPUB); Instituto de Doenças do Tórax (IDT); e, Instituto do Coração Edson Saad (ICES). Fonte: página na *internet* do Complexo Hospitalar

A crise mobilizou a comunidade editorial universitária, e na XXX Reunião Anual da ABEU, em 2017, foi aprovada a “Carta de Foz de Iguaçu”, que manifestou sua posição relativa aos cortes nos investimentos e de pessoal nas Universidades, e apresentou encaminhamentos para o enfrentamento à crise.

‘Carta de Foz do Iguaçu’ foi apresentada no último dia da Reunião Anual da Associação:

Aos vinte e seis dias do mês de maio, do ano de dois mil e dezessete, os filiados da Associação Brasileira de Editoras Universitárias, reunidos na cidade de Foz do Iguaçu (PR), por ocasião da XXX Reunião Anual da ABEU, fazem registrar que, ao completar 30 anos de atividade, a ABEU reafirma seu compromisso histórico de fortalecer o associativismo e a luta pelos interesses coletivos das entidades nacionais do livro acadêmico e científico.

A Associação está atenta às dificuldades impostas às instituições públicas e privadas como as universidades e os institutos de ciências e tecnologia, os quais passam por significativas reduções nos seus investimentos e cortes de pessoal. Para enfrentar essa conjuntura, a ABEU entende que o caminho é ampliar sua representatividade e a integração com outras associações que atuam no contexto do ensino, da pesquisa, da extensão universitária e da divulgação do livro e da escrita.

Nesse sentido, a Associação estabelece como metas institucionais:

a. Aprofundar o diálogo com o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) para que fortaleçam a relação das universidades com suas casas editoriais e que seus órgãos controladores reconheçam e autorizem a adoção de procedimentos que possibilitem o bom funcionamento e a sustentabilidade das editoras, com o Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnologia (CONIF) para que apoie suas editoras do ponto de vista físico, tecnológico e de recursos humanos. Assim como com as instituições de fomento, com vistas a investir no fortalecimento das editoras universitárias.

b. Promover ações mais colaborativas que valorizem e estimulem boas práticas, e avançar na interlocução com as instituições públicas, empresas e associações do livro de âmbito nacional e internacional, independentemente do cenário econômico e político, foi e sempre será o caminho para irmos mais longe e consolidarmos a atuação da ABEU como entidade congregadora das editoras universitárias brasileiras. (ABEU..., 2017)

A Editora UFRJ, em função do agravamento da crise, adotou algumas medidas como a redução na participação em eventos fora do Estado, que demandavam alocação de recursos para locação do estande, deslocamento de pessoal e material e hospedagem. Neste período a Editora passa a investir em campanhas de divulgação e nos eventos localizados na região sudeste, mais próximos da sede e de menor demanda financeira.

A Editora UFRJ iniciou o projeto *Outra Opinião* (FIGURA 23), fruto da parceria com a Pró-Reitoria de Políticas Estudantis (PR7), através da sua Divisão de Esporte, Cultura e Lazer (DECULT), a Coordenação de Desenvolvimento Educacional e Suporte Acadêmico

(CODESA) e a Biblioteca do Pólo de Xerém⁵⁰ da UFRJ. O Projeto consistia na ida de autores da Editora, para apresentação, em formato de palestra, do respectivo livro, com o sorteio de exemplares e comercialização dos títulos da Editora.

Figura 23: Programa Outra Opinião



Fonte: Acervo da Editora UFRJ.
Arte: Vanesa Mattos

4.5.2 A mudança de marca e a busca pela imagem institucional

Segundo Sibilia (2016, p. 21) é na segunda década do século XXI que os “telefones inteligentes” passam a integrar o equipamento básico de quase toda a população mundial, em que a visibilidade e a conexão sem pausa, passam a se constituir como vetores fundamentais para os modos “de ser e estar no mundo, mais sintonizados com os ritmos, os prazeres e as exigências da atualidade, pautando as formas de nos relacionarmos conosco, com os outros e com o mundo” (SIBILIA, 2016, p.21-22). A autora destaca que essa nova forma de expressão, a partir das plataformas digitais, não apenas, estimulam a exposição pessoal com *selfies*, *influencers* etc, mas transformam os usuários no “principal ativo que cada empresa tem para

⁵⁰ O Pólo de Xerém passou a ser denominado de Campus UFRJ-Duque de Caxias Professor Geraldo Cidade, integrando as atividades da UFRJ nos Municípios da Região da Baixada Fluminense, pela Resolução CONSUNI nº 12, de 6/12/2018, publicado no Diário Oficial da União em 10/12/2018.

vender aos seus potenciais anunciantes” (2016, p. 34), ao se referir as redes sociais com serviço dito gratuito.

Nesse cenário, as universidades, que já dispunham de página na *internet* desde os anos 1990, também criam perfis nas plataformas como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* como espaços para divulgação de seus serviços e agilizar o acesso à informação ao seu público-alvo. A Editora UFRJ, como várias outras editoras universitárias, também passou a usar esses canais para divulgação de sua produção editorial, canais em que a imagem passa a ter grande relevância.

A direção da Editora, em 2018, com a crescente utilização da digitalização no ambiente editorial e, com a necessidade de melhor divulgar sua produção, encaminhou à equipe do setor de produção gráfica, a proposta de reformulação da identidade visual. O projeto, desenvolvido com todos os setores da Editora, objetivava a mudança para ampliar o conhecimento e reconhecimento da Editora em todo meio acadêmico da própria UFRJ, gerando maior força institucional. (FIGURA 24)

A logomarca em uso era considerada, pela equipe técnica de divulgação da Editora, como algo similar a um “helicóptero” e apresentava problemas na aplicação das lombadas dos livros que dificultavam a leitura quando colocados nas prateleiras e prejudicava a leitura também nos eventos, nos letreiros dos estandes e nos materiais como sacolas, folders e material de papelaria. A equipe destacava que havia um desequilíbrio visual, além de apresentar uma ordem de leitura invertida, ao invés de se ler “Editora UFRJ” lia-se “UFRJ Editora”.

A nova logomarca adotou o símbolo de um círculo, por transmitir ideias de universalidade, abrangência e diversidade e se ajustou com perfeição à lombada dos livros, permitindo a visibilidade da marca, ao priorizar a leitura da lombada na vertical, possibilitando a uniformização da leitura nas estantes. A escolha, dentre as diferentes tonalidades de azul, do azul-celeste pela sua semelhança com o céu límpido e ensolarado, remetendo-o a qualidades elevadas como a liberdade do espírito, a lucidez da mente e a busca por leveza e iluminação (PROPOSTA, 2018, p. 3-13)

Figura 24: Evolução da Logomarca da Editora UFRJ



Fonte: Acervo da Editora UFRJ

A posse de Jair Bolsonaro, como Presidente da República do Brasil, em janeiro de 2019, abre um novo período para o sistema educacional brasileiro, de aprofundamento da crise, iniciada após o golpe⁵¹ de 2016 (PRONER, 2016).

Importante destacar que, em 6 de maio daquele ano, o Ministério da Educação anuncia o corte de 30% (trinta por cento) no orçamento das universidades e institutos federais. O ato realizado na frente do Colégio Militar, na comemoração de seu aniversário de 130 anos, de protesto aos cortes contou com a participação de professores, estudantes e pais que seguravam livros em suas mãos, o que se transformou em movimento simbólico da luta em defesa da educação. A mensagem era para o presidente que estava presente ao evento (COELHO; ROUVENAT, 2019).

Uma das imagens que ficaram marcadas nesse movimento, em que o livro foi a imagem predominante, estava uma foto divulgada pelo Jornal El País, em que uma professora (FIGURA 25) carrega em suas mãos o livro *Cálculo diferencial e integral de funções de várias variáveis*, de Cândida Morgado e Diomara Pinto, da Editora UFRJ. (BULGARELLI, 2019).

⁵¹ Segundo Proner (2016) o Golpe ocorrido no Brasil em 2016 não foi ao estilo já conhecido nos países da América Latina, chamados pela ciência política como “golpe de estado” com o uso da força e da violência, normalmente com apoio das Forças Armadas. A autora o descreve como um “golpe branco” quando a conspiração tem por objetivo a ruptura constitucional por meios parcial, ou totalmente ilegais, embora com aparência de normalidade.

Figura 25: Manifestação no Colégio Militar, 2019



Fonte: Jornal El País, (BULGARELLI, 2019)
Fotografia: Silvia Izquierdo (AP)

A diferença entre imagem e escrita, segundo Assmann (2021, p. 235), passa pela materialidade de mídias memorativas, e destaca que “obras iconográficas eram consideradas de natureza material e situadas em um tempo destruidor; a escrita era considerada imaterial e se situava em um tempo generativo, ou mesmo fora do tempo”. As imagens, segundo a autora (2021, p. 439) têm uma enorme importância no restabelecimento do passado, e por sua força de expressão, atuam como auxiliares na recordação, caracterizando-se “...pela inquietude, pela incontrollabilidade, pela afetividade e possivelmente por determinadas formas de “imedição”.”

Esta força de expressão foi impulsionada na Editora UFRJ a partir da imagem noticiada no Jornal El País. A equipe de divulgação da Editora UFRJ, percebeu toda inquietude, todo sentimento de revolta e o clamor, da professora não identificada, e desenvolveu a campanha “Imprimindo Conhecimento, Divulgando Ideias: a importância de compartilhar saberes no trabalho e na vida” (FIGURA 26) na qual professores, profissionais, alunos e ex-alunos, autores e técnicos administrativos, emitiram depoimentos sobre as suas recordações da Editora, seus livros e o quanto esses livros, de alguma forma, contribuíram para sua formação e/ou atuação profissional.

Como destacado por Halbwachs (1990), a Editora UFRJ buscou recuperar a memória como um fenômeno coletivo, como uma construção de coletividades, na comunidade universitária, apresentando a Editora e suas publicações como parte de suas memórias.

Figura 26: Campanha “Imprimindo Conhecimento, Divulgando Ideias”



Fonte: Acervo Editora UFRJ

A equipe da Editora UFRJ pôde perceber, ao receber inúmeros depoimentos, que seus livros participaram da vida de muitos leitores e foram importantes não só para a formação profissional como também para a formação de cidadãos. Observamos que o livro admite o desenvolvimento simbólico acerca de sua existência, compreende toda uma história em torno de sua produção e finalmente possui relevância em seu conteúdo informacional para a sociedade. Dessa forma, o livro possui os três sentidos propostos por Nora: material, simbólico e funcional (NORA, 1993, p. 22)

Os livros da Editora UFRJ estão na bibliografia básica de vários cursos de graduação e pós-graduação, assim como, nos programas constantes em Editais para seleção aos cursos de pós-graduação e concursos públicos, por todo o país. O registro, dessas indicações bibliográficas e sua catalogação passou a ser um processo interno na Editora, para subsidiar a confecção do catálogo e levantar a necessidade de reedições dos livros.

Segundo Marques Neto (2000), em muitos países da América Latina “a produção editorial, em áreas sensíveis como a da educação e a da cultura, está entregue a empresas multinacionais, cujo único objetivo é o lucro”. O autor afirma que a presença das editoras universitárias, em sintonia com editoras sérias e comprometidas com a cultura brasileira, é fundamental para a defesa da identidade do país como nação.

Os esforços de desenvolvimento e resistência das editoras universitárias com o indissociável tripé universitário ensino, pesquisa e extensão, contribuem para o fomento e divulgação dos diversos saberes e disseminação do conhecimento científico e tecnológico no Brasil e no exterior, motivando o diálogo e não a dependência, a contribuição e solidariedade no lugar da competição. (ARGOLLO; ROSA. 2019, p. 16)

Pensar a publicação acadêmica no contexto contemporâneo pode ser considerado um contrassenso. No entanto, para nós, representa uma certa forma de rebeldia – no sentido de não conformidade, de reação. Buscamos a metalinguagem, o livro para falar do livro.

[...] e, sendo ou não utopia, que produzir e compartilhar conhecimentos tendo em vista a construção de uma sociedade que preze, de fato, pela dignidade da pessoa humana seja sempre o nosso oxigênio! (ARGOLLO; ROSA. 2019, p. 16)

Misse privilegiou na sua gestão à frente da Editora UFRJ, até outubro de 2019, a publicação de obras focadas na qualidade de seus textos e na tradução de obras fundamentais em diversas áreas do conhecimento.

Em novo ciclo democrático na universidade, em julho de 2019, é nomeada, pelo Presidente da República, a primeira mulher a ocupar o cargo de Reitora, na história da UFRJ. A Prof^a Titular Denise Pires de Carvalho, do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, exercerá o mandato de 2019 a 2023, e no seu discurso de posse afirmou que quer que a UFRJ avance no tempo “Que não seja apenas a maior, mas também a melhor. Estar entre as 100 melhores do mundo, ser a melhor da América Latina” (PRIMEIRA..., 2019)

Para o cargo de Coordenador do Fórum de Ciência e Cultura, a reitora nomeou outra mulher, a Prof.^a Tatiana Roque, do Instituto de Matemática da UFRJ. A nomeação do novo diretor da Editora UFRJ, Prof. Marcelo Jacques de Moraes, da Faculdade de Letras, se concretizou em 04 de outubro de 2019.

O atual ciclo de gestão da UFRJ só será concluído em julho de 2023, o recorte temporal desta pesquisa é de 1986 a 2019, com foco na análise da memória institucional inserida nos ciclos de gestão da UFRJ.

CAPÍTULO V - DAS PUBLICAÇÕES DA EDITORA UFRJ

Além de pertencer a um nicho editorial específico, que resulta da diferença acadêmica e comercial entre editoras privadas e universitárias, uma característica determinante da Editora UFRJ é a estreita relação estabelecida com a Universidade. O processo de escolha das obras a serem publicadas, se baseia na opção em publicações que dialogam com as linhas de pesquisa e de ensino em curso na instituição.

De 1986 a 1990, a Editora UFRJ publicou exclusivamente textos de docentes da UFRJ, todos devidamente avaliados por pareceristas *ad hoc* indicados pelo CEPG, como já abordado anteriormente, no Capítulo III. Entretanto, a partir de julho de 1990, o conselho editorial decide pela publicação de textos de docentes de todas as instituições de ensino superior e de pesquisa, do Brasil e do exterior (UFRJ, 1994).

Além de procurar absorver e divulgar o resultado de pesquisas em curso na UFRJ e em outras instituições de ensino e pesquisa brasileiras e estrangeiras, identificamos que as publicações da Editora UFRJ voltam-se também para a publicação de textos de apoio ao ensino por meio de trabalhos que reflitam as fronteiras atuais da reflexão e da pesquisa e para a reedição de obras clássicas ou seminais do conhecimento, como é o caso das obras de autores como Anísio Teixeira, Guerreiro Ramos, Florestan Fernandes, Fernando de Azevedo, Otávio Ianni, etc.

Ao longo de todos esses anos, é possível caracterizar que além dos livros avulsos, propostos diretamente pelos autores ou por iniciativa do Conselho Editorial, foram produzidas várias coleções.

5.1 Obras avulsas

A partir do levantamento realizado, nesta pesquisa, quanto as obras publicadas pela Editora UFRJ (APÊNDICE D) constatamos a existência de diversas obras avulsas, ou seja, obras que não integram nenhuma Coleção da Editora e não foram estimuladas a serem incluídas em alguma coleção já existente.

Dentre as obras avulsas publicadas pela Editora UFRJ, algumas ocuparam destaque no ambiente literário pela temática e autores, que renunciaram sua trajetória até o século XXI. Dentre elas destacamos algumas que receberam prêmios, como listado na Tabela 6.

Tabela 6: Livros da Editora UFRJ premiados

Título	Autor/Organizador	Ano de Publicação	Prêmio	Ano
<i>O Legado de Vicente Licínio Cardoso: as leis básicas da filosofia da arte</i>	Sydney M. G. dos Santos	1986	Prêmio da Academia Brasileira de Letras (ABL)	1989
<i>As pastorinhas de Realengo</i>	Ermelinda Azevedo Paz	1986	Prêmio Silvio Romero – Menção honrosa FUNARTE - MinC	1988
<i>Coletores e pescadores pré-históricos de Guaratiba</i>	Lina Maria Kneip	1987	Menção Honrosa - pelo engajamento e luta pela preservação do patrimônio arqueológico da região e pelo notável trabalho de apresentação e divulgação da pré-história regional ao público em geral. Prêmio Jabuti 1988 (CBL)	1988
<i>Dicionário Árabe/Português/Árabe</i>	Alphonse Nagib Sabbag	1988	Menção honrosa pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ANEXO IX)	1988
<i>Razão e diferença: afetividade, racionalidade e relativismo no pensamento de Levy-Bruhi</i>	Márcio Goldman	1994	Prêmio José Albertino da ANPOCS como melhor livro de Ciências Sociais	1994
<i>A Enfermeira Ananéri no país do futuro</i>	Ieda de Alencar Barreira	1996	A LÂMPADA - 1º Lugar, Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras) - EEAN/UFRJ	1996
<i>Complexidade & Caos</i>	H. Moysés Nussenzveig	1999	Prêmio Jabuti melhor livro de Ciências Exatas, Tecnologia e Informática	2000
<i>Pré-história da terra brasilis</i>	Maria Cristina Tenório	1999	Prêmio Jabuti melhor capa	2000
Arquitetura do Espetáculo - Teatros e Cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia	Evelyn Furquim Werneck Lima	2000	38ª Premiação Anual IAB/RJ, Instituto dos Arquitetos do Brasil - Rio de Janeiro	2000
<i>O funk e o hip-hop invadem a cena</i>	Micael Herschmann	2000	Prêmio Jabuti -finalista - Ciências Humanas e Educação	2001
<i>Rei Lear</i>	Willian Shakespeare Tradução de Aíla de Oliveira Gomes	2000	Prêmio Jabuti -finalista Tradução	2001
<i>Paradoxos entrelaçados: as torres para o futuro</i>	Cêça Guimaraens	2002	40ª Premiação Anual do IAB/RJ, Instituto de Arquitetos do Brasil- RJ	2002

(continua)

Título	Autor/Organizador	Ano de Publicação	Prêmio	Ano
<i>O mundo inacabado: ação e criação em uma cosmologia amazônica. Etnografia Pirahã</i>	Marco Antônio Gonçalves	2001	Prêmio Jabuti – Finalista – Ciências Sociais	2002
<i>Ecos do Atlântico Sul: Representações sobre o terceiro império português,</i>	Omar Ribeiro Thomaz	2002	Prêmio de melhor obra científica. Concurso CNPQ-ANPOCS de Obras Científicas e teses em Ciências Sociais	2003
<i>O poder dos jogos e os jogos do poder: interesses em campo na produção da cidade para o espetáculo esportivo”</i>	Nelma Gusmão de Oliveira	2015	Melhor tese no biênio 2011-2012 pela Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (Anpur).	2011 2012
<i>Movimentos cruzados, histórias específicas. Estudo comparativo das práticas sindicais e de greves entre metalúrgicos e canavieiros</i>	José Sérgio Leite Lopes e Beatriz Heredia	2020	Prêmio ANPOCS melhor obra científica das Ciências Sociais	2020

Fonte: Elaborado pela autora

Entre as publicações avulsas, que também mereceram destaque, está o livro *Antropologia do Parentesco: Estudos Ameríndios*, uma pesquisa desenvolvida sobre o parentesco nas terras baixas da América do Sul e o estabelecimento de relações entre os sistemas sociais amazônicos e centro-brasileiros. Claude Lévi-Strauss⁵², mestre da antropologia moderna, enviou ao organizador e colega Eduardo Viveiros de Castro, por ocasião do lançamento, uma carta o parabenizando e elogiando a publicação (ANEXO VIII).

Ainda no âmbito nacional, outro destaque especial para as obras cujos autores são intelectuais brasileiros, respeitados pela contribuição à produção literária nacional, como: *Conversa de arquiteto* (Oscar Niemeyer); *Museu de Imagens do Inconsciente* (Nise da Silveira e Mário Pedrosa); *A razão nômade: Walter Benjamin e outros viajantes* (Sérgio Paulo Rouanet); *Antologia Pessoal* (Carolina de Jesus); *Dois escritos democráticos de José Alencar* e *A difusão parlamentar do sistema partidário - exposição do caso brasileiro* (Wanderley Guilherme dos Santos); *Coleção Assassinos do sol, O Homem sem fundamentos e Comunicação*

⁵² Claude Lévi-Strauss (1908-2009) foi um antropólogo, sociólogo e humanista francês, considerado um dos grandes pensadores do século XX e o mestre da Antropologia Moderna.

e indiferença (Márcio Tavares d'Amaral); *Escritos no Rio* (Ana Cristina César); *Não quero prosa* (Cacaso), *Um rio chamado Atlântico: A África no Brasil e o Brasil na África* (Alberto da Costa e Silva); além dos clássicos do pensamento social brasileiro: *As Ciências no Brasil vol. 1 e 2* e *Cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil* (Fernando de Azevedo).

Em 1999 e 2002, a Editora UFRJ publica a 1ª e a 2ª edição do livro *Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*, organizado por Maria de Lourdes Fávero de Albuquerque e Jader Britto de Medeiros, que traz à sociedade brasileira a trajetória e a formação profissional de 74 (setenta e quatro) educadores, na 1ª edição e 144 (cento e quarenta e quatro) educadores. Segundo os organizadores a iniciativa se deu em função da ausência de informações sobre o pensamento e as propostas daqueles que tiveram projeção na educação brasileira.

"...surgiu das dificuldades encontradas por professores, pesquisadores e estudantes ante a falta de informações sobre as matrizes do pensamento nessa área de trabalho, como também sobre a ação criadora empreendida por esses agentes do processo de desenvolvimento educacional no país..." (FÁVERO; BRITTO, 2002, p. 23)

A Editora UFRJ está preparando uma 3ª edição, com 184 (cento e oitenta e quatro) educadores.

O livro que obteve o maior destaque na mídia impressa para a Editora UFRJ foi o livro *Lygia Clark, Hélio Oiticica: Cartas (1964-1974)* (FIGURA 27). Trata-se das correspondências trocadas pelos dois artistas, expressões do neoconcretismo brasileiro, que foram guardadas pelas respectivas famílias, e selecionadas e organizadas pelo amigo e artista plástico, Luciano Figueiredo. Esse livro serviu de inspiração para o espetáculo "Exposição", contemplado no Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz 2012, dirigida por Cândida Monte e Gustavo Bitencourt, em parceria com o diretor e dramaturgo Dimis Jean Soares. O espetáculo foi exibido em 2013 (FIORATTI, 2013).

Figura 27: Lygia Clark e Hélio Oiticica – Cartas 1964-74



Fonte: acervo Editora UFRJ (capa: Luciano Figueiredo) e Jornal do Brasil ⁵³

Alguns livros que tratam de homenagens a professores da UFRJ que contribuíram com o ensino, a pesquisa e o conhecimento, desenvolvidos no âmbito da UFRJ, foram publicados: *Cleonice: clara em Sua Geração*, organizado por Gilda Santos, Jorge Santos e Teresa Cristina Cerdeira⁵⁴, publicado em 1995. A obra é uma coletânea de artigos sobre literatura brasileira e portuguesa de autoria de ensaístas como Antônio Carlos Secchin, José Mindlin, Eduardo Lourenço e José Saramago, que homenageiam Cleonice Berardinelli pelos 50 (cinquenta) anos de docência na UFRJ. Cleonice ocupa a cadeira n.º 8 da Academia Brasileira de Letras (ABL), e é a integrante mais longeva da ABL, com 106 anos.

Em 2013, os Professores Godofredo de Oliveira Neto⁵⁵ e Maria Lúcia Guimarães de Faria⁵⁶ organizaram o livro *Secchin, uma vida em letras* em homenagem à Antônio Carlos Secchin, professor emérito da Faculdade de Letras e membro da ABL, ocupante da cadeira n.º 19. O livro é dividido em cinco partes, dedicadas ao ensaísta, poeta, professor, ficcionista, bibliófilo e organizador de edições.

A Coletânea organizada por Carmem Negreiros⁵⁷, e Theotônio de Paiva⁵⁸, em 2017 faz uma homenagem ao professor emérito da Faculdade de Letras da UFRJ, Ronaldo Lima Lins,

⁵³ SEFFRIN, André. Coluna Livros, Jornal do Brasil (março de 1997).

⁵⁴ Gilda Santos, Jorge Santos e Teresa Cristina Cerdeira são professores da Faculdade de Letras da UFRJ.

⁵⁵ Godofredo de Oliveira Neto é professor da Faculdade de Letras da UFRJ e membro da ABL, ocupante da cadeira n.º 35.

⁵⁶ Maria Lúcia Guimarães de Faria é professora da Faculdade de Letras da UFRJ.

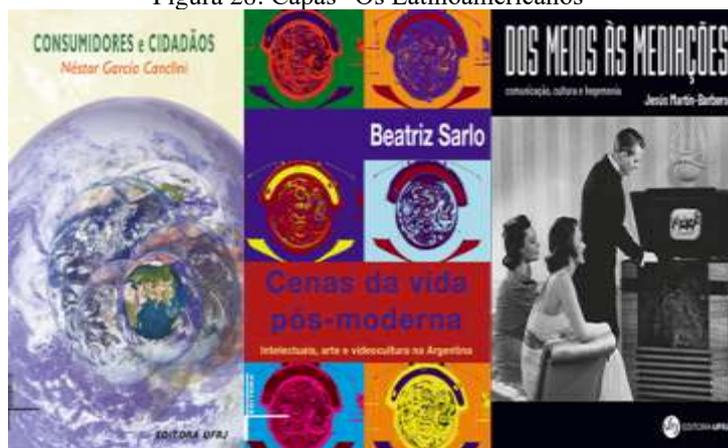
⁵⁷ Carmem Negreiros é professora do Instituto de Letras da UERJ.

⁵⁸ Theotônio de Paiva é dramaturgo e diretor de teatro.

por sua marcante biografia. O livro *Ronaldo Lima Lins: criação e pensamento* é dividido em três eixos: vida, pesquisa e criação; a poesia, o teatro, a ficção; e leituras críticas.

A partir de 1990, a Editora passou a investir na tradução de livros de autores latino-americanos (FIGURA 28) como os argentinos Néstor Garcia Canclini⁵⁹ (*Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*) e Beatriz Sarlo⁶⁰ (*Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*) e o antropólogo, nascido na Espanha e radicado na Colômbia, Jesús Martin Barbero⁶¹ (*Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*). Buarque de Hollanda declarou que “a publicação de autores latino-americanos fariam acontecer um “debate na academia e fora dela” e que o foco em estudos culturais insistiria numa “articulação entre a academia e a sociedade”. (BOTELHO et al, 2019, p. 40). De fato, esses autores continuam a constituir a bibliografia de diversos cursos de graduação e pós-graduação no país, e se mantêm no catálogo da Editora UFRJ.

Figura 28: Capas “Os Latinoamericanos”



Fonte: Acervo Editora UFRJ

Destaque também tiveram os livros de pensadores como Hanna Arendt⁶² (*A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*), George Duby⁶³ (*A história continua*), Benjamin Coriat⁶⁴

⁵⁹ Néstor Garcia Canclini é pesquisador da cultura popular mexicana, o antropólogo e ensaísta argentino.

⁶⁰ Beatriz Sarlo é professora de literatura argentina, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires.

⁶¹ Jesús Martin Barbero é semiólogo, antropólogo, filósofo e referência em pesquisas da área de comunicação, nascido na Espanha e radicado na Colômbia.

⁶² Hanna Arendt é filósofa e cientista política alemã de origem judaica.

⁶³ George Duby é historiador francês e especialista em Idade Média.

⁶⁴ Benjamin Coriat é sociólogo, economista francês, especializado em economia industrial, inovação e propriedade intelectual.

(*Pensar pelo avesso*) e Fredric Jameson⁶⁵ (*Espaço e Imagem: Teorias do Pós-moderno e Outros Ensaíos*).

O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente, organizado por Marc Baratin⁶⁶ e Christian Jacob⁶⁷, nos traz 14 (quatorze) artigos apresentados no colóquio “Alexandria ou a memória do saber”, realizado em 1993 pelo Établissement Public de la Bibliothèque de France. O livro desenvolve, a partir de diversas perspectivas, as práticas de leitura erudita e do papel que elas tiveram na transmissão das heranças intelectuais do Ocidente, sob a direção científica de Marc Baratin, professor da Universidade Lille III, e Christian Jacob, pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). Essa tradução contou com o apoio do Ministério das Relações Exteriores da França, da Embaixada do Brasil naquele país e da Maison Française do Rio de Janeiro e “se tornou entre os leitores brasileiros uma obra de referência para a história do livro e das bibliotecas” (REGINA, 2022).

A Editora continua, até a presente data, contribuindo com traduções, que ocupam uma função mediadora entre o conhecimento produzido no Brasil e no exterior, em todas as áreas do conhecimento.

Pelos altos custos que envolvem uma tradução, a Editora UFRJ procura obter apoios: internacional, proveniente de embaixadas que promovem a tradução de livros de seus países no Brasil; de Universidades brasileiras e estrangeiras; e, dos próprios professores das instituições de ensino e de pesquisa. As Universidades também têm interesse na tradução para a língua portuguesa do que se publica pelo mundo, obras do patrimônio cultural, científico e técnico da humanidade (BUFREM, 2001, p. 307). Bufrem destaca que a Editora UnB, por exemplo, desde sua criação já previa em seu projeto de criação, no artigo 13º, que entre suas finalidades estaria “traduzir ao português e publicar as principais obras do patrimônio cultural, científico e técnico da humanidade” (BUFREM 2001, p.308). No caso da Editora UFRJ, apesar do Regimento não prever a publicação de traduções, grande parte de sua produção é resultado de traduções, de acordo com seu catálogo, disponível na internet.

Outra forma de apoio também recebida pela Editora UFRJ é aquele de forma direta, quando os próprios professores e pesquisadores oferecem à Editora, a tradução de textos considerados fundamentais para suas áreas. O exemplo mais recente, é o livro *A circulação do*

⁶⁵Fredric Jameson é um crítico literário e teórico marxista, pesquisador da cultura contemporânea e da pós-modernidade.

⁶⁶ Marc Baratin é professor da Universidade Lille III. Especialidade: História das ideias linguísticas na antiguidade clássica.

⁶⁷ Christian Jacob é pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). É professor emérito da École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris. Historiador, especialista da Antiguidade e, particularmente, da geografia greco-romana

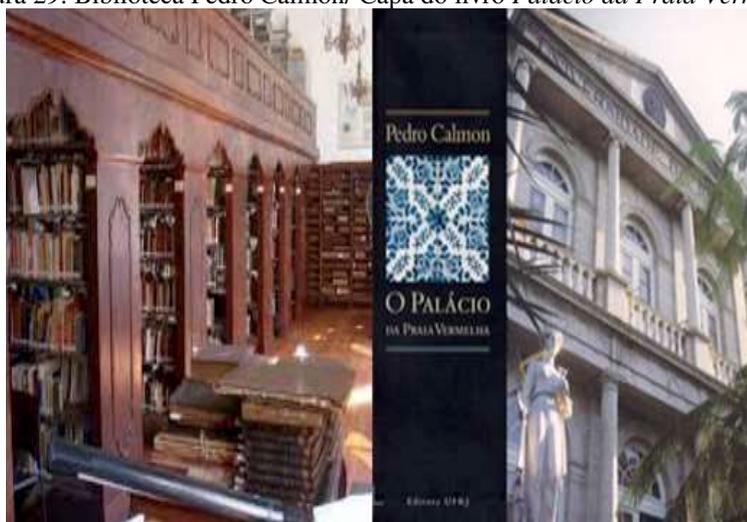
sangue, entre Oriente e Ocidente, a história de uma descoberta (La Circulation du sang: entre Orient et Occident, l'histoire d'une découverte), de François Boustani, cardiologista francês de origem libanesa, publicado em 2018. O tradutor é o médico do Instituto Nacional de Cardiologia, Márcio Arnaldo da Silva Gomes, que cedeu os direitos de tradução para a Editora UFRJ, que apresenta uma pesquisa de caráter histórico científico e médico, que é ao mesmo tempo, uma história das civilizações.

Para a constituição da memória institucional, um exemplar de cada título publicado pela Editora UFRJ, é encaminhado para a Biblioteca Pedro Calmon, do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, anteriormente denominada Biblioteca Central da Universidade do Brasil; para a Biblioteca Nacional (Depósito legal⁶⁸) e são reservados, também, três exemplares de cada livro na sede da Editora.

A Biblioteca Pedro Calmon, recebeu essa denominação no final dos anos 2000, em homenagem a Pedro Calmon, reitor da Universidade entre os anos de 1948 e 1966. Na figura 30, podemos observar o interior da Biblioteca Pedro Calmon, que se localiza no Palácio Universitário e a capa do livro *O Palácio da Praia Vermelha*, de Pedro Calmon, publicado pela Editora UFRJ, em 2002. (FIGURA 29)

Calmon (2002) descreve as diversas fases do Palácio, desde a sua aquisição, para a construção do Hospício Pedro II, até cem anos depois, quando passa por uma grande restauração e passa a ser a Universidade do Brasil, atualmente a UFRJ.

Figura 29: Biblioteca Pedro Calmon/ Capa do livro *Palácio da Praia Vermelha*



Fonte: Base Minerva/livro Editora UFRJ (capa: Victor Burton)

⁶⁸ Lei nº 10.994, de 14/12/2004, é o dispositivo legal que rege o Depósito Legal, para as obras de natureza bibliográfica.

5.2 Coleções

Organizar os livros em coleções é um critério para assegurar um determinado público, segundo Toledo (2001). A autora indica que os editores enxergam nas coleções uma forma de ampliar seu público por terem um custo mais baixo, e dessa forma acredita que o leitor tenha interesse em adquirir toda coleção ou aqueles títulos que lhe interessem mais. O editor garantiria uma maior distribuição e uma divulgação mais direcionada aquele público já determinado (TOLEDO, 2001, p. 3). A compreensão de uma coleção voltada para a perspectiva de uma coleção de livros mostra um diálogo, que se constrói através de duas dimensões: o olhar utilizado pelos autores e a visão da instituição, no caso, a editora.

A Editora UFRJ, ao longo destes 35 anos, além das obras avulsas, publicou 20 (vinte) coleções, conforme discriminamos na Tabela 7, em que destacamos o nome da coleção; os objetivos da coleção; o título do livro e nome do autor; e o ano de publicação da obra.

Tabela 7: Coleções Editora UFRJ

COLEÇÃO: ESTUDOS		
OBJETIVOS: Livros científicos em geral (matemáticas, física, química etc.)		
LIVRO	AUTOR	ANO
<i>A estrutura quântica da matéria: do átomo pré-socrático às partículas elementares</i>	José Leite Lopes	1992
<i>Cálculo diferencial e integral de funções de várias variáveis</i>	Diomara Pinto e Maria Cândida Ferreira Morgado	1997
<i>Análise orgânica: métodos e procedimentos para a caracterização de organoquímicos</i>	Claudio Costa Neto	2004
<i>Análise Financeira das Empresas</i>	José Augusto Veiga da Costa Marques	2004
<i>Introdução à física nuclear</i>	Helio Schechter e Carlos A. Bertulani	2007
COLEÇÃO: RISCO ORIGINAL		
OBJETIVOS: Livros de arquitetura, urbanismo, patrimônio histórico, música		
LIVRO	AUTOR	ANO
<i>Modernistas na repartição</i>	Lauro Cavalcanti	1993; 2000 ⁽¹⁾
<i>A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil</i>	José Reginaldo Gonçalves	1996
<i>Restauração, ciência e arte</i>	Marilka Mendes e Antônio Carlos Nunes Baptista (org.)	1996

<i>O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil</i>	Maria Cecília Londres	1997
<i>Arquitetura religiosa colonial do Rio de Janeiro: Revestimentos, retábulos e tábuas</i>	Sandra Alvim	1997
<i>Arquitetura religiosa colonial do Rio de Janeiro: Plantas, fachadas e volumes</i>	Sandra Alvim	1999
<i>Conservação: conceitos e práticas</i>	Marilka Mendes e Antônio Carlos Nunes Baptista (org.)	2001
<i>Formação de cidades no Brasil colonial</i>	Paulo Santos	2001
<i>Os Arquitetos da Memória. Sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)</i>	Márcia Regina Romero Chuva	2009
<i>Arquitetura religiosa colonial do Rio de Janeiro: as três fases</i>	Sandra Alvim	2014

(1) o primeiro ano é o de publicação, e o segundo ano é de inclusão na Coleção

COLEÇÃO: ANÍSIO TEIXEIRA

OBJETIVOS: Livros de Anísio Teixeira (reedições)

LIVRO ⁽²⁾	AUTOR: Anísio Teixeira	ANO
<i>Educação não é Privilégio</i>		1994
<i>Educação é um Direito</i>		1996
<i>Educação para a Democracia: introdução à administração educacional</i>		1997
<i>Educação e Universidade</i>		1998
<i>Educação no Brasil</i>		1999
<i>A Educação e a Crise Brasileira</i>		2005
<i>Ensino Superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969</i>		2005
<i>Educação e Mundo Moderno</i>		2006
<i>Aspectos americanos de educação & Anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927</i>		2006
<i>Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola</i>		2007
<i>Diálogos sobre a Lógica do Conhecimento</i>		2007
<i>Em Marcha para a Democracia, à margem dos Estados Unidos</i>		2007

(2) O ano de publicação original de cada obra está na Tabela 9

COLEÇÃO: CULTURA URBANA

OBJETIVOS: Livros sobre a cultura jovem brasileira urbana

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais</i>	Hermano Vianna	1997
<i>Escola, galeras e narcotráfico</i>	Eloísa Guimarães	1998
<i>Razão dos invencíveis: meninos de rua, o rompimento da ordem, 1554-1994</i>	Ligia Costa Leite	1998
<i>Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite</i>	José Manuel Valenzuela Arce	1999
<i>O funk e o hip-hop invadem a cena</i>	Micael Herschmann	2000

COLEÇÃO: COPEA**OBJETIVOS:** Livros organizados pela Coordenação de Programas de Estudos Avançados (COPEA /FCC)

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>Complexidade e caos</i>	H. Moysés Nussenzveig	1999
<i>Repensando a universidade</i>	H. Moysés Nussenzveig	2004

COLEÇÃO: CLÁSSICOS DA CIÊNCIA**OBJETIVOS:** Livros com textos clássicos da ciência para divulgação junto ao público em geral e nas escolas e universidades

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>O ano miraculoso de Einstein: cinco artigos que mudaram a face da física, de Albert Einstein</i>	John Stachel (org.)	2001

COLEÇÃO: PHILOSOPHYA ANALÍTICA**OBJETIVOS:** Linha de livros que refletem a compreensão da filosofia.

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>Princípios de filosofia</i>	René Descartes	2002
<i>Passagens: estudos sobre a filosofia de Kant</i>	Ricardo Terra	2002
<i>Fenomenologia em Wittgenstein tempo, cor e figuração</i>	Bento Prado Neto	2003

COLEÇÃO: ETNOLOGIA**OBJETIVOS:** Livros especializados em pesquisas etnológicas e questões relacionadas a indígenas, do Brasil e de outras partes do mundo

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>Obras e vidas: o antropólogo como autor</i>	Clifford Geertz	2002
<i>O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo</i>	Mary Douglas e Baron Isherwood	2004
<i>Mary Douglas: uma biografia intelectual</i>	Richard Fardon	2004
<i>Quem somos nós: Os wari' encontram os brancos</i>	Aparecida Vilaça	2006
<i>Jóias de família: gênero e parentesco em histórias sobre grupos empresariais brasileiros</i>	Adriana Piscitelli	2006
<i>Cultura na prática</i>	Marshall Sahlins	2009
<i>O corpo da nação: classificação racial e gestão social da reprodução em hospitais públicos do Rio de Janeiro</i>	Valéria Ribeiro Corossacz	2009

COLEÇÃO: CRÍTICA, LETRAS & ARTE

OBJETIVOS: Linha de livros de crítica literária, ensaios de literatura e artes em geral, história literária, crítica de artes, inclusive cinema e teatro

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>Papéis colados</i>	Flora Süssekind	1993; 2003 *
<i>O felino predador: ensaio sobre o livro maldito da verdade</i>	Ronaldo Lima Lins	2002
<i>O quarteto de cordas: teoria e prática</i>	L. N. Raaben	2003
<i>Secchin: uma vida em Letras</i>	Godofredo de Oliveira Neto e Maria Lucia Guimarães de Faria (org.)	2013
<i>Ronaldo Lima Lins, criação e pensamento</i>	Carmem Negreiros e Theotônio de Paiva (org.)	2013

(*) Livro reeditado em 2003 na Coleção

COLEÇÃO: ECONOMIA E SOCIEDADE

OBJETIVOS: Livros especializados em economia, economia política, ciência política, sociologia, política, relações internacionais, instituições

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>Diálogos tropicais: Brasil e Índia</i>	Dilip Loundo e Michel Misse (org.)	2003
<i>Trabalho e moeda hoje: a chave para o pleno emprego e a estabilidade dos preços</i>	L. Randall Wray	2003
<i>Programas sociais de combate à fome: o legado dos anos de estabilização econômica</i>	Lena Lavinias e Eduardo Henrique Garcia	2004
<i>Conhecimento, sistemas de inovação e desenvolvimento</i>	Helena M. M. Lastres, José E. Cassiolato e Ana Arroio (org.)	2005
<i>Autonomia e parceria: Estados e transformação industrial</i>	Peter Evans	2005
<i>Max Weber e a ideia de sociologia econômica</i>	Richard Swedberg	2005
<i>Trabalho escravo contemporâneo no Brasil: contribuições críticas para sua análise e denúncia</i>	Gelba Cavalcante de Cerqueira, Ricardo Rezende Figueira, Adonia Antunes Prado e Célia Maria Leite Costa (org.)	2008
<i>Trabalho, autogestão e desenvolvimento: escritos escolhidos 1981-2005</i>	José Ricardo Tauile - Marcelo Paixão e Rodrigo Castelo Branco (org.)	2009
<i>História do pensamento econômico</i>	Isaac Ilich Rubin	2014
<i>O desencantamento do mundo: seis estudos sobre Max Weber</i>	Wolfgang Schluchter	2014

Tribunal de contas na formação do Estado brasileiro Álvaro Guilherme M. 2019

COLEÇÃO: PENSAMENTO CRÍTICO

OBJETIVOS: Linha de livros de pensamento marxista ou neomarxista em diferentes áreas (filosofia, sociologia, economia, estudos culturais etc.)

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>Marx (Sem Ismos)</i>	Francisco Fernández Buey	2004
<i>Democracia ou Bonapartismo: triunfo e decadência do sufrágio universal</i>	Domenico Losurdo	2004
<i>Revolução e Democracia em Marx e Engels</i>	Jacques Texier	2005
<i>Por um Socialismo indo-americano</i>	José Carlos Mariátegui - Michael Löwy (org.)	2005
<i>Dialética e materialismo: Marx entre Hegel e Feuerbach</i>	Benedicto Arthur Sampaio e Celso Frederico	2006
<i>Sociedade civil e hegemonia</i>	Jorge Luis Acanda	2006
<i>Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais</i>	Stephen Gill (org.)	2007
<i>Roteiros para Gramsci</i>	Guido Liguori	2007
<i>O Jovem Marx e outros escritos de filosofia</i>	György Lukács - Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto (org./trad.)	2007
<i>Para além dos direitos: cidadania e hegemonia no mundo moderno</i>	Haroldo Abreu	2008
<i>Socialismo e democratização: escritos políticos 1956-1971</i>	György Lukács - Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto (org./trad.)	2008
<i>Marxismo e filosofia</i>	Karl Korsch	2008
<i>Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967</i>	György Lukács - Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto (org./trad.)	2009
<i>História e dialética: estudos sobre a metodologia da dialética marxista</i>	Leo Kofler	2010
<i>O Brasil e o capital-imperialismo</i>	Virgínia Fontes	2010
<i>Cadernos sobre a dialética de Hegel</i>	Vladimir Lenin [1936] - José Paulo Netto (trad.)	2011
<i>A estética de György Lukács e o triunfo do realismo na literatura</i>	Ranieri Carli	2012
<i>E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do Materialismo Histórico</i>	Marcelo Badaró Mattos	2012

COLEÇÃO: HISTÓRIA, CULTURA E IDEIAS

OBJETIVOS: Livros de história, historiografia, estudos culturais em geral

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile</i>	Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti	1995; 2003
<i>América Latina: as cidades e as ideias</i>	José Luis Romero	2004
<i>O século XIX e a história: o caso Fustel de Coulanges</i>	François Hartog	2004
<i>História da literatura hispano-americana</i>	Bella Jozef	2005
<i>Inventando carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX</i>	Felipe Ferreira	2005
<i>outras questões carnavalescas</i>		
<i>Os cronistas de Momo imprensa e Carnaval na Primeira República</i>	Eduardo Granja Coutinho	2006
<i>A invenção do Brasil: ensaios de história e cultura</i>	Afonso Carlos Marques dos Santos	2007
<i>Música, Sociedade e Política: Alberto Nepomuceno e a República musical</i>	Avelino Romero Pereira	2007
<i>Dicionário crítico Nelson Werneck Sodré</i>	Marcos Silva (org.)	2008
<i>Escola de samba, ritual e sociedade</i>	José Sávio Leopoldi	2010
<i>O patronato rural no Brasil recente (1964-1993)</i>	Sonia Regina de Mendonça	2010
<i>O revolucionário da convicção: vida e ação de Joaquim Câmara Ferreira</i>	Luiz Henrique de Castro Silva	2010
<i>O samba e suas fronteiras: “pagode romântico” e “samba de raiz” nos anos 1990</i>	Felipe Trotta	2011
<i>Velhas Histórias, Memórias Futuras: o Sentido da tradição em Paulinho da Viola</i>	Eduardo Granja Coutinho	2014
<i>Os Oito Batutas: história e música brasileira nos anos 1920</i>	Luiza Maria Braga Martins	2019

2021 COLEÇÃO: DIDÁTICOS

OBJETIVOS: Livros provenientes edital do concurso de Didáticos do CEG, da Editora UFRJ e da FUJB.
(exclusivos para docentes da UFRJ)

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>Serviço social e políticas sociais</i>	Ilma Rezende e Ludmila Fontenele Cavalcanti (org.)	2006
<i>Saúde, corpo e sociedade</i>	Alicia Navarro de Souza e Jacqueline Pitanguy (org.)	2006
<i>Teoria política moderna: uma introdução</i>	Isabel de Assis Ribeiro de Oliveira	2006
<i>História da industrialização no século XIX</i>	Vania Maria Cury	2006
<i>Dinâmica, controle e instrumentação de processos</i>	Belkis Valdman, Rossana Folly e Andréa Salgado	2008
<i>Neurologia para o clínico</i>	Marleide da Mota Gomes e José Luiz de Sá Cavalcanti (org.)	2008
<i>História da arte no Brasil: textos de síntese</i>	Angela Âncora da Luz, Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira e Sônia Gomes Pereira (org.)	2008
<i>Violência de gênero e políticas públicas</i>	Suely Souza de Almeida	2008
<i>A pluralidade do campo psicológico: principais abordagens e objetos de estudo</i>	Arthur Arruda Leal Ferreira	2010
<i>Além das fronteiras: literatura, ensino e interdisciplinariedade</i>	Ana Crélia Dias, Armando Gens, Georgina Martins e Rosa Gens	2013
<i>Contraponto em música popular: a fundamentação teórica e aplicações composicionais</i>	Carlos Almada	2013
<i>Uma Introdução a Análise Real</i>	Wladimir Augusto das Neves	2013
<i>Teoria da Medida, Integração e Probabilidade</i>	Wladimir Augusto das Neves e Glauco Valle	2013
<i>Brasil – China: construindo o BRICS</i>	Alexander Zhebit (org.)	2013
<i>A prática do assistente social na saúde mental</i>	Erialdo Matias Nicácio e José Augusto Bisneto	2013
<i>Sociologia do Direito: o Pluralismo Jurídico em Boaventura de Sousa Santos</i>	Alex Ferreira Magalhães	2013

COLEÇÃO: REVISITANDO O BRASIL

OBJETIVOS: Reedições (fac-símile ou não) de livros clássicos ou raros sobre o Brasil)

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>As classes perigosas: banditismo urbano e rural</i>	Alberto Passos Guimarães	2008
<i>Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas</i>	Rui Facó	2009

<i>Estado e planejamento econômico no Brasil</i>	Octavio Ianni	2010
Brasil, em compasso de espera	Florestan Fernandes	2011

COLEÇÃO: ASSASSINOS DO SOL

OBJETIVOS: A história dos paradigmas filosóficos, o título é uma metáfora do Ocidente, terra onde o sol se põe (Abendland)

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>Assassinos do Sol, volume 1: Uma história dos paradigmas filosóficos, a patrística, séc. I a VIII</i>	Márcio Tavares d'Amaral	2015
<i>Assassinos do Sol, volume 2: Uma história dos paradigmas filosóficos, os gregos, séc. VI a.c a I d.c.</i>	Márcio Tavares d'Amaral	2015
<i>Assassinos do Sol, volume 3: Uma história dos paradigmas filosóficos, os medievais, séc. IX a XIV d.c.</i>	Márcio Tavares d'Amaral	2017
<i>Assassinos do Sol, volume 4: Uma história dos paradigmas filosóficos, os modernos, sé. XIV a XVIII d.c.</i>	Márcio Tavares d'Amaral	2019
<i>Assassinos do Sol, volume 5: Uma história dos paradigmas filosóficos, Kant, séc. XVIII</i>	Márcio Tavares d'Amaral	2020

COLEÇÃO: PESQUISA, AÇÃO E TECNOLOGIA

OBJETIVOS: Coletânea comemorativa dos 10 anos do Núcleo de Solidariedade Técnica SOLTEC/UFRJ, sobre as experiências de extensão na área tecnológica.

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>Extensão e políticas públicas: o agir integrado para o desenvolvimento social</i>	Felipe Addor (org.)	2015
<i>Percursos na extensão universitária: saindo da torre de marfim</i>	Felipe Addor e Sidney Lianza (org.)	2018
<i>Tecnologia, participação e território: reflexões a partir da prática extensionista</i>	Felipe Addor e Flávio Chedid Henriques (org.)	2018
<i>Incubadoras tecnológicas de economia solidária: concepção, metodologia e avaliação vol. 1</i>	Camila Rolim Laricchia e Felipe Addor (org.)	2018
<i>Incubadoras tecnológicas de economia solidária:</i>	Camila Rolim Laricchia e Felipe Addor (org.)	2018

experiência e reflexões a partir da prática vol. 2

COLEÇÃO: SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

OBJETIVOS: Livros de sociologia e antropologia em geral, podendo-se agrupar em séries específicas

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>Pessoas desaparecidas: uma etnografia para muitas ausências</i>	Letícia Carvalho de Mesquita Ferreira	2015
<i>Acertar as contas: como melhorar a pesquisa e a teoria social</i>	Stanley Lieberman	2015
<i>Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar</i>	Victor Turner	2015
<i>A Justificação: sobre as economias das grandezas</i>	Boltansky e Thevenot	2019

COLEÇÃO: FILOSOFIA & SABERES

OBJETIVOS: Livros especializados em filosofia clássica e contemporânea

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>Amor à verdade: o pensamento de Freud e a modernidade</i>	Luiz Paulo Leitão Martins	2020
<i>Michel Foucault: Biopolítica e Estética da Existência</i>	Guilherme Castelo Branco	2021

COLEÇÃO: SÍNTESE

OBJETIVOS: Livros de formato menor de introdução ao pensamento de grandes nomes da filosofia e das ciências humanas

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>Aristóteles: uma introdução</i>	Susana de Castro	2020

COLEÇÃO: DIREITOS E CONFLITOS

OBJETIVOS: Livros de interesse das áreas de criminologia, serviço social, pedagogia, saúde pública, transportes, problemas urbanos e agrários etc.

LIVRO	AUTOR	ANO
<i>Notícias da pacificação: outro olhar possível sobre uma realidade em conflito</i>	Pedro Barreto	2020
<i>O Avesso do lixo: materialidade, valor e visibilidade</i>	Maria Raquel Passos Lima	2021

Fonte: Elaborado pela autora com base no catálogo da Editora UFRJ

Pelo escopo das coleções, verificamos que muitas delas, têm imenso potencial para transpor os muros da universidade e atingir a sociedade de uma maneira ampla, difundindo-se por seus diferentes segmentos.

Como objetivo dessa dissertação queremos apresentar uma reflexão sobre a construção da memória institucional e da memória social através dos livros, elegendo como

fonte documental as obras de algumas das coleções, publicadas pela Editora UFRJ e apresentadas na Tabela 7, que julgamos que representam a força de uma editora universitária e sua responsabilidade social. As publicações técnicas-científicas são referências para o ensino e pesquisa em escolas públicas, confessionais e privadas de todo o país e ao refletirmos sobre as relações existentes entre a história e a memória nos livros técnico-científicos, compreendemos que as pesquisas sobre esses documentos, que são utilizados tanto em salas de aula, como em outros ambientes, contribuem para o conceito de “lugares de memória”.

Ao analisarmos as obras/livros/documentos é possível identificarmos os “lugares de memória” (NORA, 1993) considerados pela historiografia, pelo ensino, pelos educadores, autores e pelos editores. Ao tratarmos as memórias individuais e/ou coletivas, que são valorizadas pelos materiais didáticos, podemos questionar a relação entre a memória e o esquecimento (RICOUER, 2007) no processo de ensino-aprendizagem. Este processo, conta com a participação de professores/autores, professores, editores, e daqueles que estudaram com os livros nas salas de aula, ou apenas aqueles que fizeram uma leitura em outros espaços sociais.

Fonseca (1975) e Utsch (2015) afirmam que as coleções editoriais, têm o objetivo de organizar e colocar à disposição um conjunto de obras de forma ordenada e classificada de acordo com a afinidade temática e áreas de conhecimento, que são impressas e colocadas em circulação.

A convergência da área de conhecimento necessária, para que se configure a criação de uma coleção, é definida pelo Conselho Editorial e, de acordo com o que Desvallées e Mairesse (2013, p. 32) descrevem: é necessário haver algo que os una, que se relacionem de acordo com um pensamento lógico específico.

As Coleções “Anísio Teixeira”, “Assassinos do Sol” e “Pesquisa, Ação e Tecnologia” nasceram com o conceito claro de todos os livros que fariam parte delas. Outras coleções foram pensadas como uma forma de reapropriação do passado, e fortaleceram o conceito de memória, como é o caso da Coleção “Revisitando o Brasil”, “Risco Original”, “Pensamento crítico” e novamente a “Anísio Teixeira”. As coleções “Estudos” e a “História, Cultura e Ideias” que reúnem livros de história, historiografia e cultura foram criadas de forma aleatória, ou seja, juntaram-se os livros já existentes que eram voltados ao ensino de matemática, física, química etc.

As coleções não ativas, denominadas “*Philosophia Analytica*” e “Copea foram encerradas, por vontade dos professores que as propuseram à Editora; e as coleções “Cultura Urbana”; “Pensamento Crítico”; “Risco Original” se apresentam hoje descontinuadas, ou seja, não têm tido livros publicados ou reeditados, nos últimos anos. Em resumo, a Editora UFRJ

vem organizando suas coleções em vertentes: (1) coleções organizadas desde sua concepção com os livros que a constituem; (2) coleções como conceito de memória; e (3) coleções aleatórias, a partir de livros já existentes ou livros novos que sejam apresentados e se enquadrem em sua temática.

Pomian (1998, p. 77) afirma que o livro (quando deixa o circuito de atividade econômica) se identifica como um semióforo⁶⁹ e agrega muitos significados e reúne sentimentos e significados específicos, além das informações que contém e transmite. As Coleções da Editora UFRJ, mesmo descontinuadas ou esgotadas, como resultado de uma política de formação e que transcendem as fronteiras do tempo, segundo Jacob (2000, p. 9), se mantêm nas bibliotecas universitárias e possuem o seu lugar de memória e espaço de conservação do patrimônio intelectual e artístico.

Todos os livros impressos seguem um mesmo padrão: um miolo⁷⁰ impresso com páginas sobrepostas, “embalado” por uma capa e com tamanhos e formatos diversos, de acordo com o custo de impressão e o número de páginas. Cada Coleção da Editora UFRJ se apresenta com um projeto gráfico diferenciado, considerando todo processo de construção do livro: o número de páginas, o papel, a encadernação, a diagramação, as imagens utilizadas até a sua impressão. Araújo (2014, p.373), estudioso do livro no Brasil, destaca que o projeto gráfico e o projeto visual de um livro são funções essenciais e constituem na busca do equilíbrio, da harmonia entre a forma e o conteúdo.

O que nós vemos, influencia como e o que entendemos. A informação visual comunica de modo não verbal, por meio de sinais e convenções que podem motivar, dirigir ou mesmo distrair o olhar do leitor, e todos os elementos visuais influenciam uns aos outros. Por isso, o projeto visual de um livro é uma ferramenta importante para comunicação, e não apenas um elemento decorativo. O modo como se organiza a informação numa página pode fazer a diferença entre comunicar uma mensagem ou deixar o usuário confuso (ARAÚJO, 2014, p. 373).

Atualmente todo projeto gráfico de miolo e capa e todas as etapas de revisão são criação e desenvolvimento dos servidores técnicos administrativos em educação da Editora UFRJ, garantindo assim que o livro seja muito mais acessível ao público leitor.

⁶⁹ “[...] semióforos são: objetos que não têm utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura” (POMIAN, p.71, 1984).

⁷⁰ Conjunto de folhas que constitui o livro, o corpo da publicação, que contém os elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais.

Todas as Coleções da Editora UFRJ podem ser adquiridas pelos leitores, na sua totalidade, uma vez que são produzidas para acesso ao público em geral. Entretanto, é possível verificar, pelo acervo existente, que nem todas as coleções encontram-se com disponibilidade para aquisição de todos os seus volumes. Tal situação é reflexo da inexistência de uma política contínua de reimpressão que possibilite a manutenção das coleções. O mundo digital vem possibilitando um ambiente de especulação comercial, em que através do comércio eletrônico é possível encontrar coleções inteiras sendo ofertadas por valores até seis vezes mais caro do que seu valor ao ser produzido pela Editora UFRJ, um exemplo que pode ser verificado na internet é a Coleção Anísio Teixeira (FIGURA 32).

Figura 32: Coleção Anísio Teixeira ofertada na internet



Fonte: Compilação da autora direto de sites na internet

A opção de se constituir Coleções na Editora UFRJ tem como objetivo ampliar o público leitor, educar, formar esse leitor, e para isso o uso de uma linguagem mais acessível e o barateamento dos livros sempre foi uma estratégia da Editora.

Destacamos quatro coleções: “Risco Original”; “Anísio Teixeira”; “Pensamento Crítico”; e “Sociologia e Antropologia”. A identificação destas Coleções, sua materialidade e a importância de registrar a sua edição, seus autores e/ou organizadores, de seus conteúdos e de sua história serão apresentados a seguir, construindo um percurso em que recuperamos os sentidos oriundos da idealização, ordenação e classificação dos textos e imagens, antes de serem colocados em circulação.

5.3 Coleção *Risco Original*

Ao verificar a produção editorial científica e as coleções publicadas pela Editora UFRJ, dos últimos 30 anos, e compreendendo-a como artefato de memória, é possível observar que a Coleção *Risco Original*, se dedicou a analisar as modalidades de invenção discursiva do Brasil, produzidas por intelectuais associados à formulação e implantação das políticas oficiais de "patrimônio cultural". A Coleção expõe diversas questões sobre a importância da construção da memória coletiva que está diretamente ligada à preservação e proteção do patrimônio histórico e cultural, e nas transformações da sociedade, e conseqüentemente na formação da sua identidade.

Abreu (2015, p. 70), afirma que é a partir do final da década de 1980, que foram registrados um aumento no número de dissertações de mestrado e teses de doutorado com temas relacionados à patrimonialização, nos programas de pós-graduação na área de ciências humanas, especialmente em antropologia social e história cultural, nos programas interdisciplinares de memória social e, ainda, em programas específicos em torno da memória e patrimônio em diversos países.

A Coleção *Risco Original* inicia-se em 1992, a partir da proposta de publicação de Lauro Cavalcanti, arquiteto, recém-doutor em antropologia social pelo Museu Nacional da UFRJ e, na ocasião, diretor do Paço Imperial.

A direção da Editora contrata a empresa para apresentar o projeto gráfico de miolo e capa para a nova Coleção. A equipe técnica da Editora UFRJ, já formada por ex-alunas da UFRJ apenas inseririam o texto no projeto contratado.

Em 1993, é lançado o primeiro livro da Coleção intitulado *Modernistas na repartição*, produzido em coedição com o Ministério da Cultura - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Minc-Iphan). Tratava-se de uma reunião de ensaios de expoentes do movimento modernista sobre a política do Sphan, no período de Gustavo Capanema. Textos de Rodrigo Mello Franco, Mário de Andrade, Lúcio Costa, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, entre outros modernistas da repartição que fizeram parte da "academia Sphan", e atuaram na elaboração da política cultural oficial, na realização de inventários, estudos e pesquisa, e orientaram a seleção dos bens constituintes do patrimônio histórico e artístico nacional. Os modernistas utilizaram a estrutura institucional, sob a tutela do estado, para legitimar a visão modernista da arte e do patrimônio nacional.

O Conselho Editorial da Editora UFRJ (1990/1994), percebeu a importância do material apresentado e a necessidade de divulgação desse conhecimento.

Em março de 1995, a Editora UFRJ estabeleceu com o Iphan uma parceria para a publicação de alguns livros sobre patrimônio, arquitetura e cidade, que vieram a constituir a Coleção *Risco Original* (FIGURA 30). Esta coleção tornou-se uma referência nas discussões para os estudiosos do patrimônio no Brasil.

Em 1996, é publicada a obra *A Retórica da Perda. Os discursos do patrimônio cultural no Brasil*, de José Reginaldo Gonçalves⁷¹. Gonçalves identifica e interpreta o discurso dos idealizadores do patrimônio brasileiro, como intelectuais que têm suas concepções de identidade e memória, e que, durante o processo de construção do patrimônio cultural brasileiro, traduziram a imagem de nação. O autor se dedica a desenvolver conceitualmente o patrimônio cultural, e expõe as questões principais que norteiam o livro como, por exemplo, a questão sobre a autoridade para definir o que é ou não é patrimônio cultural brasileiro, sua preservação e, além disso, como e de que forma essa autoridade é culturalmente constituída. A obra apresenta os intelectuais Rodrigo Melo Franco de Andrade e Aloísio Magalhães como responsáveis pela constituição do patrimônio cultural que representaram e identificaram a nação brasileira. Para se aprofundar na questão do conhecimento dos propósitos que atravessaram todo o processo de organização e construção do nosso tão controverso e complexo Patrimônio Nacional, Martins (1998) afirma que o livro de Gonçalves é fundamental.

A Retórica da Perda, de José Reginaldo, constitui bibliografia essencial, pois, como indica o próprio subtítulo, ele aborda esta interpretação dos discursos dos idealizadores do patrimônio brasileiro, identificando-os como intelectuais e exibindo suas 118 concepções de “identidade” e “memória” durante o processo, quando arquitetavam a construção que frutificaria no Patrimônio Cultural Brasileiro como tradução da imagem da nação. (MARTINS, 1998, p. 117),

Ainda em 1996, é publicado o livro *Restauração, ciência e arte*, organização de Marilka Mendes⁷² e Antônio Carlos Nunes Baptista⁷³. A publicação conta com a participação dos professores do programa de pós-graduação lato sensu em Conservação de Bens Culturais Móveis da EBA-UFRJ. O livro é uma contribuição, uma proposta didática, de profissionais de diversas áreas ligadas à conservação e à restauração, como historiadores, químicos, engenheiros

⁷¹ José Reginaldo Gonçalves é professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS-UFRJ).

⁷² Marilka Mendes é professora da Escola de Belas Artes (EBA) da UFRJ e uma das fundadoras da Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais (ABRACOR).

⁷³ Antônio Carlos Nunes Baptista é pesquisador da Biblioteca Nacional.

e biólogos além da tradução de trabalhos de dois profissionais considerados especialistas na área.

Em 1997, Maria Cecília Londres⁷⁴, com a produção intitulada *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*, passa a constituir a Coleção. A obra se apresenta em duas partes, onde a autora discute, na primeira parte, o conceito de patrimônio e a trajetória ao longo da história ocidental, e reconstitui o seu percurso durante o século XX e na segunda parte, que é dividida em três capítulos, Londres dispõe sobre a criação do Sphan e como o órgão trabalhou, ao longo dos anos, seguindo a mesma periodização de proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil. Para Tanno (2006, p. 227) “vê-se a importância do livro de Fonseca para a reflexão de novas propostas voltadas para a política de preservação dos bens culturais no país, e que vinculem a questão cultural ao exercício de cidadania”.

Dando continuidade à coleção, ainda no ano de 1997, em virtude do bom desempenho da Coleção, é publicada a obra de Sandra Alvim⁷⁵, um conjunto de livros sobre a arquitetura religiosa colonial no Rio de Janeiro. A produção de Alvim é fruto de suas pesquisas sobre a arquitetura civil e religiosa no Brasil, no período colonial com forte destaque na importância de um novo olhar que o seu trabalho trazia para a arquitetura religiosa.

No Brasil, estamos acostumados a reverenciar o barroco mineiro, enquanto ninguém nota o tesouro arquitetônico que existe no Rio de Janeiro. Isso acontece porque as igrejas mineiras, na maioria das vezes, estão isoladas num morro ou encaixadas em cidades que conservam suas características, como Ouro Preto ou Diamantina. Aqui no Rio, as igrejas estão inseridas num contexto urbano heterogêneo, sempre num cenário descaracterizado por arranha-céus e construções dos mais diferentes estilos, o que faz com que as pessoas não tenham como perceber o exato papel destas construções na História e na evolução social da Cidade (NORONHA, 1991, p.12)

A Editora UFRJ publicou três volumes de sua obra⁷⁶ (Tabela 8) em que aspectos relacionados aos materiais, à natureza e às igrejas são abordados.

⁷⁴ Maria Cecília Londres é membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, pesquisadora do Centro Nacional de Referência Cultural, diretora de projetos da Fundação Nacional Pró-Memória e assessora do Ministério da Cultura (1995-1998).

⁷⁵ Sandra Alvim foi professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da UFRJ.

⁷⁶ Nota da autora: originalmente seriam oito volumes, entretanto com o falecimento da Profa. Sandra Alvim, a Editora UFRJ apenas recebeu os três volumes publicados.

Tabela 8 - Arquitetura religiosa colonial do Rio de Janeiro

Volumes e Descrição da obra: Arquitetura religiosa colonial do Rio de Janeiro	
volume 1	<i>Revestimentos, retábulos e tábuas</i> , (1997), desenvolve um processo teórico, uma metodologia de análise da arte e da arquitetura. Era comum no Brasil trabalhos nos quais há apenas o registro fotográfico, bonitos desenhos e até mesmo bons históricos.
volume 2	<i>Plantas, fachadas e volumes</i> , Alvim (1999), é voltado para os principais elementos de composição do espaço: as superfícies, a volumetria e a iluminação natural. A ênfase do trabalho se concentra na forma e em sua constituição, procurando-se, assim, oferecer ao leitor um sistema de análise que o auxilie na identificação dos conjuntos e não apenas dos elementos.
volume 3	<i>As três fases</i> , com apoio da FAPERJ foi publicado em 2014. Neste livro, a autora discorre sobre as igrejas construídas na segunda metade do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX. O período se destaca com a atuação dos comerciantes e suas relações com as confrarias, que com mais recursos financeiros produziram igrejas bem maiores e com técnica mais especializada, com elementos neoclássicos que precedem a chegada da Missão Artística Francesa ao Brasil.

Fonte: elaborado pela autora

Em 2001, Marilka Mendes e Antônio Carlos Nunes Baptista em parceria com as professoras Luciana da Silveira e Fátima Bevilaqua, propõem a obra intitulada *Conservação: conceitos e práticas* que tem como o objetivo, contribuir para a criação, de uma nova mentalidade voltada para a conservação dos bens culturais no Brasil. Ensaio de vários especialistas estão reunidos nesse livro, e abordam conceitos e procedimentos, além de oferecerem conhecimentos úteis à conservação de artefatos aplicáveis a qualquer tipo de acervo.

Nesse mesmo ano, a reedição do livro *Formação de cidades no Brasil colonial* do renomado arquiteto Paulo Ferreira Santos⁷⁷, foi um marco para a Coleção. Publicado originalmente em 1968, em Coimbra – Portugal, trata-se de uma minuciosa análise do traçado urbano brasileiro, que é comparada com as cidades e colônias portuguesas. A família de Santos entendeu que a Coleção Risco Original era o espaço ideal para uma nova edição e cedeu os direitos⁷⁸ de publicação para a Editora UFRJ.

Em 2009, é publicado o livro *Os Arquitetos da Memória. Sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)*, de Márcia Regina Romero Chuva⁷⁹, concluindo assim a Coleção *Risco Original*. A autora aborda, entre outros aspectos, a relação dos intelectuais com o Estado, o tombamento como forma de "invenção" do patrimônio

⁷⁷ Paulo Ferreira Santos (1904-1988), arquiteto, foi um profissional atuante no Sphan desde a década de 1940, foi parecerista e pesquisador, promotor de obras de restauro, e, muito familiarizado com o ambiente cultural criado por Rodrigo Melo Franco de Andrade e Lúcio Costa no ministério de Capanema.

⁷⁸ O contrato assinado pelos herdeiros está nos arquivos a Editora UFRJ.

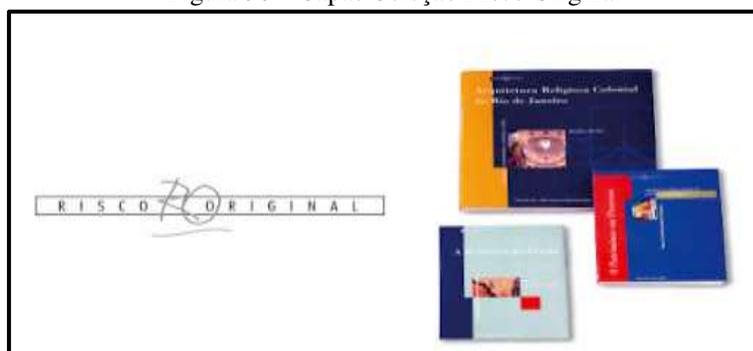
⁷⁹ Márcia Regina Romero Chuva, professora do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

e de uma identidade nacional, assim como, a assimilação dos valores do patrimônio como valores comuns ao conjunto da sociedade. Para Daher (2010) a obra é de fundamental importância para compreender o momento fundador das práticas de preservação no País.

Muito além da pesquisa notável e do recurso a fontes significativas para a reflexão sociogenética, é evidente, no trabalho de Chuva, a veia taxonômica ou inventarial necessária a uma arqueologia dos objetos historicamente eleitos em meio às lutas de representação em torno do patrimônio nacional. Pensados relacionalmente, esses inventários – de bens imóveis, de categorias, de lugares, de agentes – revelam racionalidades inauditas, configuradas na história do Estado brasileiro dos anos 1930-1940. Assim, a riqueza de informações dos cinco anexos que traz o livro não equivale somente à confirmação do trabalho obsessivo de coleta feito pela historiadora, mas, antes, da eficácia das ações ensejadas no SPHAN (depois IPHAN), em um momento crucial de sua história que foi o Estado Novo. (DAHER, 2010)

Chuva destaca que a rotinização das práticas de preservação no Brasil foi institucionalizada na profissão do arquiteto como sendo o único responsável pelo patrimônio histórico e artístico nacional. Essa importância da profissão é explicada, pelas relações existentes entre esses arquitetos que participaram da diretoria e em cargos centrais do SPHAN, atual IPHAN. Nos anexos do livro, porém a autora comprova que nos inventários de bens imóveis, de categorias, de lugares, de agentes, há a presença uma variedade de profissionais envolvidos na construção do patrimônio nacional, que revelam uma riqueza de informações, configuradas na história do Estado brasileiro dos anos 1930-1940, e que atribuíram além do valor estético-arquitetônico, um valor histórico e cultural do papel exercido, tanto pelos arquitetos como agentes por excelência dos serviços de tombamento e preservação, como historiadores, sociólogos, escritores, antropólogos, artistas, engenheiros, restauradores, jornalistas, advogados e técnicos-administrativos. Todos esses os “arquitetos da memória (CHUVA, 2009, ANEXOS)

Figura 30 – Capas Coleção Risco Original



Fonte: UNIDESIGN⁸⁰

⁸⁰ Empresa contratada pela Editora UFRJ para criação das capas da Coleção Risco Original.

Todos os livros publicados pela Editora UFRJ na Coleção *Risco Original* fazem parte da bibliografia utilizada em diversos cursos de graduação e pós-graduação do país, nas mais diferentes áreas de conhecimento, da arquitetura à antropologia. Os livros são considerados uma grande contribuição ao patrimônio nacional, relacionados à memória coletiva. Assim como os objetos históricos e obras de artes são evidências de etapas do desenvolvimento das atividades dos seres humanos, os livros também podem ser considerados como tal, e não apenas para o estudo da história do livro. Dessa forma, e segundo Nora (1993, p. 7), passamos a enxergar a Coleção *Risco Original* também como um lugar de memória que valoriza o patrimônio nacional.

5.4 Coleção Anísio Teixeira

A “memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes registros [...]”, afirmam Oliveira e Rodrigues (2009, p. 4). Percebemos que há um valor simbólico, como o mito, arte, ciência que fazem do livro um instrumento “de conhecimento e de construção do mundo” (BOURDIEU, 2010, p. 10). A *Coleção Anísio Teixeira* é uma construção cultural que gera novos conhecimentos.

A Editora UFRJ, no início dos anos 1990, de acordo com o relatório pesquisado (UFRJ, 1994, p.43), em parceria com a família do educador em referência, e com a Fundação Anísio Teixeira⁸¹, concentrou esforços na reedição dos livros publicados pelo autor. Além dos dez livros já publicados, foram incluídos à Coleção, dois livros organizados após a sua morte.

A Editora UFRJ organizou a *Coleção Anísio Teixeira*, adotando o mesmo procedimento do autor, dando relevância aos temas e problemas que Teixeira apresentou em sua época, e que permanecem atuais na agenda de discussões e reivindicações das políticas públicas de educação no Brasil, e não uma lógica cronológica.

A organização da *Coleção Anísio Teixeira* ficou sob a responsabilidade de Clarice Nunes, professora da Faculdade de Educação da UFF, pesquisadora da obra e da vida de Anísio Teixeira, a convite da Editora UFRJ. (MARINHO; WEGLINSKI, 2014)

Dessa forma, a organizadora da coleção decidiu pela publicação na íntegra das obras, com inserção de comentários e debates de diversos especialistas de várias universidades brasileiras, como Luiz Antônio Cunha, Maria de Lourdes Fávero, Jader de Medeiros Britto,

⁸¹ Fundação Anísio Teixeira foi criada em 1989, com sede em Salvador-BA, com o objetivo de preservar, divulgar e pesquisar a obra educacional e cultural de Anísio Teixeira.

Marisa Cassim, Héglio Trindade, Carlos Otávio F. Moreira, José Gonçalves Gondra, Ana Christina Venâncio Mignot etc. (TABELA 9).

Tabela 9 – Coleção Anísio Teixeira: comparativo original e reedição

Plano geral da obra do autor (ano de publicação original)	Coleção Anísio Teixeira Editora UFRJ	Ano de publicação Editora UFRJ	Volume	Comentários
<i>Educação não é privilégio</i> [1957]	<i>Educação não é Privilégio</i>	1994	6	Marisa Cassim
<i>Educação é um direito</i> [1968]	<i>Educação é um Direito</i>	1996	7	Clarice Nunes
<i>Educação para a democracia</i> [1936]	<i>Educação para a Democracia: introdução à administração educacional</i>	1997	4	Luiz Antônio Cunha
<i>Não publicada</i>	<i>Educação e Universidade</i>	1998	12	Maria de Lourdes Fávero e Jader de Medeiros Britto
<i>Educação no Brasil</i> [1969]	<i>Educação no Brasil</i>	1999	8	Ana Waleska P. C. Mendonça
<i>A educação e a crise brasileira</i> [1956]	<i>A Educação e a Crise Brasileira</i>	2005	5	Marcos César de Freitas
<i>Ensino superior no Brasil - edição póstuma</i> [1989]	<i>Ensino Superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969</i>	2005	10	Héglio Trindade
<i>Educação e mundo moderno</i> [1969]	<i>Educação e Mundo Moderno</i>	2006	9	Marcus Vinícius da Cunha
<i>Aspectos americanos de educação & anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927</i> [1928]	<i>Aspectos americanos de educação & Anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927</i>	2006	1	José Gonçalves Gondra e Ana C. Venâncio Mignon
<i>Educação progressiva – uma introdução à filosofia da educação</i> [1934]	<i>Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola</i>	2007	2	Carlos Otávio F. Moreira
<i>Diálogos sobre a lógica do conhecimento</i> [1968] ⁸²	<i>Diálogos sobre a Lógica do Conhecimento</i>	2007	11	Tarso B. Mazzotti
<i>Em marcha para a democracia</i> [1934]	<i>Em Marcha para a Democracia, à margem dos Estados Unidos</i>	2007	3	Ana Maria B. de Melo Magaldi e José G. Gondra

Fonte: Elaboração da autora com base nos livros publicados

⁸² Publicado, pela Editora Edart, originalmente em 1968, e trata da correspondência entre o médico Maurício Rocha e Silva entre os anos 1965 e 1967 e sobre o livro *Lógica da Invenção*, de Maurício Rocha e Silva.

Com a crise institucional que a UFRJ foi submetida, de 1998 a 2002, esta coleção sofreu uma interrupção. Apenas a obra *Educação no Brasil*, foi publicada em 1999, por constar da programação, e em produção, na Editora UFRJ. A *Coleção Anísio Teixeira* é retomada em 2005, com a publicação de seis livros.

O projeto gráfico da Coleção Anísio Teixeira foi desenvolvido pela equipe da Editora UFRJ. Verificamos que todas as capas, da primeira edição, foram desenvolvidas pelo artista plástico Luciano Figueiredo, a partir de um manuscrito do arquivo Anísio Teixeira, pertencente ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) como ilustrado na Figura 32.

Figura 32: Capas Coleção Anísio Teixeira



Fonte: Acervo Editora UFRJ⁸³

Nas reedições da Coleção, novas capas foram criadas pela equipe técnica da Editora UFRJ, utilizando também o manuscrito do arquivo Anísio Teixeira e o projeto gráfico se manteve o mesmo.

5.5 Coleção Pensamento Crítico

A *Coleção Pensamento Crítico* teve sua concepção e criação apresentada por Carlos Nelson Coutinho, filósofo e cientista político especializado no pensamento de György Lukács e de Antônio Gramsci, no Brasil, e como já descrito no quarto capítulo, Diretor da Editora UFRJ, entre os anos de 2003 e 2011. Coutinho junto com o Prof. José Paulo Neto, membro do

⁸³ Primeiro livro: 1ª edição, capa Luciano Figueiredo; segundo livro: novas edições, capa Marisa Araújo (Editora UFRJ).

conselho editorial, organizaram toda a Coleção, que se encerrou, em 2012, com a publicação de *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do Materialismo Histórico*, de Marcelo Badaró Mattos.

Na *Coleção Pensamento Crítico*, foram lançados dezoito livros voltados ao pensamento marxista ou neomarxista em diferentes áreas: filosofia, sociologia, economia, estudos culturais etc. São livros de importantes teóricos marxistas contemporâneos, além de escritos clássicos inéditos no Brasil.

Todos os livros da Coleção têm o formato 14 cm x 21 cm e o projeto gráfico de miolo e capa foram desenvolvidos pela equipe técnica da Editora UFRJ. Apesar da gestão de Coutinho passar a responsabilizar a equipe técnica da Editora, pelos projetos gráficos de miolo e capa, alguns projetos ainda seriam terceirizados, como por exemplo nas Coleções Didáticos e História, Cultura e Ideias.

O primeiro livro publicado nessa Coleção foi em 2004, *Marx sem ismos*, de Francisco Fernández Buey⁸⁴, originalmente publicado em 1998 e foi traduzido por Luiz Sérgio Henriques. O livro é uma biografia intelectual de Karl Marx⁸⁵ que afirma atender igualmente ao que ele escreveu e ao que fez.

A Editora UNESP, sob a direção de José Castilho Marques Neto, em 2004, e a Editora UFRJ publicam em coedição o livro *Democracia ou bonapartismo: triunfo e decadência do sufrágio universal*, de Domenico Losurdo⁸⁶, traduzido por Luiz Sérgio Henriques. O livro, publicado originalmente em 1993, na Itália, passa a integrar a *Coleção Pensamento Crítico*, e discorre sobre a democracia.

Em 2005, *Revolução e democracia em Marx e Engels*, de Jacques Texier⁸⁷, é publicado pela Editora UFRJ. O livro, o primeiro de Texier publicado no Brasil, foi originalmente publicado em 1998, na França e teve a tradução de Duarte Pacheco Pereira, e onde o autor trata da temática da democracia.

José Carlos Mariátegui⁸⁸ destacou-se como um dos mais influentes pensadores do marxismo latino-americano no século XX, e possui vários livros sobre a realidade peruana e o socialismo. É dele o livro *Por um socialismo indo-americano*, com a tradução de tradução

⁸⁴ Filósofo e ensaísta espanhol, professor das universidades de Valladolid e de Pompeu Fabra, em Barcelona, Espanha

⁸⁵ Karl Marx foi um filósofo, economista, historiador, sociólogo, teórico político, jornalista, e revolucionário socialista alemão, fundou o chamado socialismo científico ou marxismo.

⁸⁶ Professor titular de Filosofia da História da Universidade de Urbino e um dos mais importantes marxistas italianos

⁸⁷ Filósofo francês, especialista no pensamento de Antônio Gramsci e pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), vinculado ao Laboratório de Filosofia Política.

⁸⁸ Autodidata, jornalista, sociólogo e ativista político peruano.

de Luiz Sérgio Henriques e organização e introdução de Michael Löwy⁸⁹, publicado em 2005. O livro faz uma adaptação do marxismo à realidade do Peru e da América Latina.

Dialética e materialismo: Marx entre Hegel e Feuerbach, de Benedicto Arthur Sampaio⁹⁰ e Celso Frederico⁹¹. Os dois amigos se aprofundaram e diversificaram seus estudos em filosofia, indo à base do método dialético: a lógica de Hegel que deram origem aos ensaios publicados pela Editora UFRJ, na Coleção Pensamento Crítico, em 2006. Neste livro são discutidos os impasses teóricos vivenciados por Marx, em sua juventude, e suas reconsiderações posteriores, organizadas em *Teses sobre Feuerbach*⁹² e *Introdução à crítica da economia política*⁹³.

Também em 2006, foi publicado o livro *Sociedade Civil e Hegemonia*, de Jorge Luís Acanda⁹⁴. Publicado originalmente em 2002 pela Editora do Centro de Investigación Desarrollo Cultural Juan Marinello, em 2003, este livro recebeu o prêmio da Academia de Ciências de Cuba, como a melhor pesquisa do ano, na área de Ciências Sociais. *Sociedade civil e hegemonia* revela o profundo conhecimento do autor do significado do termo “sociedade civil”, concebido na era moderna, constituído politicamente a partir das revoluções burguesas e, economicamente, a partir do capitalismo. O livro, traduzido por Lisa Stuart, traz também um importante apêndice sobre o tratamento da obra de Gramsci em Cuba e seu impacto nas discussões políticas em Cuba.

Em 2007, três novos títulos são publicados: *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*, organizado por Stephen Gill⁹⁵; *Roteiros para Gramsci*, de Guido Liguori⁹⁶ e *O Jovem Marx e outros escritos de filosofia*, György Lukács – Tradução, introdução e organização de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto.

⁸⁹ Michael Löwy é um pensador marxista brasileiro radicado na França, onde trabalha como diretor de pesquisas do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS).

⁹⁰ Médico psiquiatra do hospital psiquiátrico do Juquery e professor da Escola Paulista de Medicina.

⁹¹ Professor titular de sociologia da USP.

⁹² Escrito, por Karl Marx, em 1845, publicado por Engels (em cotejo com a redação original de Marx) em 1888, como apêndice à edição em livro da sua obra *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Alemã Clássica*, Estugarda 1888, pp. 69-72.

⁹³ *Introdução à Crítica da Economia Política*, de Karl Marx, um conjunto de apontamentos sobre economia, foi publicado pela primeira vez em 1939 em Moscou. Esse material, no entanto, foi descoberto em 1902, entre os manuscritos deixados por Marx, e verificado que havia sido publicado pela primeira vez por Kautsky, na revista *Die Neue Zeit*, em 1903.

⁹⁴ Professor titular de história do pensamento marxista, do departamento de Filosofia, da Universidade de Havana.

⁹⁵ Stephen Gill é pesquisador e professor de Ciência Política, Comunicação e Cultura na Universidade de York, Toronto, Canadá.

⁹⁶ Guido Liguori é professor de história do pensamento político na Universidade da Calábria, presidente da International Gramsci Society da Itália (IGS) e considerado um dos mais importantes interlocutores dos estudos gramscianos no Brasil.

A obra organizada por Gill, editada originalmente em 1993, *Gramsci, Historical Materialism and International Relations*, pela Editora da Universidade de Cambridge, reúne onze ensaios sobre Gramsci de autores como o próprio Gill, Enrico Augelli, Robert Cox, Mark Ruppert, Kees van der Pijl, Giovanni Arrighi e outros. Os ensaios, traduzidos por Dinah de Abreu Azevedo, relacionam os escritos de Antônio Gramsci à reconstrução contemporânea das teorias do materialismo histórico das relações internacionais.

Roteiros para Gramsci, de Guido Liguori, traduzido por Luiz Sérgio Henriques, é um livro dedicado aos estudiosos da obra de Gramsci e aos que querem conhecer o pensamento do filósofo, autor dos “Cadernos do Cárcere”. Liguori analisa teoricamente, com rigor filológico, os principais conceitos de Gramsci, como *Estado ampliado*, ideologia, senso comum e sociedade civil.

O lançamento do livro *O Jovem Marx e outros escritos de filosofia*, György Lukács, em 13 de novembro de 2007 fechou o evento “A atualidade do Socialismo e as lições da História”, promovido pela Escola de Serviço Social (ESS/UFRJ) e pelo Laboratório de Estudos Marxistas (LEMA). Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto traduziram, organizaram e escreveram a introdução desse livro que reúne textos inéditos do grande teórico socialista do século XX, Lukács. Os organizadores consideraram importante, com essa publicação, a aproximação da comunidade acadêmica com as ideias de um dos maiores pensadores marxistas, que segundo eles eram “pouco lidas pelos estudantes e muito criticadas nas universidades pelo corpo docente”. (GARCIA, 2007)

Em 2008, Coutinho e Netto organizam o segundo livro sobre a obra de György Lukács, *Socialismo e democratização: escritos políticos 1956-1971*, em que reúnem os escritos políticos do filósofo, desde o ano da realização do XX Congresso do Partido Comunista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) até o ano da morte do autor, 1971. Os textos são apresentados em ordem cronológica. Netto, na introdução do livro, justifica a escolha dos textos “Em resumo: a obra marxista de Lukács, em que pesem os giros efetuados pelo filósofo desde 1918, jamais esteve do ponto de vista essencial, alheia à dimensão política” e afirma que há no conjunto da obra de Lukács “... um estrato que, indiscutivelmente, pode ser caracterizado como eminentemente político, reconfigurando um processo de acúmulo que articulará a concepção política madura de Lukács” (LUKÁCS, 2008, p.8)

O livro *Para além dos direitos: cidadania e hegemonia no mundo moderno*, de Haroldo Abreu⁹⁷ foi publicado na Coleção Pensamento Crítico, em 2008. Neste livro, Abreu tem como

⁹⁷ Haroldo Abreu professor da Escola de Serviço Social da UFF.

objetivo principal delinear a teoria crítica da moderna cidadania e expor cuidadosamente os elementos que a constituem.

Marxismo e filosofia, de Karl Korsch⁹⁸, apresentado e traduzido José Paulo Netto, em 2008, traz o ensaio escrito originalmente em 1923, logo após a Revolução Russa (1917). Esse livro é considerado um clássico do marxismo ocidental (que se contraporia ao *marxismo soviético*). Korsch (1886-1961) procura aplicar a dialética ao marxismo, numa época em que a teoria marxista ainda se colocava como um espaço aberto de indagações sobre a história, a filosofia, a cultura e a política. A publicação foi tachada de revisionista e neohegeliana pela Terceira Internacional, em 1924. Nesta primeira edição brasileira, a Editora UFRJ procurou preservar as marcas estilísticas próprias de Korsch e teve por base a edição francesa (K. Korsch. *Marxisme et philosophie*. Paris: M inuit, 1968, tradução de Claude Orsoni), e foi cotejada com a edição alemã (K. Korsch. *Marxismus und Philosophie*. Frankfurt: Europäische Verlagsanstalt, 1966). Além do ensaio de 1923, a Editora UFRJ acrescentou a resposta que Korsch deu a seus críticos, e mais quatro novos ensaios escritos ao longo dos anos 1920, todos eles dirigidos à recuperação da dialética na crítica das contaminações positivistas que ameaçavam o legado de Marx. Para Korsch, como para Lukács e Gramsci, a dialética marxista liga-se organicamente à herança hegeliana e, por isso, contrapõe-se frontalmente à matriz positivista que caracterizou o chamado marxismo da Segunda Internacional socialdemocrata (Plekhanov, Kautsky) e que, logo em seguida, viria a caracterizar também aquele da Terceira Internacional comunista. Uma das mais fecundas contribuições de *Marxismo e filosofia*, segundo Netto destaca na apresentação, é a tentativa de aplicar o marxismo ao próprio marxismo, tal como também o fizeram Lukács e Gramsci. (KORSCH, 2008, p. 17)

Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967, de György Lukács. O terceiro livro, de Lukács, organizado e traduzido por Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto foi o único livro da Coleção publicado em 2009. O livro um conjunto de textos estéticos, de Lukács, escritos entre os anos de 1932 e 1967, e é dividido em duas partes, uma que abrange ensaios sobre história da estética (Hegel, Marx e Engels, Nietzsche) e a outra que mostra as análises de gêneros literários, como romance, sátira, tragédia. Lukács, considerando a estética marxista busca neste livro, uma semelhança entre objetividade e subjetividade e raízes e flores (LUKÁCS, 2009, p. 117)

⁹⁸ Karl Korsch, filósofo alemão, professor universitário, representante do chamado "marxismo ocidental" e do "comunismo de conselhos".

Coutinho e Netto concluem os três livros na Coleção, que se propuseram a organizar, inspirados no pensamento lukácsiano. O primeiro, atribuído à filosofia (*O jovem Marx e outros escritos de filosofia*), o segundo sobre política (*Socialismo e democratização: escritos políticos 1956-1971*) e este último que aborda a estética.

História e dialética: estudos sobre a metodologia da dialética marxista, de Leo Kofler⁹⁹ é mais uma tradução de José Paulo Netto, publicada em 2010. O livro de Kofler escrito em 1955 conduz essencialmente a uma apresentação do desenvolvimento do pensamento filosófico até o materialismo histórico de Marx, do idealismo subjetivo de Gottlieb à Kant e ao idealismo objetivo de Hegel. Partindo do materialismo de Feuerbach, Kofler mostra como a filosofia clássica alemã influenciou as ideias de Marx, que reconhecia o trabalho como a realidade fundadora da existência humana.

O Brasil e o capital-imperialismo, de Virgínia Fontes¹⁰⁰, uma coedição entre a Editora UFRJ e a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, da FIOCRUZ, foi publicada em 2010. O livro apresenta uma crítica ao empreendedorismo, apresentada como uma ideologia individualista; ao terceiro setor e às ONG's. Discute também a relação capital-ciência-saúde, além de apresentar uma importante crítica ao conceito de “neoliberalismo”. (FONTES, 2010, p. 154)

Em 2011, é a vez de Vladimir Lenin ter seu livro *Cadernos sobre a dialética de Hegel*, publicado. Com mais uma cessão gratuita de direitos de tradução de José Paulo Netto, a Coleção Pensamento Crítico ganha seu décimo sexto título. A edição brasileira é traduzida a partir da edição francesa, publicada pela Editora Gallimard em 1938, que por sua vez havia sido traduzida da versão original russa, por Norbert Guterman e Henri Lefebvre, que também escrevem uma introdução, que é mantida por Netto. Lenin leu a *Ciência da Lógica de Hegel*, no final de 1914, quando estava exilado em sua estância, em Berna, e praticamente sozinho na defesa de suas posições políticas, após o colapso da Internacional social-democrata¹⁰¹. Em cadernos escolares, ele fez diversas anotações, em russo, francês e inglês.

⁹⁹ Leo Kofler (1907-1995) foi um sociólogo marxista austríaco-alemão.

¹⁰⁰ Virgínia Fontes é historiadora, professora-pesquisadora da EPSJV e da UFF.

¹⁰¹ A Social-Democracia, com praticamente 1 milhão de filiados, chegou ao poder após obter 30% de votos, e se tornar o principal partido no parlamento alemão, com lideranças que reuniam líderes operários e grandes intelectuais. Com o advento da Revolução Russa de 1905 e da Revolução Mexicana (1910), e com o prestígio de socialistas na França e trabalhistas na Inglaterra, colocaram a Segunda Internacional, no mais vigoroso movimento político do início do século XX. Mas com o apoio dos sociais-democratas alemães e trabalhistas à Primeira Guerra Mundial, tudo mudou. Em 4 de agosto de 1914 a *social-democracia* alemã abdicou politicamente e a *Internacional* socialista entrou em *colapso*.

Em 2012, a Editora publica os dois últimos livros da Coleção Pensamento Crítico: *A estética de György Lukács e o triunfo do realismo na literatura*, Ranieri Carli¹⁰² e *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do Materialismo Histórico*, Marcelo Badaró Mattos¹⁰³. Carlos Nelson Coutinho já não estava mais à frente da direção da Editora UFRJ, mas os dois livros tinham sido aprovados ainda na sua gestão. Ao sair direção da Editora, Coutinho informalmente falou à equipe que “preferia ver a Coleção encerrada a aprovarem algum original que não fosse de fato marxista e a descaracterizasse”.¹⁰⁴

Carli segue o caminho seguido pela estética de Lukács, para quem a arte não pode ser pensada independente do ser humano, em sua criação, em seu desenvolvimento e em sua necessidade social, porque a arte está vinculada ao devir da espécie humana. O livro é uma introdução à estética marxista do pensador húngaro.

Mattos discorre sobre o percurso profissional e a militância política de Edward Palmer Thompson¹⁰⁵ (1924-1993), historiador, professor e membro do Partido Comunista inglês, com quem rompeu em 1956, por ser contra as práticas de Stalin. Mattos apresenta um debate conceitual sobre o materialismo histórico, através da discussão de classe, luta de classes e cultura. Na concepção de Thompson, segundo Mattos, os intelectuais deveriam se relacionar diretamente com a classe trabalhadora.

E assim se encerra a Coleção Pensamento Crítico que tinha como objetivo recuperar, para o debate contemporâneo, textos marxistas do passado como referência histórica e social.

5.6 Coleção Sociologia e Antropologia

A Coleção Sociologia e Antropologia é destinada à publicação de livros voltados ao ensino e à pesquisa nas áreas de sociologia e antropologia, tendo em vista que a antropologia provê aos sociólogos a base para a análise das conexões entre memória e sociedade.

A Coleção teve início com a publicação de três livros, em 2015. São eles: *Pessoas desaparecidas: uma etnografia para muitas ausências*, de Letícia Carvalho de Mesquita Ferreira¹⁰⁶;

¹⁰² Ranieri Carli é sociólogo, professor associado do curso de Serviço Social da UFF.

¹⁰³ Marcelo Badaró Mattos é professor titular de História do Brasil na UFF.

¹⁰⁴ A autora é testemunha da fala de Carlos Nelson Coutinho.

¹⁰⁵ Edward Palmer Thompson¹⁰⁵ (1924-1993) é autor do livro *A formação da classe operária inglesa*, publicado em 1963.

¹⁰⁶ Letícia Carvalho de Mesquita Ferreira é professora do departamento de Antropologia Cultural (DAC) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) do IFCS/UFRJ.

Acertar as contas: como melhorar a pesquisa e a teoria social, Stanley Lieberson¹⁰⁷ e *Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar*, Victor Turner¹⁰⁸.

Pessoas desaparecidas: uma etnografia para muitas ausências é fruto da tese de doutorado de Ferreira, defendida em 2011 no Museu Nacional (UFRJ). O livro conta com o prefácio de Adriana Vianna, e orelha de Antônio Carlos de Souza Lima, professores do Museu Nacional e está organizado em cinco capítulos. Ferreira apresenta o cotidiano do Setor de Descoberta de Paradeiros, da Delegacia de Homicídios da Polícia Civil do Rio de Janeiro, descrevendo a interação entre os que vão à delegacia e comunicam o desaparecimento de alguém, os funcionários que convertem essas narrativas em documentos e os arquivos. Para Eilbaum, entre antropologia do Estado e dos movimentos sociais, a etnografia apresentada por Ferreira mostra como essa interação constrói decisões políticas.

[...] essa primorosa etnografia desvenda o campo da burocracia; suas formas cotidianas, regulares e rotinizadas de administração de casos sem repercussão pública, mas que importam e interessam a seus protagonistas. Ao mesmo tempo, mostra como essa invisibilidade burocrática pode alcançar status de denúncia e de problema social, mobilizando recursos, estratégias, projetos e instituições que transformam alguns “casos” em “causa pública”. (EILBAUM, 2017, p. 554)

Ferreira desvenda a construção do desaparecimento de pessoas, no Brasil de hoje, como um problema social e conseqüentemente mostra a ausência do Estado, a falta de uma polícia atenta e eficiente e a ausência de uma família acolhedora e cuidadora.

Acertar as contas: como melhorar a pesquisa e a teoria social, de Stanley Lieberson, cujo título original é *Making It Count: The Improvement of Social Research and Theory*, foi publicado originalmente em 1985, pela Editora da Universidade da Califórnia. O livro, traduzido por Wanda Brandt, traz um balanço crítico das análises quantitativas no âmbito das ciências sociais e descreve as dificuldades encontradas pelos pesquisadores que fazem uso de estatísticas para analisar os processos sociais.

Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar, de Victor Turner foi originalmente publicado em 1982, pela Performing Arts Journal Publications (PAJ) com o título *From Ritual to Theatre: The Human Seriousness of Play*. Neste livro, Turner elabora sobre ritual, teatro, pessoas, interpretação e performance, tomando exemplos das sociedades americanas, europeias e africanas para uma maior compreensão da cultura e seus símbolos. Turner também questiona

¹⁰⁷ Stanley Lieberson (1933-2018) foi um sociólogo canadense e professor de sociologia da Universidade de Harvard.

¹⁰⁸ Victor Whitter Turner (1920-1983) foi um antropólogo britânico.

como a ação social está relacionada à estética e a antropologia ao teatro? Além de discutir qual é o significado de conceitos como "trabalho", "jogo", "liminar" e "fluxo". Turner foi uma das primeiras personalidades a iniciar o diálogo entre a antropologia e dramaturgia.

Estão previstos os lançamentos de mais dois livros nessa Coleção: *A Justificação: sobre as economias das grandezas*, Boltansky e Thevenot e *Ciladas no caminho do conhecimento sociológico*, de Renan Springer de Freitas.

Todos os livros dessa Coleção tiveram seu projeto gráfico, de miolo e capa desenvolvidos pela equipe técnica da Editora UFRJ.

Assim como Chuva (2009) dá a devida importância aos diversos profissionais que são os responsáveis pela rotinização das práticas de preservação no Brasil não só pelo valor estético-arquitetônico, mas também por seu valor histórico e cultural e os denomina como os verdadeiros “arquitetos da memória, pedimos uma licença poética e afetiva para denominar toda a equipe da Editora UFRJ, que são responsáveis pela produção de toda a publicação da Editora. Desde os administrativos, os revisores, os programadores visuais, os divulgadores, os comerciais até os diretores são os “artífices da memória”, pois são aqueles que fazem a Editora UFRJ e que efetivamente construíram a sua memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral dessa dissertação é a construção da memória institucional da Editora UFRJ, apresentando sua trajetória, suas publicações avulsas e coleções como “lugares de memória”, destacando os aspectos institucionais, normativos, editoriais e sermos capazes de indicar porque é importante para a UFRJ a construção da memória da Editora UFRJ e de sua atividade editorial. Partimos do princípio de que essa dissertação é uma construção que, em momento algum, pretende reivindicar para si a posse de uma verdade definitiva.

Para que fosse possível compreendermos o que seria a memória, a memória social, coletiva e institucional, o primeiro capítulo foi destinado à reflexão sobre esses conceitos. Apresentamos autores como Halbwachs (1990, p. 71), que afirma que a memória é uma construção realizada no presente, a partir de experiências e fatos ocorridos em um passado que se quer obter uma reflexão e compreensão; como Gondar (2005, p.7), para quem a memória social é um conceito complexo e em permanente processo de construção, que está inserido em um campo de lutas e relações de poder, configurando uma contínua disputa entre lembrar e esquecer; como Rueda, Costa e Valls (2011, p. 79) que afirmam que a memória coletiva é formada pela memória individual e uma indicação de fatos, que a sociedade selecionou como importantes, e que se converteram em memória social, quando os registros foram criados, transformados e disseminados como informação; como Ricoeur (2007), que afirma que a história da memória é quem pode trazer à tona alguns esquecimentos, lembranças encobridoras e determinados atos falhos; e, como Thiesen (2013), com quem vimos a importância de se considerar, no estudo sobre a memória institucional, alguns contornos que caracterizam as instituições sociais como exterioridade, interioridade, objetividade, coercitividade, resistência à mudança, reprodutibilidade, legitimidade, seletividade, historicidade, temporalidade, conflitualidade e socialização.

Ao chegarmos até aqui podemos constatar que a memória institucional é a representação da trajetória histórica e social, nos espaços internos e externos da instituição, mas que se originam da sociedade, como afirma Costa (1997, p. 142). A sociedade tem questionado muito as instituições, principalmente as universidades públicas, e por serem locais onde os saberes e o conhecimento são descobertos, desenvolvidos e transmitidos, se torna muito importante a construção de sua memória para preservação de seu passado, a valorização de seu presente e garantia de seu futuro. É necessário proteger a memória institucional, que reflete o caminho percorrido pelas instituições, que estão sujeitas ao tempo e as relações sociais que se constituem em forças ativas e reativas e ao mesmo tempo hierárquicas.

Vimos com Nora (1993, p. 15) que nossa época produz muitos arquivos, mas que para memória não é a quantidade de arquivos, e nem as novas técnicas de reprodução e de conservação que importam, mas sim como o sagrado investiu-se no vestígio. Nora desenvolveu o conceito de “lugares de memória”, em três dimensões: material, funcional e simbólica e para Chartier (1990, p.127) os livros alcançam sentido quando manifestam as três dimensões de sua materialidade: “o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera”.

Com Assmann (2011, p. 194) pudemos entender que o estudo das mídias da memória, deve ser feito a partir da escrita, de sua dimensão social e técnica e de seu desempenho memorativo, que é avaliado de formas diferentes dependendo da cultura e da época porque a escrita é um dos recursos mais fecundos para prevenir o esquecimento, já que se mantém inalterável até após a morte do autor. Le Goff (1990, p. 427) nos traz o conceito de que o tempo da memória é visível na fase de transição entre a oralidade e a escrita e, Dodebei (2009, p. 86) em sintonia com o autor, afirma que a oralidade e a escrita, convivem nos dias de hoje, coexistem e concorrem com as mídias digitais.

No primeiro capítulo apresentamos, que os documentos e os monumentos são dois tipos de materiais, que segundo Le Goff (1990, p. 535) se relacionam à memória coletiva e a história e que, com o surgimento da escrita, houve um desdobramento da memória, através dos monumentos, como uma celebração dessa memória, em que se aplica o termo “memória social” às sociedades que já conheciam a escrita. Assim, a capacidade de produzir uma história tornaria possível distinguir memória coletiva e social, tendo a memória social como testemunha dos documentos escritos, o que não existiria entre os povos de cultura exclusivamente oral.

Observamos a diferença de natureza e quantidade de documentos que encontramos à disposição, para pesquisarmos o processo de construção da Editora UFRJ, descrito nos capítulos III e IV. Entre os anos de 1990 e 2010, a gestão administrativa da Editora UFRJ foi executada por pessoas que não tinham vínculo institucional com a UFRJ e que não se responsabilizaram pela organização da documentação, de forma a permitir uma análise documental institucional futura. Fato este que muito nos dificultou para o trabalho de pesquisa, para acesso à documentação. Localizamos alguns relatórios de gestão, algumas correspondências enviadas e recebidas, e o que identificamos nos relatórios, e em boa parte das atas de reunião dos conselhos editoriais, é que as descrições tratam basicamente de uma apresentação de conteúdo direto - como por exemplo, indicam a quantidade de originais, aprovados ou negados -, mas não há justificativa e nem foram encontrados os pareceres emitidos. O que acreditamos ser uma grave lacuna, em função da importância em garantir a transparência da gestão pública. Um arquivo bem organizado, com informações disponíveis, é

pressuposto para a garantia de um acervo de memória como prova documental e informação estratégica para a gestão.

A Editora UFRJ, em todos esses anos, não teve um profissional qualificado para executar a gestão documental, e assim o que foi possível verificar, é que houve um acúmulo desorganizado dos documentos em caixas, que quando existentes, estavam apenas separados por anos e assuntos gerais.

A coleta de informações sobre a construção da memória da Editora UFRJ, se fez pela ampliação do conceito de documentos, que também são monumentos e, portanto, passíveis a passionalidades e intenções que às vezes não são expressas verbalmente, diretamente na sua produção e divulgação, principalmente quando se trata dos documentos oficiais. Por outro lado, sabemos, por nossa atuação na Editora UFRJ a 27 anos, que a sede no Palácio Universitário sofreu inúmeras vezes com problemas como infiltrações, obstrução de calhas e má conservação - pela ausência de políticas de manutenção no Palácio Universitário, que resultaram na deterioração e destruição de parcela da documentação. De modo similar, também sofremos nos contêineres após 2010, com as chuvas, quedas de árvores, cupins e formigas. Com este cenário, não localizamos o registro adequado, ou um inventário, dessa documentação.

Entretanto, Assmann (2011, p. 368) afirma que ter o controle do arquivo é ter o controle da memória, e que nos momentos de alteração do poder político, os arquivos acompanham as estruturas de legitimação, o que também pode justificar a ausência de documentação. Não dispomos de vestígios probatórios de que este possa ser o motivo, quanto aos documentos da Editora UFRJ. De toda forma, levamos em consideração a afirmação de Rousso (1996, p.4), com a qual concordamos de que “existem mentiras gravadas no mármore e verdades perdidas para sempre”.

O esforço da editoração universitária, realizado por centenas de editoras universitárias e de institutos de pesquisas, na maioria das vezes, se perde na descontinuidade tanto administrativa, como editorial. A ABEU, nos últimos anos tem como foco a profissionalização das editoras para que a edição universitária tenha continuidade, apesar das mudanças em sua direção, tendo em vista que as editoras não podem depender apenas da capacidade e do esforço pessoal de seus diretores e técnicos administrativos. O resultado desse esforço, reúne hoje belíssimas edições, com conteúdo de alta relevância para a educação, a ciência, a cultura e arte no país, mas que acabam se perdendo pelas limitações do serviço público em relação aos recursos orçamentários, cada vez mais escassos. Essa limitação leva a contratações de gráficas, que em função da exigência legal de escolha pelo menor preço, muitas vezes perde na qualidade necessária à impressão de um livro. Outra questão, é a falta de segurança jurídica para a

comercialização, um exemplo é a problemática na utilização de cartão de crédito, e de outras modalidades de comercialização, presentes no século XXI. Assistimos na Editora UFRJ, nos últimos anos, às tentativas de se criar um canal de diálogo com os poderes constituídos, visando à busca de segurança jurídica para a sua atividade, pois é fundamental que a produção e comercialização das publicações das editoras universitárias sejam reconhecidas como serviço público necessário a formação e divulgação do ensino, da pesquisa e extensão.

Ao apresentarmos em nossa pesquisa a trajetória da Editora UFRJ, é possível perceber que sua memória institucional se desenvolve em um contexto em que as relações sociais dentro da instituição recebem interferência, tanto no corpo técnico da editora e da universidade, mas também na sua relação com o ambiente externo, confirmando os contornos que caracterizam as instituições que se refere Thiesen (2013). Dessa forma, observamos um contínuo “jogo de informações que se constrói em práticas discursivas dinâmicas; o instituído e o instituinte – as duas faces da instituição – fazem suas jogadas na dinâmica das relações sociais” (THIESEN, 2013, p. 37).

A cada gestão, percebemos que as ações políticas adotadas pelo governo federal impactaram na universidade, assim como as ações da gestão de cada reitoria na universidade, conseqüentemente, afetaram a Editora UFRJ e suas publicações.

As editoras universitárias não têm fins lucrativos, assim como as universidades às quais estão vinculadas, e por essa razão não concorrem com o mercado editorial. Essas editoras oferecem publicações diferenciadas e importantes do ponto de vista do público leitor e do investimento social.

Tanto a produção como a organização do conhecimento, continuam a ser os grandes desafios para os pesquisadores das mais diversas áreas de saber e é fundamental, que a capacidade de organizar e transferir o conhecimento acumulado dos seres humanos para que futuras gerações continuem na incansável tarefa de socialização do saber. Mesmo com todos os avanços tecnológicos, a democratização e o acesso ao conhecimento ainda não são universais, e sua disponibilização ainda enfrenta muitas barreiras. Identificamos, pela sua trajetória, que a Editora UFRJ tem como principal objetivo a socialização dos saberes produzidos nas Instituições de Ensino Superior e de pesquisa e contribui, dessa forma, com o debate para formação dos estudantes, socializando o conhecimento para toda sociedade.

No momento em que concluímos essa pesquisa, constatamos que mais de 50% (cinquenta por cento) do catálogo da Editora UFRJ encontra-se esgotado, o que, do ponto de vista editorial se traduz em excelente aceitação dos títulos publicados entre o público leitor, mas também representa a capacidade de distribuição de seus livros, de forma a fazer chegar ao

leitor suas publicações. Outro aspecto apresentado nessa pesquisa, é a identificação da ausência de uma dotação orçamentária específica para a Editora que permita realizar um planejamento anual. Esta lacuna impede o investimento nas reedições dos títulos que comprovadamente apresentaram bons resultados junto ao público leitor. Vários livros encontram-se fora de circulação, excluindo parcela da sociedade ao acesso à essas produções. Para garantir que esses livros não sejam esquecidos o repositório institucional tem sido um caminho encontrado. Entretanto, é necessário que os autores autorizem o acesso livre de seus livros, o que nem sempre ocorre, já que o autor deseja ver seu livro nas prateleiras das livrarias. Nossa experiência na Editora UFRJ permitiu verificar que, frente a esses impasses, muitos gestores acabam por privilegiar a publicação de novos títulos, em detrimento as reedições de obras que marcaram seu espaço na produção editorial nacional.

A trajetória da Editora UFRJ tem em sua “sede” (e na falta dela), em seu mobiliário e equipamentos, nos seus servidores, em seus documentos, em suas publicações e até em suas atividades diárias, fragmentos da memória institucional e por isso, consideramos que também a memória institucional necessita de suporte e elementos desse patrimônio institucional para se materializar.

Identificamos a Editora UFRJ e suas publicações como “lugares de memória”, tendo em vista que armazena documentos institucionais das vivências de suas gestões técnicas e administrativas, seus livros avulsos e suas coleções, e todo conhecimento que carregam, que permitem que seus leitores vivam a memória do tempo, do lugar, da cultura e da política editorial que serviram de fundamento para o presente.

As Coleções da Editora UFRJ, como a Risco Original; Anísio Teixeira; Pensamento Crítico; e Sociologia e Antropologia, tratadas no Capítulo V, cumprem um importante papel tanto como projeto editorial e ideológico, de uma geração de diretores, que acreditaram cumprir uma missão social, formadora e de preservação da memória nacional, e de interpretação do passado nacional e internacional.

A escolha dos documentos, nessa pesquisa, registrou acontecimentos que constituem a memória da Editora UFRJ permitindo conhecer seu passado recente até o momento atual. Lembrar e esquecer, apesar de nem sempre ser uma escolha, e a memória institucional nos oferece a oportunidade de recordar, aquilo que a memória humana não alcança e com a ajuda dos livros, e de todo percurso da Editora, podemos rememorar os acontecimentos que tem valor significativo.

Acreditamos que esta pesquisa possa garantir que a história da Editora UFRJ e os valores sociais construídos ao longo de sua trajetória não sejam esquecidos e que além disso, esperamos

que no processo de construção da memória e história da Editora UFRJ, seja possível que os profissionais que hoje atuam na Editora possam conhecer o seu passado, para ter um novo olhar do presente e refletir sobre o futuro da Editora e assim ressignificarem seu trabalho.

REFERÊNCIAS

- ABC. **Academia Brasileira de Ciências** – História. Rio de Janeiro: 2021. Disponível em <http://www.abc.org.br/a-instituicao/sobreaabc/historia/>. Acesso em 07.set.2021
- ABE. **Associação Brasileira de Educação** – Breve Histórico. Rio de Janeiro: 2021. Disponível em <http://www.abe1924.org.br/quem-somos>. Acesso em 07.set.2021.
- ABEU. **Programa Interuniversitário para Distribuição de Livro (PIDL)**. 2010. Disponível em <http://www.abeu.org.br/farol/abeu/sobre/pidl---programa-interuniversitario-de-distribuicao-de-livro/120/>. Acesso em: 20.out.2016.
- _____. DIREÇÃO da ABEU. (Biênio 2001-2003 e 2009-2011). **Galeria de Diretorias - ABEU**. Disponível em <https://www.abeu.org.br/timeline/>. Acesso em 21.mar.2022.
- _____. **Feira do Livro de Frankfurt 2013-Orientações**. Disponível em <https://docplayer.com.br/4647623-Feira-do-livro-de-frankfurt-2013-orientacoes-gerais.html>. Acesso em 31.jul.2022.
- _____. **A Voz da Nossa História**. Entrevista com Ailton Sampaio, idealizador do Programa Interuniversitário de Distribuição de Livro (PIDL). Publicado em 3.abr.2017a. Disponível em <http://www.abeu.org.br/farol/abeu/blog/abeu/a-voz-da-nossa-historia/9619>. Acesso em 18.mar.2021.
- _____. **ABEU 30 anos**. Compromisso com as edições universitárias e com a disseminação do conhecimento. Publicado em set. 2017b. Disponível em <https://portal-archipelagus.azurewebsites.net/farol/abeu/sobre/abeu-30-anos/208>. Acesso em 18.mar.2021.
- ABEU divulga carta reforçando o apoio às editoras universitárias. *Publishnews*, Redação, 09/06/2017. Disponível em <https://www.publishnews.com.br/materias/2017/06/09/abeu-divulga-carta-reforcando-o-apoio-as-editoras-universitarias>. Acesso em 30.mai.2022
- ABREU, Haroldo. **Para além dos direitos: cidadania e hegemonia no mundo moderno**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- ABREU, Regina. **Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil**. In: Memória e novos patrimônios. *Nouvelle édition [en ligne]. Marseille: OpenEdition Press, 2015 (généré le 12 février 2015)*. p. 67-93 Disponível em: <http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/capitulos/patrimonializacao-das-diferencas.pdf>. Acesso em 07.out.2020.
- ACANDA, Jorge Luís. **Sociedade civil e hegemonia**. Tradução de Lisa Stuart. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- AGÊNCIAESTADO. **Começam as eleições na UFRJ**. São Paulo: O Estado de São Paulo, publicado em 19.mai.2003. Disponível em <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,comecam-as-eleicoes-na-ufrj,20030519p58273>. Acesso em 23.jun.2022

_____. **UFRJ disputa terreno com associação há 37 anos. Publicado** quarta-feira, 14 de maio de 2008 às 19:02 h; atualizado em 14/05/2008, 19:02. Disponível em <https://atarde.com.br/brasil/ufrj-disputa-terreno-com-associacao-ha-37-anos-252507>. Acesso em 16.jun.2022

ALMEIDA, Denise Ribeiro de; RAUPP, Fabiano Maury; SACRAMENTO, Ana Rita Silva **Os desafios das Universidades Federais diante dos constantes cortes orçamentários** in *Cortes no orçamento das Universidades Públicas: significados e efeitos*, org. Renata Alvarez Rossi e João Martins Tude. Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia. 2021. Disponível em <https://ea.ufba.br/wp-content/uploads/2021/08/v3-Cortes-no-Orcamento-das-Universidades-Federais-1.pdf>. Acesso em 30.mai.2022

ALOÍSIO Teixeira é reeleito reitor da UFRJ. **Jornal O DIA**. 10/04/2007. Disponível em <https://portal.aprendiz.uol.com.br/content/aloisio-teixeira-e-reeleito-reitor-da-ufrj>. Acesso em 20.mar.2022.

ALVES, Aluizio. **Editoras universitárias apoiam a produção científica e cultural**. Revista Perspectiva Universitária nº 307, 1995, p. 7.

ALVES, Helio de Mattos. **Discurso do Prof. Carlos Lessa na cerimônia de posse na Reitoria da UFRJ em 10 de julho de 2002**. Pesquisado e transcrito por Antonio José Barbosa de Oliveira. Rio de Janeiro: Olhar do Campus, Publicado em 5 de junho de 2020. Disponível em <https://olhandocampus.wordpress.com/2020/06/05/discurso-do-prof-carlos-lessa-na-cerimonia-de-posse-na-reitoria-da-ufrj-em-10-de-julho-de-2002/>. Acesso em 23.jun.2022

ALVES, Maíra de Oliveira. **Edição de livros digitais e uso da plataforma SciELO por editoras universitárias brasileiras**. 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/9027> Acesso em 22.out.2021.

APOIADO pelo governo, Vilhena se mantém isolado na UFRJ. **Agência Estado de SP**. 9.nov.2001 18h07. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,apoiado-pelo-governo-vilhena-se-mantem-isolado-na-ufrj,20011109p34124>. Acesso em 18.mar.2022

ARAÚJO, Emanuel. A construção do livro: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Editora Lexicon. 2ª ed. 2014. 635 p.

ARGOLLO, Rita Virginia; ROSA, Flávia Goulart (Organizadoras). **Editoras Universitárias: estratégias de gestão**. São Paulo: Associação Brasileira das Editoras Universitárias - ABEU, 2019. 233 p.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011, 453p

ATIVIDADES em campus da UFRJ são suspensas após incêndio. **Guia do Estudante**. Atualizado em 16 maio 2017, 13h46 - Publicado em 29 Mar 2011. Disponível em <https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/atividades-em-campus-da-ufrj-sao-suspensas-apos-incendio/>. Acesso em 18.mar.2022.

BARRETO, Pedro. O Canecão é nosso!... E o Bingo também. Agência UFRJ de Notícias - Praia Vermelha, Editoria: UFRJ, PV. **Conexão UFRJ**. 02/12/2010. Disponível em <https://conexao.ufrj.br/2010/12/o-canecao-e-nosso/>. Acesso em 18.mar.2022.

BEAUREPAIRE, Lucila de. **Livraria Café e novo centro cultural com grife da UFRJ**. O GLOBO, Rio de Janeiro, 16.jul.1995. Seção Rio, p. 33.

BOLOGNESE, Ana Maria. **Ortodontia preventiva e interceptativa na ação básica de saúde bucal: Manual de atendimento**. Editora UFRJ. 1ª ed. 2019. Disponível em <http://146.164.170.163/omp/index.php/printed/catalog/download/5/2/45-1?inline=1>. Acesso em 04.ago.2022

BONOTTO, Danusa de Lara; KRIPKA, Rosana de Lara e SCHELLER, Morgana. **Pesquisa Documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização**. Revista de Investigaciones – Universidade Nacional Aberta e a Distância (UNAD), Bogotá-Colômbia. Volumen 14, número 2 – Julio-Diciembre, 2015.

BOTELHO, André; COSTA, Cristiane; COELHO, Eduardo; STROZENBERG, Ilana. **Onde é que eu estou? Heloisa Buarque de Hollanda 8.0**. Rio de Janeiro. Editora Bazar do Tempo. 1ª ed. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. **Constituição Política do Império do Brasil**, elaborada por um Conselho de Estado e outorgada pelo Imperador D. Pedro I, em 25 de março de 1824. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em 27.ago.2021.

_____. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**, em 24 de fevereiro de 1891. Brasil. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm. Acesso em: 18.mar.2021.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**, em 3 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18.mar.2021.

_____. **Lei n.º 452, de 5 de julho de 1937**. Organiza a Universidade do Brasil. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/10452.htm. Acesso em 30.mar.2021

_____. **Lei n.º 1.310, de 15 de janeiro de 1951**. Dispõe sobre a criação do Conselho Nacional de Pesquisas e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/11310.htm. Acesso em 30.mar.2021

_____. **Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1961b. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 08.set.2021

_____. **Lei n.º 4.831, de 5 de novembro de 1965.** Dispõe sobre as novas denominações das Universidades Federais das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4831.htm. Acesso em 30.mar.2021

_____. **Lei nº 7.505, de 02 julho de 1986.** Dispõe sobre benefícios fiscais na área do imposto de renda concedidas a operações de caráter cultural ou artístico. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil: de 3.jul.1986 e republicado em 4.jul.1986. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7505.htm. Acesso em 23.fev.2021.

_____. **Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8666cons.htm. Acesso em 27.mar.2022

_____. **Lei nº 8.958, de 20 de dezembro de 1994.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8958.htm. Acesso em: 27.mar.2022.

_____. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil: de 23.dez.1996 Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 23.fev.2021.

_____. **Lei nº 10.573, de 30 de outubro de 2003.** Institui a Política Nacional do Livro. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.753.htm. Acesso em 25.jul.2022

_____. **Lei nº 10.865, de 30 de abril de 2004.** Dispõe sobre a Contribuição para os Programas de Integração Social e de Formação do Patrimônio do Servidor Público e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social incidentes sobre a importação de bens e serviços e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.865.htm. Acesso em 25.jul.2022

_____. **Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011.** Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm. Acesso em 24 de agosto de 2021

_____. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em 25.jul.2022

_____. **Decreto-Lei n. 53, de 18 de novembro de 1966.** Fixa princípios e normas de organização para as universidades federais e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil: nº 129, p. 13416, seção 1, 21/11/1966. ano 1966. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-53-18-novembro-1966-373396-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 18.mar.2021

_____. **Decreto nº 11.530, de 18 de março de 1915.** Reorganiza o ensino secundário e superior na República. Brasil. Disponível em

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-11530-18-marco-1915-522019-republicacao-97760-pe.html>. Acesso em 27.ago.2021

_____. **Decreto n.º 14.343, de 7 de setembro de 1920.** Institui a Universidade do Rio de Janeiro. Instituí a Universidade do Rio de Janeiro. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-14343-7-setembro-1920-570508-publicacaooriginal-93654-pe.html>. Acesso em 30.mar.2021

_____. **Decreto n.º 19.850, de 11 de abril de 1931.** Cria o Conselho Nacional de Educação. Rio de Janeiro, 1931a. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19850-11-abril-1931-515692-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 07.set.2021

_____. **Decreto n.º 19.851, de 11 de abril de 1931.** Dispõe que o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao sistema universitário, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização técnica e administrativa das universidades é instituída no presente Decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras. Rio de Janeiro, 1931b. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 07.set.2021

_____. **Decreto n.º 19.852, de 11 de abril de 1931.** Dispõe sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1931c. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19850-11-abril-1931-515692-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 07.set.2021

_____. **Decreto n.º 29.741, de 11 de julho de 1951.** Institui uma Comissão para promover a campanha nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (Capes). Diário Oficial da [da] República Federativa do Brasil - 13/07/1951, p. 10425 (Publicação Original). Disponível em <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=29741&ano=1951&ato=4ddITS610dFRVT40b>. Acesso em 30.mar.2021

_____. **Decreto n.º 50.737, de 7 de junho de 1961.** Organiza a Companhia Nacional de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior, prevista pelo Decreto n.º 29.741, de 11 de julho de 1951. (Capes). Brasília, 1961a. Diário Oficial da [da] República Federativa do Brasil - 26 05 1964 004513 4. Disponível em <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=53932&ano=1964&ato=462gXRU50dZRV69a>. Acesso em 02.set.2021

_____. **Decreto n. 60.455-A, de 13/03/1967.** Aprova o Plano de reestruturação da UFRJ. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil: p. 4321, Seção 1 - 13/4/1967. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-60455-a-13-marco-1967-401280-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 18.mar.2021.

_____. **Decreto nº 7.423, de 31/12/2010.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7423.htm. Acesso em: 27.mar.2022.

_____. **Decreto nº 8.241, de 21 de maio de 2014.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/decreto/d8241.htm. Acesso em: 27.mar.2022.

_____. Ministérios da Educação e Saúde. **Processo nº 181/1946.** Assunto: Sugestão s/a criação da “Editora da Universidade do Brasil” – 1946. Acervo da Divisão de Arquivo na Divisão de Gestão Documental e da Informação/Sistema de Arquivos – DGDI/SIARQ/UFRJ.

_____. Ministério da Educação e Cultura (MEC). **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)- História e Missão.** Brasília, Publicado em 01/01/2011, 13h28. Disponível em <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/historia-e-missao>. Acesso em 08.set.2021.

_____. Ministério da Educação e Cultura (MEC). **Programa de Apoio à Educação Superior: Nova Universidade. Projeto de Estímulo à Editoração do Trabalho Intelectual (PROED).** Brasília: Secretaria da Educação Superior, 1985. Acesso em 08.set.2021.

BRESSANE, Ronaldo. **Entrevista: Livros sobre livros – com Plínio Martins Filho.** Jornal da BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ – BPP. 08/05/2020. Disponível em <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Noticia/Livros-sobre-livros>. Acesso em 07.09.2021

BUEY, Francisco Fernández. **Marx (sem ismos).** Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

BUFREM, L. S. **Editoras universitárias no Brasil: uma crítica para a reformulação da prática.** São Paulo: EDUSP: Com-Arte. Curitiba: Editora da Universidade/ UFPR, 2001.

_____. **Práticas Editoriais e o Ensino Superior do Brasil 20 anos da ABEU, SP.** Revista VERBO, nº 4 – agosto de 2008. Disponível em: https://arquivosbrasil.blob.core.windows.net/insulas/anexos/revistaverbo2008_8-38445.pdf. Acesso em 18.mar.2021

BULGARELLI, Lucas. **Um Governo que dissemina pânico entre quem produz pesquisa no Brasil.** Jornal El País. Opinião. Tribuna. 15.mai. 2019 - 18:44h. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/15/opinion/1557878110_995023.html. Acesso em 31.mai.2022.

CALMON, Pedro. **Palácio da Praia Vermelha.** Jornal do Comércio, 1952. Disponível em <http://www.ccms.saude.gov.br/hospicio/text/phospal.php>. Acesso em 30.09.2022.

_____. **O Palácio da Praia Vermelha, 1852-1952.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CAPELLI, Jane de C. S. et al. **Educação de surdos no ensino superior.** Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 1ª ed. 2019. Disponível em https://acessibilidade.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/07/manual_surdos_web.pdf. Acesso em 04.ago.2022

CARLI, D. T.; FACHIN, G. R. B. **A lei de acesso à informação e a gestão de documentos.** *Biblios* (Peru), n. 66, p. 47-59, 2017. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5195/biblios.2017.308>. Acesso em: 27 ago. 2021.

CARLI, Ranieri. **A estética de György Lukács e o triunfo do realismo na literatura**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.

CARLOS LESSA toma posse como presidente do BNDES. Rio de Janeiro: Conexão UFRJ, Memória; publicado em 23.jan.2003. Disponível em <https://conexao.ufrj.br/2003/01/carlos-lessa-toma-posse-como-presidente-do-bndes/>. Acesso em 23.jun.2022

CASTRO, Marcelo Corrêa. **As razões de uma ruptura: elementos para uma história da prova de Redação nos Exames Vestibulares isolados da UFRJ - 1987/88 - 2007/08**. Rio de Janeiro: Revista Contemporânea de Educação, v. 3, n. 5, p. 162-179, 2008.

_____. **A prova de redação e o acesso à UFRJ, histórias e desdobramentos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013. 192 p.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.) **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2002

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990. (Coleção Memória e Sociedade).

CHARTIER, R. **Do livro à leitura**. In: _____. (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 77-105.

COELHO, Henrique; ROUVENAT, Fernanda. **Alunos, pais e professores de institutos federais do RJ fazem protesto contra corte de verbas na educação**. G1 Rio. 06/05/2019 08h36. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/06/alunos-de-institutos-federais-do-rj-fazem-protesto-contr-a-corte-de-verbas-na-educacao.ghtml>. Acesso em 30.mai.2022

CONJUR. Terreno onde funcionava o Canecão pertence à UFRJ. Publicado em 26 de maio de 2010, 19h26. **Revista Consultor Jurídico**, 2010. Disponível em <https://www.conjur.com.br/2010-mai-26/terreno-onde-funcionava-canecao-pertence-ufrj-decide-stf>. Acesso em 16.jun.2022

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. Memória institucional: um conceito em definição. **Informare - Cadernos Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.45-51, jul./dez.1995.

COSTA, Maria Teresa Pires; MOREIRA, Elzeni Alves. Gestão e Mapeamento de Processos nas Instituições Públicas: Um estudo de caso em uma Universidade Federal. **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 162-183, janeiro 2018. Disponível em DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1983-4535.2018v11n1p162>. Acesso em 02.abr.2022

COUTINHO, Carlos Nelson. **“Acho fundamental essa articulação entre o mundo intelectual e o mundo da política”**. Entrevistadores: Bruno Leal Pastor de Carvalho e Fábio Silveira (Originalmente publicada em 2004). In: Café História. Disponível em <https://www.cafehistoria.com.br/entrevista-com-carlos-nelson-coutinho/>. Publicado em: 14 dez. 2020. ISSN: 2674-5917. Acesso em 28.mar.2022.

COUTO, Pedro. **Módulos habitacionais começam a ser montados**. Agência UFRJ de Notícias da Praia Vermelha, Editoria: Escola de Serviço Social, 04/05/2011. Disponível em <https://conexao.ufrj.br/2011/05/modulos-habitacionais-comecam-a-ser-montados/>. Acesso em 31.mai.2022

CUNHA, Luis Antônio. O ensino superior no octênio FHC. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 24, n. 82, p. 37-61, abril 2003. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 13.mar.2022.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. 2004. Tempo Imperfeito: Uma etnografia do Arquivo. **Revista Mana**, 10(2), p. 287-322. Disponível em <https://www.scielo.br/j/mana/a/XYZjLRvbTLVNnfsZVMJTYgf/abstract/?lang=pt>. Acesso em 02.01.2023

DAHER, Andrea. Práticas patrimonializantes e objetos patrimonializados. Resenha de: CHUVA, Márcia. Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. **Estudos Históricos**, v.23 n.45 Rio de Janeiro Jan./June 2010. Disponível em <https://www.resenhacritica.com.br/todas-as-categorias/os-arquitetos-da-memoria-m-chuva/>. Acesso em 12.out.2022

DI VAIA, Fábio Estivallet. **Entre o caçador de marajás e o marajá da casa da dinda: Revista Veja e a construção e desconstrução de Collor de Mello (1989-1992)**. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina. 2016. Disponível em http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/2229/dissertacao_fabio_estivallet_di_vaia___completa.pdf. Acesso em 02.01.2023.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. Construindo o conceito de documento. In: LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes; MORAES, Nilson Alves. **Memória e construções de identidades**. Rio de Janeiro, 7Letras, 2000.

DOURADO, Stella Moreira. **Identificando a inovação editorial na cadeia produtiva do livro universitário brasileiro**. 110 f. 2012. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/7827>. Acesso em 20.out.2021

EILBAUM, Lucía. Resenha de: FERREIRA, Letícia Carvalho de Mesquita. Pessoas desaparecidas. Uma etnografia para muitas ausências. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2015. 287 p. **Revista Mana** 23(2): 551-555p., 2017. Disponível em <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/11139/1678-4944-mana-23-02-00551.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 15.ou.2022.

ESTUDANTES ocupam UFRJ por 44 dias contra nomeação de reitor, há 20 anos. Rio de Janeiro: Jornal O GLOBO, publicado dia 21.ago.2018. Disponível em <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/veja-fotos-da-ocupacao-de-44-dias-da-reitoria-da-ufrj-contra-nomeacao-de-reitor-ha-20-anos.html>. Acesso em 16.jun.2022

ESTRUTURA precária, UFRJ entra em greve geral. Mídia Informal: notícias, fatos e fotos. Publicado em 23.jun.2015. Disponível em <https://midiainformal.wordpress.com/2015/06/23/com-estrutura-precaria-ufrj-entra-em-greve-geral/>. Acesso em 31.mai.2022

FÁVERO, Maria de Lourdes A. **Universidade no Brasil: das origens à construção.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Inep, 2000, v.1. Disponível em http://www.editora.ufrj.br/DynamicItems/livrosabertos-1/Universidade-do-Brasil-das-origens-a-construcao_compressed.pdf. Acesso em 27.ago.2021.

FERREIRA, Lier Pires, ROMEO, Christiane Itabaiana Martins, WEBER, Ricardo Basílio. **A Construção social do ensino superior do Brasil. De que forma começamos e como estamos hoje?** Rio de Janeiro: (SYN)THESIS, v. 10, n. 1, p. 22-30, jan./jun. 2017. Cadernos do Centro de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/synthesis/article/view/47109/31379>. Acesso em 20.ago.2021.

FGV. CPDOC. **A Era Vargas: dos anos 20 a 1945.** Movimento Tenentista. CPDOC-FGV: CD-Rom, 1997a. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/MovimentoTenentista>. Acesso em 07.set.2021

_____. **O Governo de Juscelino Kubitschek.** CPDOC-FGV: CD-Rom, 1997b. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/apresentacao>. Acesso em 08.set.2021

FIORI, Carla Rosani Silva. **Comercialização nas editoras universitárias federais do Brasil: práticas de gestão.** Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária, Florianópolis, 2018. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/194473>. Acesso em 20.out.2021.

FRANÇA, Victor. **UFRJ é a melhor universidade do Brasil e a segunda da América Latina.** Rio de Janeiro: Conexão UFRJ, em 08/02/2021. Disponível em <https://conexao.ufrj.br/2021/02/08/ufrj-e-a-melhor-universidade-do-brasil-e-a-segunda-da-america-latina/>. Acesso em 28.ago.2021

FUJB. **Programa de Apoio à Publicação de Livros Didáticos.** Rio de Janeiro. 2012. Disponível em <http://www.fujb.ufrj.br/programa-do-livro-didatico/>. Acesso em 27.mar.2022.

GAMBINE, Roberto. **Orçamento da UFRJ: desafios e perspectivas.** Conexão UFRJ. 5 de junho de 2018. Disponível em <https://conexao.ufrj.br/2018/06/orcamento-da-ufrj-desafios-e-perspectivas/>. Acesso em 30.mai.2022.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: O antropólogo como autor.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005

- GILL, Stephen (org.). **Gramsci, Materialismo Histórico e Relações Internacionais**. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- GIRON, Loraine Slomp. **Da história nasce a memória**. In: LENSKIJ, Tatiana (Org.). *A Memória e o Ensino de História*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- PIRES, Stéphanie Garcia. **O jovem Marx por Lukács**. Agência UFRJ de Notícias - Praia Vermelha. Conexão UFRJ. 14 de novembro de 2007. Disponível em <https://conexao.ufrj.br/2007/11/o-jovem-marx-por-lukacs/>. Acesso em 06.out.2022.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. 6ª tiragem. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- GONDAR, Jô.: Quatro Proposições sobre Memória Social, In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.
- GRILLO, Cristina. **Novo reitor da UFRJ diz que não renunciará**. Jornal Folha de São Paulo, sucursal Rio de Janeiro. São Paulo: 15.jul.1998. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff15079821.htm>. Acesso em 16.jun.2022
- GUEDES, M. C. e PEREIRA, M. E. M. **Editoras Universitárias: uma contribuição à indústria ou à artesanaria cultural?** São Paulo em Perspectiva. São Paulo, v. 14, n.1, p. 78-84, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Shaffter. São Paulo: Vértice, 1990
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo/SP. EDUSP, 2017. 3ª ed. 1ª reimp.
- HESÍODO. **Teogonia, A Origem dos Deuses**. Estudo e tradução de Jaa Torrano, São Paulo: Iluminuras, 7ª ed., 2007.
- IMÓVEL devolvido. Juiz determina reintegração de posse de prédio que abrigava bingo. **Revista Consultor Jurídico**, 13 de janeiro de 2003, 18h09. Disponível em https://www.conjur.com.br/2003-jan-13/predio_bingo_voltar_posse_universidade. Acesso em 20.mar.2022
- IMPrensa Oficial do Estado participa da X Bienal do Livro do Rio de Janeiro. São Paulo. 21/05/2001 - 13h53. **Do Portal do Governo**. Disponível em <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/imprensa-oficial-do-estado-participa-da-x-bienal-do-livro-do-rio-de-janeiro>. Acesso em 18.mar.2022.
- INCÊNDIO atinge prédio da UFRJ na Zona Sul do Rio, dizem Bombeiros. Rio de Janeiro: Portal G1, em 28.mar.2011. Disponível em <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/03/incendio-atinge-predio-da-ufrj-na-zona-sul-do-rio-dizem-bombeiros.html>. Acesso em 25.jul.2022

JARDIM, José Maria. **O conceito e a prática de gestão de documentos**. Rio de Janeiro, Acervo: Revista do Arquivo Nacional, v. 2, n. 2, p. 1-123 jul./dez. 1987. Disponível em: <https://arquivoememoria.files.wordpress.com/2009/05/o-conceito-e-pratica-gestao-documentos.pdf>. Acesso em 27.ago.2022

_____. A Lei de Acesso à Informação Pública: dimensões político-informacionais. João Pessoa, Paraíba: **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação -TPBCI**, v. 5, n. 1, p. 1-22, jan./dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/266>. Acesso em 27.ago.2022

JORNAL500. Rio de Janeiro: **Jornal do SINTUFRJ**, Edição nº 500, dez.2001. Disponível em <https://sintufrj.org.br/wp-content/uploads/2018/11/jornal500.pdf>. Acesso em 17.jun.2022

KOFLER, Leo. **História e dialética: estudos sobre a metodologia da dialética marxista**. Tradução de José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

KORSCH, Karl. **Marxismo e filosofia**. Apresentação e tradução José Paulo. Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

LATOURETTE, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Org.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000, p. 21-44.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 1990

LÊNIN, Vladimir. **Cadernos sobre a dialética de Hegel**. Introdução de Henri Lefebvre e Norbert Guterman. Tradução de José Paulo Netto. Editora UFRJ, 2011

LIGUORI, Guido. **Roteiros para Gramsci**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007

LIMA, Tania Andrade. **Lina Maria Kneip, uma vida, uma obra**. Revista de Arqueologia, 12/13: 7-14, 1999-2000.

LIMA ROCHA, João Augusto de. **Breve História da Vida e Morte de Anísio Teixeira – desmontada a farsa da queda no fosso do elevador**. Salvador: EDUFBA. 1ª ed., 2019.

LOBO CARNEIRO: um brasileiro. Rio de Janeiro: Planeta COPPE Notícias, publicado em 19.nov.2001. Disponível em <https://www.coppe.ufrj.br/pt-br/planeta-coppe-noticias/perfil/lobo-carneiro-um-brasileiro>. Acesso em 17.jun.2022

LOPES, Sonia Maria de Castro Nogueira; SILVA, Gustavo da Motta. **A Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ: A Mudança Física e a Invenção do curso de Formação de Professores**. Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) e V Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE). Brasília-DF. 02 a 7 de agosto de 2013. Disponível em <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/viewFile/4783/2840>. Acesso em 20.mar.2022.

LOSURDO, Domenico. **Democracia ou Bonapartismo: triunfo e decadência do sufrágio universal**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/UNESP, 2004.

LUKÁCS, György. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia**. Tradução, apresentação e organização: Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

_____. **Socialismo e Democratização: escritos políticos (1956-1971)**. Tradução, apresentação e organização: Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

_____. **Arte e sociedade: escritos estéticos (1932-1967)**. Tradução, apresentação e organização: Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MACHADO, Cassiano Elek. “**Estande das universitárias terá 36 editoras e será o 2º maior da Bial**”. São Paulo: Folha de SP online. Ilustrada, 27.abr.2000. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fol/cult/ult27042000065.htm>. Acesso em 18.mar.2022

MAIA, Selene Alves. **Autonomia: fatos & mitos**. Rio de Janeiro: Jornal da ADUFRJ – Associação dos Docentes da UFRJ, publicado em 15.jan.2020. Disponível em <https://adufjr.org.br/index.php/pt-br/noticias/arquivo/80-atual/2781-autonomia-fatos-mitos>. Acesso em 12.mar.2021.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Por um socialismo indo-americano**. Tradução: Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

MARTINS, Elizabete R. de C. Resenha de GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 1996. **Revista interFACES** v. 5, 1998 p.117-120. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/32668>. Acesso em 12.out.2022

MARQUES NETO, J. C. A. Editora universitária, os livros do século XXI e seus leitores. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu/SP: v. 4, n. 7, agosto, 2000.

_____. **Editoras Universitárias Brasileiras, estudo exploratório**. Paris/FR: IESALC/UNESCO. ES/2003/PI/14. P. 1-36. Data da publicação: novembro 2003. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139899>. Acesso em 16.nov.2022

MARINHO, Fábio; WEGLINSKI, Thor. **Coleção da Editora UFRJ aborda a trajetória de Anísio Teixeira**. Vídeo produzido pelo TJ UFRJ para a Editora UFRJ.2014. Disponível em <http://www.editora.ufrj.br/lista-video/1/0/meus-videos/4/1>. Acesso em 10.mar.2021

MARTINS FILHO, P.; ROLLEMBERG, M. **Edusp – Um Projeto Editorial**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MATTOS, Marcelo Badaró. **E. P. Thompson e a crítica ativa do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012

MEADOWS, A. J. **A Comunicação Científica**. Brasília/DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MEMÓRIA – 11ª Feira de Livros das Editoras. **Conexão UFRJ**. 29 de outubro de 2015. Disponível em <https://conexao.ufrj.br/2015/10/11a-feira-das-editoras-universitarias/>. Acesso em 20.mar.2022

MEMÓRIA GLOBO. **Eleições Presidenciais 2002**. Publicado em 28.out.2021. Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-2002/noticia/eleicoes-presidenciais-2002.ghtml>. Acesso em 23.jun.2022

MENDONÇA, Ana WALESKA P. C. A Universidade no Brasil. São Paulo: **Revista Brasileira de Educação** nº 14. Mai/Jun/Jul/Ago de 2000. Brasil. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/SjbNJRqbdCvKtgLrFskfxLJ/?lang=pt>. Acesso em 31.ago.2021.

_____. A pós-graduação como estratégia de reconstrução da Universidade Brasileira. Curitiba/PR: **Educar em Revista**, [S. l.], n. 21, p. 28–308, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2136/1788>. Acesso em 02.set. 2021

MUNIZ JR, José de Souza; SZPILBARG, Daniela. Edição e tradução, entre a cultura e a política: Argentina e Brasil na Feira do Livro de Frankfurt. Brasília/DF: **Revista Sociedade e Estado**, Volume 31, Número 3, setembro/dezembro 2016. P. 671-692. Disponível em <https://www.scielo.br/j/se/a/HgckgLW6bSxmjC59KwtPNwR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 23.05.2022

NASCIMENTO, Tiago. **Ocupação na reitoria da UFRJ em 1998: memória de luta pela educação**. Rio de Janeiro: Agência de Notícias das Favelas, publicado em 20.jun.2020. Disponível em <https://www.anf.org.br/ocupacao-da-reitoria-da-ufrj-em-1998-memoria-de-luta-pela-educacao/>. Acesso em 16.jun.2022

NETO, Alexandre Shigunov; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. Curitiba/PR: **Educar em Revista**, n. 31, p. 169-189, 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/er/a/VKN68qKSCDDcvmq5qC7T6HR/abstract/?lang=pt>. Acesso em 28.ago.2021.

NETTO, J.P. **Pequena história da ditadura brasileira (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 2014.

NOVO ATOR POLÍTICO APARECE EM CENA, Memorial da democracia. Revista Veja. 23. mar. 1988. Disponível em <http://memorialdademocracia.com.br/card/novo-ator-politico-aparece-em-cena>. Acesso em 10.mar. 2021

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khouri. São Paulo: **Revista Projeto História**, Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História – PUC/SP, n. 10, dez.-1993. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em 16.nov.2022

OLIVEIRA, Antônio José Barbosa de. História, memória e instituições: algumas reflexões teórico-metodológicas para os trabalhos do Projeto Memória SiBI / UFRJ. In: **Universidade e lugares de memória**. Org. Antônio José Barbosa de Oliveira;

Universidade Federal do Rio de Janeiro-Fórum de Ciência e Cultura-Sistema de Bibliotecas e Informação, 2008, p.41-61

OLIVEIRA, Eliane Braga e RODRIGUES, Georgete Medleg. As concepções de memória na ciência da informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. Salvador/BA: **Ponto de Acesso**, v. 3, n. 3, p. 216-239, dez. 2009. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/viewFile/3613/2745>. Acesso em 18.mar.2021

OLIVEIRA, Kátia de, ROSA, Flávia Goulart, OLIVEIRA, Marlene, BARROS, Susane. **O livro no sistema de avaliação da Capes**. 2018. UFBA. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35478/1/ArtigoRodrigues.pdf>. Acesso em 02.01.2023

PADILHA, Caio Augusto Toledo. A política educacional do governo Itamar Franco (1992-1995) e a questão da inclusão. Maringá/PR: **Revista Espaço Acadêmico** nº 180 – maio/2016 – Especial 15 anos.

PAÍSES ibero-americanos comemoram ano da leitura. Brasília/DF: Agência Câmara de Notícias. 27.05.2005. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/64909-paises-ibero-americanos-comemoram-ano-da-leitura/%C2%B4mailto:agencia@camara.gov.br%C2%B4>. Acesso em 20.mar.2022.

PARREIRA, Daniel Morais, LACERDA, Philippe de Oliveira. **O Futuro do Canecão: planejamento de marketing e de Comunicação para o espaço**. 2011. Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1289/1/DParreira.pdf>. Acesso em 02.01.2023.

PAULA, Christiane Jalles de. **Vice-Presidente de Jânio Quadro: O segundo mandato na vice-presidência e a crise sucessória**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro/RJ: CPDOC-FGV, 1997. Disponível em https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/VicePresidenteJanio/O_segundo_mandat_o_e_a_crise_sucessoria. Acesso em 08.set.2021

PEREIRA, Francisca Sirleide. **Memória da produção editorial científica da EDUFRRN: 1962 a 1980**. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado em ciência da informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3932>. Acesso em 20 de out. de 2021.

PEREIRA, Thiago Ingrassia; DA SILVA, Luís Fernando Santos Corrêa. As Políticas Públicas do Ensino Superior no Governo Lula: Expansão ou Democratização? DOSSIÊ OS ANOS LULA. Porto Alegre/RS: **Revista Debates**, v.4, n.2, p. 10-31, jul.-dez. 2010. Disponível em <http://flacso.redelivre.org.br/files/2013/03/1117.pdf> Acesso em 20.mar.2022

PERÍODO em que houve greves nas Universidades Federais e nos Institutos Federais desde 1985 até 2018. Juiz de Fora/MG: Tabela desenvolvida pela Associação de Técnico-administrativos da Universidade Federal de Juiz de Fora (SINTUFEJUF). Disponível em <https://sintufejuf.org.br/wp-content/uploads/2018/10/historico-greve-at%C3%A9-2018.pdf>. Acesso em 18.mar.2022

PINTO, Álvaro Vieira. **O Conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, Volume II, 2019, 1328p.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi. volume 1. Memória-História**. Fernando Gil (Org.). Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

_____. História cultural, história dos semióforos. In: **Para uma história cultural**. Jean-Pierre Riou; Jean-François Sirinelli. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 71- 95.

PRESTES, Isabel; REULCINÉIA, Irene da Silva Fonseca dos Santos e VALE, Antônio Marques do. **Brasil, 1930 - 1961: escola nova, ldb e disputa entre escola pública e escola privada**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.22, p.131 –149, jun. 2006 - ISSN: 1676-2584. Disponível em https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4901/art10_22.pdf. Acesso em 07.set.2021

PRIMEIRA mulher a assumir Reitoria da UFRJ toma posse em Brasília. Assessoria de Imprensa do Gabinete da Reitora. Rio de Janeiro/RJ: Conexão UFRJ. 2 de julho de 2019. Disponível em <https://conexao.ufrj.br/2019/07/primeira-mulher-a-assumir-reitoria-da-ufrj-toma-posse-em-brasilia/>. Acesso em 05.06.2022

PRONER, Carol et al. (orgs). **A Resistência ao Golpe de 2016**. Bauru/SP: Canal 6, 2016

PROPOSTA de reformulação da identidade visual Editora UFRJ. Equipe Editora UFRJ 2018. Rio de Janeiro/RJ: Editora UFRJ, 2018. 32p.

REGINA, Cláudia. **Christian Jacob**. Pessoas IEA. São Paulo/SP: IEA - Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, publicado 02/08/2022 11:35 - última modificação 01/09/2022 13:45. Disponível em <http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoac/christian-jacob>. Acesso em 20.10.2022

REITOR da UFRJ ameaça não convocar reunião e gera crise. São Paulo/SP: Folha de São Paulo, publicado em 29 de agosto de 1998. Índice Geral. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff29089822.htm>. Acesso em 03.fev.2021

RIBEIRO, Andreza de Lima. **Carlos Vainer assume a coordenação do Fórum**. Rio de Janeiro/RJ: Portal do FCC/UFRJ, publicado em 26.abr.2012. Disponível em <https://forum.ufrj.br/index.php/reetrospectiva/129-carlos-vainer-assume-a-coordenacao-do-forum>. Acesso em 02.abr.2022

RIBEIRO, D. **UnB: invenção e descaminho**. Rio de Janeiro/RJ: Avenir, 1978. Disponível em <https://unb.br/a-unb/historia>. Acesso em 31.ago. 2021.

RIBEIRO, Fernanda Almeida. **Editora UFRJ, como tudo começou**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Especialização em Políticas Públicas e Instituições Federais de Ensino Superior - Escola de Serviço Social – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2018. Disponível em <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/9999>. Acesso em 21.mar.2021

RIBEIRO, Raimundo Donato do Prado. Memória e contemporaneidade: as tecnologias da informação como construção histórica. Disponível em <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/memoria/13.shtml>. Campinas/SP: **Revista Comciência**, atualizado em 10.mar.2004. Acesso em 28.mar.2022.

RICOEUR, Paul. **Memória, História, Esquecimento**. Tradução sem autoria, publicada na página do Instituto de Estudos Filosóficos, Universidade de Coimbra. Budapeste: 8 de março de 2003. Disponível em https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia. Acesso em 07.set.2021.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007.

RIO DE JANEIRO. FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro/RJ: **Editais FAPERJ n.º 12/2013** - Programa de Apoio a Editoras de Instituições Científicas e Tecnológicas Sediadas no Estado do Rio de Janeiro. 2013a. Disponível em <https://siteantigo.faperj.br/?id=2174.3.4>. Acesso em 27.mar.2022.

_____. FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro/RJ: **Resultado Edital FAPERJ n.º 12/2013** - Programa de Apoio a Editoras de Instituições Científicas e Tecnológicas Sediadas no Estado do Rio de Janeiro. 2013b. Disponível em <https://siteantigo.faperj.br/?id=2247.3.9>. Acesso em 27.mar.2022

RODRIGUES, Carlos Henrique Lopes; JURGENFELD, Vanessa Follmann. O neoliberalismo no governo Itamar Franco: uma análise de sua política de privatizações. Niterói/RJ: **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política** – n.º 60 / maio 2021 – agosto 2021. Disponível em <https://www.revistasep.org.br>. Acesso em 15.mar.2022

ROSINHA, Raul C. Política editorial: aspectos a considerar. Brasília/DF: **Revista de Biblioteconomia**, v. 17, n. 2, p. 249-258, jul./dez. 1989. Disponível em <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/72028>. Acesso em 07.set.2021.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro/RJ: **Revista Estudos Históricos**, v. 9, n. 17, p. 85-92, 1996.

RUEDA, Valéria Matias da Silva; FREITAS, Aline de; VALLS, Valéria Martin. **Memória Institucional: uma revisão de literatura**. São Paulo/SP: CRB-8 Digital, v.4, n. 1, p.78-89, abr. 2011. Disponível em <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/9723>. Acesso em 07.set.2021.

SAMPAIO, Benedicto Arthur; FREDERICO, Celso. **Dialética e materialismo: Marx entre Hegel e Feuerbach**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

SÁ-SILVA, J. R., ALMEIDA, C. D. de, & GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Rio Grande/RS: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, 2009. Disponível em <https://Periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em 02.ago.2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS E SILVA, Beatriz Nunes dos; SILVA DUAOCULHA dos Reis Janacaro Moreira. A possibilidade de impeachment do presidente da república por ato de improbidade administrativa conforme disposição da CF/88 e da Lei 1.079/50. Monte Carmelo/MG: **Revista Jurídica Direito & Realidade**, v.7, n.8, 2019, p.22-34

SETTIS, Salvatore. Warburg continuatus: descrição de uma biblioteca. In: Marc Baratin; Christian Jacob (Org.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente**. Rio de Janeiro/RJ: Editora UFRJ, 2000, p. 108-154

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz de. O Animismo fetichista dos negros baianos. Resenha. São Paulo/SP: **Revista de Antropologia**, USP, 2007, V. 50 n° 2. (2007, p. 881-886). Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ra/issue/view/2051>. Acesso em 20.mar.2022

SIBILIA, Paula. **O show do EU**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2ed., 2016, 360p.

SILVA, Vanessa; FIGUEREDO, Eliabe. **A lei que transforma a universidade, a universidade que transforma a sociedade**. Rio de Janeiro/RJ: Conexão UFRJ, 1º.abr.2022. Disponível em <https://conexao.ufrj.br/2022/04/a-lei-que-transforma-a-universidade-a-universidade-que-transforma-a-sociedade/>. Acesso em 25.jul.2022

SINTUFRJ. **Leher participa de reunião com a Andifes e o MEC sobre o orçamento das Ifes**. Rio de Janeiro/RJ: Jornal SINTUFRJ, n° 1.132, de 30/08 a 6/09, p. 7, 2015. Disponível em <https://sintufrj.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Jornal1132.pdf>. Acesso em 31.jul.2022

SOARES, Denise Ribeiro. **Editora UFMG: Avaliação de sua trajetória**. Orientador Domingos Antônio Giroletti. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração), Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo, Pedro Leopoldo/MG, 2016. Disponível em https://www.fpl.edu.br/2018/media/pdfs/mestrado/dissertacoes_2016/dissertacao_denise_ribeiro_soares_2016.pdf. Acesso em 20.out.2021.

SOUZA, Artêmio. **Brasil luta por leitores**. São Paulo: Revista VERBO - Revista Brasileira do Livro Universitário - ABEU, NúmeroZero, março de 2006. Disponível em https://arquivosbrasil.blob.core.windows.net/insulas/anexos/revistaverbo2006_3-38446.pdf. Acesso em 18.mar.2022.

SOUZA, Jean. **Roberto Leher é eleito reitor da UFRJ**. Rio de Janeiro/RJ: Portal da UFRJ. publicado em 07.mai.2015. Disponível em <https://musica.ufrj.br/comunicacao/noticias/arquivo/roberto-leher-e-eleito-reitor-da-ufrj>. Acesso em 02.abr.2022

TANNO, Janete Leiko. A Democratização dos bens patrimoniais: o direito à cidadania cultural. Resenha de Maria Cecília Londres Fonseca. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MINC-IPHAN, 2005, 295p. Assis/SP: **Revista Patrimônio e Memória** v. 2 n° 1. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.2, n.1, 2006, p. 224. Disponível em <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/166/584>. Acesso em 15.10.2022

TEIXEIRA, Anísio. **Educação e Universidade**. Rio de Janeiro/RJ: Editora UFRJ. 1998.

TEXIERA, Jacques. **Revolução e democracia em Marx e Engels**. Tradução de Duarte Pacheco Pereira. Rio de Janeiro/RJ: Editora UFRJ, 2005.

THIESEN, Icléia. **Memória institucional**. João Pessoa/PB: Editora da UFPB, 2013.

TÍTULOS premiados no ano de 2000. Disponível em <https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/premiacao/?ano=2000>. Acesso em 18.mar.2022

TOMA posse novo Reitor da UFRJ. Rio de Janeiro/RJ: Conexão UFRJ, publicado em 9 de julho de 2002. Disponível em <https://conexao.ufrj.br/2002/07/toma-posse-novo-reitor-da-ufrj/>. Acesso em 23.jun.2022

TOKARNIA, Mariana. **Saiba quais são as propostas de Bolsonaro e Haddad para a educação**. Bolsonaro quer escola sem doutrinação; Haddad defende inclusão. Publicado em 25/10/2018. Brasília/DF: Agência Brasil. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-10/saiba-quais-sao-propostas-de-bolsonaro-e-haddad-para-educacao>. Acesso em 30.mai.2022.

TREMBLAY, M. -A. **Initiation à la recherche dans les sciences humaines**. Montreal/CA: McGraw-Hill, 1968.

UFBA. EDUFBA. **A EDITORA-Histórico**. Salvador, 2021. Disponível em <http://www.edufba.ufba.br/a-editora/>. Acesso em 09.set.2021

UFRGs. **Editora da UFRGs**. Porto Alegre/RS, 2021. Disponível em <http://www.ufrgs.br/editora/a-editora>. Acesso em 08.set.2021.

UFRJ perde espaço cultural para bingo. São Paulo/SP: Agência Estado de São Paulo, publicado em 12 de fevereiro de 2003. Disponível em <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,ufrj-perde-espaco-cultural-para-bingo>, 2003. Acesso em 20.mar.2022

UFRJ abre livreria para universitários em local onde funcionava Bingo. Rio de Janeiro/RJ: O GLOBO – G1, publicado em 16/12/2014, 20h18. Disponível em <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/12/ufrj-abre-livreria-para-universitarios-em-local-onde-funcionava-o-canecao.html>. Acesso em 20.mar.2022.

UFRJ. Conselho Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Carta** Comemorativa pelo Centenário da UFRJ. Rio de Janeiro/RJ: publicado em 27.ago.2020. Disponível em <https://100anos.ufrj.br/carta-do-centenario/>. Acesso em 28.ago.2021

_____. Editora UFRJ. **Relatório de Gestão Editora UFRJ 1990-1994**. Rio de Janeiro/RJ, 1994. 89p.

_____. Editora UFRJ. **Relatório de Atividades, Editora UFRJ 2004**. Rio de Janeiro/RJ, 2004. 16p.

_____. Editora UFRJ. **Relatório de Atividades, Editora UFRJ 2012** (período de setembro de 2011 a março de 2012). Rio de Janeiro/RJ, 2012. 18p.

_____. Editora UFRJ. **Relatório de Atividades, Editora UFRJ 2019** (período de agosto de 2012 a outubro de 2019). Rio de Janeiro, 2019. 430p.

_____. 1994, Editora UFRJ. **Reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ**, Rio de Janeiro/RJ. **Ata** da reunião Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Editora UFRJ, de 9 novembro de 1994, 2 p.

_____. 1998, Editora UFRJ. **Reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ**, Rio de Janeiro/RJ. **Ata** da reunião, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Editora UFRJ, de 27 abril de 1998, 1998a, 1 p.

_____. 1998, Editora UFRJ. **Reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ**, Rio de Janeiro/RJ. **Ata** da reunião, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Editora UFRJ, de 14 dezembro de 1998, 1998b, 6 p.

_____. 1998, Editora UFRJ. **Reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ**, Rio de Janeiro/RJ. **Ata** da reunião, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Editora UFRJ, de 17 de junho de 1999, 1999a, 3 p.

_____. 1998, Editora UFRJ. **Reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ**, Rio de Janeiro/RJ. **Ata** da reunião, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Editora UFRJ, de 13 de dezembro de 1999, 1999b, 4 p.

_____. 1998, Editora UFRJ. **Reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ**, Rio de Janeiro/RJ. **Ata** da reunião, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Editora UFRJ, de 18 de maio de 2000, 2000a, 4 p.

_____. 1998, Editora UFRJ. **Reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ**, Rio de Janeiro/RJ. **Ata** da reunião, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Editora UFRJ, de 28 de novembro de 2000, 2000b, 2 p.

_____. 1998, Editora UFRJ. **Reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ**, Rio de Janeiro/RJ. **Ata** da reunião, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Editora UFRJ, de 25 de junho de 2002, 2002a, 5p.

_____. 1998, Editora UFRJ. **Reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ**, Rio de Janeiro/RJ. **Ata** da reunião, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Editora UFRJ, de 02 de outubro de 2002, 2002b, 4p.

_____. 1998, Editora UFRJ. **Reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ**, Rio de Janeiro/RJ. **Ata** da reunião, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Editora UFRJ, de 06 de novembro de 2002, 2002c, 4p.

_____. Editora UFRJ. **Roteiro para autores Editora**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em http://www.editora.ufrj.br/roteiro_editoraUFRJ.pdf. Acesso em 14.jul.2022

- _____. Escola de Belas Artes. **Institucional**. Rio de Janeiro, 2021d. Disponível em <https://eba.ufrj.br/institucional/>. Acesso em 07.set.2021
- _____. Escola Politécnica. **A Politécnica: Conheça a História da Escola Politécnica**. Rio de Janeiro, 2021c. Disponível em <https://www.poli.ufrj.br/a-politecnica/historia/>. Acesso em 07.set.2021
- _____. **Estatuto da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro/RJ: Atualizado em 25/01/2021-2021a. Disponível em <https://ufrj.br/aceso-a-informacao/institucional/estatuto/>.pdf. Acesso em 16.nov.2021
- _____. Faculdade de Direito. **História**. Rio de Janeiro, 2021e. Disponível em <https://direito.ufrj.br/sobre-a-fnd/>. Acesso em 07.set.2021
- _____. FCC - Fórum de Ciência e Cultura. **Editais do Programa de Divulgação Científica e Cultural (PRODICC)**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em <https://forum.ufrj.br/index.php/noticias/323-edt>. Acesso em 27.mar.2022.
- _____. FCC - Fórum de Ciência e Cultura. **Editais do Programa de Divulgação Científica e Cultural (PRODICC)**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em <https://forum.ufrj.br/index.php/noticias/323-edt>. Acesso em 27.mar.2022.
- _____. FCC - Fórum de Ciência e Cultura. **Centenária: a Universidade do Brasil entre duas pandemias**. Rio de Janeiro, 7.set.2020, 2020b. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=el1pcdw5Jqw>. Acesso em 23.fev.2021
- _____. FCC - Fórum de Ciência e Cultura. Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ. Divisão de Memória Institucional (DMI). Rio de Janeiro, 2021b. Disponível em <https://memoria.sibi.ufrj.br/>. Acesso em 23.fev.2021.
- _____. Instituto de Psicologia. História do Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro/RJ: **Boletim de Psicologia**, 1952. Disponível em <https://www.psicologia.ufrj.br/index.php/instituto/2014-09-05-13-15-25>. Acesso em, 27.fev.2021.
- _____. Museu Nacional. Rio de Janeiro/RJ: **Boletim do Museu Nacional** nº 16, de 30 de outubro de 1954. Disponível em <https://ds.saudeindigena.iciet.fiocruz.br/bitstream/bvs/4440/2/306641636.pdf>. Acesso em 18.mar.2021
- _____. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2012 a 2023 Informações Institucionais – Reitoria**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em <https://ufrj.br/sites/default/files/documentos/2018/07/pdi-ufrj-2018-proposta.pdf>. Acesso em 20.mar.2022
- _____. Portaria nº 477/1986. 30 de abril de 1986. **Nomeação da Coordenadora Executiva do Programa de Ação Editorial da UFRJ**, Lígia Maria Pondé Vassallo, publicada no Boletim UFRJ nº 19, página 26, de 8 de maio de 1986. Sob a guarda e arquivo registrado da Divisão de Gestão Documental e da Informação/Sistema de Arquivos – DGDI/SIARQ/UFRJ, 1986.

_____. Portaria nº 1264/1987. 25 de setembro de 1987. **Nomeação da Superintendente da Editora UFRJ**, Ligia Maria Pondé Vassallo, publicada no Boletim UFRJ nº 38, página 26, de 1º de agosto de 1987. Sob a guarda e arquivo registrado da Divisão de Gestão Documental e da Informação/Sistema de Arquivos – DGDI/SIARQ/UFRJ, 1987.

_____. Portaria nº 01/1990 (Designação Especial). **Nomeação da direção da Editora UFRJ**, Heloisa Buarque de Hollanda, publicada no Boletim UFRJ nº 38, página 49, de 20 de setembro de 1990. Sob a guarda e arquivo registrado da Divisão de Gestão Documental e da Informação/Sistema de Arquivos – DGDI/SIARQ/UFRJ, 1990.

_____. Portaria nº 1031/1998, de 26 de março de 1998. **Nomeação da direção da Editora UFRJ**, Yvonne Maggie de Leers Costa Ribeiro, publicada no Boletim UFRJ nº 23, página 01, de 4 de junho de 1998. Sob a guarda e arquivo registrado da Divisão de Gestão Documental e da Informação/Sistema de Arquivos – DGDI/SIARQ/UFRJ, 1998

_____. Portaria nº 1752/2002. 12 de julho de 2002. **Nomeação da direção da Editora UFRJ**, Renata Gérard Bondim, publicada no Boletim UFRJ nº 15 - 31 de julho de 2002. Disponível em <http://siarq.ufrj.br/images/bufrj/2002/15-2002.pdf>

_____. Portaria nº 1853/2003. 30 de julho de 2003. **Nomeação da direção da Editora UFRJ**, **Carlos Nelson Coutinho**, publicada no Boletim UFRJ nº 16 - 12 de agosto de 2003. Disponível em <http://siarq.ufrj.br/images/bufrj/2003/16-2003.pdf>. Acesso em 04.ago.2022

_____. Portaria nº 6107/2011. 01 de setembro de 2011. **Nomeação da direção da Editora UFRJ**, Beatriz Vieira de Resende, publicada no Boletim UFRJ nº 36 - 08 de setembro de 2011. Disponível em <http://siarq.ufrj.br/images/bufrj/2011/36-2011.pdf>. Acesso em 04.ago.2022

_____. Portaria nº 5701/2012. 16 de agosto de 2012. **Nomeação da direção-adjunta da Editora UFRJ**, Fernanda Almeida Ribeiro, publicada no Boletim UFRJ nº 34 - 23 de agosto de 2012. Disponível em <http://siarq.ufrj.br/images/bufrj/2011/36-2011.pdf>. Acesso em 04.ago.2022

_____. Portaria nº 5707/2012. 16 de agosto de 2012. **Nomeação da direção da Editora UFRJ**, Michel Misse, publicada no Boletim UFRJ nº 34 - 16 de agosto de 2012. Disponível em <http://siarq.ufrj.br/images/bufrj/2011/36-2011.pdf>. Acesso em 04.ago.2022

_____. **Prestação de Contas Ordinárias Anual Relatório de Gestão do Exercício de 2015**. Rio de Janeiro. Abril/2015. Disponível em <https://ufrj.br/wp-content/uploads/2020/08/relatorio-gestao-2015.pdf>. Acesso em 20.mar.2022

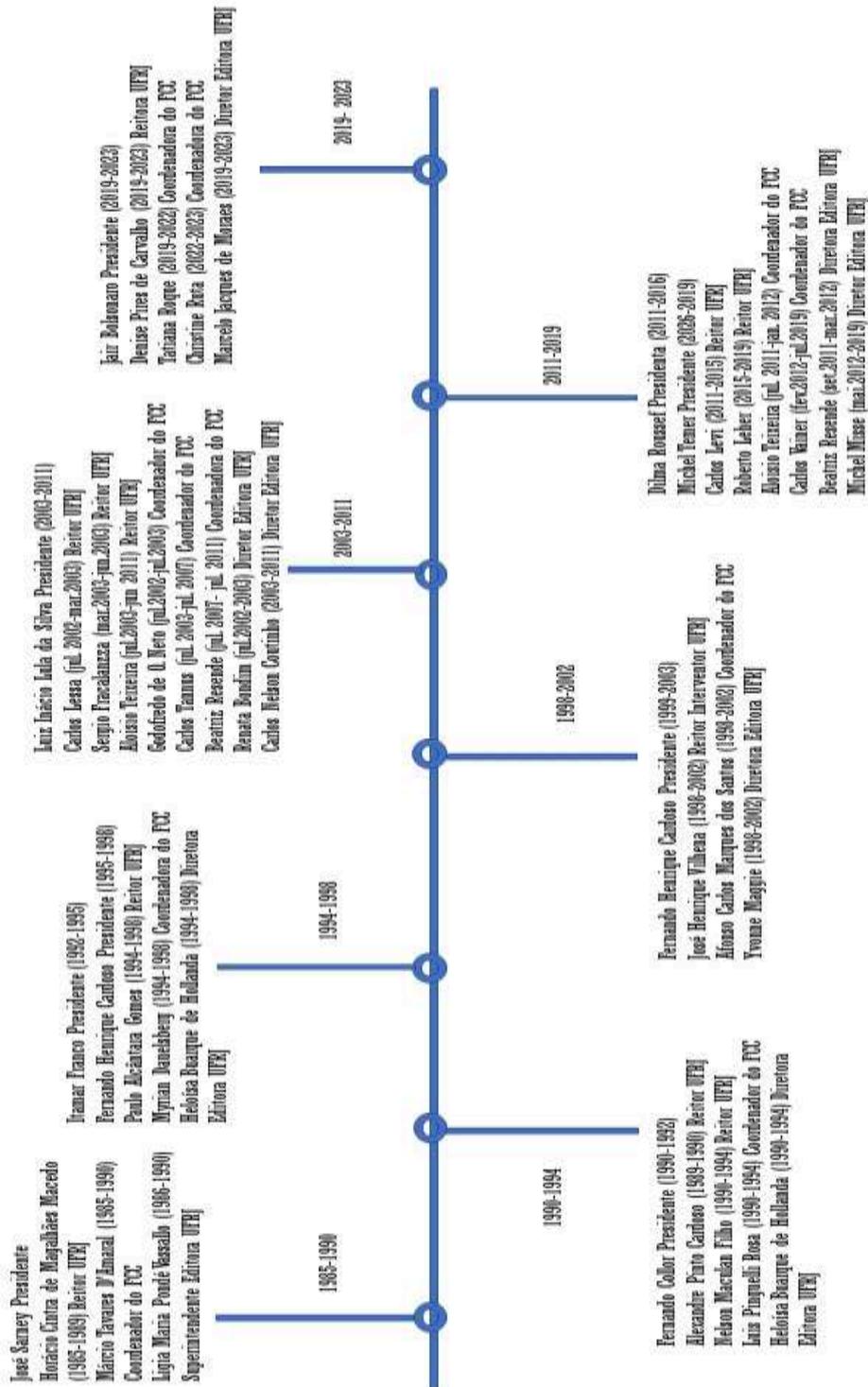
_____. UFRJ decreta luto oficial de três dias pela perda de Carlos Lessa. Conexão UFRJ. Assessoria de Imprensa do Gabinete da Reitora. Publicado em 05 de junho de 2020. Disponível em <https://conexao.ufrj.br/2020/06/ufrj-decreta-luto-oficial-por-tres-dias-pela-perda-de-carlos-lessa/> Acesso em 20.mar.2022

UTSCH, Ana. O livro como coleção: bibliofilia, edição, encadernação e literatura na França do século XIX. Teresina/PI: **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v.4, n.2,

jul./2015 – dez. Disponível em <http://www.unicentro.br/rbhm/ed08/dossie/06.pdf>. Acesso em 18.mar.2022

VIEIRA, Rafaela. Crise do Governo Dilma: A Crise Econômica Internacional e o “Ensaio Desenvolvimentista”. Vitória/ES: **Anais** do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, 2 a 7 de dezembro de 2018. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/23463/16173>. Acesso em 02.ago.2022

APÊNDICE A - O Tempo – 1986-2019 “Quem era quem”



APÊNDICE B - Diretores e Conselhos Editoriais da Editora UFRJ

<p>Direção Ligia Maria Pondé Vassallo 1986 -Jun 1990</p>	<p>Conselho de Administração Transitório</p>
	<p>Reitor Horácio Macedo</p>  <p>Vice-Reitor Alexandre Cardoso</p>  <p>Sub-Reitora de Ensino de Graduação (SR1) Maria Conceição Pinto de Góes</p>  <p>Sub-Reitor de Pós-Graduação (SR2)</p>

Paulo Alcântara Gomes



Sub-Reitor de Patrimônio e Finanças (SR3) -
Fernando Amorim

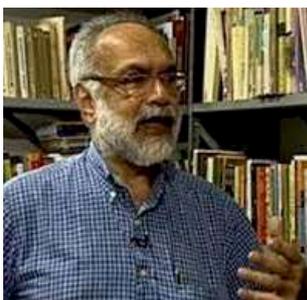


Sub-Reitor de Pessoal e Serviços Gerais
(SR4) - João Eduardo Fonseca

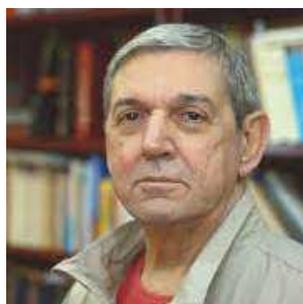


Sub-Reitora de Extensão (SR5)
Dulce Helena Chiaverini

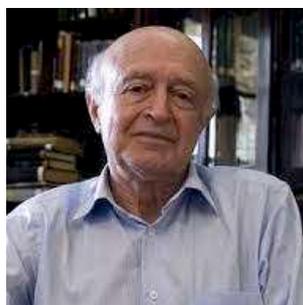


<p>Direção Heloísa Buarque de Hollanda - Jul 1990- Jul 1994</p>	<p>Conselho Editorial</p>
	<p>Darcy Fontoura de Almeida</p> 
<p>Diretora adjunta - Lucia Canedo</p> 	<p>Gerd Bornheim</p> 
	<p>Gilberto Velho</p> 
	<p>Giulio Massarani</p> 

Wanderley Guilherme dos Santos



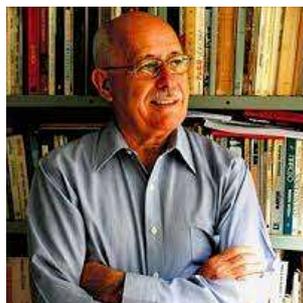
José Murilo de Carvalho

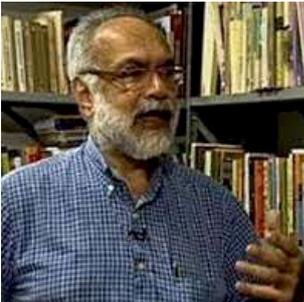


Margarida de Souza Neves



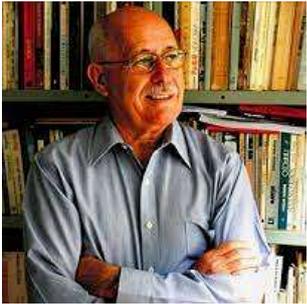
Silviano Santiago



<p>Direção Heloísa Buarque de Hollanda Jul 1994 - Mar 1998</p>	<p>Conselho editorial</p>
<p> Diretora adjunta - Lucia Canedo</p> <p></p>	<p>Carlos Lessa</p> <p></p> <p>Fernando Lobo Carneiro</p> <p></p> <p>Gilberto Velho</p> <p></p> <p>Margarida de Souza Neves</p> <p></p>

Flora Süsseskind



<p>Direção Yvonne Maggie Mar 1998- Jun 2002</p>	<p>Conselho editorial</p>
 <p>Editora Executiva – Maria Tereza Kopschitz</p> 	<p>Afonso Carlos Marques do Santos</p>  <p>Carlos Lessa</p>  <p>Fernando Lobo Carneiro</p>  <p>Silviano Santiago</p> 

Peter Fry



Ana Cristina Zahar



Hermano Vianna (2000)



Nelson Maculan Filho
(substituiu Fernando Lobo Carneiro em 2001)

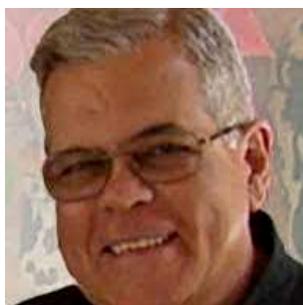


<p>Direção Renata Bondim -Jul 2002- Mai 2003</p>	<p>Conselho editorial</p>
	<p>Afonso Carlos Marques do Santos</p> 
<p>Editora Executiva: Cecília Moreira</p>	
	<p>Nelson Maculan Filho</p> 
	<p>Adalberto Ramon Vieyra</p> 
	<p>Ana Cristina Costa de Figueiredo</p> 

Antônio Carlos Secchin



Carlos Alberto Lombardi Filgueiras



Otávio Velho



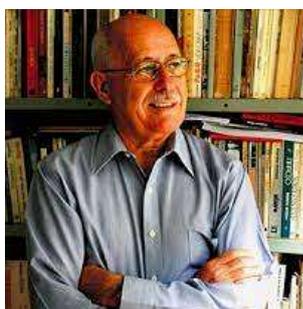
José Luís Fiori



Ângela Maria Dias

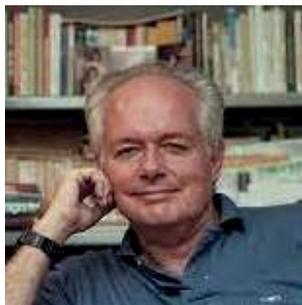


Silviano Santiago



<p>Direção Carlos Nelson Coutinho Jul 2003-2007 e 2007-Jul 2011</p>	<p>Conselho editorial</p>
<p></p> <p>Coordenadora executiva (Mai 2010-Jul 2011)</p> <p></p>	<p>Charles Pessanha</p> <p></p> <p>Diana Maul de Carvalho</p> <p></p> <p>José Luís Fiori</p> <p></p> <p>José Paulo Netto</p> <p></p>

Leandro Konder

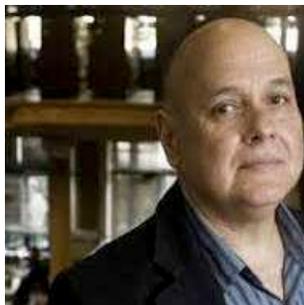


Virginia Fontes

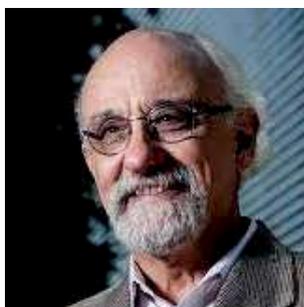


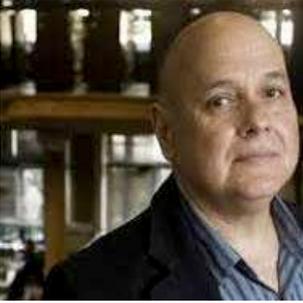
Direção Beatriz Resende Set 2011 – Mar 2012	Conselho editorial
 <p data-bbox="306 790 564 824">Paulo Roberto Pires</p> 	<p data-bbox="780 360 1142 394">Eduardo Viveiros de Castro</p>  <p data-bbox="780 790 1155 824">Heloisa Buarque de Holanda</p>  <p data-bbox="780 1220 1197 1254">Norma Côrtes Gouveia de Melo</p>  <p data-bbox="780 1650 1101 1684">Rachel Teixeira Valença</p> 

Renato de Andrade Lessa

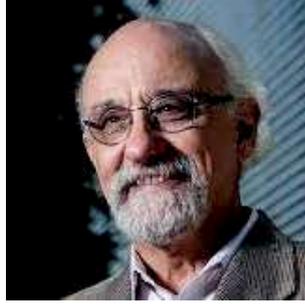


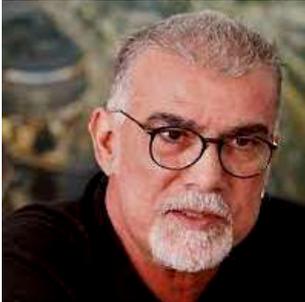
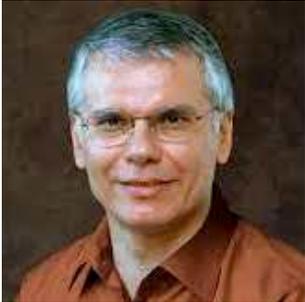
Roberto Lent



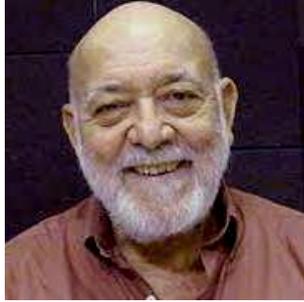
Direção Michel Misse Ago 2012 – Jun 2016	Conselho editorial – até agosto de 2016
 <p data-bbox="210 680 576 748">Diretora adjunta – Fernanda Ribeiro</p> 	<p data-bbox="783 309 1142 338">Eduardo Viveiros de Castro</p>  <p data-bbox="810 734 1182 763">Heloisa Buarque de Holanda</p>  <p data-bbox="783 1223 1193 1252">Norma Côrtes Gouveia de Melo</p>  <p data-bbox="783 1653 1110 1682">Renato de Andrade Lessa</p> 

Roberto Lent



Direção Michel Misse Jul 2016 – Out 2019	Conselho editorial
 <p data-bbox="201 846 561 913">Diretora adjunta - Fernanda Ribeiro</p> 	<p data-bbox="753 360 1078 394">Alexandre Pinto Cardoso</p>  <p data-bbox="753 790 1086 824">Francisco Carlos Teixeira</p>  <p data-bbox="753 1211 890 1245">João Sicsú</p>  <p data-bbox="753 1630 962 1664">Marco Lucchesi</p> 

Roberto Kant de Lima



APÊNDICE C - Documentos Analisados

Documentos analisados	Data
Constituição Política do Império do Brasil , elaborada por um Conselho de Estado e outorgada pelo Imperador D. Pedro I. artigo 179 previa a educação primária pública e gratuita a todos os cidadãos	25 de março de 1824
Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil §3º do artigo 35, determinar que é responsabilidade (não exclusiva) do congresso “criar instituições de ensino superior e secundário nos Estados	24 de fevereiro de 1891
Decreto nº 11.530 . Reorganiza o ensino secundário e superior na República. Brasil	18 de março de 1915
Decreto n.º 14.343 . Institui a Universidade do Rio de Janeiro	7 de setembro de 1920
Decreto n.º 19.850 . Cria o Conselho Nacional de Educação	11 de abril de 1931
Decreto n.º 19.851 . Dispõe que o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao sistema universitário, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização técnica e administrativa das universidades é instituída no presente Decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras	11 de abril de 1931
Decreto n.º 19.852 . Dispõe sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro	11 de abril de 1931
Lei n.º 452 Organiza a Universidade do Brasil	5 de julho de 1937
Processo nº 181/1946 . Assunto: Sugestão s/a criação da “Editora da Universidade do Brasil”	1946
Lei n.º 1.310 Dispõe sobre a criação do Conselho Nacional de Pesquisas	15 de janeiro de 1951
Decreto n.º 29.741 . Institui uma Comissão para promover a campanha nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (Capes).	11 de julho de 1951
História do Instituto de Psicologia . Boletim de Psicologia. Rio de Janeiro, 1952.	1952
Boletim do Museu Nacional nº 16 , de 30 de outubro de 1954. Rio de Janeiro, 1954.	30 de outubro de 1954
Decreto n.º 50.737 . Organiza a Companhia Nacional de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior, prevista pelo Decreto nº 29.741, de 11 de julho de 1951. (Capes)	7 de junho de 1961
Lei 4.024 Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional	20 de dezembro de 1961
Lei n.º 4.831 . Dispõe sobre as novas denominações das Universidades Federais das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói	5 de novembro de 1965

Documentos analisados	Data
Decreto-Lei n. 53. Fixa princípios e normas de organização para as universidades federais e dá outras providências	18 de novembro de 1966
Decreto-lei n° 233/1967 (Trata da doação à Universidade Federal do Rio de Janeiro, do imóvel situado na Avenida Pasteur n° 250, e dependências anexas)	28 de fevereiro de 1967
Decreto n. 60.455-A. Aprova o Plano de reestruturação da UFRJ	13 de março de 1967
Plano de Trabalho da Reitoria proposto por Horácio Macedo, que viria a ser Reitor da UFRJ	Junho de 1985
Portaria n° 477/1986, 30 de abril de 1986, de nomeação da Coordenadora Executiva do Programa de Ação Editorial da UFRJ	Publicada no Boletim UFRJ n° 19, página 26, de 8 de maio de 1986
Lei n° 7.505. Dispõe sobre benefícios fiscais na área do imposto de renda concedidas a operações de caráter cultural ou artístico	02 julho de 1986
Portaria n° 1264, de 25 de setembro de 1987, de nomeação da Superintendente da Editora UFRJ	Publicada no Boletim UFRJ n° 38, página 26, de 1° de agosto de 1987
Menção pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro pela publicação do livro <i>Dicionário árabe/português/árabe</i> , de Alphonse Nagib Sabbag	27 de abril de 1988
Constituição Federal foi aprovada pela Assembleia Nacional Constituinte em 22 de setembro de 1988. Alínea "d" do Inciso VI do Artigo 150 (imunidade tributária do livro)	Promulgada em 5 de outubro de 1988
Constituição Federal foi aprovada pela Assembleia Nacional Constituinte em 22 de setembro de 1988. Incisos XIV e XXXIII do art. 5°, no inciso II do § 3o do art. 37 e no § 2o do art. 216 da CF88 (BRASIL, 1988) - direito ao acesso à informação pública	Promulgada em 5 de outubro de 1988
Resolução UFRJ N° 02/88, aprovada pelo CONSUNI. A resolução intitulada "Proposta sobre a escolha e posse do reitor da UFRJ"	1° de dezembro de 1988
Portaria DE/SR2-01/90 Realocação da Editora UFRJ do <i>campus</i> da Cidade Universitária, para o Fórum de Ciência e Cultura (FCC), para o <i>campus</i> da Praia Vermelha	Julho de 1990
Designação Especial n° 01/90 de Heloísa Buarque de Hollanda como diretora da Editora UFRJ	Publicada no Boletim UFRJ n° 38, página 49, de 20 de setembro de 1990
Lei n° 8.666. Regulamenta o art. 37, inciso XXI, da Constituição Federal, institui normas para licitações e contratos da Administração Pública e dá outras providências.	21 de junho de 1993
Relatório de Gestão Editora UFRJ	1990-1994
Regimento da Editora UFRJ foi aprovado na sessão do Conselho Universitário 28 de julho de 1994	Boletim UFRJ n°. 37, de 15/09/1994.

Resumo da reunião direção da Editora UFRJ e o Reitor e o Vice-Reitor (fax)	1 de setembro de 1994
Ata da reunião do conselho editorial da Editora UFRJ	9 de novembro de 1994
Documentos analisados	Data
Lei nº 8.958. Dispõe sobre as relações entre as instituições federais de ensino superior e de pesquisa científica e tecnológica e as fundações de apoio.	20 de dezembro de 1994
Decreto nº 7.423. Regulamenta a Lei nº 8.958, de 20 de dezembro de 1994, que dispõe sobre as relações entre as instituições federais de ensino superior e de pesquisa científica e tecnológica e as fundações de apoio, e revoga o Decreto nº 5.205, de 14 de setembro de 2004.	31 de dezembro de 2010
Carta do antropólogo Claude <i>Lévi-Strauss</i> , <i>parabenizando o lançamento do livro Antropologia do Parentesco – Eduardo Viveiros de Castro.</i>	21 de março de 1996
Lei nº 9394. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional	20 de dezembro de 1996
Portaria nº 1031/1998, de 26 de março de 1998, de nomeação da direção da Editora UFRJ/ Yvonne Maggie de Leers Costa Ribeiro	Publicada no Boletim UFRJ nº 23, página 01, de 4 de junho de 1998
Ata da reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ	27 de abril de 1998
Ata da reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ	14 de dezembro de 1998
Inscrição Estadual (IE) 86.063.034 do FCC (razão social), Editora UFRJ (nome fantasia), atividade econômica principal 58.21-2/00 - edição integrada à impressão de livros, e atividades secundárias 47.61-0/01	11 de fevereiro de 1999
Ata da reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ	17 de junho de 1999
Ata da reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ	13 de dezembro de 1999
Ata da reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ	18 de maio de 2000
Ata da reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ	28 de novembro de 2000
Ata da reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ	25 de junho de 2002
Portaria nº 1752/2002, de 12 de julho de 2002. Nomeação da direção da Editora UFRJ, Renata Gérard Bondim	Publicada no Boletim UFRJ nº 15 - 31 de julho de 2002
Ata da reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ	02 de outubro de 2002
Ata da reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ	06 de novembro de 2002
Ata da reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ	05 de fevereiro de 2003
Portaria nº 1853/2003, de 30 de julho de 2003. Nomeação da direção da Editora UFRJ, Carlos Nelson Coutinho	Publicada no Boletim UFRJ nº 16 - 12 de agosto de 2003
Resolução nº 04/2003 do Conselho Universitário da UFRJ. Alterações no Estatuto da Universidade Federal do Rio de Janeiro	07 de agosto de 2003
Lei nº 10.573. Institui a Política Nacional do Livro.	30 de outubro de 2003
Relatório de Atividades. Editora UFRJ	2004
Carta para um autor – negando original	15 de janeiro de 2004

Documentos analisados	Data
Lei nº 10.865. Dispõe sobre a Contribuição para os Programas de Integração Social e de Formação do Patrimônio do Servidor Público e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social incidentes sobre a importação de bens e serviços e dá outras providências	30 de abril de 2004
Jornal da UFRJ – Editora UFRJ - Fomentando cultura e saber	Outubro de 2005
Programa de Apoio à Publicação de Livros Didáticos	Programa aprovado na 340ª ROCA - 31 / 05 / 2006
Portaria nº ° 6107/2011, de 01 de setembro de 2011. Nomeação da direção da Editora UFRJ, Beatriz Vieira de Resende	Publicada no Boletim UFRJ nº 36 - 08 de setembro de 2011
Proposta de Trabalho de Beatriz Resende para a sua gestão, apresentada ao Conselho editorial	21/10/2011
Ata da reunião do Conselho Editorial da Editora UFRJ - Proposta de Trabalho	21 de outubro de 2011
Lei nº 12.527. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências	18 de novembro de 2011
Programa de apoio à publicação de Livros Didáticos	Programa aprovado em duas etapas: pela 398ª Reunião do Conselho de Administração da FUJB em 26/10/2011 (minuta a ser submetida ao CEG). E pela: 400ª Reunião do Conselho de Administração da FUJB em 14/12/2011 (após análise do CEG).
Relatório de Atividades. Editora UFRJ	UFRJ 2012 (período de setembro de 2011 a março de 2012)
Lei nº 12.711. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio	29 de agosto de 2012
Portaria nº ° 5701/2012, de 16 de agosto de 2012. Nomeação da direção-adjunta da Editora UFRJ, Fernanda Almeida Ribeiro	Publicada no Boletim UFRJ nº 34 - 23 de agosto de 2012
Portaria nº ° 5707/2012, de 16 de agosto de 2012. Nomeação da direção da Editora UFRJ, Michel Misse	Publicada no Boletim UFRJ nº 34 - 23 de agosto de 2012
Roteiro para autores da Editora UFRJ	Outubro de 2012

Documentos analisados	Data
Edital do Programa de Divulgação Científica e Cultural (PRODICC).	2013
Ofício GR 0173/2014 De: Reitor da UFRJ Carlos Levi Para: Coordenador Geral de Programação Financeira - Secretaria do Tesouro Nacional. Marcelo Pereira de Amorim Assunto: Cartão de crédito	03 de abril de 2014
Ofício 28/2014/GESFI/COFIN/SUPOF/STN/MF-DF De: Coordenador Geral de Programação Financeira - Secretaria do Tesouro Nacional Marcelo Pereira de Amorim Para: Reitor Carlos Levi. Assunto: Cartão de crédito	16 de abril de 2014
Decreto nº 8.241. Regulamenta o art. 3º da Lei nº 8.958, de 20 de dezembro de 1994, para dispor sobre a aquisição de bens e a contratação de obras e serviços pelas fundações de apoio	21 de maio de 2014
Prestação de Contas Ordinárias Anual Relatório de Gestão do Exercício de 2015 - UFRJ	Abril/2015
Relatório de Atividades. Editora UFRJ	2019 (período de agosto de 2012 a outubro de 2019)
Livros publicados pela Editora UFRJ	1986-2019
Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2012 a 2023 Informações Institucionais – Reitoria.	2018
Memorando nº 48/2018 De: Gráfica UFRJ para Editora UFRJ Assunto: Impossibilidade de impressão dos livros da Editora UFRJ	01 de agosto de 2018
Relatório de Autoavaliação Institucional 2020-2021. Comissão Própria de Avaliação – CPA/UFRJ.	Ano-Base: 2020
Carta Comemorativa pelo Centenário da UFRJ - Conselho Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro	27 de agosto de 2020
Estatuto da Universidade Federal do Rio de Janeiro	atualização em (25.jan.2021)
Jornal do Brasil – Informe JB Inauguração da Editora UFRJ	16/07/1987
Jornal O GLOBO - Seção Rio – Livraria Café e o novo centro cultural	16/07/1995
Jornal de Londrina – Seção Variedades – Livro Cinderela negra	03/05/1995
Jornal Tribuna da Imprensa – Resenha de Leodegário de Azevedo Filho, sobre a reedição de Anísio Teixeira	03/05/1995
Jornal do SINTUFRJ da UFRJ – – Entrevista com Carlos Nelson Coutinho	Outubro de 2003
Blogspot Café com história – Entrevista com Carlos Nelson Coutinho	Outubro de 2004
Jornal da Seção Sindical dos Docentes da UFRJ – reforma do Palácio universitário, falta de salas	20 de julho de 2015

APÊNDICE D - Relação de títulos publicados pela Editora UFRJ

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
01	1986	<i>Anais do VI Congresso Brasileiro de Zoologia</i>	Museu Nacional	
02	1986	<i>Anais do VII Congresso Brasileiro de Zoologia</i>	Museu Nacional	
03	1986	<i>Arte e Palavra, a crítica em questão</i>	Fórum de Ciência e Cultura	
04	1986	<i>Teorias poéticas do romantismo</i>	Luíza Lobo	Editora UFRJ/ Mercado Aberto
05	1986	<i>Estudos de Literatura Brasileira 2 – Modernismo</i>	Faculdade de Letras	
06	1986	<i>Atitudes românticas de Homero na Ilíada</i>	Manoel Aveleza de Souza/ Faculdade de Letras	
07	1986	<i>Revista Brasileira de Música volume XVI</i>	Escola de Música	
08	1986	<i>Manual de procedimentos de enfermagem</i>	Ieda Barreira e Castro; Suely de Souza Baptista; e, Nébia Maria Almeida de Figueiredo	
09	1986	<i>Cadernos de Laboratório de Psicologia Social Clínica</i>	Instituto de Psicologia	
10	1986	<i>Anuário do Instituto de Geociências</i>	Instituto de Geociências	
11	1986	<i>Rio de Janeiro, painel de um espaço em crise</i>	Júlia Adão Bernardes (Org.) / Instituto de Geociências	
12	1986	<i>O Legado de Vicente Licínio Cardoso</i>	Sydney M. G. dos Santos/ Escola de Engenharia	
13	1986	<i>Perspectiva</i>	Genoveva de Oliveira; e, Ely de Oliveira	
14	1986	<i>Boletim do Museu Nacional</i>	Museu Nacional	
15	1986	<i>Teses de Filosofia</i>	IFCS	
16	1986	<i>As pastorinhas de Realengo</i>	Ermelinda Azevedo Paz/ Escola de Música	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
17	1987	<i>Anais do II Encontro Nacional de Anilhamento de Aves</i>	Instituto de Biologia	
18	1987	<i>Anais do V Seminário de Polímeros</i>	Instituto de Matemática	
19	1987	<i>Anais do VII Congresso Brasileiro de Zoologia</i>	Museu Nacional	
20	1987	<i>Anais da XVIII Reunião Anual do ECLAMC (Estudo Colaborativo Latino-Americano de Malformações Congênitas)</i>	Instituto de Biologia	
21	1987	<i>Anuário do Instituto de Geociências</i>	Instituto de Geociências	
22	1987	<i>Assistência psico-social na enfermagem à criança submetida à cirurgia cardíaca</i>	Vera Abrantes/Escola de Enfermagem Anna Nery	
23	1987	<i>Atitudes românticas de Homero na Ilíada</i>	Manuel Aveleza de Souza/ Faculdade de Letras	
24	1987	<i>Barbosa Lima Sobrinho</i>	Sub-Reitoria de Finanças (SR-3) /Reitoria	
25	1987	<i>Biofísica do Sangue</i>	Clarisse Rego/Instituto de Biofísica	
26	1987	<i>Boletim de Filosofia</i>	IFCS	
27	1987	<i>Cadernos do Laboratório de Psicologia social e clínica</i>	Instituto de Psicologia	
28	1987	<i>Catálogo de atividades de Pós-Graduação do Instituto de Física</i>	Instituto de Física	
29	1987	<i>Catálogo de Teses 1832-1985</i>	Faculdade de Medicina	
30	1987	<i>Coletores e pescadores pré-históricos de Guaratiba</i>	Lina Maria Kneip/Museu Nacional	EDUFF
31	1987	<i>Cultura e identidade operária</i>	José Leite Lopes (Org.) /Museu Nacional	Marco Zero
32	1987	<i>Os Dóceis corpos do hospital</i>	Cristina Loyola/Escola de Enfermagem Anna Nery	
33	1987	<i>A Formulação de composições de borracha para aplicações especiais</i>	Eloisa Mano/Instituto de Macromoléculas	
34	1987	<i>Guia de alimentação alternativa para o desmame</i>	Ester Benzecry/Instituto de Nutrição	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
35	1987	<i>Heitor Villa-Lobos</i>	Maria Célia Machado/ Escola de Música	Francisco Alves
36	1987	<i>Justiça distributiva na avaliação dos programas de pós-graduação em psicologia</i>	Instituto de Psicologia	
37	1987	<i>Legado de Vicente Licínio Cardoso</i>	Sydney M. G. dos Santos/ Escola de Engenharia	
38	1987	<i>Manuel Bandeira</i>	Centro de Letras e Artes	
39	1987	<i>Ouve meu grito</i>	Eulália Lobo <i>et al</i> / IFCS	Marco Zero
40	1987	<i>As pastorinhas de Realengo</i>	Ermelinda Azevedo Paz/ Escola de Música	
41	1987	<i>Perspectiva exata</i>	Genoveva Oliveira <i>et al</i> / Escola de Belas Artes	
42	1987	<i>Revista Brasileira de Música – vol. XVI</i>	Escola de Música	
43	1987	<i>Rio de Janeiro, painel de um espaço em crise</i>	Org. Julia Adão Bernardes/ Instituto de Geociências	
44	1987	<i>Secagem de produtos agrícolas</i>	Giulio Massarani/COPPE	
45	1987	<i>Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil</i>	Org. João Pacheco de Oliveira/Museu Nacional	Marco Zero
46	1987	<i>Teorias poéticas do Romantismo</i>	Luiza Lobo/Faculdade de Letras	
47	1987	<i>Villa Lobos Disco Libreto</i>	Estela Caldi/Escola de Música	
48	1987	<i>Annual Report</i>	Instituto de Física	
49	1987	<i>Boletim do Museu Nacional (7 números)</i>	Museu Nacional	
50	1988	<i>Análise ambiental</i>	Jorge Xavier da Silva <i>et al</i> / Instituto de Geociências	
51	1988	<i>Análise ambiental</i>	Jorge Xavier da Silva <i>et al</i> / Instituto de Geociências	
52	1988	<i>Arthur Azevedo: a palavra e o riso</i>	Antônio Martins/Faculdade de Letras	Perspectiva
53	1988	<i>Bibliografia de xistos</i>	Instituto de Química	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
54	1988	<i>Boletim Geles (Grupo de Estudos sobre Linguagem, Educação e Surdez)</i>	Faculdade de Letras	
55	1988	<i>Boletim de SEPESP</i>	Faculdade de Letras	
56	1988	<i>Boletim de Zoologia 76 e 77</i>	Museu Nacional	
57	1988	<i>Cadernos de Iniciação Científica de Filosofia</i>	Instituto de Filosofia e Ciências Sociais	
58	1988	<i>Cadernos IPPUR - Instituto de Planejamento Urbano e Regional</i>	Instituto de Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR)	
59	1988	<i>Catálogo de Teses</i>	Faculdade de Medicina	
60	1988	<i>Chimarrão: Uma Vivência Gaúcha</i>	Maria Emília Barcellos da Silva/Faculdade de Letras	
61	1988	<i>Ciência Integrada e/ou Integração entre as Ciências</i>	Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN)	
62	1988	<i>Competências definidoras do Professor de Dança</i>	Maria Celina Knackfuss/ Escola de Educação Física e Desportos (EEFD)	
63	1988	<i>Corpo e Alma na representação linear e gráfica em A. Beardsley</i>	Áurea Bezerra/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS)	
64	1988	<i>Creche: um guia para a compreensão de sua dinâmica</i>	Mariete Cardoso	
65	1988	<i>Datação absoluta mais antiga para a presença humana na América</i>	Maria Conceição Beltrão <i>et al</i> / Museu Nacional	
66	1988	<i>Década de Mestrado em Enfermagem</i>	Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN)	
67	1988	<i>Discinesia Tardia</i>	Roberto Piedade/ Instituto de Psiquiatria (IPUB)	
68	1988	<i>Estudos de Literatura Brasileira 3 – Romantismo</i>	Org, Antonio Carlos Secchin/ Faculdade de Letras	
69	1988	<i>A Face Oculta da Nutrição</i>	Maria Lúcia Bosi/Instituto de Nutrição	Espaço e Tempo
70	1988	<i>Garret, Camilo e Eça: entre Quixote e Sancho</i>	José C. Basílio Quesado/ Faculdade de Letras	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
71	1988	<i>Gênero e Número em português</i>	Maria Ângela Botelho Pereira/ Faculdade de Letras	
72	1988	<i>Introdução à Economia Política</i>	Alfredo Lisboa Browne/ Faculdade de Economia e Administração (FEA)	Civilização Brasileira
73	1988	<i>A Linguagem da cana-de-açúcar em Campos-RJ</i>	Leo Bárbara Machado/ Faculdade de Letras	
74	1988	<i>Mundo dos Mehinaku e suas representações visuais</i>	Heloísa Felon/ Museu Nacional	Editora UnB
75	1988	<i>Proposta de avaliação do desempenho de estudantes de graduação em enfermagem</i>	Maria Cecília Pedro/ Escola de Enfermagem Anna Nery	
76	1988	<i>Semântica do aspecto verbal em russo e português</i>	Maria Aparecida Soares/ Faculdade de Letras	
77	1988	<i>Tecnologia e gestão do território</i>	Bertha Becker <i>et al</i> / Instituto de Geociências	
78	1988	<i>Teoria e experiência no diálogo Sopra, I Due Massimi Sistemi del mondo de Galileu Galilei</i>	Elena Moraes Garcia/ Instituto de Filosofia e Ciências Sociais	
79	1988	<i>Terra Maguta</i>	João Pacheco de Oliveira Filho (Org.) / Museu Nacional – Apoio PETI	
80	1988	<i>Topografia</i>	Arnaldo Almeida Sobrinho/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo	
81	1988	<i>Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro</i>	Dinah I. Callou/ Faculdade de Letras	
82	1988	<i>Vida, valor e arte vol.1</i>	Onofre Penteadó/ Escola de Belas Artes	Perspectiva
83	1988	<i>Anais da XIX Reunião Anual do ECLAMC</i>	Instituto de Biologia	
84	1988	<i>Dicionário Árabe/Português/Árabe</i>	Alphonse Nagib Sabbag/ Faculdade de Letras	Ao Livro Técnico
85	1989	<i>Anais da XX Reunião Anual do ECLAMC</i>	Instituto de Biologia	
86	1989	<i>Anais do I Simpósio Institucional de Pós-Graduação na área médica</i>	Org. Léo Camilo Coura/ Faculdade de Medicina	
87	1989	<i>Anorexia nervosa: síndrome ou doença</i>	Lúcia de Fátima de Souza Figueiroa/ Instituto de Psiquiatria	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
88	1989	<i>Apologia e Sátira do amor cavalheiresco em Gil Vicente</i>	Maria Aparecida L. Pauliukonis/ Faculdade de Letras	
89	1989	<i>Arquitetura: ideias e conceitos</i>	José Reznik/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo	
90	1989	<i>Cadernos de História (Abolição)</i>	Org. Nara Saletto/ Instituto de Filosofia e Ciências Sociais	
91	1989	<i>Cadernos do Laboratório de Psicologia social clínica vol.2 Ano II</i>	Maria Inácia D'Ávila Neto et al/ Instituto de Psicologia	
92	1989	<i>Catálogo de teses de Medicina</i>	Org. Léo Camilo Coura/ Faculdade de Medicina	
93	1989	<i>Ciências Integradas e ou integração entre as ciências: teoria e prática</i>	Deise Miranda Vianna et al/ Instituto de Física	
94	1989	<i>Consulta de enfermagem ao cliente hipertenso</i>	Isabel Cristina Fonseca da Cruz/ Escola de Enfermagem Anna Nery	
95	1989	<i>Competências definidoras do Professor de Dança</i>	Maria Celina Knackfuss/ Escola de Educação Física e Desportos	
96	1989	<i>Contribuição para o estudo anatômico do seio coronário do porco</i>	Suzanne Queiroz/ Faculdade de Medicina	
97	1989	<i>Dinâmica de populações celulares no sistema nervoso em desenvolvimento</i>	Rafael Linden/ Instituto de Biofísica	FAPERJ
98	1989	<i>As doze cores do vermelho</i>	Helena Parente Cunha/ Faculdade de Letras	Espaço e Tempo
99	1989	<i>Ecologia da saúde mental</i>	Raffaele Infante/ Instituto de Psiquiatria	Instituto Italiano Di Cultura
100	1989	<i>Engenharia hidrológica</i>	Jerson Kelman (Org.) / Departamento de Hidrologia COPPE	
101	1989	<i>Da Faculdade Nacional de Filosofia</i>	Maria de Lourdes Fávero (Org.) / Faculdade de Educação	INEP

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
102	1989	<i>Folia de Reis</i>	Sônia Maria Vieira/ Escola de Música	
103	1989	<i>Frutuoso Vianna: sua terra,sua gente, sua música</i>	Maryla Duse/ Escola de Música	
104	1989	<i>O Léxico de Profissões e Ofícios</i>	Maria Cristina Rigoni Costa/ Faculdade de Letras	
105	1989	<i>Marketing de tecnologia, textos e casos</i>	Angela Rocha e Carl Christensen/ COPPEAD	Atlas
106	1989	<i>A Mulher rural</i>	Lena Lavinias (Org.) / IPPUR	
107	1989	<i>Organização, consolidação, construção e reconstrução da memória</i>	Ivan Izquierdo/ Instituto de Biociências - UFRGS	FAPERJ
108	1989	<i>Proposta de avaliação do desempenho dos estudantes do curso de graduação em enfermagem</i>	Maria Cecília Cordeiro Pedro/ Escola de Enfermagem Anna Nery	
109	1989	<i>Psiquiatria e Medicina</i>	Orlando A. Coser Filho/ Instituto de Psiquiatria	
110	1989	<i>Quatro Estudos sobre Marx</i>	Instituto de Filosofia e Ciências Sociais	
111	1989	<i>A questão habitacional e o movimento operário</i>	Eulália Lobo et al/ Instituto de Filosofia e Ciências Sociais	
112	1989	<i>Repensando a simulação, a amostragem descritiva</i>	Eduardo Saliby/ COPPEAD	
113	1989	<i>Revista de Música vol. XVII</i>	Escola de Música	
114	1989	<i>Revista de Psicologia e Psicanálise I</i>	Instituto de Psicologia	
115	1989	<i>Separações analíticas e pré-concentração</i>	Aída Espínola/ Instituto de Química	
116	1989	<i>Técnicas não-convencionais na construção</i>	Wolfgang Willkom/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo	
117	1989	<i>Temas em pediatria</i>	Antônio José Ledo Alves da Cunha (Org.) / Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG)	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
118	1989	<i>Gestão de investimentos</i>	Org. Ney Roberto Otoni de Brito/ COPPEAD	Atlas
119	1990	<i>Bibliografia de Xistos</i>	Instituto de Química	
120	1990	<i>Comunicação no ventre materno</i>	Inês G. B. Correa/ Escola de Comunicação	
121	1990	<i>O cretáceo e sua importância na Geologia do Brasil</i>	Ignácio M. Brito/ Instituto de Geociências	
122	1990	<i>Dimensionamento do Concreto Armado</i>	Adolpho Polillo/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo	
123	1990	<i>Encontro de Física Teórica do Rio de Janeiro</i>	Instituto de Física	
124	1990	<i>Guimarães Rosa e a linguagem infantil: travessia do simbólico</i>	Maria Helena Silva Tavares/ Faculdade de Letras	
125	1990	<i>Positivismo e Serviço Social</i>	Rosane de Assis Carvalho/ Escola de Serviço Social	
126	1990	<i>Psicologia escolar: artigos e estudos</i>	Org. Marília Amorim/ Instituto de Psicologia	
127	1990	<i>A reflexão do saber sobre a impotência</i>	Alícia Souza/ Instituto de Psiquiatria	
128	1990	<i>Revista de Música vol. XVIII</i>	Escola de Música	
129	1990	<i>Transmissão do conhecimento em sociedades ágrafas</i>	Guy S. Raganyso/ Escola de Comunicação	
130	1990	<i>Anuário do Instituto de Geociências</i>	Ignácio M. Brito (Org.) / Instituto de Geociências	
131	1990	<i>Fronteira amazônica: a gestão do território</i>	Bertha Becker/ Instituto de Geociências	Editora UnB
132	1990	<i>Geles número 4</i>	Lucinda Ferreira Brito/ Faculdade de Letras	
133	1990	<i>História em cadernos (julho a dezembro de 1989)</i>	Departamento de História/ IFCS	
134	1990	<i>Renovação do currículo de História das escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro</i>	Marília Beatriz A. Cruz – Faculdade de Educação	
135	1990	<i>O ensino da dissertação argumentativa</i>	Virgínia Goulart/ Faculdade de Educação	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
136	1990	<i>Fobia social</i>	Antônio Egídio Nardi/Instituto de Psiquiatria	
137	1990	<i>Mão de obra indígena no Rio de Janeiro</i>	Saete Neme/ Museu Nacional	
138	1990	<i>Tempo do aluno em sala de aula</i>	Virgínia Goulart/ Faculdade de Educação	
139	1990	<i>Dimensionamento do concreto armado</i>	Adolpho Pollilo/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo	
140	1991	<i>Dois escritos democráticos de José de Alencar: o sistema representativo, 1868; Reforma eleitoral, 1874</i>	Wanderley Guilherme dos Santos	
141	1991	<i>O negócio da terra: a questão fundiária e a justiça</i>	Eduardo Guimarães de Carvalho	
142	1992	<i>O ambiente inteiro: a contribuição crítica da universidade à questão ambiental</i>	Tânia Maciel (org.)	
143	1992	<i>Comendo como gente: formas de canibalismo ware (paka nova)</i>	Aparecida Vilaça	
144	1992	<i>Duas conferências</i>	Gilberto Velho e Otávio Velho	Câmara de Estudos Avançados/ FCC
145	1992	<i>A estrutura quântica da matéria: do átomo pré-socrático a partículas elementares</i>	José Leite Lopes	Erca/ Academia Brasileira de Ciências
146	1992	<i>Minimanual de referência Micro-Isis2.3</i>	Luis Fernando Sayão	Erca
147	1992	<i>Intelectuais e guerreiros: O Colégio de Aplicação da UFRJ de 48 a 68</i>	Alzira Alves de Abreu	
148	1992	<i>Manual de normas técnicas de editoração: teses, monografias, artigos e papers</i>	Mário Camarinha e Sonia Brayner	
149	1992	<i>Catálogo de dissertações e teses da UFRJ- 1990/1991</i>	Sub-Reitoria de Para Graduados e Pesquisa (SR-2)	
150	1992	<i>A Vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar</i>	Hannah Arendt	Relume Dumará

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
151	1993	<i>Alcides Rocha Miranda - Caminhos de um Arquiteto</i>	Lélia Coelho Frota	
152	1993	<i>Análise Dimensional e teoria da semelhança e dos modelos físicos</i>	Fernando Lobo Carneiro	
153	1993	<i>Antropologia: Espetáculo e Excelência</i>	Luiz de Castro Faria	Tempo Brasileiro
154	1993	<i>A Aventura Freudiana: elaboração e desenvolvimento do conceito de inconsciente em Freud</i>	Carlos Alberto Plastino	Tempo Brasileiro
155	1993	<i>Cobras, lagartos e outros bichos: uma história comparada dos Institutos Oswaldo Cruz e Butantã</i>	Jaime Larry Benchimol e Luiz Antonio Teixeira	
156	1993	<i>Conversa de Arquiteto</i>	Oscar Niemeyer	Revan
157	1993	<i>O Corpo Contra a Palavra</i>	Jane Russo	
158	1993	<i>Escritos no Rio - Ana Cristina César</i>	Armando Freitas Filho (Org.)	
159	1993	<i>A História Continua</i>	Georges Duby	Zahar
160	1993	<i>Lima Barreto e o RJ em Fragmentos</i>	Beatriz Rezende	
161	1993	<i>Livro Involuntário</i>	Carlos Augusto Calil e Maria Eugênia Boaventura (Org.)	
162	1993	<i>Manual de Telejornalismo</i>	Luís Carlos Bittencourt	
163	1993	<i>Manual de Vídeo</i>	Rudi Santos	
164	1993	<i>Modernistas na Repartição</i>	Lauro Cavalcanti	
165	1993	<i>Nelson Rodrigues: trágico, então moderno</i>	Ângela Leite Lopes	
166	1993	<i>Orientação Psico-Pedagógica no Ensino Superior</i>	Dolores M. de Barros, Ingrid S. Souza e Adolpho Hoirisch	Editora Cortez
167	1993	<i>Papéis Colados</i>	Flora Süssekind	
168	1993	<i>Parentesco Imaginário</i>	Cristina Loyola Miranda	Editora Cortez
169	1993	<i>Da Poesia à Poesia</i>	Liba Beider	Tempo Brasileiro

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
170	1993	<i>A Razão Nômade: Walter Benjamin e outros viajantes</i>	Sérgio Paulo Rouanet	
171	1993	<i>Traço Crítico</i>	Eneida Maria de Souza	Editora UFMG
172	1993	<i>Duzentos Anos de Psiquiatria</i>	Jane Russo e João Ferreira da Silva Filho (Org.)	
173	1994	<i>O Ajuste Impossível</i>	Aloísio Teixeira	
174	1994	<i>Do Barroco</i>	Afrânio Coutinho	
175	1994	<i>Em Busca da Idade do Ouro</i>	Marieta de Moraes Ferreira	
176	1994	<i>Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile</i>	Maria Laura Viveiros de Castro	
177	1994	<i>As Ciências no Brasil vol. 1</i>	Fernando de Azevedo	
178	1994	<i>As Ciências no Brasil vol. 2</i>	Fernando de Azevedo	
179	1994	<i>Cinderela Negra: a saga de Carolina de Jesus</i>	José Carlos Sebe B. Meihy e Robert M. Levine	
180	1994	<i>O Condomínio do Diabo</i>	Alba Zaluar	Editora Revan
181	1994	<i>Desgaste mental no trabalho dominado</i>	Edith Seligmann-Silva	Editora Cortez
182	1994	<i>O Dr. Benignus</i>	Augusto Emílio Zaluar	
183	1994	<i>Educação não é privilégio</i>	Anísio Teixeira	
184	1994	<i>Espaço e Imagem: Teorias do Pós-moderno e Outros Ensaio</i>	Frederic Jameson	
185	1994	<i>Guardiães da Razão: modernistas mineiros</i>	Helena Bomeny	
186	1994	<i>O Hino, o sermão e a ordem do dia</i>	José Silvério Baia Horta	
187	1994	<i>A Indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas</i>	Maria Barbara Lévy	
188	1994	<i>As marcas da escravidão</i>	Heloisa Toller Gomes	
189	1994	<i>Museu de Imagens do Inconsciente</i>	Nise da Silveira e Mário Pedrosa (Org.)	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
190	1994	<i>Olhares sobre a Cidade</i>	Robert M. Pechman	
191	1994	<i>Parati: a cidade e as festas</i>	Marina de Mello de Souza	Tempo Brasileiro
192	1994	<i>Pensar pelo Averso</i>	Benjamin Coriat	
193	1994	<i>O Plano e o Pânico: movimentos sociais na década da Abolição</i>	Maria Helena Toledo Machado	Edusp
194	1994	<i>A Poesia popular na República das Letras</i>	Sílvia Romero e Cláudia Neiva Matos	
195	1994	<i>Razão e diferença: afetividade, racionalidade e relativismo no pensamento de Levy-Bruhi</i>	Márcio Goldman	Griphus
196	1994	<i>Tecnologia e meio ambiente</i>	Aníbal Wanderley, João Carlos Ferraz e Howard Rush. Coordenação: Paulo Bastos Tigre	FINEP
197	1994	<i>Teoria dos tratamentos térmicos dos metais</i>	Iliá Novikov	
198	1995	<i>Antropologia do Parentesco</i>	Eduardo Viveiros de Castro	
199	1995	<i>Caos, acaso e determinismo</i>	Saul Fuks, Roberto Cintra, Antônio Maria da Silveira	
200	1995	<i>Cleonice, Clara em sua Geração</i>	Teresa Cristina C. da Silva, Gilda Santos, e Jorge F. da Silveira	
201	1995	<i>Computer Vision for Measuring Structural Deformations</i>	E.M.R Fairbairn, e N. Roitman	
202	1995	<i>Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização</i>	Néstor García Canclini	
203	1995	<i>Cor e criminalidade: Estudo e Análise da Justiça no Rio de Janeiro. (1900 - 1930)</i>	Carlos Antônio Costa Ribeiro	
204	1995	<i>Dois Estudos de Comunicação Visual</i>	Washington Lessa	
205	1995	<i>Einstein e o Brasil</i>	Ildeu de Castro Moreira e Antonio Augusto Videira (Orgs.)	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
206	1995	<i>Ensino Médico</i>	Alice Reis Rosa, Clementino Fraga Filho e José Paulo Lopes Pontes	
207	1995	<i>Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras</i>	Leo Wetzels (org.)	
208	1995	<i>Ferenczi</i>	Tereza Pinheiro	
209	1995	<i>A Fotografia moderna no Brasil</i>	Helouise Costa e, Renato Rodrigues	
210	1995	<i>O Homem sem fundamentos</i>	Márcio Tavares d'Amaral	
211	1995	<i>Introdução Crítica à Sociologia Brasileira</i>	Alberto Guerreiro Ramos	
212	1995	<i>Introdução à Teoria da Relatividade</i>	M. Amoroso Costa	
213	1995	<i>Jogos e Enganos</i>	Sebastião Uchoa Leite	
214	1995	<i>O Mistério do Samba</i>	Hermano Vianna	
215	1995	<i>Por que amo Barthes?</i>	Alain R. Grillet	
216	1995	<i>Introdução crítica à sociologia brasileira</i>	Alberto Guerreiro Ramos	
217	1995	<i>A Sociologia do Guerreiro</i>	Lúcia Lippi Oliveira	
218	1995	<i>A UNE em Tempos de Autoritarismo</i>	Maria de Lourdes Fávero	
219	1995	<i>Manual de Normas Técnicas de Editoração</i>	Mário Camarinha e, Sonia Brayner	
220	1995	<i>Escola, galeras e narcotráfico</i>	Eloisa Guimarães	
221	1995	<i>Manual de Vídeo</i>	Rudi Santos	
222	1996	<i>Antologia Pessoal</i>	Carolina Maria de Jesus	
223	1996	<i>Aterros sobre Solos Moles</i>	Márcio de Souza S. de Almeida	
224	1996	<i>Biodiversidade</i>	Otto R. Gottlieb, Maria Auxiliadora C. Kaplan e Maria Renata M. B. Borim	
225	1996	<i>Cidadania e Violência</i>	Gilberto Velho e Marcos Alvita (Orgs.)	
226	1996	<i>A Construção da Ordem/Teatro de Sombras</i>	José Murillo de Carvalho	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
227	1996	<i>A Crise da moradia nas grandes cidades</i>	Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro e, Sérgio de Azevedo	
228	1996	<i>A Cultura Brasileira</i>	Fernando de Azevedo	
229	1996	<i>Diários de Campo de Eduardo Galvão</i>	Marco Antônio Gonçalves	
230	1996	<i>Educação é um Direito</i>	Anísio Teixeira	
231	1996	<i>Por uma História Política</i>	René Remond (Org.)	
232	1996	<i>A História do Teatro Brasileiro</i>	Carmem Gadelha e Edwaldo Cafezeiro	
233	1996	<i>Lygia Clark e Hélio Oiticica: Cartas de 1964-74</i>	Luciano Figueiredo (Org.)	
234	1996	<i>Restauração, ciência e arte</i>	Marilka Mendes e Antônio Carlos Baptista (Orgs.)	
235	1996	<i>A Retórica da perda</i>	José Reginaldo Santos Gonçalves	
236	1996	<i>A Redução sociológica</i>	Alberto Guerreiro Ramos	
237	1996	<i>Os Paradoxos do pós-moderno</i>	Nízia Villaça	
238	1996	<i>Paradgimas econômicos e desenvolvimento: a experiência brasileira</i>	João Paulo de A. Magalhães	
239	1996	<i>O Perfil da ciência brasileira</i>	Leopoldo de Meis e Jacqueline Leta	
240	1996	<i>A Redução sociológica</i>	Alberto Guerreiro Ramos	
241	1996	<i>O Ser e o evento</i>	Alain Badiou	
242	1996	<i>Serviço social e reforma sanitária: lutas sociais e políticas profissionais</i>	Maria Inês Souza Bravo	
243	1996	<i>A Enfermeira Ananéri no país do futuro</i>	Ieda de Alencar Barreira	
244	1997	<i>Geografia Política do Desenvolvimento Sustentável</i>	Bertha K. Becker e Mariana Miranda (Orgs.)	
245	1997	<i>Memórias do Modernismo</i>	Andreas Huyssen	
246	1997	<i>Cenas da vida pós-moderna</i>	Beatriz Sarlo	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
247	1997	<i>O Patrimônio em Processo</i>	Maria Cecília Londres Fonseca	
248	1997	<i>CAD na Indústria - implantação e gerenciamento</i>	Eduardo Romeiro Filho	
249	1997	<i>Fluidodinâmica em Sistemas Particulados</i>	Giulio Massarani	
250	1997	<i>Cálculo diferencial e integração de funções de várias variáveis</i>	Diomara Pinto e Maria Cândida Ferreira Morgado	
251	1997	<i>O Gráfico Amador</i>	Guilherme Cunha Lima	
252	1997	<i>Clientelismo e Política no Brasil do Século XIX</i>	Richard Graham	
253	1997	<i>Não Quero Prosa – Cacaso</i>	Vilma Arêas (Org.)	Editora Unicamp
254	1997	<i>Galeras Cariocas</i>	Hermano Vianna (Org.)	
255	1996	<i>Dos Meios às mediações</i>	Jesús Martín-Barbero	
256	1997	<i>Educação para a democracia</i>	Anísio Teixeira	
257	1997	<i>Arquitetura religiosa colonial no Rio de Janeiro vol.1 Revestimentos, retábulos e tábuas</i>	Sandra Alvim	
258	1997	<i>A arte da desapareição</i>	Jean Baudrillard	
259	1997	<i>Mecânica dos pavimentos</i>	Jacques de Medina	
260	1997	<i>Dinâmica</i>	Roberto A. Tenenbaum	
261	1998	<i>Livros de viagem (1803 - 1900)</i>	Miriam Lifchitz Moreira Leite	
262	1998	<i>Passados Reconstituídos</i>	Jean Boutier e Dominique Julia (orgs.)	
263	1998	<i>Desconversa</i>	Walnice Nogueira Galvão	
264	1998	<i>Dividir para dominar</i>	H. L. Wesseling	
265	1998	<i>Escolas, galeras e narcotráfico</i>	Eloisa Guimarães	
266	1998	<i>O Ardil totalitário</i>	Eliana Dutra	
267	1998	<i>As mil faces de um herói canalha</i>	Marlyse Meyer	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
268	1998	<i>A razão dos invencíveis - meninos de rua: o rompimento da ordem 1554/1994</i>	Ligia Costa Leite	
269	1998	<i>Educação e Universidade</i>	Anísio Teixeira	
270	1998	<i>O negro no Rio de Janeiro</i>	L. A. Costa Pinto	
271	1998	<i>A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX</i>	James Clifford, (organizador: José Reginaldo Santos Gonçalves)	
272	1998	<i>Ciência e Liberdade - Escritos sobre ciência e educação no Brasil</i>	José Leite Lopes	
273	1999	<i>Sobre a Propriedade do Trabalho Intelectual</i>	A. L. Figueira Barbosa	
274	1999	<i>Pré-História da Terra Brasilis</i>	Maria Cristina Tenório (Org.)	
275	1999	<i>Vida de barro duro - cultura popular juvenil e grafite</i>	José Manuel Valenzuela Arce	
276	1999	<i>Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro - vol. 2 Plantas, fachadas e volumes</i>	Sandra Alvim	
277	1999	<i>Navegações - comunicação, cultura e crise</i>	Aníbal Ford	
278	1999	<i>Educação no Brasil</i>	Anísio Teixeira	
279	1999	<i>A Doutrina de Goethe, a Caminho da Música Nova de Webern</i>	Márcia Sá Cavalcante Schuback	
280	1999	<i>Ensaio em Antropologia Histórica</i>	João Pacheco de Oliveira	
281	1999	<i>Aberrações - ensaio sobre a lenda das formas</i>	Jurgis Baltrusaitis	
282	1999	<i>Complexidade & Caos</i>	H. Moysés Nussenzveig	
283	1999	<i>Dos micróbios aos mosquitos – febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil</i>	Jaime Larry Benchimol	Editora Revan
284	1999	<i>A aposta de Luiz Ignácio Maranhão Filho – cristãos e comunistas na construção da utopia</i>	Maria da Conceição Pinto de Góes	Editora FIOCRUZ

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
285	1999	<i>Dicionário de Educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais</i>	Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero e Jader de Medeiros Britto (Org.)	
286	2000	<i>Universidade do Brasil: das origens à construção (vol. I)</i>	Maria de Lourdes de Albuquerque	Comped/MEC/INEP
287	2000	<i>Universidade do Brasil: guia dos dispositivos legais (vol. II)</i>	Maria de Lourdes de Albuquerque	Comped/MEC/INEP
288	2000	<i>Arte primitiva em centros civilizados</i>	Sally Price	
289	2000	<i>O funk e o hip-hop invadem a cena</i>	Micael Herschmann	
290	2000	<i>Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina</i>	Beatriz Sarlo	
291	2000	<i>Os povos do Alto Xingu: história e cultura</i>	Bruna Franchetto e Michael Heckenberger (Orgs.)	
292	2000	<i>Produção flexível e novas institucionalidades na América Latina</i>	Alice Rangel de Paiva Abreu	
293	2000	<i>Arquitetura do Espetáculo – Teatros e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia</i>	Evelyn Furquim Werneck Lima	
294	2000	<i>Rei Lear, de Willian Shakespeare</i>	Tradução de Aíla de Oliveira Gomes	
295	2000	<i>O Poder das Bibliotecas – a memória dos livros no Ocidente</i>	Marc Baratin e Christina Jacob	
296	2001	<i>Aids no feminino: por que a cada dia mais mulheres contraem Aids no Brasil?</i>	Carmem Dora Guimarães	
297	2001	<i>Formação de cidades no Brasil colonial</i>	Paulo F. Santos	
298	2001	<i>Caos e governabilidade no moderno sistema mundial</i>	Giovanni Arrighi e Beverly J. Silva	Contraponto
299	2001	<i>Moçambique: ensaios</i>	Peter Fry	
300	2001	<i>Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)</i>	Carlos Sandroni	
301	2001	<i>O mundo inacabado: ação e criação em uma cosmologia amazônica – Etnografia Pirahã</i>	Marco Antônio Gonçalves	
302	2001	<i>O ano miraculoso de Einstein: cinco artigos que mudaram da face da Física</i>	John Stachel	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
303	2001	<i>Conflitos ambientais no Rio de Janeiro: ação e debate nas arenas públicas</i>	Mario Fuks	
304	2001	<i>Conservação: conceitos e práticas</i>	Marylka Mendes, Luciana da Silveira, Fátima Bevilaqua e, Antonio Carlos Nunes Baptista	
305	2001	<i>Anfíbios do município do Rio de Janeiro</i>	Eugenio Izecksohn e Sergio Potsch de Carvalho- e-Silva	
306	2002	<i>A cidade das mulheres</i>	Ruth Landes	
307	2002	<i>Círculos operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil</i>	Jessie Jane Vieira de Sousa	
308	2002	<i>Paradoxos entrelaçados: as torres para o futuro</i>	Cêça Guimaraens	
309	2002	<i>Ciência e Público – caminhos da divulgação científica no Brasil</i>	Luísa Massarani, Ildeu de Castro Moreira e Fátima Brito (Orgs.)	
310	2002	<i>O Palácio da Praia Vermelha</i>	Pedro Calmon	
311	2002	<i>Figueiras no Brasil</i>	Ernani Diaz e Jorge P. P. Carauta	
312	2002	<i>O Felino predador: ensaio sobre o livro maldito da verdade</i>	Ronaldo Lima Lins	
313	2002	<i>Ecos do Atlântico Sul: representações sobre o terceiro império português</i>	Omar Ribeiro Thomaz	
314	2002	<i>Dicionário de Educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais (2ª edição revista e ampliada)</i>	Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero e Jader de Medeiros Britto (Orgs.)	
315	2002	<i>Princípios da filosofia</i>	René Descartes	
316	2002	<i>Obras e vidas: o antropólogo como autor</i>	Clifford Geertz	
317	2003	<i>Passagens: estudos sobre a filosofia de Kant</i>	Ricardo Terra	
318	2003	<i>A Divulgação da Ciência como Literatura</i>	Ana Maria Sanchez Mora	
319	2003	<i>Trabalho e moeda hoje: a chave para o plano emprego e a estabilidade dos preços</i>	L. Randall Wray	Contraponto

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
320	2003	<i>Diálogos tropicais: Brasil e Índia</i>	Dilip Loundo e Michel Misse	
321	2003	<i>Casa-grande senzala & cia: roteiro e diário</i>	Ana Maria Galano (Org.)	Aeroplano
322	2003	<i>Quarteto de cordas: teoria e prática</i>	L.N. Raaben. (Tradução de Jaques Nirenberg)	
323	2003	<i>Um rio chamado Atlântico</i>	Embaixador Alberto da Costa e Silva	Nova Fronteira
324	2003	<i>O século XIX e a história – O caso de Fustel de Coulanges</i>	François Hartog	
325	2004	<i>Antes do fim do mundo: milenarismo e messianismo no Brasil e na Argentina</i>	Leonarda Musumeci (Org.)	
326	2004	<i>Fenomenologia de Wittgenstein</i>	Bento Prado Neto	
327	2004	<i>Análise financeira das empresas – liquidez, retorno e criação de valor</i>	José Augusto Veiga da Costa Marques	
328	2004	<i>O Mundo dos bens: para uma antropologia do consumo</i>	Mary Douglas e Baron Isherwood	
329	2004	<i>Marx (sem ismos)</i>	Francisco Fernández Buey	
330	2004	<i>América Latina – As cidades e as ideias</i>	José Luis Romero	
331	2004	<i>A Formação da antropologia americana 1983-1911</i>	Franz Boas	Contraponto
332	2004	<i>Repensando a Universidade</i>	H. Moysés Nussenzveig (Org.)	COPEA
333	2004	<i>Análise orgânica (volume 1 e 2)</i>	Cláudio Costa Neto	
334	2004	<i>Mary Douglas, uma biografia intelectual</i>	Richard Fardon	
335	2004	<i>Programas sociais de combate à fome</i>	Lena Lavinias e Eduardo Henrique Garcia	
336	2004	<i>Autonomia e parceria: Estados e transformação industrial</i>	Peter Evans	
337	2004	<i>Cultura na prática</i>	Marshall Sahlins	
338	2004	<i>Democracia ou bonapartismo: triunfo e decadência do sufrágio universal</i>	Domenico Losurdo	Editora UNESP

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
339	2004	<i>Comunicação e diferença: uma filosofia de guerra para uso dos homens comuns</i>	Márcio Tavares d'Amaral	
340	2005	<i>Conto de inverno</i>	William Shakespeare Tradução: Aíla de Oliveira Gomes	
341	2005	<i>Max Weber e a ideia de sociologia econômica</i>	Richard Swedberg (Tradução: Dinah Abreu Azevedo)	Editora Beca
342	2005	<i>Revolução e democracia em Marx e Engels</i>	Jacques Texier (Tradução: Duarte Pereira)	
343	2005	<i>História da Literatura Hispano-Americana</i>	Bella Jozef	Francisco Alves Editora
344	2005	<i>Conhecimento, sistemas de inovação e desenvolvimento</i>	Helena M. M. Lastres, José E. Cassiolato e Ana Arroio	Contraponto
345	2005	<i>Inventando Carnavais: o surgimento do carnaval carioca ao século XIX e outras questões carnavalescas</i>	Felipe Ferreira	
346	2005	<i>Por um socialismo indo-americano</i>	José Carlos Mariátegui	
347	2005	<i>Ensino superior no Brasil</i>	Anísio Teixeira	
348	2005	<i>A Educação e a crise brasileira</i>	Anísio Teixeira	
349	2005	<i>Diferentes, desiguais e desconectados</i>	Néstor Garcia Canclini	
350	2005	<i>Bioética, riscos e proteção</i>	Fermin Roland Schramm, Sergio Rego, Marlene Braz e Marisa Palacios (Orgs.)	Editora FIOCRUZ
351	2006	<i>Dialética e Materialismo: Marx entre Hegel e Feuerbach</i>	Benedicto Arthur Sampaio e Celso Frederico	
352	2006	<i>Sociedade Civil e Hegemonia</i>	Jorge Luis Acanda	
353	2006	<i>A Indiferença Pós-Moderna</i>	Ronaldo Lima Lins	
354	2006	<i>Quem Somos Nós – os wari' encontram os brancos</i>	Aparecida Vilaça	
355	2006	<i>Os Cronistas de Momo – Imprensa e Carnaval na Primeira República</i>	Eduardo Granja Coutinho	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
356	2006	<i>Educação e o Mundo Moderno</i>	Anísio Teixeira	
357	2006	<i>Teoria política moderna: uma introdução</i>	Isabel de Assis Ribeiro de Oliveira	
358	2006	<i>Saúde, corpo e sociedade</i>	Alícia Navarro de Souza e Jacqueline Pitanguy (Orgs.)	
359	2006	<i>Serviço social e políticas sociais</i>	Ilma Rezende e Ludmila Fontenele Cavalcanti (Orgs.)	
360	2006	<i>História da Industrialização no século XIX</i>	Vania Maria Cury	
361	2006	<i>Jóias de família: gênero e parentesco em histórias sobre grupos empresariais brasileiros</i>	Adriana Piscitelli	
362	2006	<i>Aspectos americanos de educação & anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927</i>	Anísio Teixeira	
363	2006	<i>Corpo e subjetividade na medicina: impasses e paradoxos</i>	Liana Albernaz de Melo Bastos	
364	2006	<i>O animismo fetichista dos negros baianos</i>	Nina Rodrigues (Yvonne Maggie e Peter Fry Org.)	Biblioteca Nacional
365	2007	<i>Em marcha para a democracia</i>	Anísio Teixeira	
366	2007	<i>Introdução à física nuclear</i>	Helio Schechter e Carlos A. Bertulani	
367	2007	<i>Ecos do cinema: de Lumière ao digital</i>	Ivana Bentes	
368	2007	<i>Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola</i>	Anísio Teixeira	
369	2007	<i>Música, sociedade e política: Alberto Nepomuceno e a República musical</i>	Avelino Romero Pereira	
370	2007	<i>Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais</i>	Stephen Gill (Org.)	
371	2007	<i>Roteiros para Gramsci</i>	Guido Liguori	
372	2007	<i>O jovem Marx e outros escritos de filosofia</i>	György Lukács	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
373	2007	<i>Educação para a democracia: introdução à administração educacional</i>	Anísio Teixeira	
374	2007	<i>A invenção do Brasil: ensaios de história e cultura</i>	Afonso Carlos Marques dos Santos	
375	2007	<i>Diálogo sobre a lógica do conhecimento</i>	Anísio Teixeira e Maurício Rocha e Silva	
376	2007	<i>Cultura na prática</i>	Marshall Sahlins	
377	2008	<i>Para Além dos Direitos: cidadania e hegemonia no mundo moderno</i>	Haroldo Abreu	
378	2008	<i>História da arte no Brasil: textos e síntese</i>	Myriam Andrade R. de Oliveira, Sonia Gomes Pereira e Ângela Ancora da Luz	
379	2008	<i>Trabalho escravo contemporâneo no Brasil: contribuições críticas para a sua análise e denúncia</i>	Gelba Cavalcante de Cerqueira, Ricardo Rezende Figueira, Adonia Prado e Célia Maria Leite Costa (Orgs.)	
380	2008	<i>Neurologia para o clínico</i>	Marleide da Mota Gomes e José Luiz de Sá Cavalcanti (Orgs.)	
381	2008	<i>Socialismo e democratização – Escritos políticos 1956 – 1971</i>	Gyorgy Lukács	
382	2008	<i>As Classes perigosas – banditismo urbano e rural</i>	Alberto Passos Guimarães	
383	2008	<i>Da avaliação de projetos sociais à construção de políticas sociais: área da criança e do adolescente</i>	Suely de Almeida	
384	2008	<i>Dinâmica, controle e instrumentação de processos</i>	Belkis Valdman, Rossana Folly e Andréa Salgado	
385	2008	<i>Comunicação e contra-hegemonia</i>	Eduardo Granja Coutinho	
386	2008	<i>Dicionário crítico Nelson Werneck Sodré</i>	Marcos Silva (Org.)	
387	2008	<i>Marxismo e Filosofia</i>	Karl Korsch	
388	2008	<i>Violência de Gênero e políticas públicas</i>	Suely Souza de Almeida (Org.)	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
389	2009	<i>A Construção e a destruição do conhecimento</i>	Ronaldo Lima Lins	
390	2009	<i>Trabalho, autogestão e desenvolvimento: escritos escolhidos 1981-2005</i>	José Ricardo Tauile	
391	2009	<i>Heidegger e a destruição da ética</i>	Alexandre Marques Cabral	Mauad
392	2009	<i>Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967</i>	György Lukács	
393	2009	<i>O jovem Marx e outros escritos de filosofia</i>	György Lukács	
394	2009	<i>Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas</i>	Rui Facó	
395	2009	<i>Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil</i>	Márcia Regina Romeiro Chuva	
396	2009	<i>O Corpo da Nação</i>	Valéria Ribeiro Corossacz	
397	2009	<i>Pulsão de morte? Por uma clínica psicanalítica da potência</i>	André Martins	
398	2009	<i>Estado e Planejamento econômico no Brasil</i>	Octávio Ianni	
399	2009	<i>Educação e Universidade</i>	Anísio Teixeira	
400	2010	<i>Escola de Samba, Ritual e Sociedade</i>	José Sávio Leopoldi	
401	2010	<i>O Patronato Rural no Brasil Recente (1964 -1993)</i>	Sonia Regina de Mendonça	
402	2010	<i>História e dialética – Estudos sobre a metodologia da dialética marxista</i>	Leo Kofler	
403	2010	<i>O Brasil e o Capital-imperialismo: teoria e história</i>	Virgínia Fontes	EPSJV
404	2010	<i>Trabalho, Educação e Correntes Pedagógicas no Brasil: um estudo a partir da formação dos trabalhadores técnicos da saúde</i>	Marise Ramos	EPSJV
405	2010	<i>A Pluralidade do Campo Psicológico: principais abordagens e objetos de estudos</i>	Arthur Arruda Leal Ferreira	
406	2010	<i>O Revolucionário da Convicção: vida e ação de Joaquim Câmara Ferreira</i>	Luiz de Castro Silva	

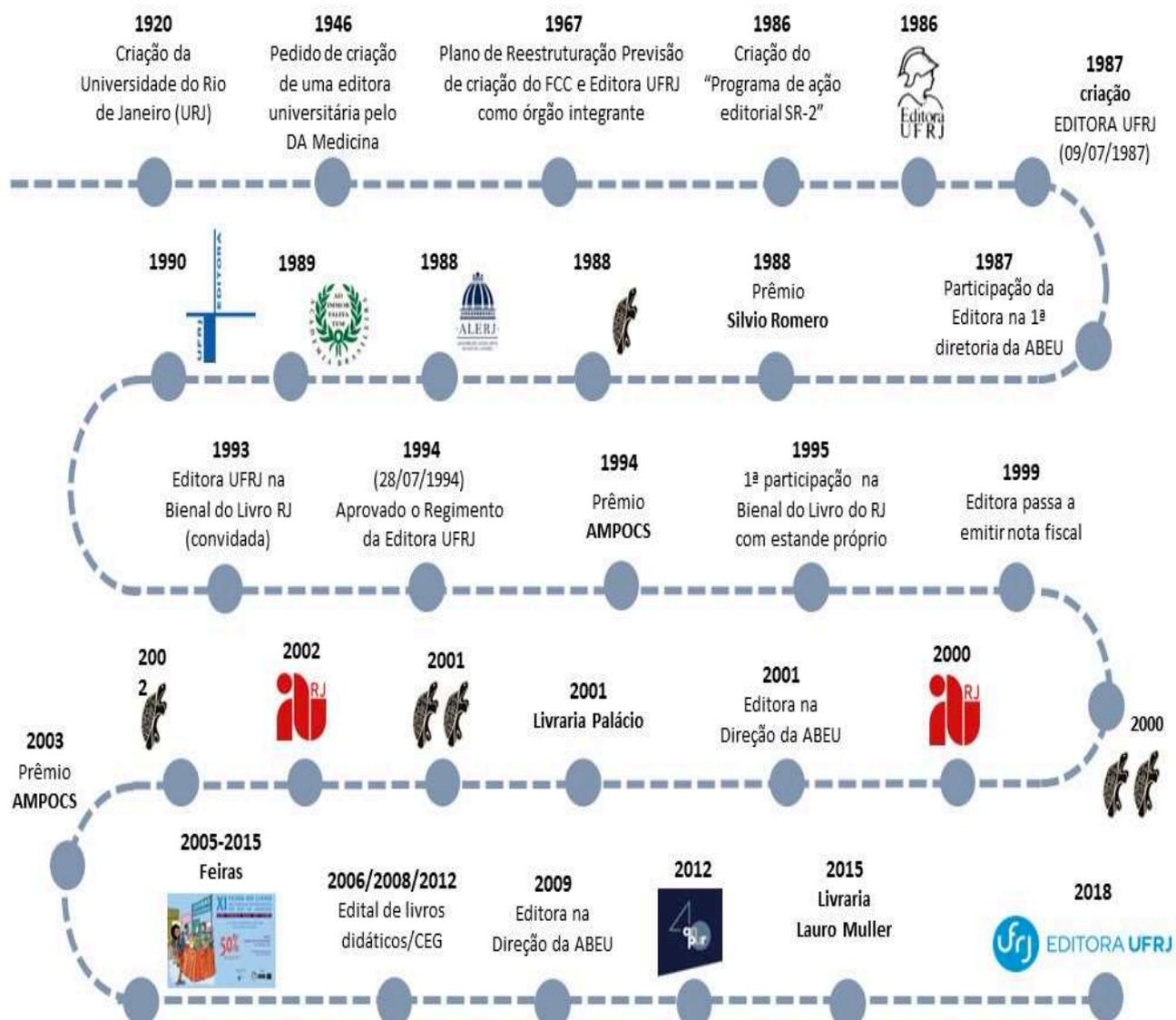
	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
407	2010	<i>África, Escritas Literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe</i>	Carmem Tindó Secco, Maria Teresa Salgado, Silvio Renato Jorge (Org.)	
408	2010	<i>Pierre Lucie – professor e educador de cientistas</i>	Susana de Souza Barros e Marcos Elia (Org.)	
409	2011	<i>Brasil, em compasso de espera: pequenos escritos políticos</i>	Florestan Fernandes	
410	2011	<i>O samba e suas fronteiras – “Pagode romântico” e “samba de raiz” nos anos 1990</i>	Felipe Trotta	
411	2011	<i>Velhas histórias memórias futuras – O sentido da tradição em Paulinho da Viola</i>	Eduardo Granja Coutinho	
412	2011	<i>Cadernos sobre a dialética de Hegel</i>	V.I. Lênin	
413	2011	<i>Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858</i>	Mario Duayer, Nélcio Schneider, Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman (Trad.)	Boitempo
414	2011	<i>Narrando Paulo Freire: por uma pedagogia do diálogo</i>	Paolo Vittoria	
415	2011	<i>Crítica da moral cansada</i>	Ronaldo Lima Lins	
416	2012	<i>Mulheres mães e o abuso sexual incestuoso</i>	Rosana Morgado	
417	2012	<i>Práticas Pedagógicas na Pós-Modernidade</i>	Nilma Lacerda, Vera Helena Ferraz de Siqueira e Regina Lúcia Faria de Miranda (Orgs.)	
418	2012	<i>A Estética de Gyorgy Lukács e o triunfo do realismo na literatura</i>	Ranieri Carli	
419	2012	<i>Economia e Filosofia – controvérsias e tendências recentes</i>	Ângela Ganem, Fabio Freitas e Maria Mello de Malta (Org.)	
420	2012	<i>E.P. Thompson e a Tradição de Crítica Ativa do Materialismo Histórico</i>	Marcelo Badaró Mattos	
421	2013	<i>Sete Ensaio sobre Walter Benjamin e um Lampejo</i>	Beatriz Sarlo	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
422	2013	<i>A prova de redação e o acesso à UFRJ – histórias e desdobramentos</i>	Marcelo Macedo Corrêa e Castro	
423	2013	<i>Além das Fronteiras – literatura, ensino e interdisciplinaridade</i>	Ana Crélia Dias, Armando Gens, Georgina Martins e Rosa Gens.	
424	2013	<i>A Prática do Assistente Social na Saúde Mental</i>	Erimaldo Matias Nicácio e José Augusto Bisneto (Org.)	
425	2013	<i>Sociologia do Direito</i>	Alex Ferreira Magalhães	
426	2013	<i>Secchin, uma vida em letras</i>	Godofredo de Oliveira Neto e Maria Lúcia Guimarães de Faria (Org.)	
427	2013	<i>Brasil – China: construindo o BRICS</i>	Alexander Zhebit (Org.)	
428	2013	<i>Contraponto em Música Popular</i>	Carlos Almada	
429	2014	<i>História do pensamento econômico</i>	Isaac Rubin	
430	2014	<i>Uma bola no pé e uma ideia na cabeça: o que o futebol nos faz pensar</i>	Arthur A. L. Ferreira, André Martins e Robert Segel (Org.)	
431	2014	<i>O desencantamento do mundo; seis estudos sobre Max Werber</i>	Wolfgang Schwchter	
432	2014	<i>Oito batutas: história e música brasileira nos anos 1920</i>	Luiza Mara Braga Martins	
433	2014	<i>Teoria da medida, integração e probabilidade</i>	Wladimir Neves	
434	2014	<i>Todos os olhos: videovigilâncias, voyerismo e (re)produção imaginética</i>	Bruno de Vasconcelos Cardoso	
435	2014	<i>Uma introdução à análise real</i>	Wladimir Neves	
436	2014	<i>A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX</i>	James Clifford	
437	2014	<i>Arquitetura religiosa colonial no Rio de Janeiro: as três fases vol. 3</i>	Sandra Alvim	
438	2015	<i>O poder dos jogos e os jogos do poder</i>	Nelma Gusmão de Oliveira	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
439	2015	<i>Os assassinos do sol: uma história dos paradigmas filosóficos: Patrística - Século I ao século VIII. Vol. 1</i>	Márcio Tavares do Amaral	
440	2015	<i>Os Assassinos do sol: uma história dos paradigmas filosóficos: os Gregos - Século VI A. C a 1 D. C. Vol. 2</i>	Márcio Tavares do Amaral	
441	2015	<i>Percursos na extensão universitária</i>	Felipe Addor e Sidney Lianza (Orgs.)	
442	2015	<i>Mulheres e agroecologia – transformando o campo, as florestas e as pessoas</i>	Emma Siliprandi	
443	2015	<i>A Percussão e o ensino superior em música</i>	Marcello Teixeira	
444	2016	<i>Desvios da avaliação da pesquisa, Os: o bom uso da bibliometria</i>	Yves Gingras	
445	2016	<i>Determinantes do uso da força policial no Rio de Janeiro</i>	Ignácio Cano e Beatriz Magaloni	
446	2017	<i>Ronaldo Lima Lins: criação e pensamento</i>	Carmem Negreiros e Theotonio de Paiva (Org.)	
447	2017	<i>Assassinos do sol: uma história dos paradigmas filosóficos – Os Medievais - SéculoIX a XIV D.C. Vol. 3</i>	Márcio Tavares do Amaral	
448	2017	<i>Bolsa Família: questões de gênero e moralidades</i>	Mani Tebet	
449	2017	<i>Dissonâncias: críticas democráticas à democracia</i>	Guillermo O'Donnell	
450	2018	<i>Governança, qualidade da democracia & políticas públicas</i>	Marta Maria Assumpção Rodrigues (Org.)	
451	2018	<i>A Sociologia urbana de Robert Park</i>	Lícia do Prado Valladares (Org.)	
452	2018	<i>Antinomias do real - Coletânea Otávio Velho</i>	Amir Geiger (Org.)	
453	2018	<i>Desvendando Evidências Simbólicas: Compreensão e o Conteúdo Emancipatório da Antropologia</i>	Luís Roberto Cardoso de Oliveira	
454	2018	<i>A difusão parlamentar do sistema partidário - exposição do caso brasileiro</i>	Wanderley Guilherme dos Santos	

	ANO	TÍTULO	AUTOR / UNIDADE	CO-EDIÇÃO
455	2018	<i>A circulação do sangue: entre o Oriente e Ocidente, a história de uma descoberta</i>	François Boustani (Tradução Márcio Arnaldo da Silva Gomes)	
456	2018	<i>A implosão do capitalismo contemporâneo: outono do capitalismo, primavera dos povos?</i>	Samir Amin	
457	2018	<i>Ensaio sobre a música polifônica: vozes que iluminam o Ocidente</i>	João Vicente Ganzarolli	
458	2019	<i>Escolinha de arte do Brasil: memória e legado</i>	Jader de Medeiros Britto e Alexandre Palma	
459	2019	<i>Encontros escritos: semântica histórica do Brasil no século XVI</i>	Luciana Villas-Bôas	
460	2019	<i>Os assassinos do Sol: uma história dos paradigmas filosóficos - os modernos, séculos XIV a XVIII</i>	Márcio Tavares D'Amaral	
461	2019	<i>Educação de surdos no ensino superior</i>	Jane de C. S. Capelli et al.	
462	2019	<i>Ortodontia preventiva e interceptativa na ação básica de saúde bucal: manual do atendimento</i>	Ana Maria Bolognese	
463	2019	<i>Arquipélago da segurança, O: estados de segurança humana, políticas de sexualidade e o fim do neoliberalismo</i>	Paul Amar	

APÊNDICE E – Linha do Tempo – UFRJ e a Editora UFRJ



ANEXO I - Regimento da Editora UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro
GABINETE DO REITOR

Rio de Janeiro, 03 de agosto de 1994.

Ilma. Sra.
Profa. HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA
MD Diretora Técnica da Editora da UFRJ
Fórum de Ciência e Cultura
Praia Vermelha - Rio de Janeiro

Venho por meio desta, com grande satisfação, comunicar-lhe que o Regimento da Editora da UFRJ foi aprovado, por unanimidade, pelo Conselho Universitário, na sessão de 28 de julho de 1994, com a seguinte alteração em seu artigo 22:

"Art. 22 - Todas as obras da Editora serão, preferencialmente, oferecidas a preço que remunere o investimento da edição."

Aproveito a oportunidade para informar-lhe que o processo já foi encaminhado à Editora para conhecimento, no dia 01/08/94.

Atenciosamente,



Paulo Alcantara Gomes
Reitor

REGIMENTO

Editora UFRJ

REGIMENTO EDITORA UFRJ

CAPÍTULO I - DA NATUREZA E DOS OBJETIVOS

- Art. 1º - A Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro prevista no artigo 60 cap. II do Estatuto da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Art. 2º - A Editora é vinculada ao Forum de Ciência e Cultura, dispondó de auto-gestão financeira para gerir seus recursos orçamentários e não orçamentários em benefício de suas atividades-fins, segundo o artigo 23 do regimento do Forum de Ciência e Cultura.
- Art. 3º - A Editora tem como objetivo:
- a) Realizar publicações de interesse universitário, definidas em critérios de qualidade e relevância pelo Conselho Editorial;
 - b) Promover a divulgação do conhecimento e estimular o debate científico e cultural na sociedade brasileira.
- Art. 4º - A Editora pode atuar mediante co-edições, intercâmbios, patrocínios, convênios e acordos.

CAPÍTULO II - DA ORGANIZAÇÃO

Seção I - Dos Órgãos

- Art. 5º - A Editora é composta pelos seguintes órgãos:
- a) Órgão Normativo
 - Conselho Editorial;
 - b) Órgãos Executivos
 - Diretoria Geral;
 - Diretoria Adjunta Editorial;
 - Diretoria Adjunta de Produção.
 - c) Órgãos Operacionais
 - Secretaria;
 - Serviços Técnicos e Administrativos;
 - ◆- Serviços de Distribuição e Divulgação.

Seção II - Do Órgão Normativo

- Art. 6º - O Conselho Editorial é composto de professores e pesquisadores de renome nas diversas áreas do saber, cujos nomes serão propostos pelo Diretor Geral ao Coordenador do Forum de Ciência e Cultura e por este submetidos ao Reitor para designação.
- Art. 7º - O Conselho conta com 4(quatro) membros da UFRJ e 2(dois) de outras universidades ou institutos de pesquisa.

Art. 8º - O mandato de 50%(cinquenta por cento) dos membros iniciais do Conselho é de 4(quatro) anos e dos outros 50%(cinquenta por cento) de 2 anos, sendo todos os mandatos seguintes de (quatro) anos.

Art. 9º - O Diretor Geral é membro nato do Conselho e o preside, com direito a voto de Minerva.

Art. 10º - Compete ao Conselho Editorial:

- a) definir as diretrizes da política e do programa de publicações da Editora;
- b) aprovar o plano orçamentário da Editora;
- c) planejar anualmente o projeto de atividades da Editora;
- d) julgar os originais encaminhados à Editora para publicação, com base em pareceres emitidos por seus membros ou especialistas indicados *ad hoc* pelo próprio Conselho, e decidir quanto à sua publicação;
- e) estimular o encaminhamento à Editora de originais pertinentes à sua linha editorial;
- f) assistir a Diretoria Geral no estudo de qualquer matéria que for submetida à sua apreciação;
- g) examinar e propor à Coordenação do Forum e à Reitoria a aprovação de convênios, acordos, ou de qualquer matéria de interesse da Editora;
- h) deliberar sobre questões omissas no Regimento.

Seção III - Dos Órgãos Executivos

Art. 11º - A Editora é dirigida por um Diretor Geral, designado pelo Reitor e escolhido entre os membros do corpo docente da UFRJ, com mandato de 4(quatro) anos.

Art. 12º - São atribuições do Diretor Geral:

- a) representar a Editora;
- b) propor os nomes para compor o Conselho Editorial ao ~~Coordenador do Forum de Ciências e Cultura;~~
- c) convocar e presidir o Conselho Editorial e fazer cumprir suas deliberações;
- d) elaborar o plano orçamentário anual da Editora;
- e) apresentar relatórios anuais e balancetes periódicos sempre que solicitados;
- f) articular convênios, acordos, intercâmbios, patrocínios e demais questões visando às edições, co-edições e atividades de divulgação e comercialização;
- g) promover a participação da Editora em eventos nacionais e internacionais;
- h) exercer outras atividades pertinentes à sua função.

Art. 13º - A Diretoria Adjunta Editorial é dirigida pelo Diretor Editorial, escolhido e designado pelo Diretor Geral.

Art. 14º - São atribuições do Diretor Editorial:

- a) substituir o Diretor Geral em suas ausências e impedimentos;
- b) executar e fazer cumprir a política e o plano editorial anual aprovado pelo Conselho de acordo com o Diretor Geral;
- c) exercer funções executivas delegadas pelo Diretor Geral.

Art. 15º - A Diretoria Adjunta de Produção é dirigida pelo Diretor de Produção, escolhido e designado pelo Diretor Geral.

Art. 16º - São atribuições do Diretor de Produção:

- a) executar e fazer cumprir o cronograma de produção da Editora;
- b) exercer funções executivas delegadas pelo Diretor Geral.

Seção IV - Dos Órgãos Operacionais

Art. 17º - À Secretaria compete a execução dos serviços de secretaria do Conselho Editorial, da Diretoria Geral e das Diretorias Adjuntas.

Art. 18º - A Editora conta com os seguintes Serviços Técnicos e Administrativos:

- a) Serviço de Administração e Finanças;
- b) Serviço de Editoração.

Art. 19º - Ao Serviço de Administração e Finanças compete:

- a) levantar o custo operacional de cada projeto de edição ou de eventos patrocinados pela Editora;
- b) realizar licitações conforme a legislação vigente;
- c) executar os atos administrativos referentes ao controle do material utilizado pela Editora, tanto de consumo quanto permanente, e dos equipamentos sob sua guarda;
- d) pessoal.

Art. 20º - Ao Serviço de Editoração compete:

- a) realizar os serviços de preparação, normatização e revisão de texto;
- b) executar as etapas de realização do projeto gráfico, editoração eletrônica, arte final e acompanhamento da produção gráfica das obras;
- c) fornecer subsídios para a formalização da montagem das solicitações das obras.

Art. 21º - A Editora conta com os seguintes Serviços de Distribuição e Divulgação:

- a) Serviço de Comercialização e Controle de Estoque;
- b) Serviço de Divulgação.

Art. 22º - Ao Serviço de Comercialização e Controle de Estoque compete:

- a) preparar o cronograma de comercialização da Editora por semestre e por ano;
- b) promover e supervisionar os serviços de distribuição;
- c) manter atualizado o mapa demonstrativo de venda;
- d) efetuar nos seus prazos de carência as cobranças dos contratos efetivados pela Editora referentes à distribuição e vendas de livros.

Art. 23º - Ao Serviço de Divulgação compete:

- a) promover e divulgar os autores e as publicações junto aos meios de comunicação de massa e instituições especializadas;
- b) distribuir catálogos, lista de preços e material promocional da Editora;
- c) preparar lançamentos e participações da Editora em exposições e eventos culturais.

Seção V - Outras Disposições

Art. 24º - Todas as obras da Editora serão comercializadas.

Art. 25º - Todas as bibliotecas da UFRJ receberão os livros publicados pela Editora.

Art. 26º - Serão reservados 20(vinte) exemplares de cada tiragem para distribuição institucional.

ANEXO II – Memória da Reunião de 01 de setembro de 1994

 <p>EDITORA UFRJ Av. Pasteur, 250/sala 106 Praia Vermelha Rio de Janeiro - RJ 22295-900 Tel.: (021) 295-1595 r.35/36/37 FAX: (021) 295-1397</p>	<table border="0"> <tr><td>■</td><td>DATA:</td><td>05.09.94</td></tr> <tr><td>■</td><td>PARA:</td><td>Prof. José Henrique Villena</td></tr> <tr><td>■</td><td>INSTITUIÇÃO:</td><td>UFRJ</td></tr> <tr><td>■</td><td>FAX Nº:</td><td>260-4750</td></tr> <tr><td>●</td><td>ORIGEM:</td><td>Editora UFRJ</td></tr> <tr><td>●</td><td>Nº DE PÁGINAS:</td><td>02 (Duas)</td></tr> </table>	■	DATA:	05.09.94	■	PARA:	Prof. José Henrique Villena	■	INSTITUIÇÃO:	UFRJ	■	FAX Nº:	260-4750	●	ORIGEM:	Editora UFRJ	●	Nº DE PÁGINAS:	02 (Duas)
■	DATA:	05.09.94																	
■	PARA:	Prof. José Henrique Villena																	
■	INSTITUIÇÃO:	UFRJ																	
■	FAX Nº:	260-4750																	
●	ORIGEM:	Editora UFRJ																	
●	Nº DE PÁGINAS:	02 (Duas)																	
<p>■ MENSAGEM:</p> <p>Memória da reunião de 01 de Setembro de 1994.</p>																			

Memória

Reunião sobre a Editora UFRJ
 Data: 01 de setembro de 1994, 10:30 hrs.
 Local: Reitoria
 Participantes: Paulo Gomes, Vilhena e Heloisa Buarque

- Foi acordada a vinculação da Editora com a Reitoria a partir de março de 1995.
- Durante o período setembro 94-fevereiro 95, a Editora continuará recebendo e gerindo seus recursos através do Fórum de Ciência e Cultura que se comprometerá a oferecer o apoio, os serviços e, quando cabível e possível, recursos eventuais para cobrir despesas da Editora.
- Tendo em vista necessidades emergenciais, decidiu-se providenciar a liberação imediata dos recursos referentes aos compromissos assumidos em setembro deste ano, bem como dos recursos referentes à solicitação de orçamento complementar ao aprovado para 1994, excluindo-se o item "passagens internacionais".
- Observou-se a necessidade de marcar uma reunião com o Presidente da FUJB para definir as formas de cooperação entre a UFRJ e a FUJB no que diz respeito à prestação de auxílio financeiro à Editora. Nesta ocasião, deverá ainda ser discutida a possibilidade de formalizar o apoio da FUJB em serviços como compra de material permanente e de consumo bem como contratação de serviços e pessoal.
- Foi aprovada a aquisição de passagem e estadia para a Direção da Editora que deverá representar a UFRJ na Feira Internacional do Livro de Frankfurt, em outubro de 1994.
- Adiantando alguns tópicos relativos à reestruturação da política de publicações da Editora, Heloisa referiu seu interesse em promover uma série intensiva de publicações de livros-texto (College books), a serem adotados em sala de aula na UFRJ e nas demais universidades do país, para cursos de graduação e pós-graduação. Neste sentido, será marcada uma reunião com a Sub-reitora de Graduação (SR1) para estabelecer um projeto de publicações, envolvendo a Editora e a SR1, a ser pensado a partir de uma avaliação da série Cadernos Didáticos.

ANEXO III – Decreto-Lei nº 233 de 28 de fevereiro de 1967

23/10/22, 15:15

Del0233



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

DECRETO-LEI Nº 233, DE 28 DE FEVEREIRO DE 1967.

Faz doação à Universidade Federal do Rio de Janeiro, do imóvel situado na Avenida Pasteur nº 250, e dependências anexas, no Estado da Guanabara.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o parágrafo segundo do artigo 9º do Ato Institucional nº 4, de 7 de dezembro de 1966,

RESOLVE BAIXAR O SEGUINTE DECRETO-LEI:

Art. 1º Ficam doados à Universidade Federal do Rio de Janeiro, o imóvel situado na Avenida Pasteur número 250, e dependências anexas, no Estado da Guanabara, com a área aproximada de 116.250m² (cento e dezesseis mil, duzentos e cinquenta metros quadrados).

~~Parágrafo único. O imóvel e dependências anexas, de que trata este artigo, se destinam aos serviços hospitalares e ampliação das instalações da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tomando-se nula a doação se aos mesmos for dado destino diverso do previsto, independentemente de qualquer indenização pelas benfeitorias nêles construídas. (Revogado pela Lei nº 6.027, de 1974)~~

Art. 2º Ficam revogados os [Decretos números 28.884, de 21 de novembro de 1950, 50.229, de 28 de janeiro de 1961, e 58.301, de 2 de maio de 1966](#), respectivamente.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 28 de fevereiro de 1967; 146º da Independência e 79º da República.

H. CASTELLO BRANCO
Octávio Bulhões
Raymundo Moniz de Aragão

Este texto não substitui o publicado no DOU de 28.3.1967

ANEXO IV – Comprovante de Inscrição e Situação Cadastral



SECRETARIA DE ESTADO DE FAZENDA

Sistema Integrado de Cadastro de Contribuintes do ICMS do Estado do Rio de Janeiro

Comprovante de Inscrição e de Situação Cadastral

CNPJ/CPF 33.663.683/0062-38	Inscrição Estadual 86.063.034	Data da concessão da inscrição 11/02/1999
Nome empresarial UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO Título do estabelecimento EDITORA UFRJ/FCC Natureza Jurídica Autarquia Pública (não especificado) Regime de apuração Regime normal de tributação - Confronto débito e crédito		
Tipo de unidade principal Unidade Operacional		
Endereço do estabelecimento AVN PASTEUR, 250 ALAC10UNIVERSITARIO URCA - RIO DE JANEIRO RJ 22.290-240		
Situação cadastral Habilitada	Data da situação cadastral 13/09/2018	
Atividades econômicas (CNAE) Principal 58.21-2/00 - EDIÇÃO INTEGRADA À IMPRESSÃO DE LIVROS Secundárias 47.61-0/01 - COMÉRCIO VAREJISTA DE LIVROS		
Unidade de cadastro AFR 64.12 - AFR 64.12 - Capital	Unidade de fiscalização AFR 64.12 - AFR 64.12 - Capital	
Observação		

ANEXO V – Carta para um autor

Ilmo.Sr.



Ref. Original 36/2002



Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 2004.

Prezado Senhor,

Vimos por meio desta informar que a direção da Editora UFRJ analisou o projeto de publicação [REDACTED], encaminhado por Vossa Senhoria, de excelente qualidade e de grande relevância. No entanto, dado o enorme volume de títulos herdados de outras gestões, somos levados a priorizar outros títulos para nossa agenda de publicação.

Agradecemos a gentileza de nos ter enviado o projeto e esperamos poder contar com vossa colaboração em outra oportunidade.

Cordialmente,

Carlos Nelson Coutinho
Diretor
Editora UFRJ

ANEXO VI – Programação Cultural nas Feiras do Livro



Cia. Folclórica da UFRJ



Coral do Instituto de Economia da UFRJ



Alunos do Curso de Direção Teatral da UFRJ

Editora da UFRJ

Fomentando cultura e saber

Fundada em 1986, a Editora da UFRJ, no Campus da Praia Vermelha, promove cultura e saber editando livros de relevância cultural e científica

Rafaela Pereira

Há dez anos, havia no Brasil cerca de 60 editoras no setor. Hoje, esse número cresceu e a Abreu (Associação Brasileira de Editoras Universitárias) reúne mais de 100 editoras universitárias e de instituições científicas. Esse número deve aumentar ainda mais.

Uma editora universitária tem a função básica de divulgar os conhecimentos que são produzidos no âmbito das Instituições de Ensino Superior. Reconhecida como entidade sem fins lucrativos, elas são responsáveis por cerca de 8% dos livros publicados no país e, em muitos casos, têm como principal fonte de renda os convênios com as próprias instituições de ensino e os recursos gerados pela venda de livros.

Na Editora da UFRJ, a realidade é exatamente essa. Segundo seu diretor, o professor Carlos Nelson Coutinho, a finalidade não é dar lucro e ser considerada uma editora meramente comercial. "Os livros que selecionamos para publicação não são best sellers, vendem pouco. São obras voltadas para as áreas de interesse do público universitário e que muitas editoras comerciais não publicariam", explica. Ele conta ainda que é preciso correr riscos para se publicar esse tipo de livro, considerados decisivos para o desenvolvimento do saber. "É preciso assegurar que o público leitor tenha acesso a uma produção de qualidade", aponta Coutinho.

A editora publica de 20 a 25 títulos por ano, com uma tiragem média de mil cópias cada um, entre edições e reedições. E, de acordo com o diretor, esse é um bom número comparado com outras editoras do mesmo porte. "Dentro da nossa gama de publicações, temos livros com ótimo índice de venda como, por exemplo, *Cálculo diferencial e integral de funções de várias variáveis*, de Diomara Pinto e Maria Cândida, e *Análise orgânica: métodos e procedimentos para a caracterização de orgânicos*, de Cláudio Costa Neto", enumera Carlos Nelson. Porém, ele revela que há casos de livros que registram vendas abaixo da média, mas que mesmo assim precisam ter seu espaço. "São obras que tratam de assuntos específicos, muitas das vezes geniais, e que uma editora comercial certamente não publicaria. Sem contar que são livros importantes para termos em catálogo", explica o diretor.

Em busca da pluralidade

No cargo de diretor há dois anos e meio, Carlos Nelson vem orientando a editora pelo pluralismo. "A editora foi muito marcada pela especialidade do seu diretor. Eu, na figura de diretor, e o Conselho Editorial queremos diversificar a pluralizar ideologicamente a Editora, abrindo espaços para correntes de opiniões importantes, que a meu ver não estavam representadas", avalia. Para ele, o importante é se empenhar na publicação de livros das diferentes áreas do conhecimento presentes na universidade, que sejam representantes das mais expressivas orientações teóricas do pensamento contemporâneo.

Esse desejo já começa a ganhar forma. Segundo o diretor, há dois planos sendo traçados. O primeiro é a publicação de uma coleção de livros didáticos sobre autores importantes do pensamento social que será batizada de *Intérpretes do Brasil*. "Vamos falar sobre as figuras que marcaram a memória do país, como por exemplo, Celso Furtado, Caio Prado Junior e Eudíades da Cunha. A proposta é apresentar uma cronologia, a

biografia e um texto introdutório ao pensamento do autor", adianta Carlos Nelson. Espera-se publicar a coleção em 2006, e já estão sendo levantados os últimos recursos financeiros.

Outro projeto da Editora é o Programa de Apoio à Publicação de Livros Didáticos, uma parceria entre a Pró-Reitoria de Graduação (PR-1) e a Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB). O programa já foi lançado e destinará à Editora R\$ 200 mil para apoiar as publicações.

Dificuldades

A idéia já se transformou em letras impressas no papel. A obra foi aprovada pelo Conselho Editorial, pôde entrar na grade da Editora e ir para o fômo da gráfica. Após esse caminho, que pode durar em média um ano, os problemas de distribuição começam a incomodar. Para Carlos Nelson o problema maior de uma editora está na distribuição dos catálogos. "Os livros que publicamos chegam com muita dificuldade, quando chegam, às livrarias. Essa má distribuição provoca a diminuição das tiragens, encarecendo os livros e levando a maioria das editoras a trabalhar no vermelho", revela o diretor, apontando como solução a criação de um sistema de distribuição para todas as editoras universitárias.

Para driblar as dificuldades, os livros podem ser encontrados em feiras universitárias, nas duas livrarias da Editora – uma na Praia Vermelha, no prédio do Fórum de Ciência e Cultura (FCC), e outra na Ilha do Fundão, no prédio do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN) – e em outras universidades do País, por meio de convênios com as instituições de ensino.

Os recursos escassos também fazem parte do rol de problemas enfrentados pela Editora da UFRJ. "Precisamos ter um orçamento fixo, o que ainda não ocorre, mas estamos tentando que isso vire realidade", conta Carlos Nelson.

Mesmo com todos os problemas, a Editora da UFRJ continua sendo procurada por autores, em busca de publicação. As editoras universitárias vêm, assim, ampliando sua atuação vinculada à educação, à medida que se afirmam como centros difusores do conhecimento produzido, contribuindo para a própria afirmação institucional das universidades.

Inventando carnavais

No dia 18 de novembro, às 17h, a Editora da UFRJ promove o lançamento do livro *Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*, de Felipe Ferreira. O evento, no Fórum de Ciência e Cultura, na Praia Vermelha, terá um debate sobre a temática do livro, com o autor e convidados.

O livro aborda o carnaval, fazendo um paralelo entre as festas do Rio de Janeiro, Paris e Nice. Desenvolvido após quatro anos de pesquisa no Brasil, França e Itália, o livro é produto da tese de doutorado em Geografia Cultural de Felipe Ferreira. Mais informações sobre o lançamento, entrar em contato com a Editora da UFRJ nos telefones (21) 2543-7846 dia (21) 2295-0344 ou pelo site www.editora.ufrj.br.

no prelo • reedições • lançamentos

Lançamentos

Conhecimento, sistemas de inovação e desenvolvimento, de Helena Maria Lastres, José Eduardo Cassiolato e Ana Carolina Arroio. Da coleção *Economia e Sociedade*.

Conto de Inverno, de William Shakespeare e tradução de Alla da Oliveira Gomes.

Revolução e democracia em Marx e Engels, de Jacques Texier e tradução de Duarte Pereira. Da coleção *Fernando Coutinho*.

História da Literatura Hispano-Americana, de Bella Jozef.

Max Weber e a Idéia de sociologia econômica, de Richard Swedberg e tradução de Dinah Abreu Azevedo. Da coleção *Economia e Sociedade*. Co-edição Beca.

Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas, de Felipe Ferreira. Da coleção *História, Cultura e Ideias*.

Reedições

Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização, de Néstor García Canclini. 5ª edição.

O funk e o hip-hop: vivemos a cena, de Mirca Hirschmann.

O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil, de Maria Cecília Fontes Fonseca. 2ª edição.

Restauração: ciência e arte, de Maryka Mendes e Antonio Carlos N. Baptista. 3ª edição.

Cálculo diferencial e integral de funções de várias variáveis, de Diomara Pinto e Maria Cândida Ferreira Morgado. 3ª edição. 4ª reimpressão.

O ano miraculoso de Einstein, de John Stachel.

Obras e vidas, de Clifford Geertz.

No prelo

Reedição da obra *Estrutura quântica da matéria*, de José Leite Lopes.

ANEXO VIII – Carta de Lévi Straus



LABORATOIRE D'ANTHROPOLOGIE SOCIALE

le 29 mars 1996

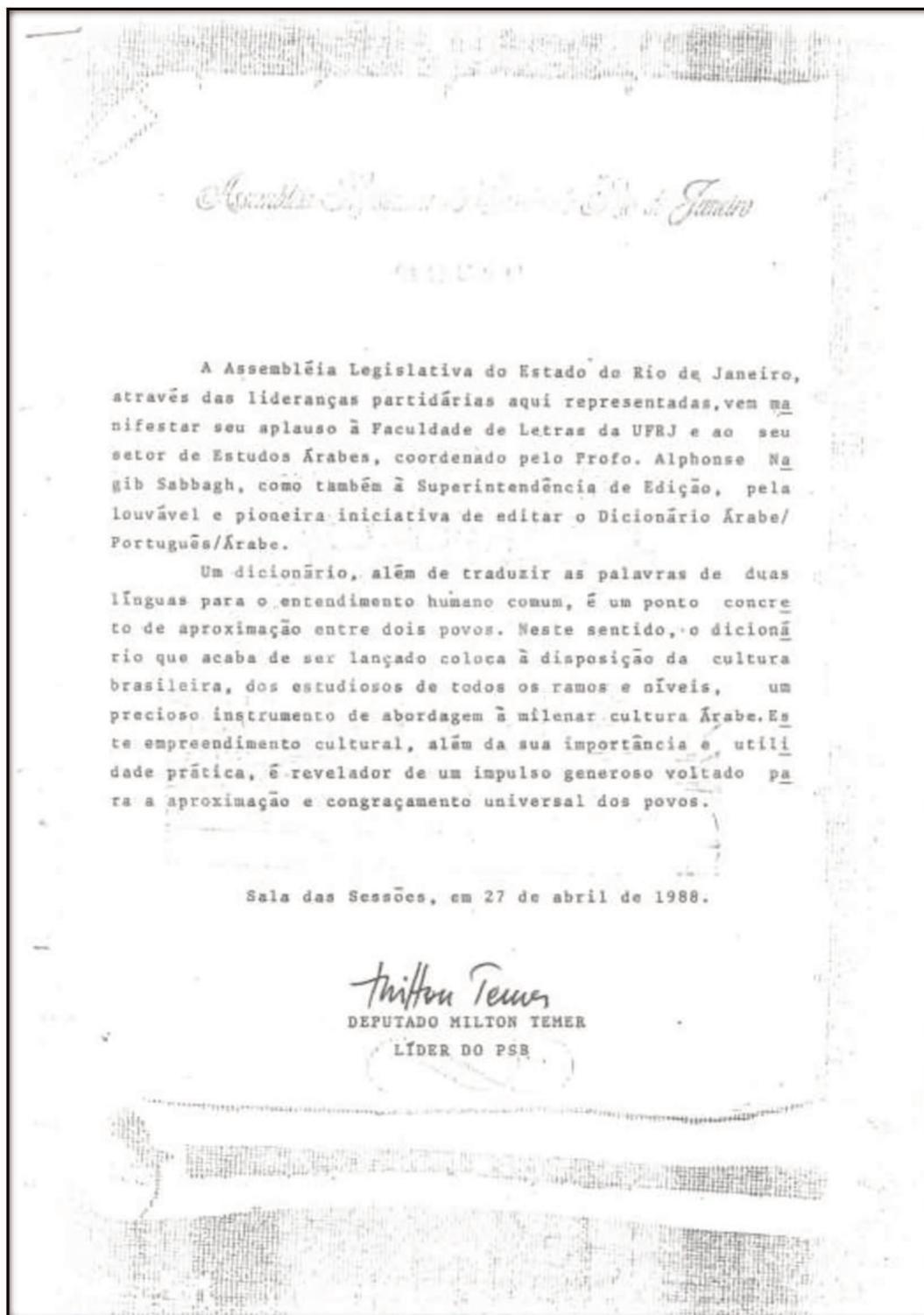
Cher Collègue,

L'envoi que vous avez bien voulu me faire de Antropologia do parentesco m'a été très sensible. Je connaissais l'existence du livre, ayant reçu de Vanessa Lea la photocopie de sa contribution, mais il est essentiel pour moi de le posséder et de pouvoir lire les autres chapitres, à commencer, bien sûr, par votre introduction.

Je n'ai pu encore prendre de l'ouvrage qu'une connaissance sommaire. C'est assez pour juger de l'importance du travail que vous accomplissez avec le concours de vos élèves, et dont témoignaient déjà d'autres publications. Les systèmes de parenté de l'Amérique du Sud, si longtemps méconnus ou mal interprétés, offrent tant de traits originaux que la théorie sera totalement renouvelée. Je me réjouis, est-il besoin de le dire, que le sort du Brésil que les études de parenté, auxquelles je me suis consacré dans le passé, reprennent, grâce à vous, un nouvel essor.

Avec tous mes remerciements, croyez, cher collègue, à mes sentiments les meilleurs.

Made Lévi-Strauss

ANEXO IX – Menção honrosa da Assembleia Legislativa do Estado do RJ

MEMÓRIAS EM IMAGENS



Primeiro Lançamento

A Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro convida V. Excia. e Exma. família para o lançamento coletivo de:

ARTE E PALÁVRA, A CRÍTICA EM QUESTÃO
 TEORIAS POÉTICAS DO ROMANTISMO – Luíza Lobo (co-edição Mercado Aberto)
 ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA 2 – MODERNISMO
 ATITUDES ROMÂNTICAS DE HOMERO NA ILÍADA – Manoel Azeiza de Souza
 REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA – Vol. XVI
 AS PASTORINHAS DE REALENGO – Ermelinda Azevedo Paz
 MANUAL DE PROCEDIMENTOS DE ENFERMAGEM – Ieda Barreira e Castro, Suelly de Souza Baptista e Nébia Maria Almeida de Figueiredo
 CADERNOS DE LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA SOCIAL CLÍNICA
 ANAIS DO VI E DO VII CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA
 ANUÁRIO DO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
 RIO DE JANEIRO, PAINEL DE UM ESPAÇO EM CRISE – Júlia Adão Bernardes
 O LEGADO DE VICENTE LICÍNIO CARDOSO – Sydney M. G. Santos
 PERSPECTIVA EXATA – Genoveva de Oliveira e Ely de Oliveira

21 de Julho de 1987
 SALÃO DOURADO, FORUM DE CIÊNCIA E CULTURA
 AV. PASTEUR, 250 – URCA

Às 18:30 h. apresentação do Quarteto de Cordas UFRJ
 Santino Parpinelli – violino
 Jacques Nirenberg – violino

● A mais antiga universidade brasileira, a UFRJ, levou 65 anos para inaugurar sua própria editora, o que acontece dia 21, às 18h30min, quando serão lançadas 13 publicações, no campus da Praia Vermelha.

Ancelmo Gois

Leitores & Cia

Veículo	Data	Pag	Seção
© GLOBO - RJ	16-07-95	33	RIO

Livraria-café e novo centro cultural com grife da UFRJ

LUCILA DE BEAUREPAIRE

Uma livraria-café e um centro cultural estão entre os projetos da Reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro a serem executados ainda neste ano. Em fase de ocupação dos terrenos junto ao campus da Praia Vermelha, a UFRJ já retomou a posse de uma churrascaria que funcionava ao lado do Canecão, onde pretende instalar a editora da universidade e uma livraria-café. Segundo a professora Heloisa Buarque de Holanda, que está cuidando do projeto, lá serão vendidos livros da editora e importados, com previsão de criação de um espaço multimídia.

— A nossa intenção é criar um espaço cultural internacional e que será uma espécie de extensão da Casa da Ciência, que já está funcionando — disse Heloisa Buarque de Holanda, que é diretora da editora da UFRJ.

Segundo o reitor Paulo Alcântara Gomes, as obras deverão começar em uma semana. Com mais de 200 títulos publicados, a editora da UFRJ funciona no campus, mas agora terá um espaço maior. O reitor salientou também que a intenção é ocupar, aos poucos, toda a área que pertence à universidade, incluindo também o Canecão.

Outro projeto que está em andamento é a transformação da Casa do Estudante Universitário — que funciona na Avenida Rui Barbosa — em Centro Cultural da UFRJ. Segundo o reitor, será um local para exposições de artes plásticas, apresentações musicais, congressos e eventos de promoção da ciência. O velho prédio construído em 1912 — que foi escola de enfermagem e, desde 1972, se transformou em moradia para estudantes — terá sua fachada restaurada e todo o seu interior adaptado para o centro cultural.

Rua Evaristo da Veiga, 35 S Paulo Alcântara acrescentou 031-040 — Rio de Janeiro, RJ

que atualmente a Casa do Estudante Universitário está deteriorada e com apenas seis universitários morando no local. O reitor assumiu o compromisso de assegurar a moradia a esses alunos.



Pela Imprensa **Cartas 1964-1974**





Pela Imprensa

Cartas 1964-1974





EDITORA UFRJ

Pela Imprensa



Ilegalismos na globalização: migrações, trabalho, mercados
Angelina Peralva e Vera da Silva Telles (org.)
 CIÊNCIAS SOCIAIS
 Ed. UFRJ, 580 páginas.
 R\$ 80

Os artigos, escritos por pesquisadores de todo mundo, refletem sobre os impactos da globalização sobre as democracias modernas e suas bases.

Economia histórica

Publicado originalmente em 1929, por um dos mais importantes pensadores da teoria econômica marxista, a obra histórica de Isaac Illich Rubín é traduzida pela primeira vez para o português e lançada por uma editora brasileira. O livro é considerado um trabalho importante e sem precedentes por situar a teoria econômica de Karl Marx em relação às teorias anteriores – do mercantilismo a John Stuart Mill, passando pelos fisiocratas e economistas políticos clássicos (Smith e Ricardo).

O autor, Isaac Rubín, nasceu na Rússia e foi participante ativo na Revolução de 1917. Preso pelo regime stalinista em 1930 e 1937, foi condenado à morte e sua execução se deu nesse mesmo ano.

mite que o leitor refaça tanto o percurso teórico de Marx quanto a leitura que dele faz Rubín e, assim, compare suas próprias conclusões com aquelas alcançadas pelos autores.



História do Pensamento Econômico
 Isaac Illich Rubín
 Editora UFRJ, 523 p., 2014.

Segunda, 21 de maio de 2014

LIVROS DO GOIS

ERA UMA VEZ UM ARISTOCRATA BRANCO E UNS NEGROS

Desta livro recente, "Os oito bastões" de Lúcia Maria Braga Martins, a "história de uma dinastia" de Cláudio Fróis, aborda uma relação de amor e casamento quase impossível para os anos 1930. Em um século, o autor narra, através de um romance (1884-1984), da família mais privilegiada na Corte brasileira e que migrou para o Brasil, onde sempre sofreu o mesmo império colonialista de um país ao outro. De uma, uma história, quem todos sabem e sabem, não se trata (Castiglioni (1987, 1973) e Drogas (1986-1974), que depois se transformaram em literatura social crítica).

Os dois autores, sob o pseudônimo de Cláudio Fróis, apresentam, neste livro, uma história de amor impossível, que se estende desde 1884 até 1984. Este livro é uma espécie de guia para leitores da literatura clássica brasileira e para os leitores que buscam uma história de amor impossível, que se estende desde 1884 até 1984. Este livro é uma espécie de guia para leitores da literatura clássica brasileira e para os leitores que buscam uma história de amor impossível, que se estende desde 1884 até 1984.

Além, o escritor também tem um papel importante na história do Brasil, especialmente a relação do Império do Brasil com o Brasil, o primeiro título de povo de uma nação. O livro é uma história de amor impossível, que se estende desde 1884 até 1984.

Em Porto, os bastões foram os por um século, de história e história. O livro é uma história de amor impossível, que se estende desde 1884 até 1984.

Para quem quiser saber mais sobre o livro, visite o site da editora UFRJ.



EDITORA **UFRJ**

Pela Imprensa

Não perca o programa

SEM CENSURA com **Marcio Tavares d'Amaral**

Autor da Editora UFRJ

sobre **fake history**

Quinta-feira

11/10

às

17h30

na **TV BRASIL**



/editoraufRJ

www.editora.ufrj.br





EDITORA UFRJ

Pela Imprensa



A proposta de um novo olhar

DOI: 10.1500/1809-5842016214

Camila Escudero

(Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro – RJ, Brasil)

D'AMARAL, Marcio Tavares. *Os assassinos do sol* – uma história dos paradigmas filosóficos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015, 236p.



Um curso em formato de livro. Assim é a nova obra de Marcio Tavares d'Amaral, *Os assassinos do sol*. Trata-se do registro escrito das concorridas aulas que o renomado professor vem ministrando, desde 2002, nos cursos de mestrado e doutorado da Escola de Comunicação da UFRJ – programa, aliás, do qual é um dos fundadores (ao lado de Muritz Sodré e Emmanuel Carneiro Leão). Quem teve a feliz oportunidade de realizar algum período do curso, certamente, vai se deliciar com todo material estudado em classe reunido e acessível; quem não teve, poderá sentir o sabor das deliciosas, inteligentes e estimulantes discussões propostas.

O livro é um projeto ousado. Na verdade, é apenas o primeiro volume, de um total de oito, que d'Amaral pretende lançar nos próximos anos. Nele, está a história da Filosofia; mas não uma história qualquer, contada a partir de uma temporalidade causal e linear dos fatos, por exemplo, como estamos acostumados. São histórias de sistemas, de conjuntos de regras e valores – portanto, de poder – a partir de pensamentos e ideias que dão sentido ao mundo, ou seja, a história dos paradigmas filosóficos. Surpreendente? Espere então até saber que esta narrativa é construída, segundo o professor, em um momento da História em que se diz que a História acabou...

Os assassinos do sol começa quatro ou seis séculos depois do começo que habitualmente é assinalado uma história da Filosofia. Não o século VI dos pré-socráticos.



EDITORA UFRJ

Pela Imprensa

Vizinha do finado Canecão

A UFRJ inaugura, este mês, uma livraria especializada em publicações de editoras universitárias.

Com 200 metros quadrados, ficará no prédio do antigo Bingo Botafogo.

globo.com g1 globoesporte g1live videos



RIO DE JANEIRO

12/12/2015 10h14 - atualizado em 10/12/2015 10h14

UFRJ abre livraria para universitários em local onde funcionava Bingo

Café Universitário abrirá no mesmo local em 2016. Livraria fica ao lado do Shopping Rio Sul.

De 07/12



Livraria Editora UFRJ oferecerá aos leitores cerca de 8 mil títulos. (Foto: Douglas/UFRJ)

A Universidade Federal do Rio de Janeiro abriu, nesta terça-feira (16), a Editora UFRJ – Livros Universitários, ao lado do Shopping Rio Sul, em Botafogo na Zona Sul do Rio. A livraria, construída no local onde funcionava um bingo, oferecerá aos leitores cerca de 8 mil títulos editados pela própria universidade e por outras editoras universitárias do país.

saiba mais

UFRJ recebe autorização da Justiça para retirar mobiliário do Canecão

UFRJ consegue mandato judicial para tirar mobiliário do Canecão

Ocupação do Canecão por alunos de UFRJ completa duas semanas

Segundo o reitor da UFRJ, Carlos Levi, a abertura da livraria é um presente para a universidade. "Ela representa o resgate de uma área que estava degradada, que vinha sendo vilipendiada por usos indúvidos e inapropriados. Será mais um espaço de cultura e lazer da cidade", afirmou.

Nova livraria da UFRJ



A Editora UFRJ inaugura dia 16 de dezembro sua nova livraria, na Rua Lauro Muller, nº 1, Botafogo. O novo espaço faz parte de uma área de 5 mil m² antes ocupada por um bingo e recuperada pela UFRJ depois de 40 anos de luta na Justiça. No local também está a todo o vapor a obra que vai abrigar a nova sede da Editora da UFRJ.

O GLOBO

2

3

Universidade Federal do Rio de Janeiro abre livraria em Botafogo

Reportagem em livro universitário, disponível em R\$ 0,99 (R\$ 2,00)

12/12/2015 10h14 - atualizado em 10/12/2015 10h14



12/12/2015 10h14 - atualizado em 10/12/2015 10h14



12/12 - Para tentar resgatar o espaço muito cheio de memória da universidade o Canecão acabou se tornando a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) inaugurou nesta terça-feira (16) sua livraria - a Editora UFRJ - Livros Universitários. O espaço oferece cerca de 8 mil títulos editados pela própria instituição e por outras editoras universitárias do país.

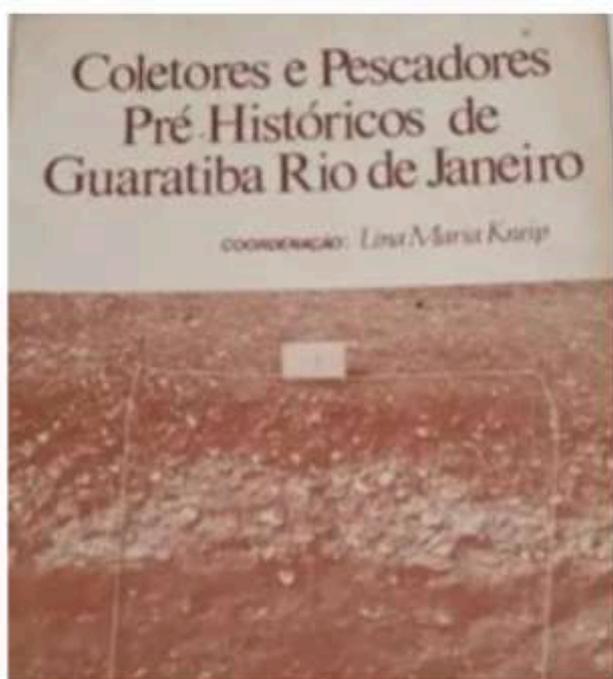
A livraria faz parte de um projeto mais amplo, que visa a transformar a região do Rio Lauro Muller em um complexo de arte e cultura. No local, já funciona a Casa de Cultura. Para o reitor da UFRJ, Carlos Levi, a abertura da livraria é um presente da UFRJ para a universidade e para o Rio.

... Ela representa o resgate de uma área que estava degradada, que vinha sendo vilipendiada por usos indúvidos e inapropriados. Será mais um espaço de cultura e lazer da cidade.



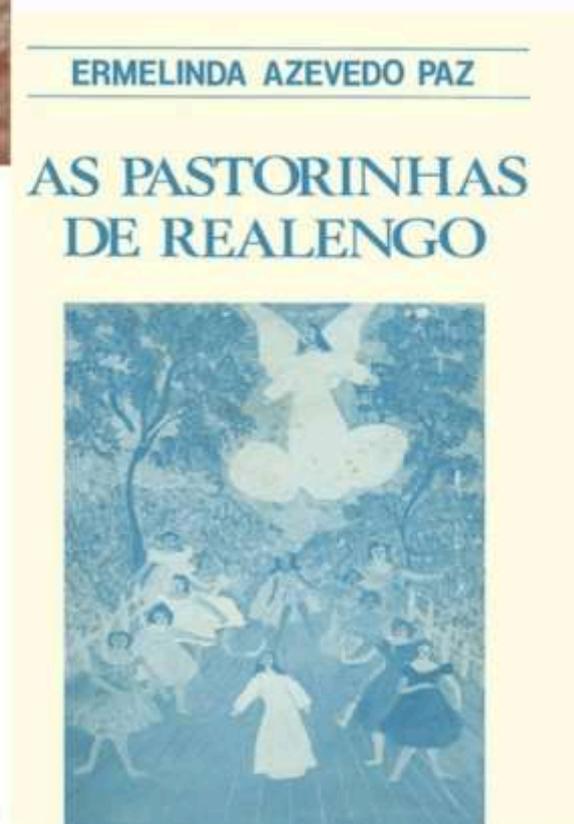
EDITORA **UFRJ**

Prêmios



Menção Honrosa
Prêmio Jabuti 1988

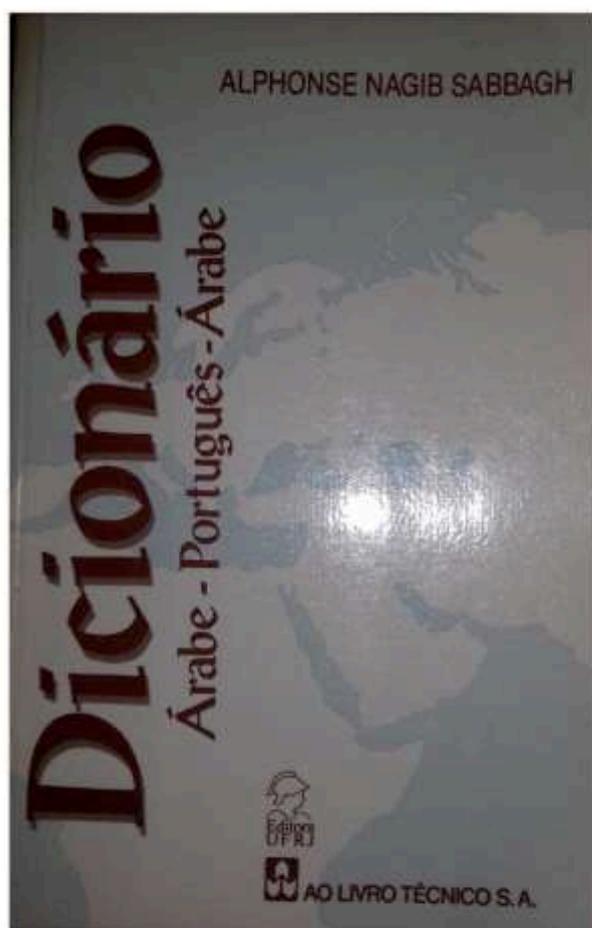
Prêmio Silvio Romero
Menção Honrosa
FUNARTE/MinC
1988



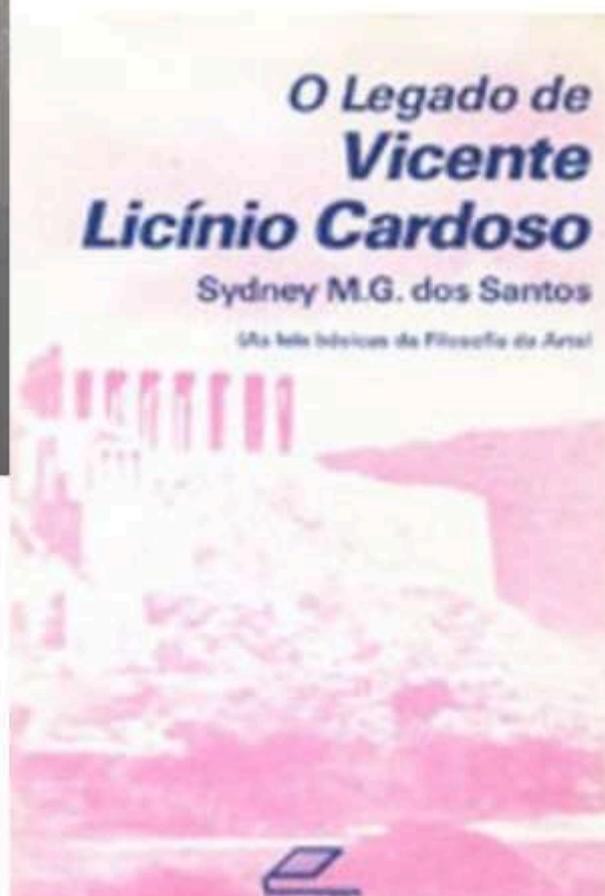


EDITORA **UFRJ**

Prêmios



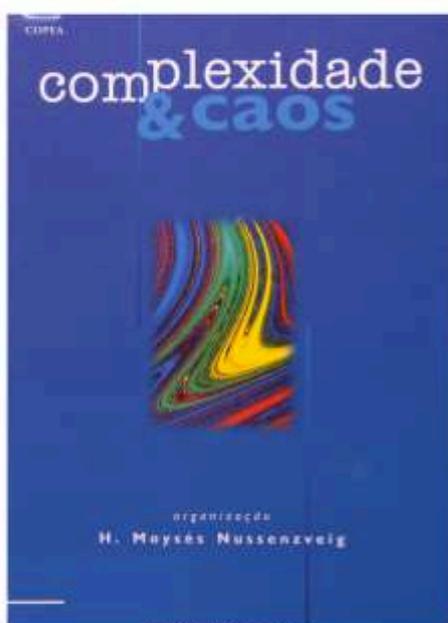
Moção pela Assembleia
Legislativa do Rio de
Janeiro
1988



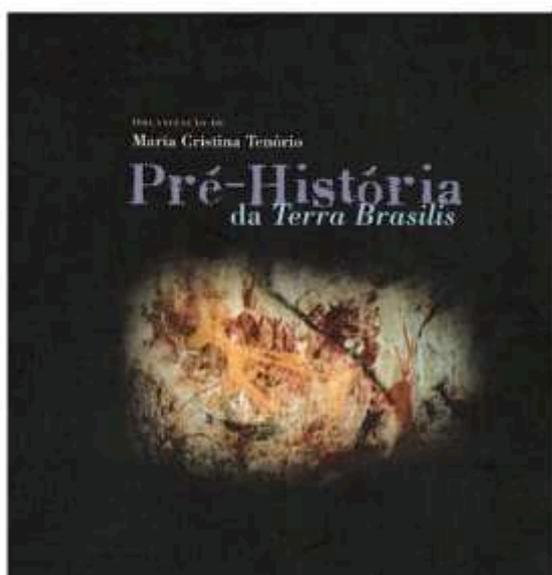
Prêmio da Academia
Brasileira de Letras
1989



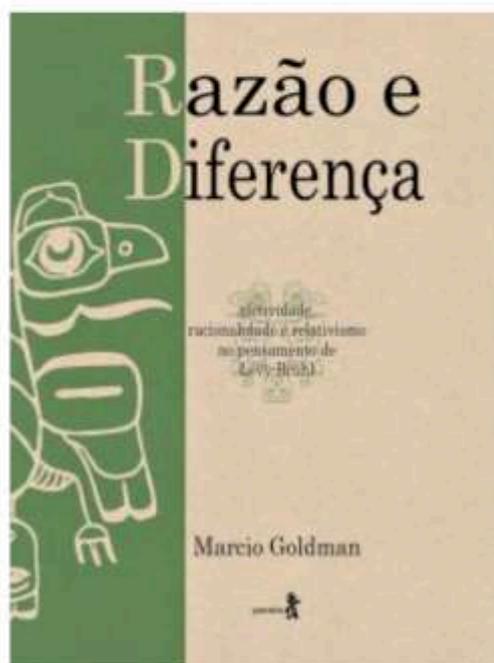
Prêmio Jabuti Ano 2000



H. Moysés Nussenzveig
Melhor livro de Ciências Exatas,
Tecnologia e Informática



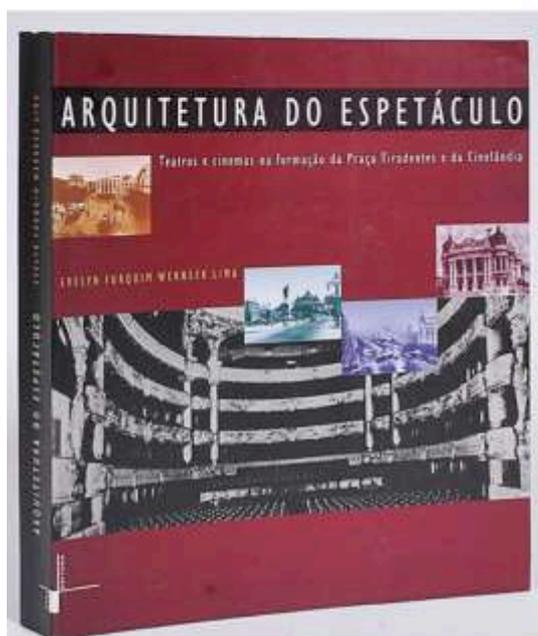
Adriana Moreno
Prêmio Jabuti
melhor capa



Prêmio José Albertino da ANPOCS
melhor livro de Ciências Sociais
1994

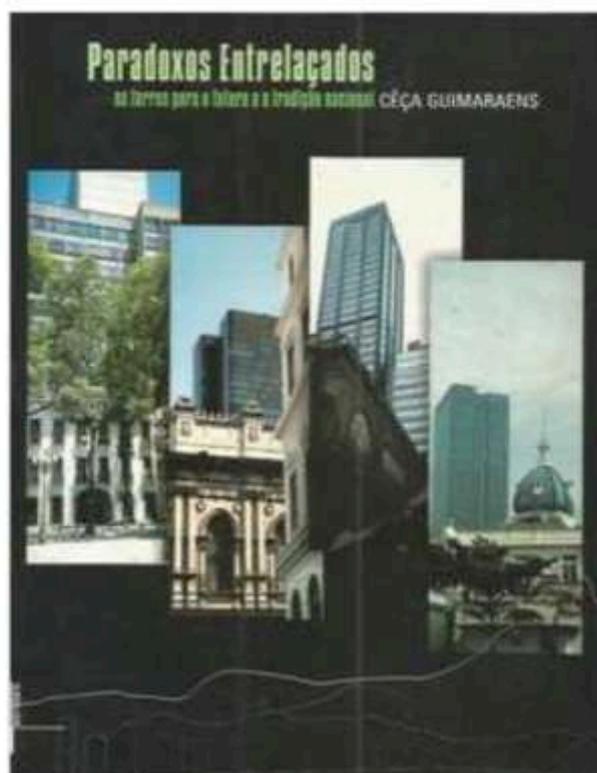
A LÂMPADA - 1º Lugar
Núcleo de Pesquisa de
História da Enfermagem Brasileira
(Nuphebras) - EEAN/UFRJ
1996





Prêmio 2000
Instituto dos Arquitetos do Brasil
(IAB)

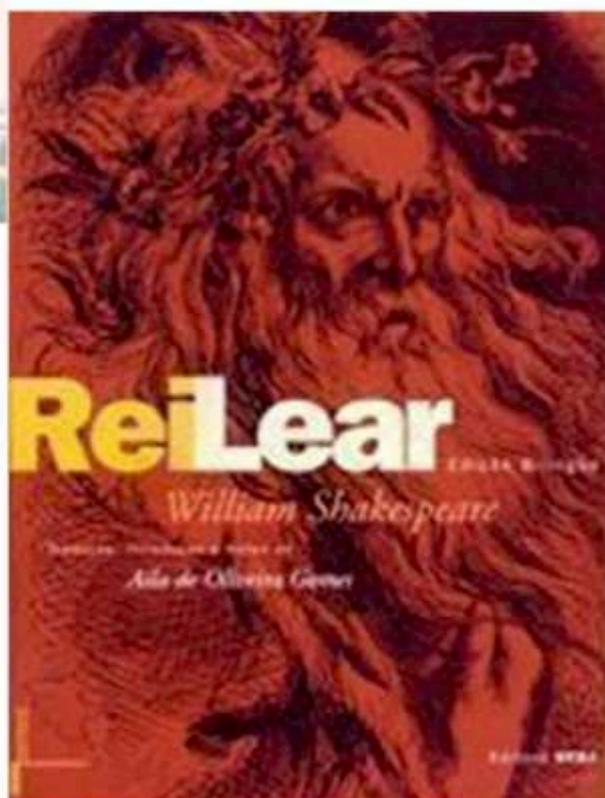
40ª Premiação Anual 2002
do IAB/RJ





Prêmio Jabuti -finalista -
Ciências Humanas e Educação
2001

Prêmio Jabuti -finalista-
Tradução
2001





2003

Melhor obra científica
Concurso Brasileiro CNPQ-
ANPOCS de obras científicas
e teses universitárias em
Ciências Sociais

Melhor tese no biênio
2011-2012 pela Associação
Nacional de Pós-graduação e
Pesquisa em Planejamento
Urbano e Regional (Anpur).





Bienal



Filha, neta e bisneto de Ansio Teixeira



Pelas Bienais Internacionais do Livro ...



Criança lendo com óculos 3D um livro do Museu Nacional



Estande da Editora UFRJ



Pelas Bienais Internacionais do Livro ...





EDITORA UFRJ



INTERCOM 2015



ANPED 2018



2018
Ministério Público /RJ



Campanha Imprimindo Conhecimento Divulgando Ideias



 EDITORA UFRJ

Imprimindo conhecimento, divulgando ideias

A importância de compartilhar saberes no trabalho e na vida

“Em tempos de barbárie e ataques violentos à universidade, não há como deixar de mencionar a Coleção Anísio Teixeira, publicada pela Editora UFRJ. Uma contribuição inestimável quanto ao papel da universidade, sintetizada pelo autor através da expressão “mansão da liberdade”, que reproduzo aqui para, assim, deixar meu registro sobre a produção da Editora UFRJ.”

Ana Maria Ribeiro
Técnica em Assuntos Educacionais/UFRJ,
Doutoranda em Ciência da Informação IBICT/UFRJ

A educação e a crise brasileira
Anísio Teixeira



   /editoraufrij
www.editora.ufrj.br



Campanha Imprimindo Conhecimento Divulgando Ideias

ufrj EDITORA UFRJ

Imprimindo conhecimento, divulgando ideias

A importância de compartilhar saberes no trabalho e na vida

"O *Palácio da Praia Vermelha*, de Pedro Calmon, é um livro da Editora UFRJ pelo qual tenho muito carinho. O palácio que intitula a obra, inaugurado em 1852, foi o berço da psiquiatria no Brasil.

(...) O Palácio está vivo no texto e nas fotos do belo livro de Pedro Calmon, um documento importante não apenas para a UFRJ mas também para a história cultural do Brasil."

Marlene Carvalho
Professora e ex-diretora da Faculdade de Educação da UFRJ

O Palácio da Praia Vermelha
Pedro Calmon

www.editora.ufrj.br

   /editoraufRJ



Campanha Imprimindo Conhecimento Divulgando Ideias

 EDITORA UFRJ

Imprimindo conhecimento, divulgando ideias
A importância de compartilhar saberes no trabalho e na vida

“O livro *Para além dos direitos*, de Haroldo Abreu, foi fundamental para a compreensão do sentido moderno da cidadania, tema tão caro às áreas que estudo atualmente: saúde coletiva, comunicação e informação.”

Rodrigo Murinho
Diretor do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Icict/Fiocruz)

Para além dos direitos
Haroldo Abreu



   /editoraufrij www.editora.ufrj.br



Campanha Imprimindo Conhecimento Divulgando Ideias

RECORRÊNCIAS HOMOGÊNEAS

T_0  EDITORA UFRJ

$T_n = A \cdot T_{n-1}$ $T_1 = 9$ $T_n = A$ T_{n-2}

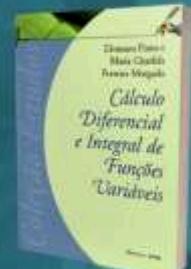
Imprimindo conhecimento, divulgando ideias

A importância de compartilhar saberes no trabalho e na vida

"Ver crianças de 14 anos descobrindo, por si sós, que podem calcular áreas e volumes com formatos estranhos através de retângulos e blocos em forma de paralelepípedo só não é mais emocionante do que vê-los concluir que tais aproximações podem ser melhoradas tanto quanto se deseje, bastando apenas diminuí-las de tamanho cada vez mais.

Com o perdão do previsível trocadilho, a relevância do livro *Cálculo Diferencial e Integral de Funções Variáveis* para a minha formação profissional e para a minha prática docente tende a infinito."

Fabio Henrique
Professor Colégio Militar do Rio de Janeiro /
Colégio São Vicente de Paulo / Colégio Zaccaria /
Portal da Matemática OBMEP / Pré-Vestibular Social CEDERJ



Cálculo Diferencial e Integral de Funções Variáveis
Diomara Pinto e Maria Cândida F. Morgado

   /editoraufrij www.editora.ufrj.br



Campanha Imprimindo Conhecimento Divulgando Ideias

ufrj EDITORA UFRJ

Imprimindo conhecimento, divulgando ideias
A importância de compartilhar saberes no trabalho e na vida

Os arquitetos da memória
MÁRCIA REGINA
RÔMEIRO CHUVA

"Sou historiadora formada na lida da preservação do patrimônio no Brasil. Determinada a introduzir o assunto no campo acadêmico da História, tratei da sociogênese das políticas de patrimônio no âmbito dos processos de formação do Estado e construção da nação em minha tese, publicada no livro *Os arquitetos da memória*. Este livro tornou-se, de fato, uma obra de referência para os estudos do patrimônio cultural, o que muito me orgulha, e a editora universitária da UFRJ é a grande parceira desse sucesso."

Márcia Chuva
Professora associada do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UNIRIO e do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural do IPHAN.

[/editoraufrij](#) editora.ufrj.br



Campanha Imprimindo Conhecimento Divulgando Ideias

ufrj EDITORA UFRJ

Imprimindo conhecimento, divulgando ideias
A importância de compartilhar saberes no trabalho e na vida

“O livro *Serviço social e políticas sociais*, organizado pela professora Ilma Rezende e por mim, tem um significado muito especial nas nossas trajetórias docentes. Esse livro é uma coletânea editada várias vezes, com alcance nacional, e vem servindo como importante ferramenta didática a estudantes e profissionais na aproximação com as várias áreas das políticas sociais e para a intervenção do assistente social.”

Ludmila Fontenele Cavalcanti
Professora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social - UFRJ. Coordenadora do Núcleo de Políticas Públicas, Identidades e Trabalho. Coordenadora do Grupo Prevenção à Violência Sexual. Autora da Editora UFRJ.

Serviço social e políticas sociais
ORGANIZAÇÃO:
ILMA REZENDE & LUDMILA FONTENELE CAVALCANTI

[f](#) [@](#) [v](#) /editoraufrij editora.ufrj.br



EDITORA UFRJ

Lançamentos



A difusão parlamentar do sistema partidário: exposição do caso brasileiro
No centro, o autor Wanderley Guilherme dos Santos



Desvendando evidências simbólicas
à esquerda, o autor Luis Roberto Cardoso de Oliveira



Lançamentos



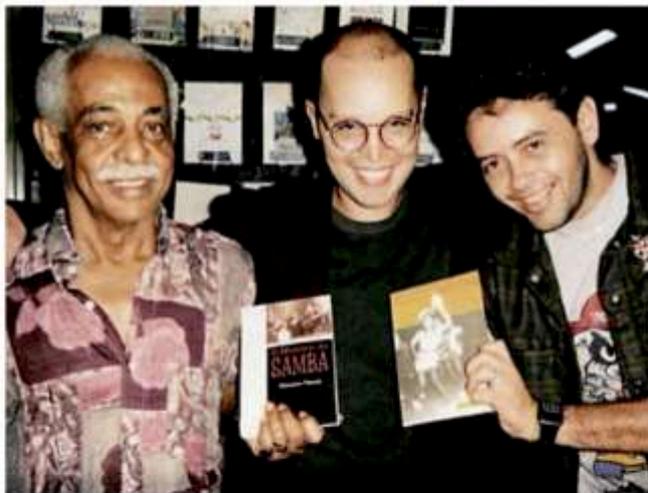
Os Assassinos do sol, Márcio Tavares d'Amaral



Arquipélago da segurança, Paul Amar



Lançamentos



O Mistério do samba, org. Hermano Viana, ao centro



Pessoas desaparecidas: uma etnografia para muitas ausências
Letícia Carvalho de Mesquita Ferreira



Livrarias



**Palácio Universitário
Campus da Praia Vermelha
2001**



**Rua Lauro Muller, nº 1A
Campus da Praia Vermelha
2014**



EDITORA UFRJ

Promoções

**NESTE NATAL,
DÊ UM LIVRO
DA SUA EDITORA
DE PRESENTE!**

50%
DE DESCONTO
NOS LIVROS DA
EDITORA UFRJ

20%
DE DESCONTO
EM LIVROS DE
OUTRAS EDITORAS

LIVROS A PARTIR DE 2 REAIS

**NAS LIVRARIAS
DA EDITORA UFRJ**

- Rua Lauro Müller, 1A
(em frente ao Rio Sul)
- Av. Pasteur, 250
(Palácio Universitário - FCC)

EDITORA UFRJ DESEJA A VOCÊ OS MELHORES
PRESENTES: PAZ, AMOR, SAÚDE, AMIGOS E
QUE VOCÊ ESTEJA SEMPRE ACOMPANHADO
DE BONS LIVROS.

[/editoraufRJ](https://www.instagram.com/editoraufRJ)
editora.ufrj.br

EDITORA UFRJ

EDITORA UFRJ

DESEJAMOS A TODOS
BOAS FESTAS E UM 2020
REPLETO DE LIVROS
E ESPERANÇAS.



Promoções



Sorteio de Natal

Participe até o dia 13/12!

Curta a nossa página e compartilhe a publicação.
Marque um amigo e concorra ao kit de Natal da Editora UFRJ
com camiseta, ecobag e um livro a escolher!

Você ganha e seu amigo também!

   /editoraufrij www.editora.ufrj.br

SORTEIO DE 1 LIVRO!



Para participar, siga a @editoraufrij,
curta a postagem e marque 3 amigos!
O resultado será dia 31 de outubro,
quinta-feira!



EDITORA UFRJ

EI, PROFESSOR!

Participe do **concurso**
em homenagem ao seu dia!

Escreva aqui, **até o dia 15/10**,
uma frase sobre o desafio de ser
professor no Brasil e concorra a
2 livros da Editora UFRJ.

Para retirar o prêmio o vencedor deverá
apresentar comprovante profissional.

   /editoraufrij www.edi



Promoções

 EDITORA UFRJ
 promoção de
páscoa



 /editoraufj
www.editora.ufrj.br

BOOK FRIDAY

LIVROS DA EDITORA UFRJ
 COM **50% DE DESCONTO**
 NAS LIVRARIAS DO
 PALÁCIO UNIVERSITÁRIO
 E LAURO MÜLLER 1A

 EDITORA UFRJ

FÉRIAS NA MELHOR COMPANHIA

VIAJE COM OS LIVROS DA EDITORA UFRJ

 EDITORA UFRJ

A AMIZADE DE CAPITAL DE INVESTIMENTO
 O QUE É O JOGO DA VIDA
 LINDA VIDA
 O RITUAL DO TEATRO



Sede



**Prédio da Reitoria
Campus do Fundão
1986-1990**



**Palácio Universitário
Campus da Praia Vermelha
1990-2010**



Sede



Antes

**Ginásio da EEDF
Campus da Praia Vermelha
2010**



Depois

**Campus da Praia Vermelha
2010 - atual**



'POINT' CULTURAL

A UFRJ acaba de retomar na Justiça o prédio ao lado do Canecão. \

Depois de uma ampla reforma, pretende fazer ali uma livraria-café, bem ao estilo europeu, sob a responsabilidade de Heloísa Buarque de Hollanda.

Para o mesmo endereço, na Rua Lauro Müller, será transferida a sede da editora UFRJ, também dirigida por Helô.

**Jornal do Brasil, Coluna de Danuza Leão.
10.07.1995**



Bingo Botafogo 1995-2004



Livraria Editora UFRJ 2014

 EDITORA UFRJ
Equipe

